

JOAQUIM FERRER

ILHA DOIDA

r o m a n c e



I L H A D O I D A
R O M A N C E D E
J O A Q U I M F E R R E R

«... coleção «Novos Prosadores» nos revela um novo autor: Joaquim Ferrer, que escreveu um romance a que chamou «Ilha Doida» — e desde já uma referência à bonita capa de Palla — cheio de interesse novelesco e escrito num estilo cáustico. Assinalemos por isso, o seu autor, como um dos futuros valores da nossa literatura de ficção, a emparceirar com alguns dos poucos novos que ultimamente, se têm afirmado escritores de facto.»

De Vida Mundial Ilustrada

«... Joaquim Ferrer tem o condão de no-la dar (a fase da vida cheia de miragens) neste seu belo livro, com o máximo de realidade. Tanto o pequeno Adrião como os seus companheiros de Colégio, estão pintados com um rigor, uma exactidão tais que nos sentimos como que transportados a esse saudável tempo dos nossos 14 e 15 anos, vivendo nós o romance como se fora o nosso e o da nossa época.»

De Brados do Alentejo

«...Dêste tema, difícil pelo que a puberdade tem de indeciso e invertebrado e mais difícil ainda, se atendermos a que se trata de estudantes, vindos na maioria da classe média endinheirada e sem problemas susceptíveis de dramatização muito profunda, fez Joaquim Ferrer, um romance com verdadeiro interesse.

.....
«...«Ilha Doida» tem uma linguagem cuidada e um estilo próprio.

«...uma mistura de queirozianismo e do realismo concreto, cru e chão dos nossos neo-realistas.»

Eduardo Lourenço em «VÉRTICE»

ILHA D O I D A

A C A P A É D E P A L L A

JOAQUIM FERRER

ILHA DOIDA

R O M A N C E

D O A U T O R

RAMPAGODOS

ILHA DOIDA

A MORTE SEGUNDO ESTÁCIO DE SAA

OBJECTOS RECUPERADOS

ORNITORRINCOS

OBJECTOS DO SILÊNCIO

PARA M.

TEMPESTADE

Por cima do Vale do Mosteiro corria uma grossa avantesma, carregada de chuva, relâmpagos e negridão. Nas arestas da Bugalheira, roçavam outras que tais, bojudas, amaldiçoadas, prenhes de escardoça, a tomar formas extravagantes, avançando e rolando num medonho crepúsculo.

Do sol nem um fio de luz. Ia tudo enegrecendo.

Ovelhas e cabras no monte saltavam em busca de penhascos cavernosos, onde pudessem salvar a lã. Os pastores de palmo e meio, calça rachada nos fundilhos, enterravam as carapuças de borlota até às orelhas galgavam tojeiras e rebóis. Iam acoitar-se nas cafurnas das antas. Depois, com dois dedos entre os beiços gritavam assobios e então cabras, bodes, ovelhas e carneiros, numa baixa galopada, vinham alapar-se junto dêles, sob os telhados formidáveis de outras eras.

Há quantos mil anos andavam os homens, desconfiados e cabeludos, alombando aquelas tremendas pederneiras mais lapudas do que dez bois! Quantos trovões e vendavais embateram de encontro àquelas pedras

J O A Q U I M F E R R E R

desumanas a provocar os céus! Quantos mastodontes roçagaram as trombas nos pilares erguidos pelas mãos primitivas!... Quantas e quantas bestas bravas do monte andaram nos séculos fazendo esterqueira daqueles Templos!...

As águas bramiam do céu, e a humanidade ingente do Princípio corria ali a acolher-se, como depois se acolhera sob os colmos, alpendres e catedrais. Naquelas tormentas dos Inícios, iluminados ao clarão elétrico do raio, deviam surdir entre as pedras colossais, cabeças desconformes, olhos sumidos de pavor, batendo punhos nas arcas dos peitos.

E os Templos rolaram, e as Feras passaram, as invernias rebentaram e as humanas fronte alargaram: tudo rolara, tudo passara, tudo mudara: só a tempestade permanecera e alguns pequenos d'homem continuaram colhendo o abrigo daqueles Templos.

O dia fechara-se de repente. Ribombos rolavam pela montanha, entravam como tromba nos corações dos pastores e nas tocas do texugo.

— Mééé ...! mééé...! bramavam eles com ambas as mãos a guiar o som.

— Mééé ...! clamavam ecos soturnos pelas quebras da serra.

— Comatí! Comatí!... Ucha! ucha!... Mééé... !

Comatí, peludo e grande, saltava na trovoada e rompia nos bitouros em cata da cabritoa tresmalhada.

I L H A D O I D A

Bagas de chuva, grossas como repolhos, faziam um chapadoiro na pedragoa dos dólmènes.

— Méée ...! Méée ...!

O-da-Ponte, recontou mais uma vez as cabeças cornudas de olhos esgarçados, mergulhadas no pavor da natureza em revolta. Êle franzia a testa a contar pelos dedos: e a tremer, numa voz chorando, lançou um olhar desesperado para o Xico.

— Falta uma — a Quitcha Conteira!

E tornou a gritar ao longe, de mãos ambas em campânula:

— Méée ...! Méée ...!

E aquela voz humana e frágil mal roçava a tempestade. Pobre Quitcha Conteira, perdida, estropiada, abafada nalgum sorvedouro sem fundo... Era o desastre, a ira, o drama numa casa, num lar, por um mês inteiro!...

Há mil, mil e mil anos as nuvens escarvando na Serra arrepanhavam o saibro e o barro que punham côr nas torrentes. E por ali abaixo, de fraga em fraga, de penha em penha, engrossavam a corrente a desembocar nas ruelas de Crispim.

Portas a dentro, andavam as mulheres fazendo fumo de alecrim e pedindo a Santa Bárbara. Quando estourava trovão mais forte erguiam todas mais as vozes...

— São Gerónimo!...

J O A Q U I M F E R R E R

— Santa Bárbara!... Magnifica as nossas almas!...

A tempestade rolava. Enquanto defumavam a casa de alecrim bento, o Dr. Rezende entrava na varanda, e contemplando um momento o clarão do relâmpago, puxava um pouco a calça e sentava-se a tocar violão!

Prendia aquela música! Aqueles sons medonhos e quasi humanos acompanhados pelo trovoar do céu! E os tons mais cortantes, gritando, gritando, eram como a ventania no fundo do corredor. Às vezes o estrondo de um raio em zigue-zague, alucinava de repente a cara dele, fazia saltar uma luz estranha nas cordas do violão. E parecia que o estrondo entrava na música: era como um espantoso instrumento de Deus!

Adrião, inquieto, perpassava atrás da vidraça. Aquela cena arrepiava-lhe as carnes — e todavia fascinava-o! Sentia os sons enormes, profundos, envoltos na luz fantástica dos relâmpagos. E aquilo excitava-lhe os nervos como um prazer perigoso. Através da vidraça via-lhe a cara iluminada ao clarão súbito do relâmpago. Estremecia de pavor. E, pouco depois, quando ia deitar-se, caía de joelhos nos lençóis brancos e erguia as mãos a Deus a pedir pelo papá...

Na Serra, lá em cima, quebrava-se a ventania, Mais alto, por cima da Bugalheira, clareava um pouco. O ar pesado e denso, abria-se em funis luminescentes,

I L H A D O I D A

donde se precipitavam rajadas de vento. Uma fina poalha de chuva cinzenta esvoaçava nos ares. Uma enorme carvalha esgalhou num estrondo lancinante e veio dos ares embater brutalmente de encontro à Pedra d'Anta. Estremeceram os quatro pastores; refugiaram-se transidos entre as pernas do gado.

Uivos ao longe. Debaixo da Pedra d'Anta animais e gente mais se apertaram uns aos outros.

Um uivo e outro e outro. O gado bramiu de pavor. E lá fora crescia a sombra da noite. Comatí morrera concerta aos dentes dos lobos, que haviam já tragado Quitcha Conteira.

— Mééé ...! Mééé ...!

Pobre Comatí! Rezaram um Padre-nosso pelo cão-fiel. E uma Avé-Maria por Quitcha Conteira. Mas O-da-Ponte não cessava de gritar... Ao menos havia de gritar, gritar enquanto houvesse forças para gritar:

— Mééé ...! Mééé ...!

Bruscamente, sôbre uma tojeira chamuscada, saltou Comatí ao rabo de Quitcha Conteira.

— Mééé...! Foi uma alegria! Não havia raio nem lôbo que assombrasse o grande Comatí!

— Ah, Comatí dum raio!

O cão vinha ofegante, estuporado, largando fumo das ventas. Ambos entraram a escorrer água da pelugem, e Comatí a sacudir-se, arreganhando o focinho ainda com cheiro de lôbo. E Quitcha Conteira entrou, roendo uma antagônia do monte.

J O A Q U I M F E R R E R

O-da-Ponte sentiu uma alegria, sentiu vir-lhe um apetite: e, ajoelhando entre o gado, meteu a grenha entre as pernas de uma cabra; cerrou os olhos numa delícia, sugando da teta o leite quente e bom. E de quando em vez, dava na concha da mão um esguicho e estendia o braço com aquela oferenda: Comatí, patudo e grande, rompia a língua de entre os dentes e rapava aquilo num instante.

É JÁ QUÁSI O DIA 7

Ainda o verão de S. Martinho vinha longe já o papá dizia: «No S. Martinho prova o teu vinho». E Adrião, fazendo de conta que aquilo era consigo metia pela escadinha que dá para a adega e satisfazia desejos na dorna grande do mosto.

Passos lá fora, a escadinha a ranger, e ele retirava muito à pressa o focinho vermelho do tinto: limpava na manga e sumia-se por entre tonéis.

Era então, o perigo passado, que lhe voltava à ideia o que se dizia...

Coisa grave que se dizia. Falava-se de Coimbra!...

— E já não há tempo a perder: é já quási o dia 7... A mamã concordava com o dia 7 e afirmava que era preciso que ele fosse tomar educação e aprender a ser homem, as boas-maneiras, a educação — numa só palavra!

I L H A D O I D A

E sem mais, prepararam-se para tratar do assunto a valer. Iriam primeiro falar com o senhor Diretor e ver se havia lugar. E naquela manhã levantaram-se muito cedo, tomaram o mata-bicho e convidaram Adrião a trazer a malinha ao comboio. Ele teve um baque no coração, mas ao mesmo tempo não quis deixar de ir também na esperança do comboio já lá não estar! E entretanto foi-os demorando o mais que pôde, numa guerra subterrânea de mil e uma artimanhas.

— Olha que vamos perder o comboio, dizia o papá dando à perna. Despachem-se!

A mamã corria atrás e Adrião ainda mais atrás chamava-lhes a atenção para as «oliveiras formidavelmente carregadas», para uma nuvem também «formidavelmente carregada» e que era capaz de dar chuva demais estragando a sementeira dos nabos...

O papá à frente, ofegante, só dizia:

— Deixa-te agora de agriculturas: o que é preciso é apanhar o comboio!

E a esperança foi-se por água abaixo. É que por cima das oliveiras subia no ar uma densa e mansa coluna de fumo, a tresandar a comboio.

Entraram na gare todos três de escantilhão. O buraquinho dos bilhetes estava já fechado. Renasceu a esperança. E Adrião adiantou-se:

— Ora vê papá, o buraco está fechado: já não há bilhetes. Voltamos mas é p'ra casa!

J O A Q U I M F E R R E R

— Qual! exclamou o papá. Vamos já para o comboio e paga-se o excesso.

A mamã escolhia já o compartimento. Adrião disse ainda:

— Mas olhe que fica muito caro o *excesso*. O papá que não gosta de gastar dinheiro... Não pague, papá, não encha a burra a «esses Diretores da Companhia»! (Era assim que ele tinha muitas vezes ouvido dizer ao Eleutério e mesmo ao papá).

Mas o papá não fez caso: entrou na primeira caruagem que lhe veio à mão e começou a rir-se lá de cima.

A mamã resmungou:

— Mas quem ensina estas coisas a este rapaz? Ainda gostava de saber...

— Apanha-as a dente! disse o papá numa risada, enquanto o comboio ia já a fazer: «Pouca-terra! Pouca-terra!» Essa é muito boa! É muito boa!...

Aquilo não tinha graça nenhuma e Adrião com os ouvidos cheios de apitos voltou para casa, absorto, com uma ruga funda cravada na testa.

Por volta da tarde regressaram de Coimbra. Vinham animados. Que sim senhor, havia lugar! Que era um Colégio muito bom, esplêndido! que o Diretor parecia muito sabedor, e que tinha ideias, sim senhor!... Falavam ao mesmo tempo. Cada um metia a sua. A mana Balau fazia perguntas tolas. E fazia comentários só para arrelhar: «Agora é que o menino vai aprender! Agora

I L H A D O I D A

é que vão ser elas!» Adrião via-se doido no meio daquelas três. Apetecia-lhe atirar com o prato da sopa ao teto. Felizmente, pelo fim do jantar, chegou o Nunes da Bica para desenfastiar. Mas qual! Logo que soube do projeto desatou a gabar ainda mais do que os outros dois ao mesmo tempo. E o Nunes concluiu que o Colégio era muito conhecido e que não havia dúvida: «era um Colégio de educação moral!»

Aqui, Adrião perdeu as últimas esperanças e foi-se deitar, acabrunhado, atirando palavras feias pela escada acima.

E AGORA...

Viu-se sozinho no meio das ruas da cidade. Quem sabia ali que ele era Adrião, o Adrião de Rampagodos, o que tinha dado porrada no Malhadiço?! o que sabia três ninhos, o que pensava coisas do arco-da-velha?!

E a multidão passava, caía-lhe em cima, tirava-lhe o ar, cercava-o por todos os lados sem o conhecer...

Mas a mão batia no seu peito: sentia-se inconfundível. Era ele e só ele o próprio Adrião. Porque afinal, se ele fosse Outro... Mas não, ele era ele próprio! Muitas vezes lhe vinha aquele pensamento estranho: e afinal se ele tivesse nascido aquele ou aqueloutro?! Arrepiava-se. Parecia-lhe que tinha tido alguma sorte em ter nascido ele mesmo e não outro... Na verdade

J O A Q U I M F E R R E R

gostaria de ter nascido príncipe, ou rei, ou chefe, mas havia de continuar ao mesmo tempo a ser ele próprio.

Contudo não sabia de onde lhe vinha uma tal satisfação de ser ele próprio porque afinal raras vezes tinha confiança em si mesmo. Sabia também que tudo em que se metia acabava mal. Havia por toda a parte uma Força estranha, que o espreitava eternamente e que o amarfanhava, chegada a boa altura. Quando iniciava algum novo cometimento a Força apertava-lhe a garganta numa secura e numa angústia... Se fosse príncipe, ou rei, ou tivesse botas de sete léguas, já o caso mudaria de figura. Era sem dúvida o que lhe faltava.

Mas quem diria que viver lá longe do papá e da mamã era uma coisa assim tão temerosa! A sua alma ficava sem pinga de sangue só de pensar que para além do dia 7, ele e só ele tinha de se haver num mundo estranho e hostil. No escuro do seu quarto, os pensamentos pareciam pairar-lhe sobre a cabeça, esvoaçar, como animais esquisitos... Passava muitas vezes a mão pela testa e olhava à sua volta.

Tinha a impressão, tinha a sensação estranha de que ia ser *despejado* numa rua qualquer da Cidade, assim como quem despeja um balde... Sentia um frio na espinha só de pensar tal coisa. Gostava de ser ele mesmo, mas faltava-lhe algo que o fizesse ver o Mundo *de cima*.

Só então compreendia a tristeza da solidão e do abandono. Sentia-a como se já estivesse nela. Via-se

I L H A D O I D A

longe do papá que tudo podia, esse homem que. tudo sabia! Tinha a ciência e tinha a segurança, tinha uma serenidade que devia ser a do próprio Deus! Parecia-lhe mesmo que seu pai tinha na mão, na sua mão direita, a Força e o Destino!... E ele? que tinha ele? Sentia-se vazio.

Mas vinham-lhe à ideia certas coisas — pequenas coisas — e que afinal eram boas... Era às vezes, quando o papá vinha da Serra, já pela noite, de curar alguém e o jantar ficava tarde. Adrião do cimo da sua cadeira alta, dos tempos da Maizena, ainda roendo a maçã da sobremesa, lembrava então o seu direito:

— «Mamã, eu quero a ceia p'ra ir p'rá cama!»

E a ceia pegava com o jantar! Mas como ir para a cama sem ceia? Seria um absurdo. O antigo púcaro de leite, cheiroso e fumegante, era o fecho da jornada e pela manhã cedo era o púcaro ainda a abrir o novo dia...

E agora, aí dele! era o fim de tudo. Como se fora o fim do Mundo!

ORAÇÃO DA NOITE

De repente lembrou-se de que naquela noite — *uma vez mais!* não tinha rezado. Num dia daqueles, era na verdade um esquecimento perigoso, que poderia carregar o futuro... Felizmente que se lembrara a tempo!

J O A Q U I M F E R R E R

Ajoelhou-se nos lençóis e ergueu as mãos ao alto num fervoroso Padre-nosso. Murmurava as palavras do Padre-nosso, é certo, mas tinha a esperança de que Deus ouvisse o que ele não dizia... Nunca tinha pedido a Deus nada diretamente. Parecia-lhe que um pedido assim era como a lamúria dum mendigo. Tinha um certo acanhamento. Era como se estendes-se a mão a um desconhecido. Mas esperava que Ele ouvisse mesmo sem Lhe ser dito. E nisso tinha confiança porque Ele é um Mistério, e um mistério pode tudo. Compôs-se mais grave sobre os joelhos para que Ele visse bem...

Murmurou ainda outro Padre-nosso e duas Avé-Marias. Sabia também o ato de contrição e mais uma oração ao Menino Jesus, toda em verso rimado: e não estava certo se daria algum resultado rezá-las também? Pensou um instante. Decidiu-se por fim a acrescentar, não só o ato de contrição e a Oração ao Menino, como também alguns passos da Ladainha que ele sabia de cor, por ouvi-la cantar no tempo, pelas ruas de Crispim.

E ficou à espera...

Cada ruído lá fora o fazia estremecer. Chiava ao longe um carro de bois. Dava-lhe uma tristeza. Tinha medo por si e pelo boieiro dos bois àquela hora, nalgum ermo, ao desabrigo dos salteadores. Quem sabe se naquele instante... Não, o carro chiava ainda, serenamente. Mas aí, como era noite e fazia escuro!

I L H A D O I D A

A estrada abandonada... pios noturnos de agoiro... o vento chiando nos pinhais, como lamentos de gente ferida... O chio do carro vinha daquela banda. Soergueu a cabeça na travesseira. Devia estar passando sobre o Barranco das Dores, no sítio onde fora levantada uma cruz de memória, negra da chuva e dos anos, assinalando o lugar de um viajante assassinado. E, mais abaixo, na curva da estrada, num sítio medonho, ainda hoje lá estavam num montão sinistro as pedras da Choupana, onde naquela noite se acoutaram os matadores do almocreve contando o dinheiro...

Agora, só Deus sabia se no meio da estrada, mais um homem agonizava com uma faca aos peitos.

Naquela angústia verdadeira ele teve uma *ideia*... um plano...

— ... Padre-nosso que estais no céu... E murmurou mais um Padre-nosso pelos Santos-Mártires-de-Marrocos, como sua avó lhe ensinara...

Deixou-se descair num sonho. Tombaram-lhe as pálpebras pesadamente... E viu que o S. João-menino, vestido com a pele de cordeiro e de ombro à mostra, viu que ele pegava naquele seu Padre-nosso pelo boieiro dos bois e que o depunha numa bandeja de oiro, onde já estavam as suas outras orações daquela noite. E, depois, o menino S. João correu pelo Céu, correu e foi sorrindo entregar a bandeja de oiro ao Pai-de-Todos, que estava sentado num trono reluzente com uma enorme cruz de prata às costas...

J O A Q U I M F E R R E R

Então pareceu-lhe ouvir alguém que lhe dizia ao ouvido, num estranho ar de mofa e de ameaça:

— «Essa de querer enganar a Deus...!»
E nisto ouviram-se trinta gargalhadas dos 30 Mártires-de-Marrocos!

AQUELAS PAREDES CINZENTAS

... E foi assim que tudo se perdeu. O largo portão de S. Caetano abriu-se estrondosamente e agora por culpa dos outros ali estava ele emparedado, naquele casarão pavoroso. «Que mal tinha ele feito a Deus?» Aquela gargalhada dos Santos-Mártires-de-Marrocos ainda lhe dava frio na espinha. Mas aquilo era o Destino e talvez que Deus nada pudesse contra o Destino! Talvez que o Destino fosse igual a Deus! E houve por um momento na sua alma uma ponta de revolta contra a Providência do Alto. (Um misterioso temor, como um dragão indeciso, guardava-o de o acusar de frente o nome de Deus). Mas Adrião não se impedia de reconhecer que a Grande Força conhecera os escaninhos inconfessáveis do seu plano — e sem piedade o contrariara!

E o Destino cumpria-se. Tinha-o ali preso entre as grossas paredes de S. Caetano. Paredes caiadas a branco, mas cinzentas de verdade no fundo do seu coração. Era todo um mundo estranho, turbilhonante, sombrio e distante da sua alma antiga. O seu outro

I L H A D O I D A

tempo ia ficando inevitavelmente para trás, e era como se um estranho crescesse dentro dele. Sentia êsse outro crescer dentro de si e afundando em bruma o outro Adrião distante, o de Rampagodos, das púrrias e do Malhadiço, dos ninhos e da Poça-Funda. Dias, semanas, meses foram passando e correndo implacavelmente como um comboio cego passando e correndo sem ver as bandeiras, os apitos, os letreiros, os chefes das estações, numa queda para um precipício de paredes cinzentas...

Aqueles frios corredores cobertos de abóbadas antigas, desoladas, permaneciam os mesmos desde quando os Freis de S. Caetano perpassavam neles tão frios e desolados quanto o eram as abóbadas. Tantos tempos passados e agora um rio de sangue novo, quente, corria ali todos os dias sonhando o mistério dos verdes anos.

Adrião ia caindo pouco a pouco naquele mundo novo que era a sua fatalidade. Ele sentia ainda o sabor das suas lágrimas secretas durante aqueles três primeiros dias. Teria fugido pelas ruas da cidade se não fosse o temor estranho das multidões. Não saberia fugir sozinho. E no Colégio já ia sentindo alguma coisa à sua volta, ia já criando amizades, como ilhas de verdura no meio do oceano tenebroso.

Balão-Cativo. 101. Basófia. Trinca-Espinhas... Era como se jamais tivesse conhecido outra gente.

J O A Q U I M F E R R E R

Até Basófia, o Basófia como nunca dantes conhecera outro, até esse lhe não era desconhecido. Era como se os tivesse conhecido desde sempre, há mil anos. Mil anos! E ele sabia bem o que eram mil anos. A sua vida, vista assim, do alto da sua pequena idade, era como se jamais tivesse começado. Parecia-lhe ter nascido no fundo da eternidade. E admirava-se de não ter encontrado a Deus, nesses tempos recuados, em que ambos vogavam na obscuridade sem nome!...

Agora tudo era diferente. Ele, só ele, precipitado na luz crua do Mundo, meio cego, meio tonto, levando a cada passo as mãos à frente do seu corpo incerto. E caíra ali, naquele poço cheio de ruídos estridentes, e de silêncios pesados, de desejos, de temores. Era uma luta surda, constante, sem esperança, entre ele e os outros, entre a Ciência e as suas pobres cabeças vagas. Logo abaixo de Deus, a figura enorme do Diretor, a sombra que pairava em todos os corredores e compartimentos, e que ensombrava o Mundo.

Ai! aqueles primeiros dias, tinha-os enchido de lágrimas amargas. Refugiava-se em cada recanto dos imensos corredores para soluçar e soluçar em silêncio. E seguia, pondo a mão na sua garganta tremente. E à noite ensopava a travesseira. Depois, dormia melhor naquele fresco da sua própria dor...

UMA LIÇÃO DE FRANCÊS

Quando, manhã cedo, era a lição do Muton — ai que tristeza! — o romper do sol nos montes, uma tensa claridade penetrando os orvalhados, os pássaros pondo ovos, as cabras saltando, os cães a ladrar, saindo para a caça... Enfim, todo o mundo à solta, e só ele preso ali dentro. Era a lição do Muton...

— ... Sachon — Sachan — Sachon!

Adrião, mal ouvindo aqueles sons estranhos, remexia-se no banco da carteira, ansioso, sorvendo os ruídos do mundo, que entravam pela janela aberta...

Muton, pronunciando aquelas palavras de gente bárbara, por entre a fartura dos bigodes, agitava constantemente a pena curta. De quando em vez, puxava do lenço branco e amaciava as guias do bigode. Repetia vezes sem conta as mesmas palavras, puxando-as muito do fundo da garganta, para virem mais à francesa, mais à Muton.

E, enquanto aquilo era assim, os ruídos da cidade puxavam as pessoas com uma força incrível, a que era difícil resistir! Apetecia saltar mesmo pela janela e correr sem parar por cima de muros e quintais, pelas ruas fora... Mas quê, havia alguma coisa que pesava no ar do Colégio, uma ameaça constante, um olho que tudo via, como o dum gigante de contar... E os cor-

J O A Q U I M F E R R E R

pos ficavam colados aos bancos, sofrendo os tremendos ribombos do francês de Muton.

Mas, se os corpos ficavam, os espíritos andavam lá por fora rindo e saltando na largueza do mundo.

Lá estava Rampagodos, lá em baixo, o casario branco salpicando o verde-escuro dos pinheirais. As verdes carvalheiras agitavam suavemente as recortadas folhas, e, à sombra de cada uma rebentava uma nascente. Ele abaixava-se e metia a cara inteira na água fresca borbulhante. Que sabor! que sabor! Erguia os olhos e avistava por entre uma ramada a pedra grande da Bugalheira. Apurava o ouvido, e ouvia pássaros de que sabia o nome só pelo assobio! Outros, de que nem era preciso o assobio, se lobrigava os ovos pintalgados na encruzilhada das arrancas. Não lhes tocava para nascerem os passarolos.

A figueira do abade mantinha ainda alguns figos tardios e Adrião não se pôde conter... Depois, seguiu pelo atalho que vai dar à Poça-Funda. E viu então as relvas, muito verdes, muito frescas, onde apontavam milhões de corolas. Correu, correu à doida como o burro do Velho-da-Ponte, e deteve-se finalmente, estendendo braços e pernas numa expansão carnal. Soltoou-se-lhe um suspiro do peito. Arredondou a barriga e deixou-se tombar sobre a relva, espojando-se. As pernas dobradas para o ar balançavam, quando de repente uma coisa branca entre umas pitorreiras deu de si. E, logo, — pschui! — quem corresse a vista desde a

I L H A D O I D A

ponta branca felpuda, passando o arco do lombo e por entre o cartucho das orelhas chegasse ao focinho, havia de ver perfeitamente aqueles dois dentes da frente limando uma cabeça de nabo serôdio!

Estremeceu. Fez-se pequeno, invisível, só de olho fuzilando sobre o lombo do coelho-do-rabo-da-ponta-branca. Ah, estuporada sorte; quanto daria agora por caçadeira de dois canos! Adrião tomou fôlego, tomou ar — caiu a prumo. Mas na sua mão, garra brava, achou só as folhas do *Petit Livre de Français*...

— ... Sachon — Sachan — Sachon — Muton! Muton!

...Vinha-lhe ao nariz o cheiro do sabugueiro em flor, e depois aquele odor esquisito de pequena flor da Poça-Funda de que nem sabia o nome... Sentia os grandes silêncios, necessários nos bastos salgueirais por causa das rolas, melros e outros penugentos que andam a chocar ovos sarapintados por cima das arrancas...

— ... On — An — Buchon — Tirebuchon — Tablô — Tablônua — Tirebuchon... Muton!...

O PINA

Tinha chegado com dois carregadores atrás suando em bica, e que puxavam pela escada acima um enorme malão. Dava ordens com um ar acostumado a mandar.

J O A Q U I M F E R R E R

Entrou a porta do quarto e logo parou, considerando dos pés à cabeça o João-da-Bodiosa e mais Adrião que agachados arrumavam as malas.

— Olé, disse o intruso, quem são vocês e o que é que fazem aqui? E logo fazendo um gesto largo à roda: Tão isto aqui é feira ó quê!

— Feira?! A gente, disse Adrião pondo-se a pé, a gente está no nosso quarto — ora essa!

Entretanto os carregadores entravam, e, cumprindo ordens do recém-chegado, pousavam o grande malão a um canto.

— Aí mesmo, disse êle. Ora então êste quarto é de vocês? E riu-se. Pois fiquem sabendo que é mais meu do que de vocês, porque já era meu o ano passado e porque eu pago mais do que vocês. Se não estão bem, mudem-se! E de calcanhares unidos, junto ao malão, estendeu o braço, empertigado, e indicou a porta aberta.

João-da-Bodiosa, carregando as sobranças, disse com força:

— Xiça! O meu pai também pagou com uma data de notas, que eu vi com estes dois. E pôs dois dedos espetados nos olhos.

E você pagou? inquiriu o outro.

— Eu... eu, gaguejou Adrião, eu parece-me que sim. O papá paga sempre. O papá é rico!

— Ah, é rico! Ainda bem. Pois fica sabendo que não és mais rico do que eu! Tu tens alguma Quinta?

I L H A D O I D A

— Eu... eu tenho a casa de Rampagodos. É uma casa grande, amarela por fora e tem trepadeiras nas grades... onde às vezes até há ninho!...

O outro, entretanto, ia escolhendo uma chave de um molho que fazia tilintar.

— Qual ninho... pf! O que tu não tens é uma Quinta, e mesmo que a tivesses não tinhas brasão por cima do portão da entrada...

E voltando-se para o João-da-Bodiosa, perguntou:

— E tu tens Quinta?

— O meu pai tem uma venda. E vende vinho, riscados, bacalhau, vende arroz, vende tudo! O meu pai também vende chumbo pra caça e papel de carta...

— Ah! ah! bem me queria parecer: tens cara disso... E o Pina, piscou o olho para Adrião que se sentiu feliz daquela familiaridade.

— Cara de quê? fez o da Bodiosa desconfiado.

— Cara *bonita*! exclamou o outro; e pôs-se a asso-biar a Ramona.

Nisto levantou uma perna, e, puxando o calção, pôs o pé na tampa da mala, sem desfrutar o da Bodiosa. Depois, sempre assobiando a canção, foi para a porta.

Ali, estacou e voltando atrás, disse:

— Ah, eu esquecia-me dizer: Cá chamam-me só O Pina — Ó Pina isto, Ó Pina aquilo! — mas o meu nome é Pedro Álvares de Castro e Cunha Sotto de Pina, entre parêntesis Quadriga. Bom, mas vocês podem chamar-me só Pina, eu dou licença... Sotto escreve-se

J O A Q U I M F E R R E R

com dois tt. A quem escrever só com um mando-o àquela parte! Cá, já todos sabem como eu sou. O Pad Lopes é da minha opinião, sim, é amigo do meu pai — nunca me bateu. Nem bate! só com ordem escrita do meu pai. Vocês não sabem quem é o meu pai! não sabem, não, com quem estão a falar... Não se esqueçam: eu sou o Pina!

E o Pina saiu de rompante.

Os dias foram passando. Adrião já sabia um pouco da história do Pina. Afinal ninguém lhe chamava O Pina. Chamavam-lhe mas era o Basófia. Todavia o Basófia não era qualquer um. Realmente tinha a Quinta-da-Quadriga, onde morava o pai, que era fidalgo e tinha Dom. Também tinha um tio que era Visconde e o Pina falava muito numa tia Baronesa de Lisboa. No dia seguinte, o Pina explicou toda a família com tios, primas e primos. E disse que todos tinham Dom, tal qual o D. João de Castro, o das barbas, D. Francisco de Almeida e mais uns poucos da História. Depois, falou da sua Quinta-da-Quadriga, onde nascera, ao pé de Viana; descreveu então os soberbos roseirais e os jardins à francesa com bichos de pedra a deitarem água pela boca fora, e até pelos olhos! E em cada cena que descrevia, dizia sempre num gesto largo: «O Mordomo fez, O Mordomo não fez, O Mordomo estava lá», etc.

Depois, falou no seu trisavô D. Rodrigo, o que tinha morto duma só espadeirada sete espanhóis! E que se não tinha morto mais é porque era só o que havia

I L H A D O I D A

naquela tarde. E D. Rodrigo era descendente em linha reta do Rei Wamba, o visigodo.

— D. Rodrigo era o meu trisavô! Nunca se esqueçam disto. É da História!

— Da História! Oh! Na do Fortunato?...

— Hum! Não, na do Fortunato não, essa é pequena demais. Vem só nas histórias grandes, nas de peso.

Adrião quedava impressionado com aquele D. Rodrigo. O velho Mordomo fazia-lhe talvez ainda mais impressão do que o D. Rodrigo da espadeirada. Parecia-lhe assistir a um conto verdadeiro. Quando ele olhava o Pina era como se contemplasse dez séculos de História viva! E, olhando para si, sentia-se na verdade pequeno perante tanta grandeza. Seu pai desceu um degrau do pedestal em que desde menino o contemplara. Sentia um vazio dentro de si. Custava-lhe que seu pai não fosse tão importante como os outros. Seu pai não era da História! Era apenas de Rampagodos.

JOÃO LAPAROTO DA BODIOSA

O Pina ajoelhou-se junto da sua cama de ferro e esticando o braço enfiou-o por debaixo do colchão, de onde tirou uma onça de tabaco e um livro de mortaldas. Depois, sentou-se na beira da cama balançando as pernas magras, enquanto nos dedos pálidos enrolava um cigarro. Chegou-lhe cuspo e acendeu um fósforo.

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião, no outro canto do quarto, espichado sobre a cama, franziu o nariz ao cheiro do fumo. Saltou no sobrado.

— Eh! estás a fumar!!

— Tou, e depois? E o Pina tirou uma larga fumaça, cerrando a meio os olhos grandes em amêndoa.

Adrião olhava-o com ar de reprovação.

— Mas... isso é mesmo tabaco ?!...

— É, e depois?

— Pensei...

— Pensaste o quê?

— Pensei... pensei que era barba de milho...

O Pina soltou uma gargalhada.

— Barba de milho! Pf! Pensavas então que um Pina fumava uma bodega dessas?! — um Pina da História!

— Eu...

— És um anjo! exclamou o outro carregando as pálpebras pesadas. E, colhendo uma pitada entre dois dedos, pô-la na mão de Adrião. Depois, passou-lhe um livro de mortalhas. — Toma lá não sejas trouxa, faz um e prova. Isto faz bem! E deu duas palmadas na barriga.

Adrião ficou de mão no ar, olhando ora o Pina ora o montinho de tabaco escuro. Hesitava.

— Anda lá, não sejas anjinho! Faz e prova. Nunca fumaste, pá?

Adrião confessou com certo orgulho que não tinha sido uma nem duas... Mas, tabaco do bom, — nunca!

I L H A D O I D A

— Só barba de milho, disse.

— Qual barba! A barba é barba, tabaco é tabaco!

Mas Adrião não se decidiu. Parecia-lhe sentir já os passos do Prefeito Palito Macho. E via a porta do mal-afamado Gabinete fechar-se sobre si. E o Prefeito, com o seu cigarro na mão, ainda aceso, explicando a Pad Lopes como aquilo tinha sido: «Ia a entrar, senhor Diretor, no quarto deste aluno»...

Nah, era melhor não experimentar. Ele já tinha ouvido alguma coisa daquelas histórias de terror, que circulavam em S. Caetano... Ele já tinha ouvido um pouco da terrível fama de Pad Lopes. Ele já tinha visto mais do que um ficar branco como a cal da parede, se o Prefeito anunciava: «O senhor número tal ao Gabinete». O terrível Gabinete! Ir ao Gabinete era caminhar para a desgraça. Raros de lá voltavam intactos. Nah, era melhor poupar-se a arriscadas aventuras. Antes ir à África caçar o leopardo à meia noite! Ou ir espetar um chapéu velho num cemitério, também à meia noite. Nah!

Pedro Pina balançava as pernas e de cigarro entre dois dedos, ia tirando grossas fumaças. Ele gostava de contar coisas sucedidas. E, uma vez começada, nunca mais parava a sua história.

Súbito, uns passos, e a porta abriu-se de chofre. O Pina ficou de bochechas inchadas de fumo, e, rapidamente, meteu o cigarro aceso na concha da mão.

J O A Q U I M F E R R E R

Era o João-da-Bodiosa que entrava. Era apenas o João, o João-Laparoto, como agora o nomeavam. O Pina, aliviado, abriu a boca largando uma fumarada e vociferou:

— Estúpido! Seu animalejo insignificante!

— Quem é que é besta? Quem é que é estúpido?! berrava o da Bodiosa inchado de raiva. Quem é que é estúpido insignificante! — seu grandessíssimo, estuporadíssimo e alternadíssimo...

Adrião deu um salto e agarrou-o.

— Eh, para aí, não berres! pode vir o Palito Macho...

— Quero cá saber! Chamou-me estúpido, e besta é ele mais a família toda e esse ranhoso de Rei Wamba e mais o Bisconde e a Biscondessa e mais um raio que os partisse a todos, estuporadíssimos e alternadíssimos caras à paisana. Arre! Porto!

O Pina, entrincheirado atrás duma cama, deixou-o falar e sorriu indiferente. Chupou até ao último milímetro a ponta do cigarro, e, depois, tirando de um bolso interior uma folhinha de loureiro mastigou-a cuidadosamente. E o Pina, aproximando-se de Adrião, pediu, lançando-lhe um bafo na cara:

— Vê lá se ainda cheira?

Adrião ficou admirado de mais aquela habilidade. Porto! S. Caetano era uma caixa de surpresas!

OS PÁSSAROS

— ... E isso ainda não foi nada comparado com esta... Era o Pedro Pina que contava mais uma das dele.

— Eu cá também de uma vez..., começou Adrião. E calou-se um instante com um dedo ao canto da boca, indeciso. Que tinha ele afinal que contar? Só se fosse... Nah, não havia nada de importante naqueles seus anos passados entre as Serras de Rampagodos... Só se... deixa ver... só se fosse aquela do peixe... uma vez...

— Está bem. Conta lá mesmo essa... Em que mar é que foi? Que qualidade é que era? jacaré ou baleia? peixe-agulha, ou quê?

— Não era tão grande, não... Era um mais pequeno, destes que andam na...

João-da-Bodiosa que estava como um urso no seu canto, arrebitou logo a orelha:

— O quê? também há peixes que *andam*?... E riu-se num estardalhaço.

— ... Que andam... Vocês não estejam cá a embilhar o que eu digo!... O que eu estava a dizer é que andam mas a nadar nas águas baixas com muita lapa no fundo...

O Pina interveio, mirando de revés o da Bodiosa.

— E então? E mesmo que andassem que mal é que tinha, isso? Ainda há coisas piores! Olhem, comigo de uma vez... Bom, mas conta lá tão isso...

J O A Q U I M F E R R E R

Porém, Adrião não sabia por onde começar. Afinal, pegou numa ponta:

— Hum... foi de uma vez que agarrei um peixe...

— Só *um*? admirou-se o Pina.

Adrião não esperava por aquela. Verdade, verdade: *só um* era muito pouco. E envergonhou-se:

— Anh... não, não era bem um só...

— Quantos? tornou o outro imperturbável.

— Dez!

E ele suspendeu-se um momento, passando a mão pelos beijos carnudos, a refazer-se do número. Os outros engoliam-na...

— Dez... vá lá, já não é mau... E eram grandes? De que tamanho eram eles?

— Assim: bestiais!

— Bah! E depois?

— ... Agora me lembra como aquilo foi. Íamos todos três pelo rio acima: eu, o Xico — vocês não conhecem — e o Manelão... — vocês também não conhecem...

O Pina fazia que não com a cabeça. O da Bodiosa mirava por debaixo das sobranceiras carregadas.

— ... Íamos pelo rio acima... (Agora Adrião lembrava-se realmente de qualquer coisa acontecida)... E já íamos lá muito para cima, nuns sítios aonde há cobras d'água, feitas de cabelos de mulher...

— De mulher?!

I L H A D O I D A

— Pois. Deitam-se na água e passados sete dias e sete noites comecem a rabiar... — quando de repente... Vocês nem acreditam?

O Peres impacientou-se:

— E depois, e depois... Conta lá isso. Xiça!

Mas Adrião já não precisava de estímulo, era como se, inesperadamente, tivesse visto tudo tal qual. E continuou num crescendo de entusiasmo:

—... Foi de repente, em cima dum choupo altíssimo... O Xico estacou. A gentes dois parámos atrás, e as gentes todos três vimos mesmo no cimo do choupo ... — ah, rapaziada, era lindíssimo!

— O quê? diz depressa.

— Um pássaro! Mas um pássaro, pás, que se vocês vissem... Bestial! Que pássaro esquisito. Tinha mais côres do que o arco-da-velha! Mais cores...

Adrião estava de pé, fazendo os necessários gestos. Baixando a voz, cochichando, prosseguiu: As gentes os dois parámos logo atrás do Xico... pschiu! calados. Mas aquilo, se vocês vissem, só queria que vocês vissem... Que admiração de pássaro! Que raio de cores ele tinha! Rai's me comam se eu já tinha visto uma coisa assim!... E o Xico começou então a puxar a borracha da fisga, a puxar... a puxar... assim... a esticar... E o fabiano lá no cimo do choupo, abanava o rabo, abanava-o, sem toscar o Xico cá em baixo... Vocês nem sabem a pontaria do Xico! — enfiava-lhe de certeza uma calhoadá no buraco de trás. Enfiava-lha

J O A Q U I M F E R R E R

de certeza! E de repente veio de restolhão por o meio das folhas, de restolhão num piar danado — outro pássaro igualzinho, igualzinho que parecia o mesmo. Ah, c'um raio, ainda hoje me lembro daquele filho da mãe do Manelão atrás de mim! De repente, sem quê nem pra quê, desata-me a berrar que eram pássaros do Rio-de-Janeiro! Que ele bem os conhecia! Que o tio dele que está no Brasil é que tinha de uma vez trazido um assim, dentro de uma gaiola... Ah, pazes, vocês nem sabem! — as gentes saltámos em cima do malandro, e aquilo foi até não poder mais! O Xico arrebentou-lhe o atira no focinho, e agarrámos o gajo pelas pernas traseiras, chegámos à Poça-Funda — e zás, entornámos o tipo de cabeça para baixo — lá dentro!

Adrião estava ainda de pé, olhos incendiados de entusiasmo e de raiva.

— E os pássaros? quis saber João-da-Bodiosa.

— Os pássaros? fugiram. Cebo! Nunca mais se viram...

— E o Manelão?

— Ah, esse escapou. Ainda é vivo.

NAUFRÁGIO

Entretanto o Pina estava no meio do quarto, olhos semicerrados, num jeito desdenhoso.

— Hum, vocês nunca viram nada. Eu se vos contasse... Isso de pássaros não tem importância

I L H A D O I D A

nenhuma... Pássaros há muitos! Foi quando eu vinha da América: escapei por um triz...

— Da América?! Tu outro dia disseste que tinhas estado mas era no Brasil...

— Ah, no Brasil... Pois, mas isso foi dantes. Ainda eu não tinha chegado à América. Esta, que eu estava a contar, foi quando eu vinha de Nova-York num paquete enorme, com uns poucos de andares... uns por cima dos outros, como as casas de Lisboa — vocês já foram a Lisboa? Ah, não foram, então calem-se! O que eu digo digo! Tinha cinco chaminés, sete mastros, sete bandeiras em cada mastro. Um paquete bestial! Vocês já viram um paquete? Bestialíssimo! Do tamanho da Sé-Velha! Aquilo por dentro é maior que eu sei lá! Há uma rerete para cada pessoa e duas para o Capitão: já vocês fazem por aqui uma pequena ideia!

Adrião e João-da-Bodiosa ouviam de boca aberta. Sim, faziam uma pequena ideia, mal acompanhado com o Colégio, onde haviam três retretes para 100 pessoas e uma para Pad Lopes! Era tremendo o paquete!

— ... Pois tinha. O mar parecia mesmo o tanque dos patos do Jardim-dos-Patos... vocês conhecem...

— Pois, pois a gente já viu. E Adrião mais o da Bodiosa olharam contentes um para o outro, contentes de poderem afirmar alguma coisa! E o Pina prosseguiu, satisfeito de lhes dar aquela oportunidade:

— ... Mas aquilo foi sol de pouca dura... (Adrião e o outro estavam desolados daquela coisa do Jardim-

J O A Q U I M F E R R E R

-dos-Patos durar tão pouco). Pois foi; passados três dias e três noites foi um sarilho d'um raio. Borrasca! Ah, se vocês lá estivessem, eu queria ver! Borrasca!! As senhoras começaram logo a berrar que nem umas danadas — vocês bem sabem como são isto de mulheres! Borrasca!!! Nesta altura o paquete parou, depois ainda andou dois metros, depois deu outro esticão e então é que parou de vez. As mulheres berravam ainda. Vocês estão a ver... aquilo andava tudo num rodopio, marinheiros, músicos, passageiros — tudo. Só eu e o Capitão é que estávamos quietos a ver no que aquilo dava. E vocês sabem o que foi? Não sabem? Uma alga, — íamos no Mar dos Sargaços — duas, três algas, 30 quilos delas enrodilhadas na hélice, atrás... Isto foi o que disse o Capitão, mas a mim piscou-me o olho... Eu sou de Olhão! Eu andava à noite cá em cima, sozinho no convés, andava a tomar ar... e a ver os tubarões voadores ...

— O quê! esses também voam? interrogou Adrião num espanto.

— Querias então que não voassem... Claro! Clarós-quê! Voam e não é pouco!... quando eu de repente vejo uma data de marinheiros a fazer upa! upa! e a puxarem uma corda mais grossa do que uma perna de gente. Eu cá sou de Olhão! — pus-me logo à espreita atrás de uma chaminé. E vocês sabem o que vinha agarrado à ponta da corda? Ah, não sabem?

Algum peixe-voador? rosnou o da Bodiosa.

I L H A D O I D A

— Um tu..., ia a dizer Adrião.

— Qual tu... nem peixe-voador... — um arpão!

— Um arpão?!

— Sim, arpão. Nunca viste? E na ponta do arpão? Andem, adivinhem!

— Peixe-voador...

— Um tu...

— Qual quê. Um polvo!

— *Um polvo!* bradou João. E desfez-se numa gargalhada, sentindo vir-lhe à boca um saibo do polvo com arroz que tinha comido ao almoço.

— Sim, meu burro — um polvo! Um polvalhão! Tu é que nunca viste nada lá na tua *Burriosa*...

O João deu um pulo. Não admitia que fizessem pouco da sua terra. Bodiosa era Bodiosa!

— Falas contra, mas é melhor... — burro és tu! — do que essa bodega da tua Quinta da *Quadrilha*, seu Basófia dum raio!

— Quadriga, emendou o Pina, com magnificência.

Adrião estava em pulgas. Temia uma desordem no meio daquela história do polvo e do pacote. E lá se a ia história, o polvo e o pacote. O João-da-Bodiosa, batia no peito arqueado e barafustava que sim senhor, pois, que tinha muita honra, que não admitia que roessem na sua Bodiosa, que era mesmo quási em Bijeu! Insultavam-se. Bodiosa, de súbito, deu um salto em frente e foi cair a meio palmo do Pina. Mas Adrião, que não queria perder a sua história, já lhe estava em cima.

J O A Q U I M F E R R E R

Agarrou-o por detrás. Neste instante abriu-se a porta e entrou o 101, escanifrado e nervoso.

— Eh, pazada, ‘tão qu’ê isto aqui! Porradaria, ó quê? Vai disto!... E arregaçou a manga.

Entrementes já o Pedro Pina, à cautela, tinha passado para o lado de lá duma cama.

—... Por causa das moscas, disse, num meio sorriso.

Depois, quando 101 fez ver ao da Bodiosa que o «liquidava» se ele não abaixasse a grimpá — Bodiosa então aquietou-se.

— Hás-de-mas pagar! rosnou entre dentes. E cus-pindo no chão, calcou raivosamente. Hão-de-mas pagar todos, a seguir uns aos outros. Todos! Cães de Niza!

Contudo, o Pina, tomando alento, pegou de novo na sua história.

— ... Ah, o polvo... era então no polvo que eu ia. Isto não é pra todos: vocês estão a ver que um tipo que nunca saiu lá do saloios de ao pé de Bijeu... (E o Pina sorridente, punha-se a coberto de 101). Pois não era um desses polvos que se vendem nas *mercearias* de ao pé de Bijeu... Pois não era nenhum desses, não: vinte ou trinta vezes maior é que ele era... Noventa vezes! Uma brutalidade! Uma autêntica bisarma! Uma bestialidade! Vocês estão lembrados de quando eu disse que tinha sido uma alga? Uma fava! Tinha mas é sido um polvo desses tais bestialidades. Esses que têm mais de vinte braços, e mil ventosas em cada braço. Com isso tudo, o gajo deitou mão à hélice e vjjijt! — espa-

I L H A D O I D A

tifou-a, lixou-a! Ainda estou a vê-la: parecia armação de carneiro — torcida, lixada!

— E depois, ó Basófia? perguntou 101.

— Depois, pá, depois é que foi o belo e o bonito... Três dias e três noites estivemos ali à rasquinha, nem pra trás nem pra diante.

— Uma chatice! hein ó Basófia?

— Uma fava. E aquele mulherio a berrar... Foi uma fava!

Adrião estava impaciente.

— Vá lá'tão, conta lá tudo. Tu ó pá, 101, não esteja prá' i sempre a meter o bedelho.

— Deixa meter, ó Dralhão.

— Bom, 'tão onde é qu' eu ia?...

— Ias no polvo, lembrou Adrião.

— Só no polvo? Ah! Estivemos ali depois uma data de tempo, enquanto a marujada não concertava a hélice. Concertava... Qual concertava nem meio concertava... aquilo tinha ficado feito em... vocês estão a ver...

— A cheirá-la! bufou 101.

—... Da autêntica! ... Afinal sempre a concertaram. Se não, não estava eu agora aqui! Pois foi... Por uma unha negra é que eu escapei...

— Fazias cá falta!

— E sempre vieste?

— Qual quê, vim, mas primeiro... Ora onde é que eu ia?... Ah, já sei... Agora é que vocês vão ver — o pior ainda está no saco.

J O A Q U I M F E R R E R

— Pior? Outro polvo ou quê?

— Qual polvo nem meio polvo: tinham ficado todos para trás, arrebetados com meia garrafa de sublimado que o farmacêutico do navio despejou no mar... Felizmente, havia aquele resto de sublimado... se não, não estava eu agora aqui, xiça! Ah, mas eu ia então a dizer... Durante uns poucos de dias, aquela gentinha toda fartou-se de comer carne de todas as maneiras e feitios, carne assada, guisada, na grelha, em almôndegas, até a metiam nos bolos de bacalhau — que já havia pouco... Só eu e o Capitão é que não tocavamos em nada: eu cá não simpatizo com polvo, demais a mais pescado com sublimado; nah, pf! ... Pobre gentinha, não lhe valeu de nada aquelas almôndegas, bifes e etecetera: passados uns dias...

— O sublimado?...

— Não teve tempo. Infelizmente... — ainda me lembro bem como aquilo foi — infelizmente foram todos para o fundo fazer tijolo. Menos eu e o Capitão... senão não estava agora aqui! Agora é que era a sério. O mar estava danado. Era de noite. Pior do que isto (e o Pina, de ambas as mãos enclavinadas na barra da cama, abanava-a furiosamente).

— Afinfa-lhe! gritou 101.

— ... Muito pior! Que nem uma bicha! Eu estava quasi a deitar a carga ao mar, quando uma onda, uma vaga... e duas vagas, e três... eu sei lá!... Uma coisa de virar a tripa... Terrível! Enfim, as ondas

I L H A D O I D A

entravam à doida pelas chaminés todas, à brava por ali abaixo... As mulheres e as crianças — vocês sabem como é isto de mulheres! — coitadas, fartaram-se de berrar quando a água salgada começou a subir-lhe à bruta pelas saias acima... Só pararam quando as águas desceram a elas todas pelas goelas abaixo... Ah, parece que ainda as vejo! Foi terrível! Depois, aquilo durou pouco: marujada e aquela malta toda... — morreu tudo! As gentes dois é que não perdemos tempo: num cagagésimo de segundo tínhamos armado uma jangada com duas pipas e uns caixotes... Foi o que valeu! Em menos dum fósforo o pacote estava no fundo... só se viam já duas chaminés de fora... duas e um mastro... depois só um mastro... o da frente... Começou então a ficar uma aragem e o Capitão despiu a camisa pra fazer de vela... Depois veio mais vento e eu despi a minha. Duas velas. Mas o vento puxava e eu tive de... tive de tirar a camisola, a roupa branca... Três velas. Ah, caramba!

— E as cuecas? lembrou 101 piscando o olho.

— Tudo fora... a roupa branca... e um ventinho. Só queria que vocês vissem... aquilo voava! Até que se passaram dias e dias e a gente já nem gostava... eu cá já nem os podia cheirar...

— Os peixes voadores?

— Os tub...?

— Qual tub nem meio tub — os atacadores! Pois com' é que é, com' é que é! Tínhamos que os mamar,

J O A Q U I M F E R R E R

ali... Com' é que é! As solas debaixo e as gáspeas, até os saltos de borracha — marchou tudo! Eram enjoos, revoluções nas tripas, era diarreia. Tudo! O primeiro atacador que o Capitão inglês engoliu — vomitou-o pela borda fora. Não estava acostumado! Eu cá também não, mas tenho a tripa mais forte. Ai, paziada, aquilo é que foi rapar fome! Ai que larica; parece que ainda a sinto! Mas a gente nunca desanimou. Sempre rente! «Aqui prás curvas!» dizia eu pró animar. E contei-lhe até aquela fita do Zé do Telhado, que nunca desistia. Aquilo é que era um gajo bestial! «O-quey» disse ele. E agarrou-me pelas pernas... e eu fui de cabeça para baixo no meio do mar!

— Morreste! gritou 101.

— Tornou a puxar-me pelas pernas, ali, firme... e eu trouxe aqui no chispe bem agarrado um peixe bestialíssimo... um bacalhau, dos autênticos. E foi o que valeu... até que avistámos... bestialmente longe, bestialmente... o Terreiro do Paço! Bom, mas antes de a gente chegar ao Terreiro é que foram elas... Eu cá...

101 interveio precipitadamente:

— Eh, aí, não voltas atrás. Já que estás no Terreiro, estás no Terreiro!

Adrião ainda quis intervir:

— Deixa-o lá, 101, se ele quiser tornar atrás, deixa-o tornar...

I L H A D O I D A

Então 101, descarregando um murro na cabeça do Pina, berrou:

— Pra trás mija a burra!... Quem manda aqui sou eu!

Lá fora, o Prefeito batia as palmas para o jantar, enquanto o Pina soltava um ha! meio atordoado.

A MALA

O Pedro A. de C. e C. S. de Pina tinha uma mala. Mas não era qualquer mala. Um malão! Era a tal que estava atrás da meia porta fechada.

Há uns dois ou três dias que o João Laparoto da Bodiosa andava rondando à volta da mala. Mas ninguém deu por isso, e só Deus sabia porque andaria ali o da Bodiosa. Realmente não havia notícia de que no malão do Pina houvesse coisa de trincar, em doce ou amargo, nem tampouco bebida fina. Por outro lado, o João tinha ao canto uma arca de castanho e essa, sim, havia fama de bom recheio em paios, morcela doce e outras vitualhas de lambe-o-beiço. Por tudo isso, Adrião, quando naquele dia subiu ao seu quarto, ficou surpreso ao ver agachados o João mais o Carochinho, *trabalhando* no malão do Pina.

— Isto não é por mal, exclamou o João. Eu já te digo o que foi...

J O A Q U I M F E R R E R

O Carochó nem levantou a cabeça do *trabalho*. Manejava um grosso molho de chaves e arames de ponta revirada. Aninhado ao pé do malão parecia nem sei o quê. A sua cara engelhada era como a dum velho acabado de nascer. Carochó era sempre chamado para aqueles trabalhos, recompensados com os comes e bebes recolhidos no bojo das malas e arcas. Mas, por via de regra, a «limpeza do Galeão», como tal operação era conhecida em S. Caetano, só era dirigida contra os forretas suspeitos. Os outros repartiam a «papança» pelos mais próximos da comunidade. Contudo, a «limpeza do Galeão» só era levada a cabo perante dois ou três da «tramoia». Adrião, por conseguinte, muito se admirou daquela limpeza feita assim tão em família.

Eu já te conto, repetiu João da Bodiosa misterioso. Cala-te aí e fecha a porta. Eu até pensei que a tinha fechado por dentro.

Adrião ficou na mesma e João, mirando-o de mau modo, foi ele próprio dar volta à chave.

O malão não havia meio de abrir a tampa.

Esta é das boas, carambinha! E o Carochó palpava a fechadura.

Com a ponta do pé-de-cabra ia esfurancando lá dentro. Depois, mostrando um pouco os dentes ratados, murmurou para os seus botões:

... É, mas há-de sair.

Finalmente ouviu-se um pequeno estalido. João deitou logo as manámulas à tampa. Adrião, calado,

I L H A D O I D A

aproximou-se, cruzou a perna e ficou a ver. Entretanto as mãos grossas do da Bodiosa remexiam as roupas que estavam ao de cima. E foi por ali abaixo, cada vez mais nervoso, até ao fundo.

— Há-de cá estar, raios me partam! Há-de cá estar! repetia ele. E as mãos corriam-lhe febrilmente pelos escaninhos da mala.

Adrião abriu muito os olhos. De súbito foi atraído sobre a bocarra da mala.

Estava atulhada com duas ou três rumas de folhetos estonteantes. As belas figuras das capas ressaltavam, cheias de cor e beleza. Pareciam vivas! Pareciam falar! Havia de tudo: Texas Jack, Sherlock Holmes, Capitão Morgan... Adrião mergulhava as mãos naquela inesperada mina de maravilha. Quedava, silencioso, folheando febrilmente aquelas páginas, onde havia concerteza contos mais belos ainda do que todos os que sabia. Ele não podia tirar a vista daquelas imagens do Capitão Morgan, refletindo nos olhos um brilho de audácia, espetando na ponta da espada um feroz inimigo. Adrião leu: «O príncipe dos mares, quási um semi-Deus, teve uma existência real...»

Entretanto, Carochinho, desapontado, reclamava de João da Bodiosa a sua paga.

— ‘Tão qu’ê que me dás? E apontando para o interior da mala: Não vejo nada! E agora?!

O da Bodiosa, meio metido dentro da mala, congestionado, nem o ouvia. De mãos grossas palpava

J O A Q U I M F E R R E R

cada peça de roupa, entrava e saía em cada bolso de calças e casacos, esfurava, remexia. Começava a impacientar-se:

— Malandro! Basófia dum raio! Mas há-de cá estar. Foi ele que ma roubou. Ladrão! Grande cão!

Carocho repetia:

— Não tenho nada com isso. Paga o que deves, anda! Ou pagas ou digo! E agora, anda?!

— Mas olha lá, o que é que ele te roubou? quis saber Adrião.

— Anda paga, anda paga! prosseguiu a voz chorosa de Carocho. Anda, com que é que me pagas agora?

— O que foi, o que foi — ainda o perguntas? E a voz de João-da-Bodiosa alterou-se, como se lamentasse pessoa de família falecida: Ainda... ainda mo perguntas? Ainda... foi... foi a minha navalhinha de quatro folhas, fora o saca-rolhas! Foi... foi a navalhinha... Se o meu pai sabe... ai se ele sabe — desgraça-me! Malandro, roubou-ma! Grande cão!

— Mas olha lá, quem to disse que foi ele?

— Eu *sei* que foi ele. Pois quem havia de ser? Malandro! Eu sei que foi esse safado de rei Wamba... esse ranhoso... eu sei... Ele roubou-ma, ... êle não me grama!... Ele é ladrão!... Ele é cão!

— Mas tu viste a mala. Tu viste-a: é porque não foi ele!

I L H A D O I D A

— ... Eu só queria agora agarrá-lo aqui. Malandro! Havia de escarrá-la aqui mesmo! E Bodiosa raivosamente calcou no chão.

Adrião pôs-lhe a mão no ombro, tentou acalmá-lo. De repente, João-da-Bodiosa, que pouco a pouco tornava a exaltar-se, fixou Adrião estranhamente e gritou-lhe na cara:

— Se não foi ele foste tu! Tu!!

—Eu?! titubeou Adrião, caído numa surpresa e indignação.

— Tu mesmo, ladrão! Tão ladrão como ele! Tu mesmo! Tu!!!...

Nisto, aquela fúria acusadora, cega, desvairada, morreu-lhe nos lábios inchados, húmidos de espuma... Adrião só deu conta de si quando João-da-Bodiosa estava já dos pés à cabeça, virado dentro da mala do Pina. Os músculos, inda mais os nervos do braço, vibravam-lhe dolorosamente. Adrião não podia compreender como no seu braço houvera tanta força para derrubar assim à primeira, o corpo alentado do seu acusador. Deixou cair o braço, a mão-morta, esvaída.

Bruscamente, Carochó soltou um grito. Precipitou-se para a porta que abriu de repelão e foi gritando pelo corredor afora:

— Sangue, sangue! Morreu! Suspirou!...

O MÓBIL

Voltou a si sacudido pelos ombros. O Pina estava na sua frente, interrogava-o como se fosse no meio de um drama contado:

— ‘Tão porque o mataste? O tipo chateou-te, foi?’

A tampa da mala fechara-se por si, misteriosamente, e agora só se viam de fora as pernas de Bodiosa, com as pontas das botas de carneira embicando uma na outra. Eram pés de morto.

Pela porta dentro entrou de roldão 101 à perna de Balão Cativo.

— ‘Tão que foi? ‘tão que foi isto aqui?’

Levantaram a tampa da mala. Balão recuou a sua caraça redonda. Assustou-se:

— Ih! Tão ele morreu mesmo, c’um raio!

A cara desfeita de João-da-Bodiosa metia impressão. A cabeça tombada sem força, exangue, parecia separada do corpo. Mergulhava num charco de sangue, como se todo o líquido vermelho lhe tivesse saído do corpo. Alguns folhetos de Sherlock tinham absorvido o sangue, ainda quente, e jaziam empastados, cheirando a crime, dando uma coloração trágica à figura do detetive trincando o cachimbo.

I L H A D O I D A

Balão Cativo, abrindo desmesuradamente os seus pequeníssimos olhos como contas de vidro, e, apontando com o polegar, interrogou num espanto:

— E foste tu que fizeste isto... tudo?

Adrião, tomado de um palor mortal, não moveu os lábios.

O Pina rompeu caminho e com o dedo em riste exclamou:

— Olha qu'esta! Mas porque é que o meteste *depois* dentro da minha mala! Anda, responde: quem é que te deu licença?

101 abaixou-se, pegou à bruta no queixo do da Bodiosa e abanou-o sem misericórdia.

— O gajo inda mexe! exclamou.

— Escapou? fez Balão desconfiado.

Neste meio-tempo entrava de repelão o Quadrado das Forças.

— Eh, cambada, sumam-se daí! Deixem-me cá ver isto. Tira-se o gajo pra fora. Arredem! Quem o matou?

O Pina deu dois passos em frente e pousou a mão pálida no ombro do Quadrado:

— No corpo ninguém mexe! Eh! se não percebes disto, percebo eu. Tenho estudado o Sherlock Holmes e sei bem o que é preciso fazer!

— Ah! fez o Quadrado — estudaste? E depois?

— Depois nada! Quem manda na *minha* mala sou eu. Anh? Primeiro investiga-se, tosca-se, pontas de cigarro, de charuto... hum... bilhetes de comboio...

J O A Q U I M F E R R E R

que é pra ver o «móbil». E depois, é limpinho, quando a gente dá co' móbil, não tem espinhas — descobre o criminoso! Ora viram, ora viram com'ê que é!

— *Ora, ora...* Ora vai-te encher de moscas! fez o 101 num gesto.

Mas logo caiu o silêncio à volta da mala escancarada. Adrião, sem fala, sentia uma garra de ferro cerrar-lhe a garganta. Sentia uma sede e via já dançarem à sua volta os coqueiros da Costa d'África. Sentia na boca o gosto de uns bolos de coco que ele costumava comprar na Maria dos bolos. Via lanternas... um cortejo, velas de cera, acesas, carregadas de pingos... ouviu o revoar monótono de uma multidão de passos, cadenciados, soturnos... opas brancas de gola roxa viam-se desfilar, perfeitamente, silenciosamente, pelas ruas estreitas de Bodiosa... caminhavam no pó grisento da estrada, onde ficavam impressos milhares de pés ... e aquele ruído fúnebre do enterro ia ficando cada vez mais distante, cada vez mais fundo... o roxo das golas alastrava como nódoa fantástica pelo branco imaculado das opas ... e as opas pairavam por cima das velas de cera, carregadas de pingos, que, devagar, foram subindo, subindo... e tudo nos ares opacos, raiados, tudo girava num redemoinho gigantesco...

INTERROGATÓRIO

Parecia-lhe acordar de um sonho. Levou as mãos à cara, como se fora esbofeteado. Uma sombra debruçada sobre si... um copo enorme despejava água na sua boca escaldante. «*Que teria acontecido*»? «*Por que estaria ele tão fraco*»? Via sombras moverem-se. E ouviu uma voz enevoadas: «*É este o delinquente*». Diziam-lhe palavras estranhas. Murmuravam-lhe ao ouvido. Depois, tudo clareou e ele viu então o interior do Gabinete! Sentiu-se morrer. As paredes forradas de um papel adamascado verde-escuro. As estantes carregadas de livros até ao teto oscilavam perigosamente. Cadeiras encostadas às paredes, gemiam ajoujando ao peso de rumas poeirentas de jornais e revistas. E Adrião começou então a reconhecer as pessoas. Na sua frente, um pouco inclinado, o corpanzil de Pad Lopes erguia-se a toda a sua altura. Fitava-o com os olhos de Pad Lopes, terríveis, saídos, manchados de vermelho. Adrião tentou erguer-se: tinha pernas porém como se fossem de algodão.

— Senhor Trinta e Um, exclamou a voz cortante de Pad Lopes, deixe-se estar sentado. E voltando-se para o outro lado: Senhor Prefeito, vamos primeiro interrogar estoutro aluno. Adrião voltou a cabeça e viu que «*estoutro aluno*» era 101. «*Por que estaria ali 101*»? «*E ele mesmo, por que estaria ali*»? O Dire-

J O A Q U I M F E R R E R

tor, mãos atrás das costas, apoiado nas suas pernas escachadas, deu começo ao interrogatório. 101, na sua frente, mexia-se a cada instante.

— Diga, diga, e não tente negar!

— Não, senhor Diretor, respondeu 101, numa voz firme.

Pad Lopes, indicando 101, inquiriu do Prefeito, em pé a seu lado:

— Que foi então que este senhor disse?

— Disse, senhor Diretor, disse... que era bem feito...

— Mas, repita as palavras deste aluno, textuais, as palavras, exatamente.

— «Se o matou, matou!» Foi isto tal qual que este aluno proferiu, em frente do corpo.

— Este aluno proferiu tais palavras?

— Proferiu senhor Diretor.

— É grave!

— Este aluno, quando eu lhe fiz ver a *gravidade* do que tinha dito — riu-se!

— Como?

— Teve um sorriso cínico, senhor Diretor.

— Mas então riu-se, ou teve um sorriso? Em que ficamos?

— Foi um sorriso... *cínico*, senhor Diretor.

Adrião ouvia por detrás de si o ruído das folhas de um livro. Bruscamente, uma voz conhecida... como que era a voz do Dr. Moreira: «*Este aluno não está*

I L H A D O I D A

em condições de ser interrogado»! Sofreu um grande abalo».

— Levem-no pra fora! comandou o vozeirão de Pad - Lopes.

E Adrião sentiu-se levar em braços. Quando acordou era noite. Esfregou os olhos, as mãos descaíram-lhe e sua pobre cabeça afundou-se mais no côvo da almofada. Toda a noite sentira galopar um cavalo dentro do seu crânio...

RESCALDO

No dia seguinte, de tarde, Adrião fez a sua entrada numa aula de Português. Na sala, as cabeças voltaram-se para êle como se fossem uma só. Padre Encarnação mirou-o de alto abaixo. E, como Adrião procurasse pela sua costumada carteira, a voz do Professor fez-se ouvir:

— O senhor, o senhor lá, o 31!

Adrião estacou, olhos baixos.

— Olhe pra mim, olhe a direito!

Ele ergueu a cabeça, olhos inchados.

— Hum, o senhor... vem sentar-se nesta carteira, ali. E apontou-lhe uma carteira isolada, junto da parede. Aí mesmo, sente-se!

Adrião sentou-se devagar, e ficou de olhos pregados no tampo da carteira, onde procurou interpretar

J O A Q U I M F E R R E R

os mil e um desenhos a tinta e gravados a canivete. Havia algumas quadras relativas ao Padre Encarnação que quási o fizeram rir.

— O senhor não escreve, não tira apontamentos?

Adrião ficou na mesma. Meteu a cabeça entre os ombros, e afundou mais as mãos nos bolsos dos calções.

— Ora, como eu ia dizendo, a voz perifrástica ativa... Não ouviu o que eu disse? Não escreve? Eu estou aqui a falar pra quê! prá parede?!

— Tenho as mãos inchadas.

— Escreva, já disse! Não admito observações!

Adrião tirou lentamente as mãos do fundo dos bolsos e puxou de um lápis entre os dedos grossos como cotos de vela.

— Hum! A voz perifrástica ativa...

Escrevam!

A aula acabada, todos rodearam Adrião. O Padre Encarnação, com a pauta das notas debaixo do braço, sumia-se ao fundo do Recreio. Havia dezenas de olhos húmidos de curiosidade.

— Conta lá ‘tão, como é que foi isso?

Adrião, outra vez de ombros encolhidos, refugiava ali o seu pescoço magro. 101 rompeu caminho.

— Arredem! Que é que vocês querem? Deixem-no! E tomando o braço de Adrião: Anda daí, pá, vamos ali pro canto. Chegados que foram a um recanto do pátio, 101 abrindo a braguilha urinou nas suas mãos

I L H A D O I D A

inchadas. Faz o mesmo, pá, disse para Adrião. Assim vai-se o inchaço. Anda, faz-lhe em cima!

Uma voz da roda perguntou:

— Quantas apanhaste, ó 31?

— Hum?

— Quantas chupastes?

— 15, respondeu Adrião. Sete na mão esquerda e oito na direita.

Outra voz disse do lado:

— O Alvarenga apanhou mais...

— Vinte! disse outra voz.

— Qual vinte — trinta é que foi!

101, de-gatas, punha agora a palma das mãos no cimento frio do chão.

— Faz o mesmo, disse para Adrião. Isto refresca e tira o sangue pisado, tira as nódoas.

Adrião pôs as suas mãos no cimento, mas logo as retirou com um gemido.

— Ah, é porque foi pouco: mija-lhe mais! Força!

— Se não tens mais, eu faço, disse o Trinca Espinhas oferecendo-se.

CHOROU ÁGUA...

No meio de uma roda viva, sob a grande tamareira do Recreio, o Pina, empertigado, relatava os acontecimentos da véspera. O seu gesto era largo e a pala-

J O A Q U I M F E R R E R

vra fluente. De quando em vez, fazia uma pausa maior e mostrava ao círculo a palma das suas mãos avermelhadas.

— Comi nas duas, ali à preta! Mas antes foi o interrogatório... Aguentei ali a pé firme, sem chiar, ali!... Já quando o meu trisavô D. Rodrigo...

— Ó Basófia, essa do D. Rodrigo já não pega. Conta mas é aquela do naufrágio, quando tu vinhas da Banda di Lá...

— Ah, essa parece-me que já contei... Mas, não tem nada que ver com aquilo de ontem, paziada... Mas se vocês querem... Não deitei nem uma lágrima!... Se vocês querem... eu conto tudo desde o princípio?...

Depois, o Pina, tomando de novo o fio ao discurso, prosseguiu, explicando a maneira como o Pad Lopes o tinha agarrado, os olhos que ele, Pedro Pina lhe tinha lançado... Depois, contou como o Pad tinha ficado «que nem uma bicha», quando ele lhe dissera não saber porque artes mágicas tinha a mala quasi cheia de Texas Jackes e outras «obras de aventura». Tinha dito ainda que se não fosse ter estudado os «métodos de Sherlock Holmes» não poderia ter impedido o Quadrado das Forças de ter «removido o corpo»... E o Pina olhou por cima das cabeças, ao longe. Encostado ao muro, solitário e mudo, estava o João da Bodiosa, meditabundo, com uma atadura branca na cabeça.

I L H A D O I D A

No outro canto do Recreio, alguém perguntou ao 31:

— Pá, diz que aguentaste menos mal. Mas sempre pingaste a lágrima...

Adrião teve um sobressalto.

— Eu? Chorei nada! Apanhei quinze...

— Mas tens os olhos inchados, pá... Choraste que nem uma mulher...

— O Alvarenga, sim, esse diz que nunca chorou! Aquilo é que era, o Alvarenga! Nem uma lágrima!

— Eu também não! exclamou Adrião corando.

— Qual não! A tua cara ainda cheira à lágrima.

Outra voz disse:

— Estes chorincas...

101 chegou, rompendo caminho.

— Eh! malandragem, não chateiem. Eu cuspo na cara do primeiro! Xiça!

— Vá lá, ora cospe! desafiou o Kagafortes esticando o pescoço.

101 tornou:

— Eu só queria que vocês chupassem quinze! E tu, ó Kaga, é melhor não pores cá outra vez a fuça a jeito, senão vai mesmo no meio da tabuleta. E tomando Adrião pelo braço: Anda daí pá, larga-me estes chatarrões!

Balão veio atrás deles, de monco caído. Adrião parou e disse-lhe:

— Tá bem. Chorei sim, mas chorei *água!*... Não foi lágrimas de mulher, não!

A CADELA

Decidiu fugir.

Que tristeza, que imensa tristeza ia no seu coração.

Haveria outro remédio senão fugir? Que teria ele feito, para estar ali preso entre aquelas desoladas paredes cinzentas? Ele nascera livre, no meio das Serras, onde se podia respirar o vento-barbeiro dos vales, onde se podia *fugir* em todas as direções. Na sua terra não havia paredes que prendessem daquela maneira. Esse tempo do «quarto-escuro» já ia longe como um mau sonho. Hoje ria-se do quarto-escuro. Um pontapé — e pronto! Agora o quarto-escuro era outro.

Em Rampagodos havia a largueza dos horizontes. Só ao longe havia uma linha alta da Serra azul: mas dava até vontade de lhe subir acima! E para além da Serra, havia novos horizontes, novas terras e novas gentes.

Quantas vezes, ele se lembrava agora da impressão que lhe causavam aqueles montes, que mesmo lá longe lhe barravam a visão das terras sem fim. Ele queria subir até aos píncaros mais altos a ver o *outro lado*. Como ele amava o *outro lado* das coisas! Desfazia, dantes, os brinquedos para ver o outro lado — o *dentro*. E se ele estava por dentro — queria ver o *por fora*.

Mas, tudo o mais eram fantasias comparadas com a realidade estreme das palmas das suas mãos, onde se

I L H A D O I D A

desenhavam ainda a roxo os cinco buracos redondos da Menina...

E não podia ver aquilo, sem que lhe subisse uma onda de raiva destruidora. Sentia desejos de *arrebentar* com alguma coisa!

Havia de fugir, sim; mas primeiro havia de deixar *a marca* fosse no que fosse!

101 e Balão Cativo, todos três a um tempo, queriam *arrebentar* com alguma coisa!

— Eu hei-de *arrebentar* co’Pad Lopes, berrava 101.

— E eu, eu cá hei-de esgalhar o Palito! grunhia o Balão. Vocês sabem que o gajo não me grama!

Adrião acordava da sua raiva e replicava numa voz surda.

— E eu quero *escavar* a porta — e fugir! Não posso mais aturar esta Cuia!

— Nem eu!

— Mas olhem lá, vocês já pensaram na estuporada Cadela que berra que nem uma danada?!

— Lixa-se a Cadela!

— Corta-se! quebra-se! trinca-se! Eu comia-lhe até o *coração*! E as tripas!

— Pois sim, disse Adrião. Mas o que é preciso é a gente pô-la de patas ao ar cá em baixo!

Ficou decidido. «Primeiro era preciso pô-la cá em baixo de patas ao ar». Tinha de se esperar uma ocasião em que o contínuo Amândio Badalo tivesse saído aos recados. E tinha de se armar no Recreio o

J O A Q U I M F E R R E R

competente barulho para *amarrar* o Palito Macho. O Trinta e Nove dos Touros mais o Trinca Espinhas e o Kagafortes estavam encarregados do sarilho no Recreio, enquanto os três no corredor tratariam da saúde à Cadela.

— Ou agora ou nunca! exclamavam todos três animando-se uns aos outros. E cá debaixo fixavam o odiado campainhão denunciante, instalado por cima do portão da entrada.

Balão Cativo, escachando as pernas grossas como toros, disse, batendo nas ancas:

— Aqui!

Lá fora, no pátio do recreio, era como se tivesse rebentando revolução.

— Eia, caramba, aquilo parece mesmo a sério.

— É o Kagafortes! Tem goela!

— Ih, Balão, fêz 101 saltando-lhe em cima. Num instante estava-lhe encarrapitado nos ombros.

— Agora eu.

E Adrião, cuspindo nas mãos, começou a difícil escalada. Pondo um pé na maçaneta do portão e outro na barriga de Balão fazia um esforço para trepar. Lá de cima 101 deitou-lhe a mão à gola do casaco.

— Aguenta Balão! Ai Balão!

E Balão Cativo estremecia que nem um comboio, mas as suas pernas grossas como cepos não vergavam.

Adrião, numa última guinada, encavalgou-se nos ombros de 101. E, rangendo os dentes, numa raiva, deitou as unhas ao grosso campainhão.

I L H A D O I D A

— Tenho-o aqui! dizia ele rilhando os dentes.

— Anda-me co'ela!

— Desenrosca!

Adrião suava, agarrado de ambas as mãos como garras, ao campainhão detestado. Suava, torcia, ros-nava. Balão Cativo, na base da torre, levava constantemente a mão sapuda à testa, limpando grossas bagas de suor. 101 rebentava de impaciência. Mas o campainhão não cedia.

De repente soou um assobio prolongado. Era o sinal. Tinha acabado o barulho no Recreio.

— ‘Pressa! ‘Pressa!

Na travessa do corredor que dá para o Recreio ouviram-se passos. E outro assobio ressoou pelo corredor afora.

Num instante desfez-se a pirâmide. Olharam uns para os outros. Adrião, desolado, mostrou as mãos vazias. No cotovelo do corredor surgiu a figura negra e sebenta do Prefeito Palito Macho.

Adrião ainda teve tempo de murmurar surdamente:

— Por um cagagésimo! ‘Tava quási!

O Prefeito aproximou-se.

— O que é que *estava quási*? O que estavam os senhores aqui a fazer, todos três de uma só vez?

— Quatro! exclamou 101: Este aqui é o Balão: conta por dois! E teve um sorriso de mofa.

O Prefeito descarregou-lhe logo a mão num ombro.

— O senhor 101 logo de joelhos no estudo da noite e amanhã durante o passeio, de joelhos no corredor!

J O A Q U I M F E R R E R

E quási sem pausa prosseguiu: E os senhores 31 e 46, o que estavam aqui a fazer?

— O mesmo que o 101, respondeu Adrião.

— E eu o mesmo que 31, exclamou Balão muito sério.

O Prefeito gritou enraivado:

— Tudo de castigo, hoje e amanhã durante o passeio... Todos três!

— ... *Duma só vez*, senhor Prefeito?

Palito Macho voltou-se de um salto:

— Senhor 101, mais dois dias de joelhos em suplemento!

E Palito Macho fez meia volta. Mas logo se reteve e tornou a inquirir com voz forte: Mas... mas os senhores ainda não declararam o que estavam aqui a fazer todos os três ao mesmo tempo?

— Foi um acaso, senhor Prefeito.

— Coincidências! exclamou 101, sorrindo.

— Ou os senhores declaram tudo, ou os conduzo imediatamente ao Senhor Diretor. Agora escolham...

— Eu... eu ia aos *mictórios*.

E 101 sublinhou a palavra difícil.

— E eu também.

— E mais eu!

Palito Macho amaciando as mãos uma na outra, condenou:

— Hoje no estudo e amanhã todo o dia de castigo, de joelhos. Já sabem que está expressamente proibido

I L H A D O I D A

pelo Senhor Diretor ir aos urinóis mais do que um de cada vez!... E o Prefeito concluiu a meia voz. Esse gozo há-de acabar!... Para o sr. 101 acrescido de 2 dias suplementares.

— Muito bem, senhor Prefeito. Se quiser fico mais um ...

— Ai sim? Pois então fica mais dois para aprender...

— Óquei!

MISTÉRIOS

Quem poderia acreditar que em Crispim houvesse três rios? E, no entanto era a pura verdade, se bem que a um só dessem o nome de Rio. Aos outros dois chamavam-lhe o Ribeiro e a Ribeira. A Ribeira tinha mais peixes mas o Ribeiro levava mais água.

Bem visto, porém, todos três eram rios, e no inverno em todos três havia cheias de águas barrentas, onde se podia então pescar à sertela a bela enguia.

Porém, como ninguém acreditasse que em Crispim houvesse três rios, Adrião falou então do Castelo onde vivia a Moura Encantada. O Castelo! na verdade ele só tinha umas três paredes em pé e mesmo dessas três só uma tinha sete ameias. Mas que ameias! Umas ameias que bastavam para se *ver* perfeitamente que por ali tinha o Dom Afonso amarinhado, gritando naquela noite — *Portugal e Santiago!* Quem fechasse os olhos por um instante, sobretudo à meia-noite, podia ver perfei-

J O A Q U I M F E R R E R

tamente o Dom Afonso, à frente dos Cristãos, com o pendão numa das mãos e o montante na outra a espalhar moirama e aos gritos de *Real! Real!*

Adrião também contou que ainda agora se podia ver naquelas pedras um lustro especial que sem dúvida nenhuma era do azeite a ferver que mouros e cristãos deitavam uns por cima dos outros. E, até, em certos dias, quem pela tardinha cheirasse entre as pedras sentia vir-lhe ao nariz um cheirão a pez que era também ainda do autêntico daquele tempo.

E, mais ainda, quem uma só vez tivesse visto e cheirado tudo aquilo, já nem precisava de lá voltar: bastava só fechar os olhos e esperar que as coisas viessem por si...

E a cisterna? Isso sim, que merecia realmente a pena ser visto... Ainda hoje lá estava no meio das três muralhas derruídas, atulhada até à boca. Por cima do entulho crescera um emaranhado silveirão, donde saíam aqui e ali certas plantas estranhas e retorcidas, que nunca davam flor, nem jamais ninguém vira crescer por fora dali. Já alguns tinham tentado transplantá-las noutros lugares, mas as folhas verde-negras ganhavam uma espécie de sangue que no sítio onde pingasse jamais árvore ou erva voltaria a nascer!

Adrião, ele próprio, já por mais de uma vez tinha aproximado a cara da boca da cisterna: e então, sentia escapar-se lá das profunduras uma estranha corrente de um ar frio que não se podia explicar... Toda a gente

I L H A D O I D A

sabia, no entanto, que do alto do Cabeço, onde se abria aquela negra bocarra, até ao Rio, passando por debaixo da Ribeira, seguia um túnel, por onde naqueles tempos passavam os cavalos dos Mouros que iam beber na Poça Funda.

Mas quem se atreveria hoje a desentulhar aquele túnel? Uma desconhecida, uma enorme Desgraça cairia sobre o profanador, sobre Crispim, sobre o Mundo inteiro!

— Mas o quê? perguntavam os outros.

E Adrião cheio de um terror sagrado, respondia só, num murmúrio fundo:

— Não sei. Ninguém sabe!

...

... Só o que ele sabia é que numa daquelas muralhas, à altura de dois homens, havia uma inscrição cabalística que já era revelha no tempo dos Afonsinos. Estaria ali a chave de tanto mistério? Dizia-se que sim: quem a lesse poderia saber Tudo e conhecer a Desgraça pendente sobre o Mundo. Mas aí daquele que a lesse — cairia redondo num instante!

Por isso, desde que os tempos são tempos, jamais ninguém ousara decifrá-las, e para todo o sempre ali estariam as letras, enigmáticas, tentadoras e perturbantes.

E Adrião descrevia o feitio de algumas delas, feitos estranhos de que ele temia às vezes uma súbita compreensão. Eram assim e assim... uns arabescos, umas curvas, uns rabiscos...

J O A Q U I M F E R R E R

Era felizmente um mistério!

Uma voz do lado sugeriu que, quem soubesse palavras cruzadas...

Mas, não. Nem todas as palavras cruzadas deste mundo e do outro...

Era felizmente um mistério!...

UM NOME DE ESTREMECER...

Em Mendoeira de Cima, que era a terra de Trinca Espinhas, havia coisas extraordinárias. E Trinca contava a história de Cirenéu, o maior salteador das léguas todas à roda...

— Léguas da Póvoa! exclamava num gesto grandioso.

E contava e recontava os piores feitos, as mais tremendas façanhas do herói. Qual! não havia prisão nem grades que lhe resistissem! Na cabeça de Cirenéu ferviam mil ideias para uma só evasão. Era o Cirenéu, o maior de todos os tempos!

Em coisas daquele género, diga-se a verdade, não havia terra que levasse a palma a Mendoeira de Cima. E só porque tinha o Cirenéu!...

Mas, não! Crispim não havia de ficar atrás. Qual! Crispim não era menos do que Mendoeira de Cima, não era menos do que terra nenhuma! Era preciso fazer ver que ali também havia salteadores de alto lá co' eles!

I L H A D O I D A

E Adrião pediu para falar. Calou-se o Trinca Espinhas e Adrião começou:

— Eh... de uma vez, era mais noite do que o breu... e eu há um bom bocado que já estava deitado... estava a sonhar por sinal que lia lindamente a tal Pedra Escrita, a do Castelo... Felizmente que era só a sonhar... de repente dei um salto na pildra! O meu coração parecia um cavalo: truca-tuc! truca-tuc! Eu primeiro nem sabia bem o que era, nem sabia se estava acordado ou a sonhar... Mas vi a porta a dar de si... a chiar — bolinhas! Eu não podia gritar... aqui, tinha um nó na garganta... e não podia esconder-me ... e nem fugir!...

... Era ele com certeza... Eu sabia que ele tinha fugido da penitenciária... — que miúfa! e era concerteza ele, o Zé Bonito!!

Mas Adrião estacou, surpreendido, no meio daquela gargalhada geral. Por que se riam eles? Aonde achavam eles a graça? Aonde? Porto!

Mas eles não queriam saber, e riam-se, riam-se a faltar...

Até que o Trinca Espinhas pelo meio das gargalhadas, foi dizendo aos saltos, que um Zé Bonito... um Zé Bonito... (E fungou de riso) Quem podia acreditar num salteador com tal nome? Que um assim nem mesmo podia haver... Ih! ih! ih!

Adrião levantou-se, indignado. Garantiu. Barafustou. Mas não o deixavam explicar... Jurou! Mas

J O A Q U I M F E R R E R

ainda assim havia de explicar: e disse as vezes que ele estivera na Penitenciária... e até na Costa d'África. Era dos jornais! Bastava ir a Crispim e perguntar ao primeiro... Mas nem era preciso ir a Crispim, bastava saber ler. Qualquer jornal trazia o retrato dele e a vida dele inteira! Xiça! E ele conhecia-o. Já o tinha visto! não era preciso mentir...

Estava bem: podia ser que na tal noite não fosse o Zé Bonito... Podia ser que fosse apenas o vento... — ainda admitia.

Mas nem por isso o Zé existia menos! Menos!

Ah! eles não acreditavam?

Pois bem, ele havia de trocar o nome ao Zé Bonito e então eles veriam se podia ser ou não.

Havia de ser um nome de estremecer!...

ATÉ QUE UM DIA...

Na verdade, ele nunca tivera muito má opinião da sua pessoa. Mas agora sabia até que não era de todo feio. Sabia mesmo que tinha *uma certa beleza*, um certo ar. Ele não era parvo nenhum e percebera bem o que o Serafim Leitão lhe dissera, se bem que fora só por meias palavras. Que o Serafim era muito daquelas coisas...

O Serafim chamara-lhe também «pecegote» e isso não tinha sido por meias palavras. Não, tinha sido

I L H A D O I D A

assim mesmo. Fazia já um certo escuro no corredor, quando o Serafim, estacando na sua frente, lhe dissera aquilo ao mesmo tempo que lhe passara a mão pelo corpo. Àquela palavra, é verdade que Adrião ficara um tanto embaraçado, mas o que também é certo é que sentira um certo orgulho!

E agora todos os dias não lhe saía da ideia a figura simpática do Serafim Leitão, murmurando-lhe ao ouvido coisas bonitas. Às vezes, até, em certos sonhos, parecia-lhe que o Serafim usava saias! — mas seria mesmo o Serafim ou não seria antes mulher com uma cara aproximada do Serafim?

Ele sabia que nunca ninguém tinha gostado dele tanto quanto o Serafim Leitão. Nem mesmo a sua família, nem nada que se parecesse. Aquelas palavras do seu amigo eram decerto raras. E também raros, concerteza, eram os inúmeros presentes que lhe dava o Serafim. Ele eram chocolates, selos estrangeiros, (o Serafim colecionava), eram lápis, borrachas, cigarros feitos, e mesmo outro dia lhe dera um da Baía autêntico! Adrião ainda o trazia no bolso, porque só o ia fumando aos poucos, para não «embebedar»...

O Serafim Leitão era dos mais adiantados: andava já no 5.º ano. Adrião gostava de acompanhar com ele porque o Serafim era dos *grandes*, tinha já os seus 17 anos e tinha buço. Além disso o Serafim contava-lhe coisas interessantes, coisas de romance e outras sem

J O A Q U I M F E R R E R

ser de romance. Ele nunca tinha ouvido falar tão bem como o Serafim.

Até que um dia...

Naquela tarde, estava um grupo num canto do Recreio contando histórias verdadeiras. Cada um metia a sua, fazendo-a valer o mais que pudesse.

Ora, Adrião há muito que tinha percebido que as histórias de mulheres davam prestígio. Ele, é certo, não sabia propriamente histórias de mulheres mas talvez pudesse, ainda assim, contar alguma coisa.

E lembrou-se de quando em Rampagodos, dantes, ia a casa do senhor abade João. Às vezes, quando o abade lá não estava, Angelina fazia as honras da casa. Adrião seguia atrás da moça.

— Venha daí, Driãozinho, e puxava-o pela mão.

Ele já sabia para onde era a ida. Ela, à frente, abria o alçapão que dava para a loja onde estava a arca das avelãs. Adrião já sabia distinguir no meio daqueles baús de roupa branca, a arca das avelãs.

Angelina sorria, arregaçava o saiote encarnado e agachava-se.

— Pegue aqui, dizia ela passando-lhe uma mão cheia de nozes e avelãs. Porque também lá havia nozes, ólarila! No entanto chamavam-lhe a arca das avelãs.

Depois ela tomava, a escadinha, e então Adrião, atrás, ia-lhe vendo as ligas naturalmente. Ai, que vergonha! Corava. Mas ao mesmo tempo não sentia uma

I L H A D O I D A

vergonha por aí além pois não, nem por isso. E tanto assim que, ele sempre que podia, gostava de ir às nozes atrás da Angelina, não só por causa das nozes, como também por causa das ligas e das avelãs.

Agora sabia que dava prestígio ter visto pernas! E êle contava cenas de pernas... Pois não tinha ele visto as da Angelina? Pois, pois...

— As da Angelina até às ligas... até pra cima das ligas!...

O grupo à roda ouvia aquelas confissões íntimas. Adrião fazia um gesto de quem olha para cima... e revirava os olhos.

— Olhem, ela ia assim, mesmo por cima da minha cabeça. Oliósque! E vi ainda mais pra cima das ligas...

— Ainda para cima? perguntavam eles de olhos redondos.

— Muito pra cima... até onde não se vê *nada!*

— Uh! Mas o que é que tu viste?

— Vi tudo, paziada; ali à brava, ali à preta!

Até que um dia...

Adrião estava sozinho no seu quarto. Escrevia uma carta como se fora dirigida a alguém que êle amava e não conhecia. *Ela* havia de ser assim e assim... *Ela* havia de ser bonita.... *Ela* havia de ser... — ele sabia lá! Pois se ele a não tinha visto ainda!...

E apurando a sua melhor caligrafia, começou:

Meu querido amor

J O A Q U I M F E R R E R

E agora? Gomo se escrevia uma carta de amor? Era tão difícil saber namorar! E ele repetia: *Meu querido amor... Meu querido amor...* E embicava o lápis no queixo.

É boa! Parecia-lhe aquilo dirigido não a uma mulher mas a um homem! *Querido amor* era sem dúvida masculino... E veio-lhe à ideia a imagem de Serafim Leitão que dizia coisas tão *interessantes*, como se na verdade andasse ali amor!

Sentiu abrir-se a porta devagarinho. Ele teve um sobressalto. Era Serafim Leitão! Adrião mal teve tempo de meter a carta no bolso dos calções. Mas Serafim percebeu e quis ler.

— Não! Não! disse com força. Serafim pegou-lhe no braço, agarrou-o, foi-lhe passando a mão cariciosa de bolso em bolso.

Adrião repetia:

— Não! Não!

Mas numa enorme confusão de sensações tomava gosto em que o seu amigo desconfiasse de si e violasse o segredo dos seus bolsos. E não demorou que Serafim achasse. Tomou um ar displicente e começou a ler a meia voz: *Meu querido amor*.

— Para quem era? perguntou.

— Não sei! -

— Como, não sabes?

E Serafim não acreditava que ele não soubesse. De repente exclamou:

— Era para mim!

I L H A D O I D A

Adrião olhou-o e viu que ele falava a sério, Desenganou-o.

— Não era. Já te disse que não sei...

— Sabes, sabes..., murmurou Serafim agarrando-o pelos ombros. E baixinho falou-lhe ao ouvido. E das mãos seguia as palavras.

Adrião furtou-se. Gritou surdamente:

— Não! não! Deixa-me!

E fugiu pelas escadas abaixo. Foi apanhar o sol no Recreio, meditando.

— «Não quero! Não quero!»

Sentia-se triste. Nunca pensara! O seu amigo!...

E agora sabia só que o perdera. No fundo do bolso dos calções sentia a lâmpada elétrica que há uns dias o Serafim lhe tinha oferecido. Mal empregada! Ia devolver-lha. E acendeu-a no fundo do seu bolso escuro. Queria fazer luz pela última vez.

O CABO NÃO

Aquelas últimas três semanas custaram-lhe a passar. Andava de longe, sozinho, mirando Serafim Leitão. Que dias longos! Quanto mais próximo vinha o dia ansiado da partida, mais esquivo ele se mostrava. Era como, noutros tempos, quando ele caminhava para a lua nalguma estrada de Rampagodos, e o astro misterioso se furtava à sua frente. Como ele se desesperava

J O A Q U I M F E R R E R

então e apetecia-lhe ter asas de gavião, ou de mocho, porque era de noite, — e alcançar a fugitiva.

Aquele ano fora uma confusão na sua cabeça. O fim-do-ano! Faziam-no estudar a mata-cavalos. Obrigavam-no a passar horas esquecidas de cabeça pregada nas páginas de um livro. Sacrificavam-no ao tal fim-do-ano. Ai que sono e que desespero! Como era difícil a vida. Pf!... Suava. Lá fora estava um calor, e ele tinha de passar os dias a decorar, a decorar — a *empinar*.

O francês, ai o francês. Aqueles verbos! E as exceções, as excomungadas que saltavam às dúzias de trás de cada página! Era uma perseguição. Era uma doença.

Era preciso arranjar notas. Pad Lopes ameaçava cortar-lhes as férias. Tinha de esquecer o mundo, o vasto mundo. Tinha de suspender os seus melhores pensamentos, tinha de os empurrar para trás das costas — e atirar-se ao *verbo*. E o verbo era tudo que *eles* exigiam da sua cabeça.

Já pelo casarão inteiro se sentia ferver aquele bulício irreprimível que anuncia o tempo de férias. Porém aquilo era entremeado com os longos estudos, esfalfantes, incertos: e era uma alegria pela boa-vida próxima que os esperava, mas era uma alegria que ficava para além de um temeroso cabo Não. E essa estranha mistura refletia-se em cada peito.

Todos esperavam o dia em que deixariam para trás o casarão triste e frio de S. Caetano. Todos ansiavam

I L H A D O I D A

pelo sol, pela liberdade, e pelos bolos das titis. Haveria alguém neste mundo que não tivesse titis? E como elas sabem de bolos e licores!

Já pouco faltava. E já perto se avistava o tal fim-do-ano. Mas aqueles dias pareciam não mais acabar. Seriam as semanas todas iguais? Não parecia.

Apre! O tempo chiava como um carro de bois.

O AEROSTATO

Chegaram a Coimbra no comboio do meio-dia. O papá tinha vindo a ler o jornal todo o tempo, e Adrião também não quis tocar *no assunto*. Na mesma carruagem, ao lado, assentava-se um padre enorme, com umas papadas gordurosas descendo muito abaixo da queixada e que ele limpava de vez em quando ao tabaqueiro vermelho. Duplicando o queixo, uma barbela espessa, cheia de refegos, ligando as duas papadas. Adrião considerava aquele imenso carão absorvido nas páginas de um livrinho de nada cor de castanho, lavrado. Papá, do outro lado, não desferrava os olhos do jornal. Só Adrião entre os dois ia de mãos a abanar, deitando o olho ora a um ora a outro. E sentia-se amarfanhado entre aquelas duas torres. Fazia um calor abafadiço. Adrião suava, bufava. Puxou do seu lenço e fez como o padre. Agora o padre pigarreava num estrondo espantoso; levantou-se, lentamente, deitando a

mão ao porta-bagagem e roçou a coroa no teto da carruagem. Pegou no fecho pendente de metal amarelo e com um estalido fechou as páginas do livrinho. Depô-lo cuidadosamente no assento estofado e dirigiu-se ao postigo. Cuspiu largo. Adrião, entretanto, não se conteve que não passasse o dedo na encadernação, acariciando a bela cor escarlate das páginas fechadas. Mas logo retirou a mão à pressa, quando ouviu de novo estrondear. O padre regressava do janelo e o comboio apitou três vezes. Começou a querer parar e o padre veio assentar-se com um ah! de satisfação, limpando os beiços na manga do guarda-pó. Nesse instante o homem da máquina deu o último apertão nos freios, e Adrião sentiu o corpanzil tremendo do padre alastrar por cima dele; o carão enorme aumentou bruscamente de volume, lançando-lhe às ventas um bafo morno de comidas e tabaco. Adrião quebrou-se todo sobre o papá, esmagando o jornal, numa ânsia de escapar àquele desabamento inesperado. Felizmente, Adrião achou-se escapo daquele desastre e respirou fundo, enquanto o papá repetia «Ora essa!» às desculpas do padre.

— Coimmmbra! Coimmmbra!, berrava aquela voz roufenha na gare da estação.

— Ora cá estamos!, fez o papá, dobrando o jornal.

— Cá estamos! repetiu Adrião fazendo voz de gente. E logo saltou do estribo todo contente.

O padre enorme vinha atrás por cima da multidão em grandes pernas e Adrião de vez em quando

I L H A D O I D A

deitava-lhe um olho medítabundo. E atropelava gente e de novo recomeçava a marcha a reboque. Diabo! tinha uma ideia esquisita: se aquele homenzarrão fosse seu pai, ele, Adrião, seria concerteza, muito maior!... No entanto o seu verdadeiro pai caminhava à frente, e Adrião ainda pensou em lhe perguntar por aquela ideia... Mas êle ia direito ao balão e não quis embrulhar...

Por acaso, e nesse mesmo instante, o papá perguntou muito descansadamente:

— Então onde é esse balão?

— É por aqui... por ali... a Calçada... umas escadinhas... passada a loja onde se compra o queijo da Serra... E logo num alvoroço: Eu ensino, papá, deixe lá que eu não me engano! E pegou na mão do papá, contente por ser ele a dirigir. Caminhava dois passos à frente rebocando o papá. E ia dizendo:

— Ainda não é aqui. Ande, venha. Mais depressa, mais depressa!

Finalmente chegaram. Adrião, limitou-se a estender o braço e o dedo espetado muito na ponta do braço. Murmurou comovido:

— Ali!...

Entraram. E enquanto iam entrando Adrião não despregava os olhos do balão enorme que se balouçava por cima da porta. Respirava mais depressa, já no antegoço do que seria aquela beleza entre as suas mãos.

— Ora então quanto custa o aeróstato? perguntou o papá.

J O A Q U I M F E R R E R

— O aeros... quê?... fez o comerciante surpreendido.

Depois fez-se a discussão do preço; e finalmente o enorme dirigível foi empacotado para Rampagodos. Ficou tudo em 50 escudos. «Um dinheirão!» diria depois a mamã, quando viu o aeróstato.

SINOS A REBATE

Nessa noite Adrião quis dormir com o balão no seu quarto. No dia seguinte, logo pela manhã cedo, anunciou em Crispim que à noitinha, depois do sol-pôr subiria o aeróstato no Terreiro do Chafariz.

Mal bateram as trindades não se falou noutra coisa.

— Eh, paz, diz que não é um balão?

— Êle chamam-lhe o *airotrato* ou lá o que é...

— Que é uma coisa de estrepassar... com lume lá dentro!...

Ao fundo da estrada, que vai dar ao Terreiro do Chafariz, movia-se no crepúsculo da tardinha um grupo de vultos. Adrião, O-da-Ponte mais o Manelão e o Xico seguravam o enorme balão, espapaçado como um bacalhau. O Xico assobiava entre dentes o «Ai ó linda» e o Manelão empunhava a garrafa do petróleo, enquanto O-da-Ponte trazia enrolada ao pescoço uma estriga de estopa lanzuda. Só Adrião segurava com ambas as mãos o seu Aeróstato.

I L H A D O I D A

Os outros chamaram-lhe *Airostrato* e Adrião quis que ficasse escrito esse nome, mas o papá optou por *Aeróstato*, dizendo que se não devia estragar a pureza da língua... E o papá passou um bom bocado da manhã a escrever a palavra em letras garrafais no bojo do balão. Durante a operação o papá falou em dirigíveis e Zepelins. Adrião quis logo que lá ficassem escritas mais essas duas palavras. Mas não havia lugar e o balão ficou só *Aeróstato*.

Pela borda do tanque do Chafariz sentavam-se mulheres, conversando acerca do que se ia passar...

O Chafariz era alto: uma coluna que terminava numa grande bola de pedra. Pois encarrapitado na bola estava o Raistapartam com um riso atravessado naquela cara feia.

Entre três varas ensarilhadas prendeu-se o balão, que em breve começou a inchar, sobre a fogueira que lhe fizeram à boca. O Manel Sapateiro mais o Almiro da Esquina e o Caio da Ponte ajudavam todos três.

Sobre o Terreiro pairava grande expectativa.

Mulheres e mulheres e mais gente foram chegando. O Cristóvão dos bois parou o carro, pôs o aguilhão entre os chifres dos animais e veio afirmar-se no balão.

A certa altura, já a barriga do *Aeróstato* estava três dobros do que era, começaram a levantar-se uns rumores no tanque do Chafariz.

Lá em cima da bola o nariz do Raistapartam arreganhava-se de mofa. Apoiada no muro do tanque

J O A Q U I M F E R R E R

erguia-se, gesticulando, a viúva do Camarracho. O seu pescoço, insolente, cortado de refegos, fundos e negros inchava de raiva. Ela empertigava-se, discursando, a meia dúzia de mulheres entre as quais a viúva do Anastácio, mais a Maria Marranca, a do S. Tomé e a Cabralinda. Também a certa altura chegou o Carvalhinho, que logo se pôs a falar muito animadamente com a viúva do Camarracho. Entretanto o balão inchava.

— Mas que rai'de falatório pr'ali! resmungou o Manel Sapateiro, enquanto atiçava o lume. Ih! c'um 'stapôr, ó Driãozinho, isto é que é um balão!

O-da-Ponte de ventas no ar chegou a dizer que não se importava até de ir agarrado ao balão para ir deitando o petróleo...

O Almiro da Esquina, que tinha estado no Brasil já por duas vezes, considerava o tamanho do balão e dava a palavra d'honra que o *bicho* havia de ir mais alto do que o Pão-de-Açúcar!

Ó Almiro, exclamou o sapateiro, tu nunca viste o Pão-do-Açúcar!....

Felizmente que estava ali o Caio da Ponte para apartar. É que o Almiro não admitia que o contradissem em questões relativas ao Brasil, sobretudo atirando-lhe assim cara a cara que ele nunca tinha visto o Pão-de-Açúcar! Era o seu termo de comparação favorito. Chegava a dizer que só o Pão-de-Açúcar era mais importante do que a Vessada Larga do Nunes

I L H A D O I D A

a Bica e que era a melhor terra de regadio em todo o concelho! Enfim, comparações...

A viúva do Camarracho mergulhou ambas as mãos no tanque e seguida por mais umas poucas, rompeu caminho em direção ao dirigível. O Carvalhinho seguia logo atrás da viúva.

Aí a cinco passos do balão parou a viúva e logo atrás dela parou tudo o mais. Ela, então, furiosa, agarrou no avental cor de casca de batata e assoou-se ruidosamente. A Cabralinda fez o mesmo e a Anastácia o mesmo fez. Depois a viúva pôs-se de mãos nas ancas, e ficando um bom pedaço calada, mirando o balão de cima abaixo.

— Isto! apontou ela desdenhosamente. Isto é pra vocês deitarem no ar?... É? E começou a subir o tom de voz. Pra quê? e pra quê?... Andem! pra quê?... Cuspiu. E a Cabralinda calcou-lhe o cuspido no chão.

Logo atrás dela se fez ouvir a voz do Carvalhinho, cana rachada:

— Olhem, sabem pra quê? sabem? Pois pra deitarem o fogo aos telhados, aos altares e à igreja!

De novo estrondeou a viúva:

— Querem-nos fazer em torresmos! querem? malandros! Malandros!

E a voz do mulhierio repetia num estrépito:

— ... Querem? querem? Malandros! Malandrage!

J O A Q U I M F E R R E R

A Cabralinda trouxera entretanto um porrete que passara às mãos da Camarracha. Outras mulheres surgiram armadas de grandes empas e a do S. Tomé trazia mesmo um ancinho aperreado na mão. O Raistapartam saltara num instante lá de cima e daí a pouco estava mais uns poucos da Volta da Costa rodeando o balão.

— Abaixo o Airotrato! Morra o Airotrato!

O Almiro da Esquina fez peito frente à viúva e garantiu que a esborrachava de uma punhada se ela avançasse mais um passo! Mas já do lado das mulheres apareciam uns tantos moinantes mal encarados. A viúva empertigou-se toda a tocar dos seios enormes o arca-boiço do Almiro. E dando enormes palmadas nas ancas, berrava-lhe às orelhas:

— Pois há-de ir abaixo! Há-de ir, ou não seja quem sou! Malandrage!

A Cabralinda entrou a gritar que o Almiro até roubava nas medidas e que o bacalhau dele era podre! E que o vinho dele tinha água e que o grão tinha gorgulho!... E que o pai era a mesma coisa! e o tio de Rifães!... O Raistapartam, à frente dos seus, insultava o balão, enquanto o Carvalhinho, encoberto pelo enorme corpanzil da viúva, bradava que se fosse preciso até os sinos tocariam a rebate!

— Há-de ir abaixo! Morra! Queima-se!

— Arrebenta-se o Airotrato!

E o círculo do povilêu ia estreitando à roda do balão.

I L H A D O I D A

Adrião, cheio de raiva e de medo, tremia por si e mais ainda pelo seu querido balão em perigo. O Xico, sorrateiramente, ia atafulhando as algibeiras de pedra grossa. Manelão já estava a meio caminho entre os do balão e os da viúva, indeciso. O-da-Ponte atiçava o lume e de repente com um tição aceso começou a traçar riscos no ar. Manel Sapateiro abriu muito os olhos e a sua cara decidida contraiu-se num meio riso. Abaixou-se, agarrando um chamiço em brasa, e logo atirando-se para a frente ensarilhou-o no ar. Bruscamente a mole de mulherio abalou-se e abriu fendas num instante. Pelo ar andavam rabiando rastros de fumo e de fogo. As mulheres recuavam chamuscadas, bramando como possesas.

O Carvalhinho saiu numa corrida louca, enquanto a viúva recuando passo a passo brandia a moca. Logo todos os do balão se armaram de tições que arremessavam ao largo. E por todo o Terreiro do Chafariz se armou enorme reboliço.

Cinquenta metros em torno fumegavam tições. O grandioso Aerostato estremeceu, estremeceu e começou lentamente subindo. E a viúva na primeira fila dos circunstantes bramava, já enrouquecida, de cacete no ar ameaçando o dirigível.

— Estupor! estupor! Cachorro!

O balão subia, já roçando os telhados do Terreiro, quando subitamente ao longe, da Torre, tombou um repique sinistro de badaladas. O sino grande tocava

J O A Q U I M F E R R E R

a rebate! Fez-se um grande silêncio por toda a praça, enquanto as badaladas ruíam desesperadamente. Depois, estalou subitamente um enorme alarido entre o mulharedo que se comprimia atrás da viúva Camar-racho. Esta avançou em grandes berros, fustigando os ares de cacete em punho. E a onda avançava de novo, olhos fitos raivosamente no balão. As mulheres, excitadas pelas badaladas, e criando ânimo à volta da mulheraça, arrancavam as pedras da calçada e arremes-savam-nas sobre o balão impassível.

— Eh, Almiro, dá-lhe guita, dá-lhe guita! gritava o Manel Sapateiro entusiasmado.

— Eu cá não dizia, rai's ma partam: já quási passa o Pão-de-Açúcar!

Entretanto o Carvalhinho, no meio de três ou quatro mulheres, foi à pressa acordar um vendeiro que lhe vendesse foguetes. Trouxe-os de braçado: e logo o Raistapartam mais outros lhe chegavam o morrão, lan-çando-os contra o Aeróstato num terrível bombardeio. Contudo nenhum lhe acertou.

E agora Adrião, no meio do seu grupo, tomou a estrada que vai a Rampagodos, segurando na mão a guita presa ao dirigível. E, entre as suas mãos encla-vinhadas, o novelo ia-se desenrolando lentamente, e o balão no alto subia.

Grande vozeria se escapava ainda do Terreiro do Chafariz. Depois, pouco a pouco, foi tudo serenando, enquanto no céu negro salpicado de estrelas, mais uma

I L H A D O I D A

estrela corria. Ao fundo, no cotovelo da estrada, como que suspensa, a massa negra de Rampagodos, onde se abriam duas janelas de luz.

Ainda se ouviram ao longe, no escuro, dois berros da Cabralinda.

ESTÁ-SE A ACABAR O CÉU

Adrião volvia os olhos para aquele ponto rubro, que era seu, entre milhões de estrelas que eram de Nosso Senhor.

E que diferença, haveria, ao fim e ao cabo, entre uma estrela e a sua bola de fogo? Pois havia diferença, havia, e não era pequena.

Contudo, o importante agora no céu, não eram as estrelas, nem nada — era apenas o Aeróstato! Era ele era, gastando petróleo, preso a uma guita, que Adrião tinha ali agarrada entre os cinco dedos da sua mão.

Mas a noite ia correndo e Adrião viu que era tempo de trazer à terra o impávido aeróstato.

E o Xico ajudou mais O-da-Ponte. Foram puxando, repuxando, enrolando a guita, como se puxassem um planeta carregado de humanidade e mistério. E o pequeno luzeiro se fazia grande: era já maior do que a lua cheia, quando sobe acima da Serra.

J O A Q U I M F E R R E R

... Mas de repente — ai, de repente, quási lhe escapou das mãos o novelo da guita: e no céu, entre as estrelas, o grande aeróstato correu à desfilada. Era como se fora cometa fugindo, correndo para o infinito.

Todos ficaram estarelecidos.

— Ai! o aerostrato!...

— Mas como é que foi isso?

Adrião mal podia responder. Disse numa voz entrecortada:

— Não que eu não sei. De repente pareceu fugir-me da mão... Ficou mais pesado e começou a correr...

— Foi vento que lhe deu. Enrola, depressa!

Adrião puxava grandes braçadas de guita, enquanto, o balão baixava sobre o horizonte escuro. O Xico, com uma agilidade incrível, enrolava o novelo do cordel.

Manelão, de boca aberta para o ar, seguia o risco do balão, enquanto O-da-Ponte amarinhava pelo tronco de uma cerejeira até ao carrapito. E bradava lá do cimo:

— Ih, c'um raio! Mais depressa, mais depressa que ele foge!

Adrião sufocava. Entre as suas mãos o fio se estava inclinando sem parança para nascente.

— Força aí, força aí! está-se a acabar o céu! Força aí! gritava da cerejeira O-da-Ponte.

Adrião, aflito, inquireu:

Mas olha lá, ele ainda vai alto?

I L H A D O I D A

Oh! *alto*... só faltam dois palmos!... mais dois e cai na Serra! Está-se a acabar o céu, já disse!

...

Adrião não quis largar de mão o fio, que por esses montes e vales ia dar ao seu querido aeróstato. Não pôde mais e rebentaram-lhe as lágrimas silenciosas. O balão, coitado, ia ter de ficar sozinho, por uma noite daquelas, ao relento, para além dos pinheirais nalgum ermo sem nome!

Entrou em casa. Tomou as escadas que vão dar ao seu quarto e encerrou-se à chave. Então, lágrimas verdadeiras, grandes, rolaram-lhe pelas faces gotejando suor. A janela estava toda aberta de par em par. A voz do Xico subiu do exterior:

— És tu?

— Aqui, fez Adrião, batendo a mão na parede.

E o Xico jogou-lhe debaixo o novelo da guita.

As vozes dos três companheiros murmuravam em baixo. E logo depois, da escuridão, subiu de novo a voz do Xico:

— Eh! deixa lá... Rai's partam se a gente amanhã não acha o Airostrato!

— Rai's partam! juraram em baixo mais duas vozes.

— Rai's partam! gritou comovida uma voz da janela.

E caiu um silêncio. Daí a pouco dormia, a mão fora da roupa, segurando um novelo desenrolado até à Serra.

POR MONTES E VALES

De manhã não puderam sair: O-da-Ponte tinha de ir com o burro buscar uns taleigos, e o Xico gastou a manhã na feira da Estremenha, com a porca e uma ninhada de bácoros. Mas havia de vender aquilo depressa, garantiu, e ainda regressaria a tempo para achar o Aeróstato.

Por volta da tarde, Manelão foi o primeiro a chegar. Parou encostado à velha cerejeira. Daí por pouco chegavam Adrião mais O-da-Ponte.

— Raios! ainda cá não está ninguém.

— Eu cá já cá estou! fez uma voz.

Ambos olharam à roda. Nah, era a voz do Manelão!

— Onde estás tu?

E viram-no, de cócoras, em cima da cerejeira.

— Estou a ver... estou a ver se vejo o Airostrato. E Manelão mirava ao longe, com a mão fazendo pala na testa.

E o Xico? Nunca mais chegava. E o sol já ia alto. Ah, lá vinha ele na volta da estrada. Mas não, pelo andar não parecia...

Subiram à cerejeira. E todos três olharam.

— Quem será ele?

Era o Raistapartam. Nem mais. Chegou naquele ar esquisito, meio bruto, meio sorridente, avançando sobre as duas pernas em arco, assobiando entre dentes.

I L H A D O I D A

Todos três escorregaram pela cerejeira abaixo; porém, Manelão ficou-se nas pernas fundeiras. Não que não sabia no que aquilo ia dar...

— Salta cá abaixo, Manelão! exclamou O-da-Ponte.

— Já vou, respondeu o outro a ganhar tempo.

Queria ver primeiro em que paravam as modas.

Mas o Raistapartam vinha sereno:

— Escusam de esperar pelo Xico. Só vem lá prá noite; está uma feira má... Se vocês querem eu vou no lugar dele. Eu cá ontem não era por mal: até gostei de ver o Airotrato no ar...

— E os foguetes? largou Manelão de cima da árvore.

— Quais?... Ah! e acertei com algum no Airostrato? Eu cá fiz pontaria pro lado mas foi... o que eu queria era ver foguetes no ar! Eu vou com vocês que eu conheço prá'í os sítios... Deve estar poisado nos Soitinhos. Qu'eu seja cão!

Depois de um breve conciliábulo decidiu-se levar o Raistapartam. Que se não fora por mal ele então iria também... Que jurasse primeiro.

— Qu'eu seja cão! jurou Raistapartam.

...

A linha estava suspensa por cima das oliveiras. Atravessaram o olival, sempre de olhos fitos na guita e entraram no pinheiral. Foram andando toda a tarde.

J O A Q U I M F E R R E R

O Raistapartam conhecia bem aqueles souts e pinheirais, de quando vinha à lenha por aqueles sítios Ia apontando nomes. Parecia que sabendo o nome de silveirões e barrancos, se espantava o medo.

Os gaios pintalgados levantavam-se aqui e ali, num grande espalhafato. Corvos erguiam-se num bater de asas possante, crocitando. À roda, por todo lado, um mar de pinheiros. Um ar morno, impregnado de resina, entranhava-se nos pulmões.

— Olhem lá, os corvos são de mau agoiro?

— Diz que sim, mas os mochos é que são ainda mais!

...

Um peneireiro peneirava no ar azul como folha de Outono.

O fio do Aeróstato estendia-se como um risco no céu. Agora atravessavam um souto húmido de castanheiros velhíssimos, de troncos monstruosos, carcavados. Dentre umas raízes que pareciam cobras, a umidade ressumava alimentando um juncal. Eles chaparrinharam de pés na lama. Cortaram juncos. Adrião sempre que via juncos cortava-os logo, deliciado, sonhando com uma floresta imensa, onde os troncos subissem às alturas o choupo, e, vergando como salgueiros, sem perderem, no entanto, as qualidades do junco. Seria coisa de pasmar, salvo para ele que já os tinha visto em sonhos, agitando-se aos ventos, como chicotes de gigante...

I L H A D O I D A

A guita por cima dos castanheiros via-se perfeitamente.

— Vai para os lados do Feizerão, disse Raistapartam, considerando a direção do fio.

Bruscamente, abriu-se um valzote na orla do souto. A guita caía por ali abaixo, perdendo-se no verde da baixada.

A guita subia a encosta de lá, corria por sobre uns medronheiros a corar, e seguia num chão de mato roçado.

— Vai pró Feizerão, repetiu Raistapartam.

De repente, especaram atabalhoados.

Estupores de perdizes! exclamou Manelão agarando-se ao da-Ponte.

Eram umas dez ou doze e o ar estremeceu todo como se uma carroça levantasse num voo!

Adrião nunca as tinha visto tão de perto. Ia caindo de cambadelas. «Arre!»

Manelão afirmava que ainda pisara o rabo de uma traseira. Mas ninguém acreditou.

— Hão-de cá estar as penas! rai's ma partam! Hão-de cá estar!

E agachado entre a carqueja procurava as penas serapintadas. Já todos marchavam ao longe, ainda Manelão se obstinava entre o tojo, furando, e farejando.

E ao longe saltavam de novo as perdizes, gordas e reluzentes.

VAI ANOITECENDO

O sol começava a declinar. E eles caminhavam sempre, ao correr do fio, deixando atrás uma sombra alongar-se.

Iam vagarosamente, num passo arrastado, trôpegos. Saudaram um olheiro d'água, e de barriga sobre a relva beberam a fartar. Andaram mais uns passos e deixaram-se tombar ao pé de uma ruína abandonada. Eram três grossas paredes derruídas, de pedra-lapa e lá do cimo tombava uma cabeleira de heras antigas.

O horizonte encobria-se numa névoa arroseada. Um pássaro veio voando e, de restolhão, enfiou-se na folhagem das eras. Adrião ergueu-se de um salto:

— Aqui há ninho!

Todos quatro em pé espreitaram por entre o folheto. Adrião lançou o casaco no chão, arregaçou as mangas da camisa e começou trepando de pedra em pedra. O muro desfazia-se em barro e calhaus, Adrião oscilava, mas ouvia agora pipilar os passaritos e por nada deste mundo os largaria.

— Eh, pá, vão prá gaiola de verga! exclamava o Manelão todo contente.

— Isso sei eu! E Adrião arfava em cima do muro, num perigoso equilíbrio, espreitando entre a folhagem.

De súbito um pássaro grande levantou voo, piando desesperadamente. Adrião meteu logo a mão no sítio donde o pássaro grande desenfara.

I L H A D O I D A

— Cá estão eles! bradou com um passarolo em cada mão. Cá estão eles! gritou de novo triunfante. Tão vocês..., começou ele falando aos passaritos.

— Abelharucos! gritou O-da-Ponte.

—Vão prá gaiola.

— Vão mas é prá panela! rosnou Raistapartam, de cabeça à banda.

Adrião olhou-o de mau modo. Mas não deu troco. Atirou-se de um pulo cá para baixo com um pássaro em cada mão.

Foram andando. Empoleirado num galho seco, ali perto, um pássaro grande ficou piando, piando quê era uma dor d'alma.

Do longe começou chegando uma névoa. Tinham de regressar. Era tarde. O sol pousava no alto da Serra e num instante seria noite. Pobre Aeróstato, — que seria dele! Adrião comovido olhou ainda uma última vez a direção, onde provavelmente ele estaria deitado, esperando. «Era só mais uma noite» murmurou para si, consolando-se. E afagou os passaritos penugentos.

A neblina espalhava-se, envolvendo as formas. Da terra subia um cheiro de húmus e folhelho morto. Um cheiro outonal. As folhas balançavam, estremeciam e, peneirando um pouco, vinham adormecer na terra húmida.

— Vamos à estrada, vamos, que se faz tarde.

Mais uma noite o Aeróstato ficaria ao relento, no meio das cobras e dos sardões. «Era só mais uma noite»...

J O A Q U I M F E R R E R

Estugaram o passo. O plaino de cultivo estendia-se entre dois pendores arborizados. Correram em fora. Depressa achariam a estrada. Os derradeiros clarões do sol, de um vermelho arroxeadado, afogavam-se em névoa cinzenta. Transparentes gotículas estremeciam em cada erva. Por todo o chão verde ressumava. umidade.

— Que grande escuridão vem da Serra!

— Vamos, vamos mas é à estrada.

— Deve ser ali, por trás do oiteiro.

A Serra, ao longe, confundira-se no céu escurecido. As árvores longínquas pareciam ter-se desfeito em névoa, e as mais próximas tinham perdido as ramadas cimeiras.

Estacaram, apurando o ouvido. Parecia-lhes ouvir, não longe, o marulhar do rio.

— Vamos pra ele; deve ser ali!

E descamparam de novo, esfregando os olhos fortemente, na esperança de ver melhor. Topavam nas pedras, pulavam cômoros e rebóis, afundavam os pés nalgum desnível e tombavam de bruços. Era maior ainda a cerração e eles vaguearam para mais de uma hora, sem tino, saltando sebes, pondo o ouvido à escuta das águas do rio. Aquele marulhar de há pouco, seria talvez a viração na ramagem das árvores?...

Ah, se dessem com o rio estavam salvos! Seguiam pela margem abaixo até à ponte Velha de Crispim... Mas nada. Só a cerração no crepúsculo os envolvia.

I L H A D O I D A

De repente a voz de Manelão:

— Isto aqui é do Nunes da Bica. Eu conheço. Olá se é!

Deram mais uns passos, reconhecendo o terreno. Subitamente uma grande árvore surgiu esbracejante.

— É a Maceirona! tornou Manelão com voz entredita.

Foi uma alegria. Adrião acariciou os seus dois pássaros encolhidos, um em cada mão.

— Queres que eu leve um? perguntou O-da-Ponte já animado.

— Pois sim, respondeu Adrião passando-lhe um abelharuco.

— E agora por onde é o caminho?

— Esperem, disse Manelão. Há-de estar aqui um muro velho e depois a gente salta por cima e vai sempre a direito... Depois a Terrinha d'Água da D. Eulália velha, e é um instante...

Procuraram o muro velho. Tinham de o achar por causa da direção.

— Há-de cá estar; ah, isso é que há-de. Ele não fogia.

— Quem sabe lá..., murmurou O-da-Ponte supersticioso.

— Um muro não foge! disse Adrião.

Mas se *fugisse* não seria ele que se espantaria, numa cerração medonha, longe da vila, e àquela hora... Num sítio ermo tudo pode acontecer!... Figas canhoto!

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião lembrou que se cada um fosse para seu lado, um fatalmente havia de achá-lo. Depois, o primeiro que o topasse dava um assobio e todos se ajuntavam outra vez...

— Boa ideia! exclamaram. Mas logo se arrependeram daquela ideia: tinham de ficar sozinhos e aguentar-se cada um por si.

Adrião, quando se viu só, estremeceu, mirando em toda a volta, procurando devassar a cerração. Ergueu a gola do casaco: parecia-lhe tomar o senhorio de si mesmo, desde que o seu pescoço estivesse *resguardado*... «Era pelo pescoço que *muitas coisas* atacam»...

De repente uma voz aflita: era a voz de Manelão:

— Acudam! Acuuuudam!

Por um instante não soube o que fazer. Depois, desorientado, correu naquela direção num medo e numa ânsia.

Manelão estava de costas, colado à velha Maceirona, e pálido como um defunto. À sua volta haviam-se juntado os três companheiros. Ele titubeava:

— Eu... eu vi... não sei o que foi... foi uma alma... Eu... eu vi-a!

E Manelão tapou os olhos esgazeados.

— Temos que ir embora, disse Adrião em voz baixa, olhando em volta. Alguém achou o muro?

Manelão estava um pouco mais calmo.

— Foi... foi detrás do muro velho que eu vi sair um braço... de uma alma... É pra' li o muro. E apontou uma direção. Eu cá não salto o muro!

I L H A D O I D A

— Nem eu! murmurou O-da-Ponte.

— Tem de ser! exclamou Adrião, fazendo das tripas coração.

Raistapartam desinteressava-se da questão. Não disse uma palavra. Bruscamente soltou uma cascalhada. E Raistapartam ergueu no ar, lentamente, um braço, com um punhado de terra na mão fechada...

Manelão sentiu um baque. Vociferou:

— Malandro! eras tu! Cão, grande cão! Filho de uma grandessíssima...

Raistapartam perdeu o riso bruscamente; e de um salto, caiu sobre Manelão. Mas num instante Adrião atirou-se e derrubou o outro no embate. Raistapartam ergueu-se de olhos raivosos. Deu lentamente dois passos para Adrião, como um gato bravo. Mas O-da-Ponte interpôs-se entre os dois. Raistapartam retorcia a cara feia, com um gilvaz que lha traçava do olho à boca. Num estrépito escarrou no chão e botou-lhe um pé.

— Hás-de pagar-mas! rosnou.

Depois recomeçaram a marcha. Manelão, quasi refeito, indicava o caminho. Saltaram o muro velho, Correram em frente. Estacaram de repente. Na sua frente alevantava-se uma árvore imensa, desdobrada em ramaria, como os braços de um gigante abarcando o espaço. Respeitosamente rodearam o gigante. Ninguém conhecia aquela árvore!

— E agora? murmurou uma voz.

— Vamos embora.

J O A Q U I M F E R R E R

— Estamos perdidos! lamentou Manelão.

E correram desvairadamente. As gotículas finas entranhavam-se nas roupas. Pelas caras deles escorria água como se fosse suor.

Como braço estapafúrdio, erguia-se uma gaivota de tirar água, sobre a bocarra negra de um poço. Recuaram.

— Não conheço esta gaivota, disse lamentosamente a voz de Manelão.

— Ele parece o poço Fundeiro, murmurou O-da-Ponte.

Todos quatro olharam a vara da gaivota, que pendia do cinzento escuro do ar, como se estivesse presa de um gancho bruxento.

Adrião sugeriu que trepassem acima daquele enorme pedregulho a ver se descobriam alguma coisa.

— Eu cá não vou lá! exclamou Manelão.

O-da-Ponte mais Adrião resolveram subir. E desceram desolados. Ainda viam menos lá de cima.

E deitaram de novo à desfilada.

Agora só os três corriam juntos. Raistapartam desaparecera na cerração.

— Que é dele? Perdeu-se?

Gritaram, assobiaram, mas não veio resposta. E todos três desandaram, correndo. Embateu-lhes uma ramagem que nem sabiam de onde vinha. O-da-Ponte estatelou-se. Soltou um palavrão.

Ah, parecia-lhes ouvir um grito... não, um assobio... Seria Raistapartam? Não, parecia o comboio apitando.

I L H A D O I D A

— É o comboio! é o comboio!

Foi uma alegria. Deitaram a correr. A linha estava perto. Era só achá-la e pronto, davam com a vila. E foram aos brados naquele rumo. Pararam um momento, apurando o ouvido. Mas foi-se-lhes a esperança, como náufragos no meio do oceano. Mane-lão deitou-se ao comprido escutando no chão.

— Não oiço o comboio... Mas parece... parece um boi a mugir... Será o rio?

Mas O-da-Ponte já dava um pulo de satisfação.

— Não é o rio, não é o comboio: é o boi do Cristóvão. Eu conheço-lhe a voz! Eu bem no oiço! Vamos embora! Eu bem no oiço!

Ah, era certo, agora podiam ouvir ao longe, já perto, aquela voz quente, aquela voz amiga. E desataram numa correria, numa ânsia, galgando, arfando, caindo... Não paravam, não paravam. Ao longe mugia o boi do Cristóvão. E cada um, no meio da noite tombante, levava as orelhas espetadas naquele fito já perto, correndo, voando cada um por seu pé...

A GAIVOTA

As passadas largas sobre aquela relva húmida sumiam-se pela terra abaixo. Era tudo como se fosse cavalgando nuvens.

E aos poucos se foram perdendo uns aos outros. Adrião estava só. Ninguém mais! Parou ofegante.

J O A Q U I M F E R R E R

O mugido ao longe perdera-se. Gritou assobios longos. E nem um eco. Para onde seguir? Onde era «em frente»? Procurou orientar-se e andou passos em roda, o ouvido à escuta. E a sombra da noite embrulhava-se na neblina.

Mas súbito... um vulto, uma sombra mais densa avançava rapidamente. Assobiou. E um assobio lhe respondeu. Mais um instante e êle via sobre si a figura de Raistapartam, escorrendo água, empastado em lama.

— «É agora!» pensou Adrião. Rilhou os dentes. Pôs-se em guarda, um pé atrás, outro à frente, esperando o choque.

Não tinha probabilidades de escapar ao ímpeto e à raiva de Raistapartam — mas deixá-lo! Ele havia de fazer massa.

Mas o corpo de Raistapartam passou de lado e foi parar a dois passos. Fitaram-se nos olhos. Adrião via-lhe o terrível gilvaz que ele próprio lhe fizera na face a quando de uma púrria há uns anos. E dessa vez tinha-o vencido, fazendo-lhe aquele talho na face; mas aquilo foi num desespero, e Crispim não era um ermo... dera-lhe força o combate em conjunto.

E afinal, Raistapartam, vendo-lhe aquela decisão desesperada nos olhos, carregou apenas o semblante, numa muda ameaça... Ali, estavam ambos cansados, a vila era já perto: era melhor na vila... E guardaram-se o ódio.

I L H A D O I D A

Correram ambos. Agora a vila era uma certeza e nada os deteria. Deixavam um rasto de hortaliça derubada... Iam numa corrida louca, sem olhar os pés... De repente, um tropeço, — e o vácuo, um abismo... o escuro... — e um corpo desapareceu de sobre a terra. Um pássaro, um abelharuco, subiu, voou da boca negra de um poço. E um grito abafado. Um baque surdo na água. E o silêncio...

... Um momento, um esforço e um corpo volta ao de cima e se debate nas águas limosas. Adrião ergue-se lá de baixo, olhos espantados, a cara verde escorrendo limos. Braceja, alcança num ímpeto a vara pendente da gaivota. Enclavinha-se. O nome de Raistapartam aflora-lhe aos lábios. Com os pés descalços busca um apoio e firma-se numa reentrância do poço. Tem uma esperança. Ergue-se na vara, e bruscamente os seus pés escorregam e a vara afunda-se — e ele mergulha de novo. E mais uma vez emerge das águas a sua cabeça. A gaivota chia, chia como um lamento, e mergulha e afunda-se na vasa do poço. Firme. Adrião reúne as derradeiras forças e começa a terrível ascensão. Procura em cada pedra saliente, em cada buraco do paço um degrau para os seus pés doridos. Mas sente seus músculos afrouxarem, num relaxe fatal. Mas já alcança quási a boca do poço, quando uma pedra se esboroa sob um dos seus pés, e todo ele escorrega pesadamente ao longo da vara. Solta um grito angustioso, rouco, a garganta cheia de água.

J O A Q U I M F E R R E R

— Acuuuudam! Rais'!!!...

E de novo mergulhou, a garganta emudecida, contraiada numa angústia. Fechou-se naquele poço um grande silêncio. Depois, logo, em baixo, um surdo espadanar e um gemido, um débil gemido que mais parecia vir do fundo da terra ou do fundo da noite, E uns olhos boiando nas águas profundas dilataram-se de pavor, olhando em cima, debruçada, uma face cortada por longo golvaz...

...Depois, não soube como o seu corpo recomeçou a horrível ascensão para terra... Foi lenta, numa desesperada contração, e cá em cima as mãos estenderam-se, aperrearam-se no gancho da vara. Mais um esforço, mais um pouco... a vara grande... a salvação! Contudo os braços descaíram ao longo da vara e o seu corpo inerte, pendeu suspenso, e os seus pés feridos tombaram para o escuro do poço...

— Mamã! mamã...! gemeu.

Os limos do cabelo descera-lhe sobre a face, sobre as pálpebras, como se fossem a mão de génio amigo levando-lhe a luz para sempre... As mãos teimosamente agarradas à vida, escorrendo sangue e lama, sustinham um peso morto sobre o abismo. E sob as pálpebras pesadas começou crescendo uma lágrima imensa... E dentro em pouco as águas escuras se abririam recebendo aquele corpo, e de novo se fechariam guardando um mistério para sempre. Seus olhos cansavam... Morria agora que tão perto estivera da

I L H A D O I D A

vida. Ia morrer *para sempre* — ele, que tanto amava a vida! Más parecia-lhe que não seria difícil morrer...

... As mãos enclavinhas, empedernidas no gancho começaram a dar de si, os dedos afrouxando, a cabeça pendendo para as trevas do boqueirão. Aquele corpo desistia de viver, e o alento evolvendo-se parecia espalhar-se pelo mar de bruma. No mais íntimo do corpo cessara toda a luta.

Ao longe, agitando o crepúsculo, vibrou uma voz, um apelo longo e quente. Veio pelos campos imersos, veio até àquele corpo tocar-lhe os nervos num choque. E um alento, um bafo quente disperso, refluíu ao corpo esmorecido. Uma ânsia, uma luzinha cresceu. Um impulso contraiu todas as fibras abandonadas.

Um estremecimento. Um refluir de esquecidas energias. Ainda era cedo para morrer!...

Uma voz, da quentura de um curral, um mugido bom... um boi manso e grande, cheio de força, ruminando a palha, sacudindo a cauda — o boi do Cristóvão dos bois! E tão longe uns ouvidos — que só eles restavam abertos às coisas do mundo, receberam aquele som, aquela voz mais humana do que se fora a voz de *um homem*. E o corpo inerte tornou a ser, e respondeu àquele apelo num arranco trazendo-o cá acima sobre a vara transversal. Por um momento ficou suspenso ainda...

... E depois, num gemido sem dor, caiu pesadamente sobre milhões de malmequeres brancos e amarelos, crescendo na terra húmida...

J O A Q U I M F E R R E R

... Envolvido num sonho, não pôde ver as lanternas rompendo a noite, nem braços possantes que o levaram a dormir na sua cama o resto daquela noite, num sonho sem formas...

OUTONO

Aquelas férias estavam a terminar e Adrião andava triste. *O que é bom também se acaba...*

Ia pela estrada afora sem destino pensando que uma estrada, sendo uma coisa compridíssima, deve levar a algum sítio *que convenha...* Havia de experimentar um dia.

Não podia esquecer aquele maldito Raistapartam. Ah! ele havia de aprender a jogar o box, a luta greco-romana, a espada, a faca, o jogo de capoeira e o jiu-jutse — para liquidar de vez o malvado. Ah, o jogo do pau e o agarra-te-como-puderes não lhe haviam de esquecer também.

Ele gostava de ter um *pensamento* que matasse de repente.

Mas não tinha e portanto havia de treinar-se no box, jiu-jutse, capoeira e no agarra-te-como-puderes.

Seguia taciturno. Porém, bastava um pássaro no ar e ei-lo de pescoço esgalgado, seguindo o voo da ave. Gostava imenso das aves, mas não tolerava que elas voassem nos ares sem a sua interferência. Gostaria de poder *mandar* lá por cima, no reino alado.

I L H A D O I D A

Havia na verdade coisas preocupantes. E ele seguia na estrada poeirenta, arrastando as botas de carneira e de quando em vez atirava um pontapé nalgum calhau para *aliviar*...

Trazia os cantos da boca arroxeados dos medronhos outonais. Começava a estar um tempo fresco, as manhãs mais ásperas, as noites mais húmidas. Mas aquela estação do Outono tinha o seu quê de uma beleza indefinível e triste. As folhas amarelavam, enrubesciam e tombavam ligeiramente.

O céu andava cheio de carneirinhos brancos, reboando e brincando. As ramadas das árvores agitavam-se, ramalhavam, sacudindo as folhas plenas de cor e luminosidade. Sobre os campos reverdecentes voavam em bandos aves de arribação. Ao longe ouviam-se tiros de caçadores.

Por toda a parte a natureza mudava de feição, anunciando que algo de novo ia começar...

Também S. Caetano ia começar.

À beira da estrada um tufo de canas verdes meneando-se na aragem. Adrião deitou as mãos a uma, raioso. Um puxão brusco e ele virou pés por cima das mãos. Levantou-se de cana erguida, praguejando contra o Diretor...

Entrou a esfolhar a cana, e, atrás dele, ia ficando uma pista verde, como trilho de animal acossado. Estendeu a palma da mão e pôs-lhe a cana em pé. Depois, passou-a para a batata do nariz, procurando um equilí-

J O A Q U I M F E R R E R

brio. Mas a maldita escorregou e foi esfolar-lhe um beijo. Ah, raios! E de novo trovejou palavrões de S. Caetano.

Ia de mau humor. Embirrava com tudo. Um gosto acre na boca. Cuspiu forte. Fez pontaria na buraca de um muro caiado de fresco; se lá entrasse o cuspo, muito bem, se não entrasse é que era pior... E foi uma cusparada pelo ar. Não acertou. Ia haver azar!

A cana baixada no pó foi deixando um sulco cinzento.

O PÉ MANCO

Adrião foi andando, e, de quando em vez, espreitando entre folhagem, não fosse por ali haver algum ninho de que ele não tivesse ainda conhecimento. Insensivelmente, de entre os beijos carnudos, foi-lhe saindo um bafo, um sopro, e um assobio finalmente numa canção da cidade. A imagem de S. Caetano foi-se perdendo entre os sons alegres daquela moda nova. Na curva da estrada surgiram as primeiras casas velhas de Crispim.

O consultório do pai Francisco ficava à esquerda, ao cimo de uma curta ladeirinha escorregadia. Plantada no meio da estrada, a viúva Anastácia com um balde de pau à cabeça, parecia afirmar-se nalguma coisa. A meio passo, não mais, estava ali também a velha Lamparruça, desdentada, também com cara de caso,

I L H A D O I D A

descansando uma paveia de canoilos na ilharga ossuda, Adrião mirou-as de revés e desandou, fazendo o risco na estrada poeirenta. Súbito, estas palavras entre as duas mulheres:

— Bocmecê num ouve, ti' Anastaça?

E a velha Anastácia estendia a orelha na direção da ladeirinha.

— Ah, agora, sim senhora!

Gritos saíam da porta do consultório e vinham ladeira abaixo.

Adrião estacou, arrebitando a orelha.

— Ai credo, credo, Deus nos livre de criança atravessada...-

— Cruzes!... E de cão danado.

— Tem-te cão: entre mim - ti tá São Romão!
E a velha Lamparruça fazia um gesto da mão aberta.

Entretanto chegava da fonte, de cântaro oscilando na rodilha, a moça Marquitas.

— Olha, sabes Marquitas o que aquilo é? E a Lamparruça, maliciosa, apontava para a porta do consultório. Olha sabes? — menino!

— Ou menina — quem sabe? acrescentou a outra velha, sorrindo.

Marquitas corou e foi-se de cântaro vermelho à cabeça, fazendo só:

— Oh, hum!

Adrião alçou logo a orelha, pôs a cana ao ombro, e subiu pausadamente a ladeirinha. Encostou a cana

à parede. As mulheres tinham desandado. Ele hesitou um momento, depois empurrou mansamente a porta fosca. Foi entrando e logo lhe veio ao nariz aquele cheiro do consultório do papá, como só havia outro na botica do Eleutério. Adrião transpôs a soleira da porta com uma ruga na testa. Ambas as sobrancelhas se uniram numa só, revelando um pensamento grave.

Tudo estava deserto. De um lado a sala de espera vazia. Em frente, a porta fechada que dá para a sala das consultas. Por detrás daquela porta estava *pois* uma mulher dando à luz. Um menino, ou menina estava nascendo entre gritos, berros e lamentos. A voz do Dr. Rezende fez-se ouvir:

— Vamos, vamos, isto não é nada.

Lá estava o papá a «aldrabar», a ver se a conven-
cia... Qual não era nada! A mulher — via-se bem — não estava a fingir... Gritava que arrepiava. Aqueles gemidos, aquela ânsia... — parecia que lhe faltava o ar... Aquele estertor... Ai, era horrível ter um filho. Cebo, tivera sorte em não ser mulher! Ah, nunca pensara... Sentia-se feliz de ser homem. Respirou fundo.

Uma curiosidade o picava. Tinha pena, isso tinha, daquela mulher... Mas ele queria saber! Lançou os olhos para a grande mancha de luz que pousava na bandeira da porta. Era *número* aquela bandeira...

Adrião volveu a cabeça: as cadeiras na sala de espera estavam para ali vazias ao lado umas das outras. Devagarinho, pé ante pé, uma cadeira sobre outra...

I L H A D O I D A

Mais outra, numa base sólida, e outra em cima das duas, encasteladas. Junto daquela pirâmide, onde ia subir em busca da ciência, Adrião hesitou um minuto, indeciso, temendo a revelação brusca de um enigma tão guardado.

— Então, então, já custa pouco... Mais um instantinho. Vamos lá, disto não morre ninguém!...

Era a voz do papá, mentindo por dever de ofício àquela pobre mulher. Adrião sabia que o papá estava mentindo porque ele muitas vezes ouvira que dando-à-luz também se morre. E aquela mulher, cansada, já quasi não tinha mais forças para gritar. A voz queixosa, mais débil, saia-lhe da boca mais rouca e mais funda... — como se *ele* estivesse a nascer...

Depressa! ou agora ou nunca!

Ouvia-se lá dentro o tinir de ferros, de frascos, de vidros. Um cheiro intenso de águas desinfetantes filtrava-se pela porta aferrolhada. Adrião sentia um nó na garganta. Uma comoção. Veio-lhe à ideia S. Caetano, e ele numa roda viva de amigos contando o que se passara... Era realmente tentador poder descrever a maneira como nascia uma criança! Todos -os *ff* e *rr* na ponta da língua — e o pasmo nos olhos da malta!

As perguntas insistentes do redondo Balão Cativo! As vezes que ele teria de voltar atrás, contando e recon-tando cada fase... Os detalhes... Os tim-tins. A cara da mãe a sofrer, a gemer... Os gritos. O doutor, os

J O A Q U I M F E R R E R

ferros, os algodões cheirando a remédio... (E ele cheirava no ar), as mangas do papá arregaçadas até ao cotovelo... E, finalmente, aquele mistério do menino a chegar — aquele mistério revelado! Oh!!!

E ele deitou as mãos ao castelo das cadeiras, começou a marinhar por ali acima. De súbito um barulho das cadeiras...

— Quem é? Já vai! exclamou de dentro a voz do papá.

Adrião ficou sem pinga de sangue. Hesitava. Mas lá dentro continuou um gemer e os passos do papá à volta da marquesa, e os ferros e os frascos... Depois Adrião, ganhando ânimo, lançou-se à última cadeira. Ergueu-se nos bicos dos pés. Esticou o pescoço. Ah, estava quási! Mais um tanto, mais um pouco. Tremia-lhe o beijo de comoção. E de medo. Ela estaria nua? Concordeza — *nua!* Como poderia uma mulher dar-à-luz sem estar nua?! Mas, quando ele chegasse a S. Caetano com aquela nova nos lábios — quem acreditaria se afirmasse ter visto uma mulher nua? E, através da porta opaca, era como se visse lá dentro, sobre uma cadeira, um montão de roupas de mulher...

Infelizmente o palanque das cadeiras não bastava... faltava um pouco, menos do que mão travessa para *ver tudo...*

Desceu desolado. Depois de tanto trabalho... Que pena! aquela mulher nua! Eles acreditá-lo-iam? Era, na verdade, tão extraordinário ver uma mulher

I L H A D O I D A

nua! demais a mais sem ser casado!... E contudo... ah! o *buraco da fechadura*... — e contudo era a verdade, a pura, ele *ter visto* uma mulher nua!... Ele ia vê-la naquele instante — era burro! — pelo buraco da fechadura... Como não tinha ainda reparado?... Burrice! Depressa! Ela devia estar a ter o filho. Escusava das cadeiras... Depressa!... Dar-à-luz!

... Ah, quando ele no Recreio de S. Caetano pusesse os pontos nos ii... contasse a verdade, e só a verdade... a pura! Ah! ah!

Adrião aproximou o olho inquieto da fechadura. Um olho redondo, ávido, enorme! Mas pareceu-lhe tudo escuro... Seria aquilo? Ah, maldição! estava a chave na fechadura — a chave! Maldita porta: apetecia-lhe agora meter-lhe um pé!... E entrar por ali dentro, descaradamente, como se tosse seu o direito de *ver!*....

Oh, raios partissem aquela porta! Raios a comessem! Então ele havia de ir mentir para S. Caetano?! Havia de ir dizer que viu o que não viu?!

Desoladamente, lançou os olhos ainda àquela mancha de luz na bandeira da porta. Não podia conformar-se. Só mais meio palmo e ele não precisaria de ir mentir para S. Caetano!...

E ele procurou, numa grande excitação, algum buraco, uma greta, uma frincha, uma racha que lhe revelasse o mistério apetecido. E aquilo por detrás da

J O A Q U I M F E R R E R

porta devia estar a acabar... A voz do papá ergueu-se novamente:

— Então, sente-se melhorzinha? Ora vamos lá, vamos lá a levantar...

E uma voz débil de mulher, só respondeu:

— Ai, senhor doutor...

Ouviam-se lá dentro os sapatos do papá de um lado para o outro. «Estava tudo perdido». E Adrião deslizou furtivamente ao longo do corredor. Fugiu. Agarrou a sua cana e veio cá fora respirar o ar fresco daquela manhã estragada. Que raiva de lhe faltar aquele meio palmo! Que raiva!

— Ora poça, gaita, xiça!

Ah! respirou fundo. Pareceu-lhe ficar mais aliviado.

Raio! desceu a ladeirinha. Então ele havia de ir mentir para S. Caetano?! Que havia de contar? Sim, porque ele não se resignava a não contar nada. Ele *por assim dizer* tinha visto... Ele tinha ouvido os ferros, os frascos, os gritos da mulher *a tê-lo* e as falas do papá... Ele tinha cheirado os remédios e um *cheiro especial*, que era concerteza de quando se estava a ter menino... E Adrião fungou fortemente para sentir bem o tal cheiro especial. Não havia dúvida: ainda o tinha no nariz. E ele tinha ouvido *tudo*! Ele quasi tinha visto a mulher em pelote. Não era preciso, afinal, mentir *muito* para dizer a verdade! E depois, num ou dois minutos, ele veria a mulher com o menino ao colo descerem a ladeirinha. E ele não perderia nada da

I L H A D O I D A

cara dela, que era para em S. Caetano dizer o mais possível de verdade, tudo, tim-tim por tim-tim.

... De que tamanho seria a criança? Devia ser pequeníssima, assim do tamanho de um cachorrinho ou leitão quando nasce... Ele apurou a vista. E, enquanto esperava, foi raspando a cal do muro com a ponta da cana. Matutava. Cismava naquela coisa do dar-à-luz...

Lá em cima a voz do papá:

— Cuidado, a ladeira escorrega. Vá devagar. E ajudava a mulher a sair.

Adrião, atrás da esquina, esperou. Recolheu a cana e ficou atento ao andar da mulher que gemia a cada passo.

— Vá devagar, disse ainda a voz do papá. Olhe, volte cá amanhã para o curativo; venha mais cedo...

Adrião tomou fôlego, deitou a cabeça... E viu a mulher: magríssima, escanzelada, arrimando-se a um bordão. Adrião teve um sobressalto; a cara dela era velhíssima, tanto ou mais do que a Maria Marranca! E nas mãos nem um filho! Apenas um bordão torto. E vinha ladeira abaixo, arrastando um pé manco na calçada, um trambolho embrulhado em ataduras...

... Apenas um pé manco!

Adrião ficou estuporado. Arrancou pela estrada acima aos pontapés em cada pedra.

— Xiça! rosnou.

E chegando junto à capela de S. Brás, arremessou a cana por cima do muro do adro, e a cana foi espetar-se no olho-de-boi da Sacristia!

MAZALIPATÃO

Começara mais um ano.

Adrião suspirava por tudo o que ficava atrás de si e mais por tudo quanto não tinha alcançado ainda. Na sua frente alargava-se o vasto horizonte da sua imaginação... Sonhava. Respirava já os ares que havia de beber um dia. Palpitava. Sorvia as ilusões em largos haustos.

Acocorado, deitou a cabeça debaixo da cama. Sorriu-se. Atrás da rede fina do pequeno caixote lá estava, roendo um troço de couve, o seu gordo Mazalipatão. Era branco e grande, lustroso, e ele o trouxera, sem a mamã saber, da coelheira de Rampagodos. Metera-o na vasta algibeira do seu sobretudo espinhado, onde, por sinal, o grande Mazalipatão fizera umas tantas botinhas de estrume, de resto, sem grande importância.

O Pina Basófia já tinha chegado também de férias e gostava de se meter com Mazalipatão. O coelhão tinha uns aros pretos à roda dos olhos e Basófia entrava com os aros pretos. E Mazalipatão começou a ser conhecido pelo Coelhão das lunetas.

João Laparoto tinha chegado à frente do pai que trazia duas taleigas, uma em cada mão. Entraram pelo quarto dentro, e, enquanto iam entrando, o pai da Bodiosa cumprimentou: «Oram vivam os doitores!» Tinha uma cara pândega, vermelhusca, e trazia à depen-

I L H A D O I D A

dura do cano das calças umas fitas brancas de nastro, que eram das ceroulas. O Pina bufou de riso, mas o pai não deu conta. E, enquanto atirava os taleigos sobre uma cama, ia falando atabalhoadamente das coisas da vida.

Adrião concordou que sim, senhor, a vida estava má!

— Atão os doitores são cá os acompanhantes do mê rapaz?

— Infelizmente, exclamou o Pina.

— Ah! atão o rapaz é mau ou queijo?

João da Bodiosa estava como um urso no seu canto, furibundo. Desesperava-se dos meios sorrisos dos outros dois. E, quando o pai se foi embora, parecia que a raiva lhe crescera ainda mais. Para Adrião nunca mais falara desde a história da mala. Calava-se, encerrado na sua carapaça, ruminando vinganças. Dizia que se havia de pagar nem que fosse dali a cem anos!

Mazalipatão, resmoendo troços, era alvo dos Olhares vesgos de Laparoto.

— Olha que o gajo, avisou o Pina, parece que te quer comer o coelhão com os olhos!

— Deixa-o vir para cá! exclamou Adrião. Mas lá por dentro não se sentia muito seguro da sua força. Faziam-lhe impressão aquelas manámpulas brutas do «gajo» da Bodiosa.

Nada no mundo dava mais prazer a Adrião do que ver roer os troços de couve ao seu Mazalipatão. Mas não era nada fácil trazer as couves para alimentar

J O A Q U I M F E R R E R

o bicho. Ele e os seus amigos tinham de se arriscar todos os dias, esgueirando-se até ao subterrâneo da despensa. Havia por lá centenas de bacalhaus empilhados e muitas mais centenas de polvos dependurados de arames grossos, onde passeavam aranhas repelentes. Havia naquele subterrâneo um cheiro horrível e um ar pesado, bafiento. Do teto em abóbada pingavam gotas de água frígida, e, com o andar dos tempos, tinham-se formado estalactites pontudas. A luz do dia só penetrava naquele antro por uma fresta que dava para o antigo Claustro secundário, hoje arruinado, onde crescia uma carunchosa nespereira dos tempos do Mata-Frades.

As poucas nêsperas que lá cresciam eram, porém, de uma qualidade soberba, e não se passava ano que a velha nespereira não sofresse repetidas invasões noturnas. Mas aquilo era de um risco tremendo e muitos pagavam no Gabinete a ousadia. Só pela noite funda se podia levar a cabo aquele empreendimento, e, se dessa forma diminuía o risco, aumentava o terror no meio daquele silêncio sepulcral, corredores escusos, morcegos rodando em torno da árvore só e espectral.

Mazalipatão caíra em simpatias. Contudo, apenas um círculo estreito tinha direito de entrada para apreciar as habilidades do animal. Vinham todos em romaria observar aquela graça de coelho; e, nas horas de menos perigo, Adrião soltava-o, deixava-o andar pelo quarto. E ele então pinchava como doido, e já vinha comer à mão.

I L H A D O I D A

Balão criara uma funda amizade pelo animal e durante o passeio colhia as ervas mais tenras, as mais lustrosas; e de cada vez que descobria uma nova qualidade provava sempre primeiro a ver se era bom. Também lhe davam pedaços de bolachas retirados das coleções.

PATUSCADA

Eram moda velha em S. Caetano as coleções de bolachas. Mas aí se as autoridades competentes chegavam ao conhecimento daqueles factos. Consideravam aquilo «acumulação de subsistências»: e os culpados eram trazidos ao Gabinete. E então Pad Lopes que as puxava a preceito!

Havia portanto o maior cuidado naquelas vastas coleções secretas porque, não eram só as mãos que ferviam, eram também as amalhadas bolachas que desapareciam de novo no arcão do despenseiro. E era o mesmo com toda a espécie de comidas e bebidas tidas e havidas. Era uma proibição antiga, dizia-se que já dos tempos dos freires de S. Caetano.

Outro dia, o caso dos paios dera que falar. O Cocas, que não era de aferrolhar, recebera um presente de paios de uns parentes de Bragança que passaram a visitá-lo. Os paios eram quatro, vinham muito bem embrulhados em papel vegetal e cheiravam que era um regalo.

J O A Q U I M F E R R E R

Era à noite no quarto do Cocas. Também metia café e algumas bolachas retiradas à coleção em que o Cocas entrava. Já chiava a água para o café dentro de uma velha chocolateira de lata, sobre a chaminé do candeeiro de petróleo. Também um deles conseguira passar de fora uma pingoleta do abafadinho. E a função começou no meio do maior recolhimento por causa dos ruídos indiscretos. Mas quê, não havia o menor perigo! Pois se o Palito Macho recolhera já ao seu quarto há uma boa meia hora. Já não saía nem fio de luz pelas frinchas da porta e o próprio Cocas, de orelha colada ao buraco da fechadura, lhe ouvira aquele ressonar bendito. 101 foi também lá pôr a orelha «por causa das moscas». E veio confirmar:

—A besta ronca!

Foi uma alegria. E aquele recolhimento do princípio cedera em breve ao puro entusiasmo. O Carochinho soubera dos paios e vinha ver se havia *trabalho* para aquela noite. E trazia a competente aparelhagem para obrigar qualquer fechadura a largar a presa... Mas, daquela vez não era preciso e o Cocas foi abancando, enquanto o Quadrado abria o seu navalhão de folha larga para atacar os paios. Metia impressão ver o Quadrado, tão forte e bruto, de navalha em punho virada para o enchido, que na sua mão quadrada era como um animalzinho que ia ser degolado pelo gigante. As fatias lustrosas, magníficas, saltavam dos paios ali todas como se estivessem vivas.

I L H A D O I D A

Depois correu o abafadinho e daí a pouco o Carochão deitava na cafeteira de água a ferver as respectivas colheradas de café. No quarto espalhara-se, por entre aquela alegria, um cheiro, um apetitoso cheiro que se escoava pelas frinchas da porta e corria a inundar o corredor.

Bruscamente, como um tiro de peça, abriu-se a porta. E no mesmo instante a mão de 101 derrubava o candeeiro por terra. E no meio de grande estardalhaço caiu tudo na escuridão.

— Quem está aqui, quem está aqui? Acendam luz!

Era a voz esgarçada de Palito Macho. E o Prefeito corria às apalpadelas, num frenesi, embatendo nas camas e cadeiras. E repetia surdamente: — Hão-de ver como elas mordem. Malandragem! Vai tudo ao Gabinete!

Nesse momento chegava de candeeiro na mão a figura indecisa do Prefeito Anginho.

— Então, sosseguem. Então, meus senhores. O que foi isto aqui? Ora então...

E os olhos de Anginho, ainda meio estremunhados, toparam na sua frente a figura de Palito Macho esfregando os olhos, embrulhado num cobertor às riscas, e que bradava numa voz frenética:

— Agarrem-mos!

— Agarrem-mos, — quem? perguntou Anginho, olhando à roda o quarto vazio.

Porque o quarto estava de facto *vazio*.

J O A Q U I M F E R R E R

— Escaparam-se! Que é deles?

E Anginho, de candeeiro na mão, esperou ansiosamente.

Então Palito Macho voltando-se bruscamente pôde ver amontoadas à entrada do quarto a população espantada daquela ala do Colégio. Cocas, ao fundo, procurava abrir caminho. Inquiria numa voz cheia de espanto:

— Deixem passar, deixem passar. Então que feira é está aqui do meu quarto?

E aos encontros ia entrando no meio de um grande riso abafado. E o Cocas prosseguia, dirigindo-se ao Prefeito Anginho:

— O Senhor Prefeito bem vê: isto não se percebe... Tinha ido ali à Wenceslau e dou com isto aqui à porta do meu quarto! Isto não se percebe não...

— Senhor 52, exclamou Palito Macho já mais acalmado: amanhã no Gabinete o senhor há-de perceber... E logo mudando de tom: Diga-me: quem são os seus cúmplices?

Cocas ficou-se enquanto 101 se adiantava:

— Cúmplices... Ele sabe lá que palavra é essa... — ora não ó Cocas?

Palito pôs-lhe logo a mão no ombro.

— Senhor 101, *interrogatório especial*, amanhã no Gabinete. E acabem-me com essa galhofa.

— Eu? senhor Prefeito, mas porquê? O Cocas chumbou a português...

— Já disse: *interrogatório especial*.

I L H A D O I D A

E tudo serenou por aquela noite. Depois foram apreendidos uns papelinhos impermeáveis cheirando muito a enchido, e também um cartucho de papel pardo cheirando à légua a café. E durante uma semana houve castigo geral. O Cocas suportou quatro bôlas e mais meia dúzia suplementares por não ter querido apontar o nome dos seus visitantes noturnos. Dos outros só o 101 apanhou quatro bôlas «especiais por suspeição manifesta».

— És burro 101. Para que é que te metes sempre? dizia Adrião.

— Não sei pá: puxa-me o corpo...

O ENTERRO

... Três dias passados, o seu querido Mazalipatão jazia morto, estendido a um canto, com o focinho farusco ainda encostado a um troço de couve meio roído. Parecia castigo! Adrião teve um espanto. Rebentaram-lhe lágrimas. Enxugou-as na manga. Deitou os olhos, húmidos ainda, ao sítio onde era a cama de Bodiosa. Jurou entre dentes.

— Hás-de-mas pagar! Foste tu, malandro!

Ninguém duvidou e 101, apesar das suas mãos estarem ainda empoladas, quis naquele dia mesmo rachar o da Bodiosa.

J O A Q U I M F E R R E R

— Não, disse Adrião, quem o esgalha sou eu!... (E os olhos dele envolveram o coelho morto)... Porque Mazalipatão era meu... Deixa passar o castigo geral e vais ver!...

E, entretanto, não se podia perceber como fora morto Mazalipatão.

— Concerteza beberragem de bruxa, murmurou Carochó supersticiosamente.

O enterro de Mazalipatão ficou marcado para o dia seguinte.

Apesar do calor daquele dia, Adrião envergava o sobretudo espinhado. Felizmente que Palito Macho não deu por aquele grande chumaço na algibeira do sobretudo. Chegaram ao Parque. Adrião, no meio de um grupo de amigos e acompanhantes, entrou num maziço de loureiros. Passaram um túnel de silvedo e videira brava e encontraram-se numa redonda clareira, cercada de velhas árvores. Havia plantas em flor deitando no ar um discreto perfume doce. Por cima das pernadas andavam pássaros chilreando. Um besouro volteou, zunindo asas de laca. Insetos freíam entre as ervas e o folhelho. Balão Cativo escolheu um local, afastando as ervas com a mão gorda.

— Aqui, disse.

E sacando do bolso uma faca de S. Caetano, que surripiara para o efeito, começou a cavar. Mediu dois palmos de cova e ergueu-se pesadamente. Todos se

I L H A D O I D A

chegaram à beira do coval. Adrião pousou o corpo frio de Mazalipatão nas mãos do seu amigo que de novo se abaixando, o depôs religiosamente no fundo da cova. Adrião colheu um punhado de terra fresca e lançou-a sobre o corpo; e a terra caindo fez um ruído seco sobre o papel de seda que fora a mortalha de Mazalipatão. E levantou-se, enquanto Balão Cativo acabava de encher a cova. Uma lágrima lhe embaciou os olhos. E um silêncio pairou. Balão partiu dois ramos verdes e deles fez uma cruz.

— É loureiro; talvez pegue, exclamou ele para quebrar o silêncio.

BANZANA

Pina Basófia não podia deixar de pensar que as suas «obras de aventura» estavam todas ainda no Gabinete. Há poucos dias, quando chegara de férias e fora com seu pai cumprimentar o Senhor Diretor, ele bem as tinha visto arrumadas sobre uma pilha poeirenta de jornais e revistas, num canto, em cima de uma cadeira velha de palhinha esburacada.

Ora, não havia ninguém melhor a quem falar do que a 101.

— O quê? tu quere-los cá fora? Eu também, e é pra já! E 101, fazendo buzina com as mãos, bradou ao largo: Eh, Galifão! eh, Trinca!

J O A Q U I M F E R R E R

Uma voz gritou, e depois outra:

— Váaaaai!

E logo saltaram Adrião e Trinca-Espinhas.

— Boh, é por causa das *aventuras* deste gajo aqui, o Basófia... Diz que estão num certo sítio do Gabinete, e a gente tem que lá ir limpá-las cá pra fora... Chama-se já o Carochó: e mete-se a porta dentro, quando o Pad estiver a ressonar, esta noite...

Adrião coçou o canto do beiço. 101 pôs-lhe um dedo ao nariz:

— Tão pá, estás com medo ou queijo?

— Não é medo, não — é cá uma ideia...

— Desentupe!...

— É o seguinte... Nem era preciso arrombar nada... porque se a gente escacha a porta é prá'i um reboição estuporado amanhã por esta hora... Nada, vocês vão ver... E Adrião gritou: Eh Banzana!

— Outro? fez 101. Já cá estamos quatro. Pra que é preciso o escarumba?

— Vais ver, tornou Adrião. Anda cá Banzana.

E Banzana chegou e descaiu sobre um ombro como era seu jeito. Adrião prosseguiu na sua:

— Ora é o seguinte, Banzana... Tu és da malta fixe... És ou não és?

— Pois, 'tão!

— Aqui o Basófia tem uma data de Texas e etcetera e tal que o Pad lhe limpou..., e tem tudo no

I L H A D O I D A

Gabinete em cima de uma cadeira... Bom, a gente depois explica.

— Ispilica a mim? Se calhar é pra eu ir lá, him?... E Banzana fez um gesto de quem enxota mosca diante do nariz.

101 interveio:

— Cala aí Banzana. Deixa explicar: o Galifão é de Olhão!

—... De maneira que logo que seja o anoi-tecer, daqui a bocado... vocês sabem que o Pad a essa hora costuma andar de cá pra lá e de lá pra cá, a lavar no corredor... E quando o gajo vai de costas um fabiano enfia no Gabinete! Heim, mal-tósia?

— Enfia, pois é... E quem é que enfia?

— É o seguinte, deixem-me falar, xixa! Tu és ou não és da malta fixe?

— Responde Banzana! exclamou 101 apontando-lhe um dedo entre os olhos. És ou não és?

— Sou, sou; e que tem isso?

— Tem muito. E tu queres ou não queres ganhar uma data de aventuras pra ler, e ficam pra ti: aí uma dúzia delas...

— Damos-te *cinco*..., corrigiu o Pina.

— Seu forreta, grunhiu 101. A gente disse uma dúzia e é que é mesmo uma dúzia. Ou tu pensas que aquilo ainda é teu?

— Comprei-as!..., garantiu o Pina.

J O A Q U I M F E R R E R

— Compraste-as... — e depois? Depois o Pad lambeu-tas e agora a gente lambe-as ao Pad...! E cala-te se ainda queres abichar alguma! E aqui o Banzana leva uma dúzia... — Queres ou não queres?

— E quem diz que não?

— Ora bem, continuou Adrião... Como eu estava a dizer o gajo costuma andar a lavar no corredor... Cá fora é já fusco e lá dentro é fusco ainda mais... Ora, se de repente, quando o animal vai de costas, se de repente uma *sombra* enfiasse no Gabinete... de repente, está claro: o Tipo nem dava conta...

— Com' lipânis! exclamou 101 esfregando as mãos.

— Ah!!! fez Trinca Espinhas. É bestial!

Adrião continuou:

— De maneira que não tens nada que ter medo, Banzana. És ou não és da malta fixe?

— E ao depois, him?

101 disse, impaciente:

— Tu, tu, não descobriste a pólvora, Banzana! *Depois... Depois...* Até já chateias! Depois... avanças: deitas a luva à tralha toda: depois deitas a cachola de fora e vês se o Animal vai de costas: e dás cos calcanhares no cu das calças... A gente espera-te cá fora.

Banzana endireitou-se. Revirou o branco do olho e fez um trejeito à boca grossa.

— E... e olhem lá, não queriam mais nada, não? Também não queriam que eu fosse coçar o olho ó barbatão?

I L H A D O I D A

101 agarrou-o pela gola do casaco: e berrou-lhe num ouvido:

— Ó sua cavalgada africana!

— Cala-te aí! fez Adrião olhando à roda. Olhem que o Palito Macho não anda longe... O que eu estava a dizer é que tens que ser tu, Banzana.

— Quem lá vai sou eu! exclamou 101. Pôssa pró medo!

— Não, quem lá há-de ir é o Banzana fixe. Se fosse só ir também eu lá ia... Mas não é só: é preciso que o Pad não tosquê a coisa. Ora mesmo que ele veja aqui o Banzana é o mesmo que o não ver...

— Tu és da cor de um túnel à meia noite! berrou o Pina achando a coisa.

— E por isso o Gajo, mesmo que o veja, não o vê!... Ora aí esta!

Todos fizeram um ah! de compreensão. Só Banzana ficou mudo. Agitava-se. Abriu e fechou a boca várias vezes sem dizer palavra. Depois, murmurou fundamente:

— E se ele deita a unha a mim? Tremia. Sentia já no cachaço a grossa manápula do Diretor. Quantos Sherlock Holmes vocês me dão? E titubeou lançando uns olhos inquietos ao cimo da palmeira: Eu antes queria ir aos cocos à meia noite...

E o preto Banzana fez um signo misterioso.

MENINA DOS CINCO OLHOS

Adrião, 101 e Basófia, todos três estavam à espera na retrete. Estavam fartos de esperar.

— Se calhar o Bicho deitou-lhe a unha!

Basófia estava inquieto:

— E agora nunca mais vejo as aventuras, se o Pad lhe deitou a gadanha!

— Qual quê, disse Adrião. O Banzana é da Guiné: ninguém o vê!

— Diz que não: é de Angola. O pai dele é Soba, uma espécie de rei...

O Pina endireitou-se:

— Ó rei... Pf!... Um escarumba!

A porta abriu-se devagar. Banzana surgiu confundido no escuro.

— Ah!!! fez ele aliviado.

— Desentope! E 101 tomou-lhe um braçado de folhetos de aventuras. Conta lá ‘tão como foi...

E 101 sentou-se na banca da retrete, enquanto Adrião fazia cadeira dos folhetos. Banzana, tomando ar fundo, acocorou-se a um canto e começou a contar:

Lá entrar entrei; o pior foi para sair. Ái, ué! que eu pensei que me borrava todo, quando a porta do Gabinete se abriu de repente... Era ele! e vinha direito a mim! Filizmente que eu já ‘tava embrulhado

I L H A D O I D A

atrás da papelada, no canto... Eu só lhe via as pernas a darem de tesoura — trás, pás, trás... Pensei que ficava ali mesmo. Ali... estive quási mesminho vai não vai pra gritar...

— Gritar pra quê?

— Não qui eu não sein pra quê; só sein que me apeteceu gritar e eu não sein porque não griteim...

— E depois?

— Depoins... êle veio mesmo buscar só uma caixa de fósforos... e eu intão ainda êle num istava lá fora bem já eu istava danado outra vez para trazer tudo quanto lá houvesse... Intão lembrei-me que ele mas havia de pagar todas di uma vez: — vocês lembram-se quantas vezes é que eu apanheim porrada? Vocês lembram-se? Nem eu; mas só me lembreim qui nãum podia ficar assim... Aquele grande Bichão excomungado havia de pagar todas di uma vez... Aí, seu Trinta i Cinco, faz a êle uma qui êle mirece! disse eu a mim.

— Diz lá 'tão!...

— ... E fuin-lhe à gaveta onde istava...

E Banzana, que pouco a pouco endireitava no seu canto, cresceu no escuro, abriu enormemente uns olhos delirantes, puxando de sob a fralda do bibe aos quadradinhos um objeto detestado...

— A Menina! exclamaram todos.

— Esta porca danada!... Foi só fazer tric na fechadura...

J O A Q U I M F E R R E R

Ficaram assombrados daquela audácia. Nunca poderiam pensar que Banzana fosse capaz de uma daquelas! Então sempre seria verdade que ele era filho de rei-Soba!...

Trinta e Cinco Banzana corria a mão pela palmatória de bucho como se fosse animalzinho querido. Sorria-se, arreganhava os dentes. Disse num fervor:

— ... E agora faz-se uma fogueira: eu faço e queima-se a excomungada aos poucos e poucos pra sair bem a maldição toda...

E Banzana calou-se amaciando com a sua mão fina e negra o lombo claro daquele objeto que ele tratava como animal vivo... As suas narinas em asa escachada freMIam em tiques nervosos; e seus beIços espessos reboIavam-se, salivando, como se prestes a tomarem delicioso manjar... O seu corpo esguio ondulava como no início de alguma dança lúbrica, ao som cavo de invisíveis tambores... Parecia que da sua boca grossa ia desenrolar-se uma canção rouca, das que às vezes ele entoava e que pareciam vir do fundo recesso das selvas...

UM AVISO

As semanas correram numa desfilada, e eles esperavam o dia negro em que Pad Lopes descobrisse o assalto. Esse dia chegou. Mal haviam começado o estudo da noite, quando o Contínuo Badalo entrou

I L H A D O I D A

e foi logo cochichar na orelha do Palito Macho vigilante. Depois o Contínuo foi-se e então Palito Macho levantando-se fez o seguinte discurso:

— Meus senhores! o Senhor Diretor acaba de dar pela falta da palmatória. Não sei se apreciam a gravidade do sucesso?! Meus senhores, se a algum de entre vós cabe essa responsabilidade, faz favor de se levantar e acusar-se. E o Prefeito corria a vista aguda sobre os rapazes, procurando adivinhar o culpado. E assim ficou tudo por momentos. Depois, o Prefeito recommençou: — Então ninguém tem a coragem de confessar? Muito bem: o senhor Diretor lhes tratará da saúde! Vamos ao estudo. E deu três pancadas no chão.

Durante alguns dias Palito Macho repetiu o mesmo discurso com pequenas variantes. Pelo terceiro dia fez então várias considerações sobre o medo e a covardia «que eram coisas desconhecidas na História Pátria». Depois entrou nas ameaças, e, finalmente, na noite do quarto dia, anunciou que o senhor Diretor deliberara lançar o *castigo geral*. E durante duas semanas não houve passeio, sendo substituídas as horas de recreio pelo estudo de joelhos. No último dia do castigo geral, no estudo da noite, houve uma grande surpresa, quando Pad Lopes apareceu à frente do Contínuo Amândio Badalo. Na sala do Estudo Primeiro foi recebido por Palito Macho que lhe cedeu logo o seu lugar no estrado. Os alunos todos se levantaram esperando-se sabia-se lá o quê... Mas Pad Lopes disse apenas: «Daqui em

J O A Q U I M F E R R E R

diante isto vai fiar fino... Meus senhores, isto é um aviso!» E Pad Lopes retirou-se. Depois entrou no Estudo Segundo, onde era vigilante o Prefeito Anginho. E proferiu as mesmas palavras sibilinas.

Mas os dias, as semanas foram correndo sem que houvesse algo de novo. Durante o castigo geral Adrião, 101 e Banzana aproveitaram as longas horas de estudo para lerem as aventuras recolhidas. E aquelas belas aventuras foram correndo de mão em mão.

Agora, já todos sabiam onde Pedro Pina ia colher as histórias «acontecidas»... E, quando êle vinha com mais alguma, mandavam-no *lamber sabão amarelo*...

PAIXÃO

Adrião nunca tinha lido Sherlock Holmes e muito admirado ficou, quando no meio daquelas aventuras do detetive topou com uma história de mala... Um crime que lhe sugeriu o caso com o Laparoto da Bodiosa.

Estremeceu.

Ele havia coisas que mais pareciam mentira e eram afinal verdadeiras... E coisas que sendo mentira (as do Basófia seriam todas mentira?) e pareciam verdadeiras!

Mas que importava que os romances fossem *mentira*... E seriam eles em tudo mentira? Adrião chorava e revoltava-se, e morria e sofria com os seus heróis! E isso era verdade! E ele tinha a certeza absoluta que

I L H A D O I D A

havia de passar também por aventuras daquelas, havia de correr mundo e havia de encontrá-las...

Mas, estremecia, quando pensava naquela história da mala. Ele queria ser o detetive que prende os criminosos, ao menos porque o detetive passa sempre de aventura em aventura, ao passo que o criminoso acaba sempre no fim de cada aventura. E ele seguia o detetive na mesma fúria de prender o bandido, mas ele tinha pena, todas as vezes que o bandido era apanhado irremediavelmente. Por isso sentia uma alegria espontânea se o bandido fugia pela noite, perdendo-se nas ruas estreitas da Cidade. Era como se uma fonte de novas e possíveis aventuras...

Contudo, a sua verdadeira paixão não eram os nevoeiros londrinos nem as brumas do Tamisa... Não eram as alfurjas sinistras, nem os lagos tétricos da Escócia...

Não. O seu mistério escondia-se nos recessos palpitantes da floresta virgem — os frutos desconhecidos, a pelagem listrada dos tigres de Bengala, a flecha do selvagem, os afiados dentes dos canibais... E correr por tudo isso e entrar nas temerosas abordagens, seguindo o Capitão Morgan — o seu herói! Senhor dos Mares e das Ilhas... E com ele, na proa de um veleiro negro, sulcando os mares, salteando navios, tomando Ilhas, dominando as tempestades, correndo perigos!

E admirava-se de que o grande herói não tivesse conquistado países. e fundado um Império — ele, que não era menos do que o Dom Afonso Henriques!

J O A Q U I M F E R R E R

Não precisava de pensar mais: era aquela a sua vocação!

E murmurava só para si: «Hei de ser pirata! Hei de ser pirata!

Os tigres riscados — Uh! uh! que impressão, quando eles marcham dando ao rabo, bufando e rosnando, por entre canas da índia — Uh! uh!

— «Hei de ser pirata! Pirata!»

AULA DE GEOGRAFIA

A aula do Dr. Policarpo era alegre. Entrava sempre meio sério distribuindo à direita e à esquerda palmadas com a caderneta das notas nas cabeças dos rapazes. Eles gostavam daqueles modos. A rapaziada entrava de roldão atrás do professor que logo se dirigia para a janela, abrindo-a de par em par. Depois, sentava-se, sacudindo a cabeleira já grisalha, puxava as joelheiras das calças e saía com os olhos calmos fora da janela. Lá de baixo erguiam-se uns bambus compridos que subiam ao longo da parede e vinham agitar-se no peitoril da janela e o Dr. Policarpo parecia inspirar-se naquelas plantas exóticas. Começava então a lição, depois de concertar os seus grandes óculos de tartaruga que por assim dizer faziam parte do nariz, que ele, tinha um pouco à banda.

— Ora então cá estamos; dizia ele para começar.

I L H A D O I D A

Esfregava as mãos finas, apontava para a vidraça aberta e falava do mundo, dos rios, golfos, países, florestas e continentes.

Adrião sorvia aquelas palavras e eram como realidades entrando pela janela dentro. Dr. Policarpo, o Esticadinho como eles lhe chamavam na ausência, era na verdade um mestre querido. Ele interessava-se por tudo, mas tinha a paixão das viagens, da arqueologia, e do teatro. Ele gostaria de ter sido ator ou arqueólogo; por muitos anos pensara em dedicar a sua vida inteira à arte de representar. Mas não podia resolver-se a fixar a sua vida num palco sem primeiro ter feito as sonhadas escavações no Egito e na Mesopotâmia. Infelizmente nunca pôde ser ator, nem mesmo arqueólogo nos países distantes. Ficara por cá, nem sabia porquê, e corria alvoroçado quando o jornal dava a notícia de ter sido encontrado um espólio nalgum recanto da província. Mas não esquecia a sua outra paixão: e assim ele fora o criador e era o entusiasta ensaiador de um grupo dramático que interpretava sobretudo o teatro Vicentino.

Entretanto dava as suas lições de História e Geografia e dava-as com uma viveza colorida e rara. Quando citava uma constelação, quando nomeava uma estrela parecia realmente tê-las conhecido desde sempre, era como se fosse ele próprio o seu Criador!

Adrião, absorvido completamente, seguia numa admiração aquelas excursões pelo Infinito misterioso.

Infinito! Uma coisa imensa, maior do que tudo o que é grande, uma coisa perturbante, mergulhada em sombras eternas, onde boiavam astros, os sóis e as luas! Era aquilo, realmente, a coisa mais espantosa que havia e contudo Adrião a *percebera* mais facilmente do que saber que horas eram em Santiago do Chile, dada uma hora tal no relógio do Dr. Policarpo!

No fim de uma aula de Geografia, Adrião perguntara um dia a 101 — que ideia fazia ele do Infinito onde as estrelas e «esta coisada toda andam a navegar»? 101 não se espantou e respondeu, simplesmente, que essa coisada toda era uma boa estopada que não lhe interessava para nada.

Balão Cativo era de opinião que *isso* tinha uma certa piada e que não se importava de ir ver mesmo lá, se não fosse assim uma coisa tão longe e mau caminho!

O Dr. Policarpo limpava mais uma vez os vidros embaciados dos seus grandes óculos, e dizia satisfeito:

— Pois foi de verdade um grande cataclismo cósmico! (Adrião repetia para si em voz baixa: *cataclismo... cataclismo cós-mi-co*)... e a Terra, continuava o Mestre, a Terra foi um dos inúmeros pedaços dessa imensa explosão astral!

Muitos ali não acreditavam que aquilo tivesse acontecido, mas para Adrião as palavras do Dr. Policarpo eram mais verosímeis do que as histórias do Padre Encarnação.

I L H A D O I D A

— ... O sol ficou no centro: à sua volta ficaram Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, etc., girando nas suas respectivas órbitas. E logo o Dr. apontando para baixo, inquiria: — Ora diga lá o 39, quais são os outros que eu não disse... Vamos, senhor 39!

— 4... 5... anh, senhor doutor... o Marte... E repetia de novo: o... o Marte...

— Vamos adiante, esse já se ouviu...

Adrião já saltava no banco com os planetas todos debaixo da língua. Felizmente a pergunta caiu-lhe lá de cima e Adrião com toda a rapidez desfiou a lista completa dos planetas. Depois ficou um momento calado e logo com uma certa vergonha colorindo-lhe as faces, perguntou como é que era essa coisa do *chapéu*... sim, do chapéu de Saturno?...

O Dr. Policarpo sorriu.

— Ah, sim senhor, os anéis de Saturno... É realmente curioso. Mas não lhe chames chapéu!

Os olhares todos se fixaram sobre Adrião e ele corou ainda mais.

— ... Poeira cósmica, poeira enorme, assim como luas inumeráveis em torno do astro. E logo o mestre entrava na maravilha: — Os seus habitantes, se é que lá existem... (*Existem, pois!* rosnava Adrião, torcendo os botões)... se lá existem devem contemplar todas as noites um espetáculo maravilhoso. E ainda mais extraordinária seria a visão de um habitante do Anel: ele veria deslumbrado, sobre a sua cabeça, um astro

J O A Q U I M F E R R E R

imenso, luminoso, cobrindo quási todo o céu, cheio de montanhas, de rios, de mares, fervilhando de vida cidades, campinas, vulcões... É claro que à força de ver isto todos os dias o tal habitante já nada acharia de extraordinário naquela grande lua que lhe daria luz suficiente para ler o jornal à noite!

— Oh!!! fez Adrião.

— Eu cá não acredito! murmurou uma voz.

— Essa do jornal também eu não! grunhia outra voz.

— Hum? fez 101, parando de canivete na mão. Depois, não vendo novidade, concentrou-se de novo no tampo da carteira, entalhando a fundo o seu nome completo.

Balão Cativo levantou-se lentamente e com ambas as mãos apoiadas no tampo da carteira, pediu:

— Dá licença, senhor Doutor? É que eu queria saber... O senhor Doutor disse que havia lá rios e mares...

— Pois disse — e então?

— É que... anh... e porque é que então os mares e os rios não se entornam cá para baixo? O resto acredito! sublinhou. E Balão, erguendo a mão, coçou um pouco a nuca.

— Ah, ah, pois não se entornam pela mesma razão que os de cá se não entornam — percebeu?

— Hum... senhor Doutor... eu cá não queria negar, eu queria só era saber...

I L H A D O I D A

E então o professor explicou as forças que não deixam que os rios e os mares despejem as suas águas sobre o infinito...

Mas havia tantos, tantos mistérios por Toda a Parte! Seria possível que fora deste mundo houvesse gente como nós? E como seria essa gente? E como saber se lá existe essa gente? Adrião moía a cabeça, magicando nestes problemas. Adrião desejava ter um óculo imenso, só para ver se descobria algo de novo. Ah! Estava farto, farto de não descobrir nada!

E a Lua? Parecia-lhe já ter ouvido que lá também havia gente. Haveria? Fazia-lhe falta o óculo...

Entretanto, contentava-se em acreditar nos outros, nos sábios; e fez ouvir a sua voz um tanto incerta:

— Ó senhor Doutor... eu... eu posso perguntar?

— Quem, quem? Ah, o senhor 31, sim senhor, à vontade, ora diz lá então...

— É que... era só uma coisa... Ouvi dizer, de uma vez, que na Lua também há gente... e que... e que se há de poder lá ir um belo dia...?

Não acabou. Foi uma gargalhada geral. Só o Balão se virou todo para Adrião e fez-lhe sinal que ele, Balão, acreditava!

O mestre lá de cima fazia gestos para abrir silêncio. Finalmente, conseguiu meter a sua:

— Sim, senhor, porque não? De que se riem? Tudo é possível, concluiu.

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião, refeito do abalo, mirou por cima da burra toda a sala confundida. Entretanto, recebia um bilhete; dizia assim: «Podes contar cá com o rapaz. Aqui prás curvas!» Assinado: «Balão Cativo, 47».

Adrião sorriu-lhe de longe. E pensou:

— «É pena. Ora por que havia de ser o Balão assim tão pesado e tão gordo?! Não havia foguete capaz de o levar, assim tão gordo... É pena!»

As palavras do Professor zumbiam-lhe aos ouvidos como engenho de tirar água. Ele magicava. De repente ergueu a cabeça. Pois tinha decidido tudo. Seria ele próprio o primeiro a entrar na Lua! Havia de lá ir! E vinham-lhe à ideia os nomes de Vasco da Gama, de Fernão de Magalhães, de Fernão Mendes Pinto, dos Côrtes-Reais... Esses e outros mais que tinham sido os primeiros por toda a parte! E, se antigamente era assim, agora não havia de ser menos! E Adrião pensava em Gago Coutinho, Sacadura Cabral, e em si próprio, Adrião da Silva Rezende, n.º 31. Porque não? E porque não? Quem diz à Lua, diz ao Mercúrio, ao Neptuno e ao Chapéu mesmo do Saturno.

Ah, os lugares do Cataclismo Astral!...

O INFINITO

Adrião ergueu devagar a sua cabeça cheia de ideias, de planos, e, na verdade, sentia-se farto de não descobrir nada. Os seus olhos, incendiados de heroísmo,

I L H A D O I D A

corriam ansiosos pelos muros e recantos da sala. Deteve-se no teto remirando aquele estranho povo de papel recortado que, suspenso por linhas de várias cores, se balançava sob a aragem da janela aberta. Eram bonecos feitos como gente e que se agitavam, vivendo ao sopro do vento. Era assim, mais ou menos, cá em baixo, que as pessoas e o resto viviam nos planetas grandes. Mas de cabeça para baixo, mergulhando no infinito. E era assim que ele andava, se bem que nunca se tivesse apercebido. E por mais que saltasse no ar havia sempre a tal *força* que o puxava de encontro à terra, e não poucas vezes lhe amolgara a cabeça ou esmurrara os joelhos.

Adrião levou a sua mão ao joelho. Jamais cairia no Infinito por mais que saltasse! Havia uma *linha* invisível por debaixo de si.

Ao lado, o 39 dos Touros preparava-se para lançar mais um homenzinho ao teto. Mastigava a toda a força um pedaço de papel. Agora, tirava-o da boca transformado numa bola de massa, onde prendeu a linha que segurava o homenzinho. Logo, experimentou a flexibilidade de uma comprida régua e pôs-lhe na ponta a bola de papel mascado. Em seguida, com um olho no mestre e outro no teto, fletiu a régua, e, de repente, largando-lhe uma ponta lançou no espaço o boneco que foi, num estrondo surdo, espetar-se lá em cima. Ao mesmo tempo arrastava as botas no chão para confundir os ruídos e esfregava as mãos para quebrar o gesto.

J O A Q U I M F E R R E R

E, entretanto, o Dr. Policarpo andava longe pelos astros. Adrião considerava o teto e via como aquela gente de papel passava uma pela outra e se cumprimentava curvando a espinha, ou fazendo gaifonas, tal qual na terra.

SUSPEITA

Naquela manhã rebentou o escândalo. Foi naquela manhã. E quem havia de dizer: uma coisa assim em manhã daquelas!

O sol fresco banhava alegremente todo o ângulo nascente de S. Caetano. A passarada, acordando, restolhava na ramaria das duas árvores do Claustro.

Era cedo. Do lado da rua subia o estardalhaço das carroças, rodando sobre a calçada. As duas fileiras de olaias pareciam desabrochar com mais ímpeto naquela madrugada. E os exames andavam longe e, como andavam longe, não podia supor-se uma coisa daquelas, quebrando assim de repente o ramerrão monótono e mosquento do Colégio de S. Caetano.

Palito Macho, por uma razão ou por outra, acordou estremunhado. Um silêncio profundo, e lá de fora, da manhã crepuscular, subia uma nevoazinha que se infiltrava como fumo pelas frinchas da vidraça. Através do tabique coava-se aquele ron-ron compassado de trinta respirações adormecidas.

I L H A D O I D A

Palito Macho, como há vários anos fazia, num hábito disciplinar, sem abrir os olhos apurou o ouvido medindo a onda respiratória. E tornou a deixar cair a orelha no travesseiro, satisfeito e embalado naquele ritmo regulamentar.

Mas de repente pulou na cama. Apurou os sentidos e logo saltou no sobrado. À pressa, meio tonto, alcançou os chinelos de trança, perfeitamente silenciosos. Tinha confiança nos chinelos. Saiu ao corredor. Esfregou os olhos, ainda estremunhado, e, com a mão trêmula de comoção, impeliu suavemente a porta que dá para a Camarata.

Não era possível ter-se enganado. Ia finalmente agarrar a grande ocasião! Ansiava por ela há tantos anos!

Os objetos, as camas do vasto dormitório, mergulhavam num véu de penumbra. Ele aguçou a vista. Parou um instante combinando entre si um plano de estratégia. Acender a luz? Seria revelar-se cedo de mais. Correr para o transgressor? E que era dele? Seria melhor, talvez, avançar com pés de lã a tatear o terreno... E olho aberto! Mão lesta!

Deu mais dois passos, depois mais dois e parou de novo olhando à roda. Aquele silêncio, na obscuridade, cortado só pelas respirações — impressionava-o. Ele não podia crer que aquilo fosse medo. Ele, a autoridade, não podia ter medo! E afinal, medo de quê?

J O A Q U I M F E R R E R

É boa, lembrava-lhe inesperadamente a história antiga do Alvarenga... Mas não. Ele não podia aceitar que fosse a recordação daquela história, velha e banida, que lhe pusesse tremuras no corpo. Mas ele sentia, na verdade, quási uma angústia inexplicável. Contudo, as pernas andavam, pareciam montadas numa engrenagem que lhe não pertencia. E avançou de novo.

Silêncio. Sossêgo. A figura indecisa do Prefeito deteve-se e lançou a vista em redor. Nem um ruído, nem um gesto quebrava a música sombria dos peitos arfando. Ele suspeitou um engano e subiu-lhe à garganta uma onda de raiva mansa. Era uma raiva e aquela angústia... Diacho! não seria ainda daquela vez?! Quantos meses, quantos anos teria ainda de esperar para ser, finalmente, Suplente de latim? E para isso não haveria melhor recomendação para o Senhor Diretor João Lopes do que levar-lhe bem preso pela gola do casaco *um prevaricante daqueles* e colhido com a boca na botija! Ter-se-ia enganado?

Lá fora o sol rebentara um pouco a névoa e começava a clarear. Diacho! então havia de se enganar mais uma vez?

E, sorrateiramente, foi rastejando por entre os leitos. Por mais que olhasse: apenas um só corpo em cada leito! Só um! Dianho! Já agora havia de ir até ao fim. E desandou, concentrando-se. Ah, se ele achasse!

I L H A D O I D A

... Seria Suplente. E quem sabe? talvez, mais tarde, Professor efetivo O Padre Encarnação estava tate-bitates, acabado... Aquela tendência para as congestões cerebrais podia rapá-lo de um instante para o outro... E era preciso estar em dia, era preciso, na sua folha de serviços, mais alguma coisa do que o seu zelo, sempre igual, de todos os dias. Ai, aquele seria um grande lance! O antigo Prefeito Mendes, se fora Professor largos anos, devia-o a ter pilhado em flagrante delito *um prevaricante* daqueles... Ora ele sentia-se tão capaz, ou mais! do que o Mendes que estava agora estabelecido com um pequeno Colégiozito, mas que era afinal um Colégio — por que não reconhecê-lo? Ele não tinha inveja do Mendes, que fora ainda seu contemporâneo, mas, que diabo, sentia-se capaz! Ele sabia que a ambição era um pecado, mas só a ambição *demasiada* era pecaminosa... Aquela sua ideia — Suplente! — era justa. Diacho, ele também havia de ter sorte um dia, que era afinal uma noite...?

Estacou. Levou a mão à garganta desfazendo um nó de comoção. Abeirou-se pé ante pé. Debruçou-se numa lentidão refreada. Depois, bruscamente, deitou mão do lençol — um punhado de roupa na sua mão enclavinhada. E o corpo deitado, que a roupa cobria, ficou inerte. O Prefeito lançou-lhe ambas as mãos apertando-o no ar. Um sorriso de triunfo se lhe abriu na face retesada. Mas logo, mudando de expressão, um escapo rouco lhe subiu da garganta. Das camas

J O A Q U I M F E R R E R

em redor erguiam-se caras estremunhadas buscando compreender.

... O Prefeito, desapontado, desenclavinhou as duas mãos, deixando cair aos pés aquele saco cheio de palha de milho. E pareceu-lhe ouvir um riso choco, quando o travesseiro, despregando-se das suas mãos, tombou no chão. O travesseiro!

— Quem foi? regougou.

E percorreu, num olhar rápido, as caras que se erguiam dos lençóis. Depois, desvairado, numa ânsia enorme, vasculhando à direita, à esquerda, rebuscava o leito que, forçosamente, havia de ter *dois corpos juntos*.

Desesperava-se. Ah, mas havia de encontrar. Tinha dentro de si uma alegria surda. Agitava-se freneticamente. Nunca se vira assim!

À CAÇA...

Precipitou-se ao interruptor. A luz fez-se. Nas camas, soerguidos, rapazes ainda meio ensonados perguntavam uns aos outros a razão daquela sortida.

Ele corria a camarata em grandes passadas, e de mão nervosa arremetia de supetão a roupa das camas. Um pânico começou a invadi-lo. Sentia fugir-lhe o lugar de latim... E então andava mais depressa, fariscando a presa.

— «Preciso refletir», e deteve-se um momento.

I L H A D O I D A

Passou a mão húmida pela testa. Mas não podia largar de vista, um instante sequer, o espaço todo da Camarata. Mas não, nem era preciso refletir: a coisa estava clara: um travesseiro deitado numa cama substituíra alguém, logo, esse alguém havia de existir — e era o prevaricante. Era pelo menos um dos culpados — oxalá fosse o *principal*!

Tinha que o achar e havia de achá-lo! E foi de cama em cama puxando as roupas.

Um sussurro espalhava-se pela Camarata.

— O que foi? O que foi?

Mas não foi longo o perceber aquele andar desvairado do Prefeito, desfazendo camas àquela hora da alta madrugada. E logo todos os olhares convergiram para uma cama próxima do leito vazio. Mas Serafim Leitão nem pestanejou. Tinha a cabeça meio levantada, com um ar de indiferença gozadora, apoiada no braço, dobrado pelo cotovelo.

— Mas que pagode é este? perguntava Serafim para o ar.

Palito Macho não tardou a seguir os olhares unânimes. Deu com Serafim naquela posição apreciadora e o Prefeito enfureceu-se:

— Que é do *outro*? Diga já, confesse, que é do outro?!

Serafim teve um meio sorriso e encolheu um ombro...

— Que é dele? Responda que é melhor!

J O A Q U I M F E R R E R

E o Prefeito fuzilava-o com o olhar inquisidor.

Serafim respondeu, finalmente:

— É *melhor* — o quê? Qual outro? Qual quê, eu sei de mim e já não é pouco. Qual outro?...

E ficou impassível e pálido, nem mais nem menos do que de costume.

Ergueu-se um pouco mais sobre o cotovelo franzindo o lábio fino, desdenhoso, sombreado ligeiramente pelo buço penugento. E assim permaneceu, imperturbável no seu ar desabusado, seguindo as operações.

A claridade entrava mais abundante pelas claraboias da Camarata. O Prefeito, indeciso, parecia amachucado, sem saber onde lançar mão. Parecia-lhe que já perdera o lugar, o latim, tudo!

De repente colheu no ar um nome: «Calçaninhas». Subiu-lhe uma nova esperança. Bateu na testa.

— O Calçaninhas... É ele, o 55! E, interpelando a Camarata, indagou: Andem, confessem: que é dele, o 55? E ganhando fôlego, berrou mais alto: Que é dele? Confessem!

Ah, parecia-lhe ouvir risos abafados. Malditos! Estúpido, estúpido! porque não lhe lembrara há mais tempo o nome do prevaricante? Estúpido! E agora se lembrava: muitas vezes, sempre mesmo, os vira juntos, o 55 mais o Serafim Leitão, sempre juntos, muito amáveis, felizes... Mas o 55 era difícil de agarrar... agora que tinha já levantado a lebre... Ah, mas ele,

I L H A D O I D A

Alfredo Libânio era ainda mais fino do que qualquer 55 daqueles! Havia de caçá-lo: desta vez escapou-se, estava concerteza metido na retrete, quando sentiu perigo... — bolas! apesar dos seus chinelos de trança! O 55 era fino como um coral. Mas ele havia de vigiá-lo discretamente, silenciosamente, um olho fechado e o outro aberto, fazia de conta que era parvo, ... fazia que não percebia, que não via, que não ouvia... Havia de pilhá-los!

Iria arrancá-lo ao fojo; atirava-o lá em baixo dentro do Gabinete: havia de passar um mau bocado. Mas aquela do travesseiro dava-lhe que pensar... Como pudera tomar o travesseiro pelo 55? Abaixou-se para o levantar. Apetecia-lhe saltar-lhe com os pés em cima. O bacio de Calçaninhas branquejava debaixo da cama. A mão do Prefeito alongou-se. Puxou o bacio. Queria examinar tudo. Que os bacios, se bem que fossem obrigatórios na mobília dos rapazes, nunca serviam por expressa determinação superior. Desejaria castigá-lo, ao menos pelo bacio. E Alfredo Libânio puxou o traste.

Quê! pareceu-lhe ouvir... Seria um rato? Possível. Mas Alfredo Libânio dobrou mais o espinhaço, meteu a cabeça estonteada por debaixo da cama...

CALÇANINHAS

Ah, agora! Até que enfim! Agarrou-o. Ouvia-se agora o 55 a ressonar debaixo da cama. Trouxe-o pegado pelo cabeção da camisa. Ali! tinha-o ali, entre

J O A Q U I M F E R R E R

os cinco dedos implacáveis da sua mão de futuro Suplente. Fez-se- um murmúrio por toda a Camarata.

— Caluda! rosnou o Prefeito. E com um dedo livre apontou para Calçaninhas abanado, e gritou: Isto é um exemplo! Que lhes sirva!!

E tocando Calçaninhas à sua frente largou da Camarata. Entraram ambos no corredor penumbroso, e à porta da Camarata amontoaram-se trinta caras curiosas.

Alfredo Libânio sentia-se realmente satisfeito. Feliz. O lugar de Suplente tinha-o ali agarrado na sua mão. Não ia mesmo fora de crer que era aquele safado, o Calçaninhas — 55, que lhe tinha inventado a alcunha de Palito Macho. Raio! Agora pagava-as!

Arrastava de escantilhão pela escada abaixo aquele fardo humano, numa pressa, numa ânsia de chegar. João Lopes já entrava no Gabinete de balan-drau.

O contínuo Badalo, sentindo aquele tropel a uma hora tão deslocada, meteu a cabeça fora do cubículo. Espantou-se. Não podia crer nos seus olhos. Que teria acontecido? O Prefeito parecia contentíssimo. Que diabo!

Logo que o Prefeito entrou no fatídico Gabinete, empurrando à sua frente o 55, Badalo acercou-se pé ante pé e aguardou atrás da porta. Ouvia-se a voz do Prefeito. Começou a falar pausadamente, friamente, depois numa excitação crescente, numa pressa de chegar

ao fim. Badalo colou o ouvido ao buraco da fechadura. Seus olhinhos, um tanto apalermados, faiscavam agora de malícia. «Ai o marau, o Calçaninhas!» De vez em quando ouvia-se uma ou outra palavra chorosa do acusado. O vozeirão bruto do Diretor só fazia de vez em quando: «Prossiga!»

— ... E eu procurei por todo o lado, senhor Diretor, fui de cama em cama, tirei as roupas... Não me veio logo à ideia que era aqui o 55 que faltava... mas calculei que, se um travesseiro estava na cama... alguém... evidentemente, alguém devia estar fora dela!...

— Prossiga!

— ... Era evidente... evidente que havia um culpado — é este, senhor Diretor!

Badalo, na verdade, nunca tinha assistido a *uma daquelas*... A do Alvarenga... ah, sim, mas não era já do seu tempo. A do Magalhães... O Magalhães canhoto... Essa dera que falar. Quando o Magalhães estendera a mão direita à palmatória, enquanto com a esquerda ia agarrando a pesada esfera armilar, metálica, contundente, que estava no canto da secretária. Pad Lopes dera um pulo de raiva, mas não insistira e deixara-lhe ficar a mão intacta! Fora um caso único. Desde então a esfera armilar tinha sido desterrada para o píncaro da estante, ao canto, ao pó e às aranhas. Em S. Caetano ainda hoje era célebre aquela mão canhota do Magalhães.

SONAMBULISMO

Como rastilho de pólvora, a notícia espalhou-se por todo o casarão. E ouvia-se agora falar mais no Calçaninhas do que nos generais chineses que andavam às gambérrias na China.

Agora as atenções de S. Caetano tinham sido absorvidas pelo caso Calçaninhas — Serafim Leitão. O Serafim que fora seu amigo... Não podia odiá-lo. Alfredo Libânio tinha querido incluir Serafim Leitão naquele caso, mas não foi possível porque o Serafim, à vista de todos, tinha sido encontrado honestamente deitado na sua cama.

Pad Lopes tinha dado as suas ordens, e severas, proibindo os grupos e os comentários.

O Prefeito Libânio estava de semblante carregado. O seu colega Anginho, acercou-se naquele seu ar prazenteiro:

— Ora diga-me, caro colega, afinal o rapaz não era culpado, heim?

— Não era? Essa agora. Eu vi-o. Que estava êle então a fazer debaixo da cama? Ande, diga-me! Eu percebi logo tudo...

— Pois sim, pois sim... Mas o senhor Diretor deu-lhe — quantas bôlas? Ah, só quatro... ora vê! Se o senhor Diretor o julgasse culpado, ah, nem quero pensar — coitado!.. Ora, já ouviu falar num tal Alvarenga?...

I L H A D O I D A

— Nem quero ouvir falar! O colega sabe que não é permitido!...

— Ah, sim, tem razão. Falei por falar... Esse coitado... bem, bem... eu sei que é um nome banido. Em todo o caso parece que o nosso 55 é um pouco sonâmbulo... Não será? Não me repugna acreditar...

— Eu lhe direi se ele é ou não sonâmbulo, quando o apanhar com. a boca na botija! Eu lhe direi então!

— Oh!!! colega. Então acredita?!

E ficaram calados. Anginho ainda encetou uma palavra; mas calou-se.

E Alfredo Libânio ficou só, encostado à ombreira da porta.

— Pouco barulho! gritou para o Recreio.

Sentia-se invadir de um humor azedo. Mais uma vez lhe escapara a enguia por entre os dedos. Não podia compreender como o senhor Diretor aceitara aquela do *sonambulismo*! Não lhe saíam dos ouvidos aquelas palavras deslavadas do 55: «Sim, senhor, já o meu pai que Deus tem era sonâmbulo, e a minha tia Alzira...»

Era de gancho, uma daquelas! Alfredo Libânio ficara abismado. Nem soubera o que replicar. Depois de tanto trabalho, tanta noite perdida, tanto sono cortado... Era demais! Era forte! Ele, Alfredo Libânio batido por um... Sentia nojo. Fora-se tudo... Uma carreira desfeita. Quantos meses ou quantos anos teria

J O A Q U I M F E R R E R

ainda de esperar por outra ocasião daquelas. E o Mendes, mais burro do que ele, a prosperar! Havia injustiças no Mundo. Havia.

E Alfredo Libânio puxou do lenço encardido e passou-o quatro vezes pela testa alagada em suores.

Tudo por água abaixo!... *A enguia...*

OS PRIMOS DE COIMBRA

Naquele domingo, pela manhã cedo, chegaram o papá e a mamã. Iriam dar uma volta pela cidade «ver os cartazes, ver as montras e passar um bocado da tarde em casa dos Primos de Coimbra».

Adrião ouvia muito falar naqueles primos e afinal, que lhe lembrasse, só uma vez, quando era muito petiz os visitara. Passara-se até uma cena «desagradável», segundo a mamã. Ela contava que fora tudo por causa de um urso de peluche que era da menina dos Primos de Coimbra. Adrião quisera, por força, levar o urso da Manelinha para a casa de Rampagodos. Cada um puxou para seu lado, e tanto puxou e tanto puxaram que o urso de peluche ficou feito em dois. A Manelinha chorou magoadamente quando viu a serradura escorrer-lhe pelas mãos; Adrião, aproveitando-se da confusão, apoderou-se do bicho e queria levá-lo mesmo assim! Manelinha ficou num espanto: nunca lhe passara pela cabeça que o urso fosse daquela maneira, com tripas de serradura! Por fim ambos cho-

I L H A D O I D A

raram sobre o animal a fingir, morto, espatifado, desfeito em farelo...

A mamã, depois daquilo, ficou muito impressionada, e durante alguns anos teve um certo acanhamento em visitar aqueles primos. Eram de muita cerimónia!

— Um urso tão caro! repetia muitas vezes a mamã, quando o papá achava graça ao sucedido.

E agora, alguns anos passados, não se cansava de recomendar:

— Olha que é preciso ter muito assento; já andas no Colégio, já és um homem, debes mostrar propósito, não interromperes as conversas nem dizeres algum palavrão de rua! Vê lá! E enquanto caminhavam a mamã ia recomendando: É preciso não falares sem te perguntarem alguma coisa e debes sempre falar com acerto: um menino da tua idade já tem obrigação... sim, nada de tolices... senão! E fazia um gesto que ele muito bem conhecia. E juízo! exclamou quando já se avistava a casa dos Primos.

— «Juízo!» pensava. «Isso tinha até de mais!» E olhava para a cara da mamã. E se calhar ela pensava que ele ia agora puxar pela perna do urso? — um miserável urso com serradura no bandulho! Ursos... pf! Agora só se puxasse a perna da priminha... para a namorar...

Era uma casa grande. Um belo jardim à frente com umas grades pintadas de verde, onde se enrolavam

J O A Q U I M F E R R E R

trepadeiras; umas grades muito diferentes das de S. Caetano que eram ferrugentas, negras, poeirentas, babadas pelas aranhas. Entraram no jardim, calcando a areia grossa das áleas, que estalava alegremente sob o calçado. Algumas roseiras de tocar subiam até às janelas de cima, desdobradas em persianas verdes.

Uma criada chegou. E todos três foram atrás da bonita criada. Adrião poisava os pés com todo o cuidado não fosse estragar a felpa dos tapetes! Mas o papá ao lado não se importava com a felpa — e Adrião então não quis mais saber e atirava os pés à vontade. Todos três caminhavam num tal silêncio, sem se ouvir um passo, que mais parecia caminharem sobre uma nuvem!...

Chegou finalmente a Prima. Que beleza de Senhora!

«— Ah!... Disto sim!» E mirava embevecido tanta beleza. Sentia-se envaidecer, crescer, inchar por ter uma prima assim. «Um monumento!» pensou; era o que o Pina Basófia diria de uma mulher daquelas.

Ela vinha muito airosa, sorridente, atravessando o salão num passo ligeiro. Trazia um vestido preto, muito justo, muito preto, que mais lhe fazia realçar a brancura do pescoço, dos braços, do rosto. Tombado no colo um colar de pedras brilhantes como ele nunca tinha visto.

— Caramba, estes primos são ricos, carambinha! soprou ele entre dentes. E beijou timidamente o rosto

I L H A D O I D A

lindo que sua Prima lhe baixou. Respirou fundo para espantar o embaraço: era como se tivesse dado o seu primeiro beijo de amor! Sentiu-se corar. Respirou mais fundo para sorver aquele cheiro bom que a Prima deitava...

— Ora então estes primos, dizia ela, ora então nunca aparecem... E o Driãozinho — quem havia de dizer? — um rapagão!

E Adrião sentiu os olhos da Prima todos nele. Baixou os seus: suspeitou que estava a corar, levou a mão à cara para enxotar, aquela impressão. Ergueu os olhos devagar: ela ainda o mirava e ele então deixou-se corar sem remédio...

Começaram a falar de outras coisas e ele teve ocasião de espantar o sangue da cara. Pouco a pouco os seus olhos iam-se habituando à meia penumbra do ambiente. Surgiam mil coisas do fundo obscuro. Iluminavam-se em meias tintas ganhando linhas e formas, como numa suave criação de feiticeiras. Quadros onde mal se adivinhavam as figuras e as cenas, estatuetas aos cantos, vasos esculpidos, espelhos enormes de moldura dourada, refletindo os objetos, os claros e as sombras.

Ele sentiu uma presença. Afirmou-se. Um reposteiro agitou-se e dali surgiu uma figurinha ligeira, saltitando. Adrião compôs-se no sofá que ele sozinho ocupava.

— Não conhecem? perguntou a Prima.

J O A Q U I M F E R R E R

— Oh! fez a mamã. Mas é a Manelinha! Como está crescida!

— E bonita! fez o papá dando-lhe um beijo sonoro.

Depois foi a vez de Adrião lhe dar o seu beijo. Hesitou. Era a prima do urso, e tão linda! Era um encanto! E ali prometeu a si mesmo que havia de lhe comprar outro quando ganhasse dinheiro para o comprar... Um novo? comprado?... Jurava que não havia de *voltar* de África sem trazer um urso a valer com tripas e tudo!... E mal ousou aflorá-la num beijo.

A prima Manelinha pegou numa revista de cinema e começou a folheá-la, alheia à conversa que lhe não interessava. Adrião, pelo rabo do olho, seguia-lhe os movimentos. Ela mergulhou numa página e Adrião alongou o pescoço magro para descobrir o motivo do seu interesse; e nisto deram com os olhos um no outro.

O papá perguntava porque não estava o Primo. E Prima Antonieta admirou-se de ele não saber que o seu marido tinha ido tomar posse do lugar de cônsul em Sevilha. . .

— Ah, é então em Sevilha? — linda cidade! E vão todos morar lá?

— Pois tem de ser; mas primeiro o Gastão há de passar lá uns meses sozinho, talvez mesmo um ano; temos primeiro de arrumar as nossas coisas aqui na cidade... mil e uma coisas... Não sei se me darei bem num país estranho..., apesar de que já estive em Espanha, e gostei sempre muito de viajar...

I L H A D O I D A

O papá confessou que era também o seu desejo — viajar. E logo a mamã afirmou que também não desgostava de viagens — desde que não fossem por mar! Não só porque enjoava muito, como também porque não havia necessidade nenhuma de a gente se arriscar em cima das águas fundas... Para isso lá estavam os «pobres pescadores», e «os marinheiros que sabem nadar»... e «os que vão ganhar a vida ao Brasil»...

Adrião, por várias vezes, apeteceu-lhe intervir. Mas logo teve ocasião porque a Prima Antonieta, lendo o seu desejo, deu-lhe a oportunidade.

— E o nosso *homem* também gostaria de viajar? E ela ficou à espera, surpreendida do contentamento que lhe iluminara os olhos. Foi um silêncio longo. Ele não sabia por onde começar... Sentia-se maravilhado de lhe terem pedido *a sua* opinião, demais a mais uma Prima tão linda! E disse um pouco entaramelado:

— Gosto, gosto muito, Prima! E ficou trémulo; já quasi perdera o receio de lhe chamar prima. Coçou um pouco ao canto da boca.

— E então onde gostarias tu de viajar? Deves ter estudado Geografia... conheceres países do mapa...

Adrião sentia-se já no seu elemento.

— Não, não me interessava ir a *países*... E ficou suspenso naquela palavra.

— O quê! cortou o papá surpreendido. Queres então ir à Lua?

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião ainda pensou em responder àquela de ir à Lua, — como se fosse alguma coisa de tão extraordinário ir à Lua! Mas não quis, não *precisava* sair do assunto:

— ... A *paises*, não. Esses países não me interessam para nada.

— Oh!?

— O que me interessa é sítios onde haja leões para haver aventuras, e tigres e antropófagos!... Disto sim! E já combinei com o 101...

Mas não acabou. Uma súbita gargalhada cortou-lhe a palavra.

— Então, então Manelinha de que te ris?

A revista de cinema escorregara-lhe para o tapete enquanto toda ela se sacudia num riso doido...

— Não posso... não... não posso...

E ria num verdadeiro delírio.

— Mas o que foi? o que foi? És tola!...

Foi... foi... não posso mais... os *antropófagos*... os *an-tropó-fagos*...

Então o papá e a mamã entraram também a rir e a prima Antonieta acabou também por se rir à vontade.

A ILHA

Adrião ficou passado. Levantou-se, dirigiu-se para a porta. Ia sair. Ia tomar ar. Ao menos lá fora não havia *gente besta* que risse do seu plano, que troçasse

I L H A D O I D A

das grandes viagens! Num instante caía por terra a sua admiração pela prima Antonieta. Quem sabe mesmo se fora amor?

Entrou no corredor. Atirava os pés à bruta, calcando sem dó a felpa dos tapetes. Mas viu-se tomado nuns braços suaves... Sentiu-se perturbado e envolvido no braço da prima Antonieta, deixou-se reconduzir sem oposição à sala. E ela, mais linda do que nunca, afirmou em voz alta, que afinal era ele quem tinha razão. E tinha-a toda, afirmava ela sorrindo de compreensão.

— ... Que sim, senhor, viajar pela floresta deve ser maravilhoso, maravilhoso! Deve ser mais atraente, incomparavelmente, do que qualquer estrada banal e alcatroada da Europa, com um anúncio aos pneus disto e às conservas daquilo, pespegados em cada curva ou ponto de vista!... E então a caça ao desgraçado coelho em que se empregava todo um arsenal para chegar a casa e o entregar à cozinheira! Na África, não. Ao menos lá o «arsenal» justificava-se. E os rios majestosos de margens soberbas, e as florestas virgens, e os gentios, e, sim, senhor — porque não? — os antropófagos.

Adrião delirou. Sentia crescer-lhe uma onda de reconhecimento, de entusiasmo. Sentia crescer-lhe água na boca, como se tivesse já tanta maravilha à mão de semear.

Manelinha tinha outra vez a cara metida nas páginas da revista e Adrião não ia fora de crer que

J O A Q U I M F E R R E R

ela ria ainda à socapa. A Prima Antonieta calada por um momento, voltou a falar... A mamã respondeu:

— Não sei, Prima, não sei o que ele quer seguir... Anda, Adrião, responde à Prima Antonieta...

Ele, a bem dizer, não se tinha ainda completamente decidido. Hesitava. Pirata não seria bem uma *profissão*... não seria, (pelo menos das que se estudam por cá)... e, explorador era quási ser pirata... No entanto, se lhe dessem o emprego de explorador... era isso mesmo que ele escolheria..., apesar de serem só lutas em terra com os canibais e os tigres de Bengala. Também lhe não desagradaria navegar no fundo do mar: mas não à maneira dos submarinos de Lisboa, com coronéis e docas secas... Nada de docas! Nada de comandantes! O comandante era ele mesmo! ...Prós coronéis!

... Fundear nas angras arenosas, lançar ferro nas estranhas enseadas, onde deitando o braço de fora quási se pode colher dos coqueiros... Nada de coronéis e majores. Ser livre! Navegar de Ilha em Ilha e lançar ferro nas tais angras naturais de coqueiros à beira de água...

— Então o que gostarias tu ser? Então?

Navegar, navegar! No mar há cabos e bocas imensas de rios desconhecidos onde nadam o crocodilo e o tubarão. No mar há a liberdade imensa do Oceano, há coisas *belas* e *desconhecidas*... Mas às vezes caía numa estranha tristeza ao pensamento de que a Amé-

I L H A D O I D A

rica estava já descoberta..., e o Brasil..., e a Terra do Lavrador..., a Austrália..., o Japão..., a Índia... Mesmo certas ilhas perdidas, distantes, que poderiam muito bem ter ficado por descobrir... E, afinal, que haveria ainda por encontrar? Não sabia porquê, mas sentia que no mais fundo de si existia a esperança e o enseio de haver, perdida nos mares, alguma ilha ainda por encontrar... A sua Ilha! A sua Ilha espantosa!

PROJETO

Vinha cheio de entusiasmo. Caminhando nos passeios, fazia os possíveis para não calcar as pedras pretas. Quem sabia se calcando as pedras pretas seria amanhã chamado a francês? Quem sabia mesmo se o «Plano» todo iria por água abaixo?!... Porque os desígnios do Destino podem ocultar-se numas pedras pretas, como num chapéu velho, no pio de uma coruja, num signo Saimão... Quem sabe em quantas e desvairadas coisas pode esconder-se um capricho da Força Oculta? Por tudo isso ele tinha o maior desvelo em não provocar qualquer *desencadeamento* súbito!

E agora marchava em frente. Era preciso andar para a frente e sempre de bem com a Força Oculta. Tinha que tratar da questão dos mapas. (Quanto aos pretos, só quando estivessem em África engajariam os necessários). Também era preciso não esquecer os capa-

cetes de cortiça por causa dos golpes de sol, nem tão pouco os binóculos para vigiar as imediações; não viesse de repente um bando de primitivos que amolgasse a Expedição. Todas essas tribos de selvagens, de antropófagos, que infestam as florestas não são de estranhar, são mesmo de admitir, mas é sempre conveniente avistá-las enquanto é tempo, para que não acabe logo ali a Expedição. E Adrião, francamente, não queria sujeitar os seus homens e ele mesmo a uma única e exclusiva aventura!

Contudo a África era cheia de mistérios. Ele bem o sabia e tomava as suas legítimas precauções. Pois claro!

Já em tempos quisera saber um pouco como era a África com as respectivas feras e aves de pluma. Com os antropófagos estava ele bem porque lera não havia muito tempo alguns dados sobre o assunto. Várias vezes se aproximara do 35 Banzana que era natural da Caconda; mas sempre se calara num receio de lhe lembrar que ele era preto. Até que um dia achou meio de lhe perguntar:

— Olha lá Banzana, tu que já estiveste na África, dos leões...

— Já mas não vi nenhum! cortou logo Banzana com os olhos turvos.

— Estás hoje chateado, hem?

— Hoje estou.

Adrião viu logo que o 35 não queria dar andamento a conversas daquele género, que do fundo lhe

I L H A D O I D A

vinham agitar a cor. Mas não haveria maneira de lhe falar sem que ambos se dessem por achados? Porque afinal o 35 Banzana era além do mais um elemento precioso para a Expedição. Estava concerteza acostumado a ver animais de respeito, conhecedor das tribos e arranhando as línguas do Interior... Ele concerteza havia de conhecer também os sítios de mais aventuras e, se por acaso houvesse um contratempo, o 35 falaria com o Soba, que imediatamente daria a contraordem para que não fossem assados os exploradores brancos... Era bom tudo prever e «quem vai ao mar aparelha-se em terra». Adrião deitou o olho ao 35 Banzana que agachado jogava o croque.

— Eh!

Adrião começou logo a expor ao 101 e Trinca-Espinhas o seu plano de viagem.

Nesse meio tempo chegou Balão.

— Vamos ao croque?

Tiveram de o convencer a ir desafiar o outro. É que, na verdade, não era possível levar o Balão.

— ... Zaire-ou-Congo... depois tem de se atravessar por sítios de leões... antropófagos... zulus... depois vê-se no mapa... depois...

O Trinca-Espinhas discordou do Zaire-ou-Congo: preferia um rio no Brasil...

— No Brasil? interrompeu 101.

— No Brasil, pois. Tenho lá gente da famelga, uns tios e primalhada — tudo gajada fixe.

J O A Q U I M F E R R E R

— Hum... fez Adrião.

— E que tem o cu co'as calças?! exclamou 101.

— Vocês não estão a ver a coisa... Não é lá porque eu queira ver os fabianos, mas é que sempre ajudavam a gente... sempre podiam escorregar com qualquer coisa... É gajada da bica!

Adrião meditou um bocado:

— No Brasil... no Brasil... Só se fosse então o Amazonas!?

— Ou qualquer outro... Mas esse serve. Diz que é um rio bestial, e depois a minha Tia, da outra vez, quando cá esteve, trouxe uma goiabada formidável!

— Quero cá saber de goiabadas... — o quê pá, goiabada mesmo!? Hum!... — o que eu quero é um sítio bom... Mas olhem lá, no Brasil parece que não há selvagens, nem antropófagos, nem gente dessa, boa para armar aventura...?

— Qual quê! exclamou 101. 'Tão e o Lampeão — nunca ouviste falar?

— E o meu Tio falava também nos «caipiras» e numa espécie de «moleques» ou lá o que era — tudo tipos danados pra porrada! E também contava *coisas* do Sertão — nunca ouviste falar?

— Então está bem. E o teu Tio sabe onde é que os há?

— É um tipo fixe, o meu Tio; ele até vai co' a gente mostrar onde é que os há melhores, sim, está

I L H A D O I D A

claro, os *piores* pra porrada! Então e quando é que a gente vai daqui? Sabes, pá, é uma goiabada da gente revirar os olhos! E o Trinca-Espinhas passava a língua pelos beiços.

Entretanto chegou Balão Cativo. Que tinha dado no Cocas; e o que é que eles estavam ali a combinar? quis saber.

— Anh, não era nada.

— Nah, vocês estavam a «tramoiar»... Se era para armar sarilho no Estudo ou chegar aos untos do Palito, ele estava ali pras curvas!... Balão arregaçou um pouco as mangas: Que eu tenho-lhe um azar...

— Pois é, disse Adrião. A gente não pode sair daqui...

— Sair pra onde? cortou Balão apreensivo.

— ... Sair pra casa... sem dar uma ensinadela no Palito!

— E no Pad!

— E nos dois! e no Muton! e nessa tropa toda! Eu cá sozinho chego pra quatro! exclamou 101 entusiasmado, fazendo força no braço... E ainda podem vir uma data de pretos e lá dessa cambada do Amazonas!...

PREPARATIVOS

Subiram as escadas que dão para as salas de estudo. Palito Macho já estava sentado a vigiar; Deu com o coto da vara três pancadas no chão. Era o sinal

J O A Q U I M F E R R E R

de silêncio para abrir o estudo. Ouvia-se só o ruído seco dos livros e papéis sobre os tampos das carteiras.

Adrião consultava um Atlas de Geografia. Seguiu com o dedo pelo Atlântico até à embocadura do Amazonas. Mais acima, deu que havia ali uma grande Ilha: Marajó Contornou a Ilha e foi subindo: Manaus — belo nome! Mais ali — Santarém! O quê?! Essa agora! Santarém ... Ó Santarém!... Olhou à roda: O 101? o Cocas? o Pirisca? Nah! O Laparoto? o Quadrado? o Pançudo? Ah, c'um raio! agora via quem ele era — o 39 dos Touros! Ele mesmo. O pai dele era dono dos touros *em Santarém!*... Essa agora!

... Santarém... os Touros... Raios partissem!...

Um touro... que era isso?! Um bicho demasiadamente nacional, português de lei, europeu — ainda por mais feroz que ele fosse... Não era animal de floresta virgem. Não era animal de alto-lá-co'-ele! Sem dúvida é animal de respeito, é forte, é cornupeto, é bruto... tudo o que se quiser: mesmo capaz de matar o leão (talvez, à falsa-fê). Mas o leão é o leão! E o touro... muito perto do touro anda o boi que dá bifés e dobrada com feijão branco!...

Essa coisa de Santarém prejudicava, de facto, a Expedição. Óbvio.

Numa carteira, ao lado, via-se o 101 arregaçando a manga, palpando o músculo. Parecia-lhe que os tinha agora mais duros desde aquela carga de porrada que

I L H A D O I D A

pregara no Kagafortes. E 101 mirou o adversário do outro dia; lá estava ele com um óculo negro num olho... E se não lhe andasse direito, punha-lhe o outro da mesma cor! Sentia muque no braço. Quem lhe dera estar já no Amazonas, ou lá o que era, e então veriam quem é que é danado prá porrada! Até o Kaga-do-óculo, como lhe chamavam agora, tinha aprendido quem é que é o 101!

Já se lá tomara. Nem precisava de espingardas: ia tudo a murro e pontapé! Nem podia estar quieto, puxava-lhe o corpo...

— Aí ‘stupô! bufou ele contra o caderno de problemas a querer deslizar para o chão...

O Trinca-Espinhas meditava nas latas de abacaxi às rodela com muita calda de cana que havia de *mamar* quando lá chegasse. E até sentia crescer-lhe água na boca só àquela ideia abençoada. Era como se pairasse no Estudo aquele cheiro *formidável* de quando se abre uma lata de goiabada!

Ai, no fundo era aquilo: eram mais as latas de goiabada, de abacaxi às rodela do que a subida ao Amazonas. E também a cana-doce que ele havia de chupar...

Era aquilo e só aquilo que o levaria à Banda di Lá (como diziam os Tios).

Entretanto, Palito Macho viu as horas e deu as três pancadas do costume.

J O A Q U I M F E R R E R

Cá em baixo, no Recreio, Adrião convocou a Expedição. E logo todos três chamaram Banzana. Adrião expôs-lhe o caso, logo ali em pratos limpos:

— Ou sim ou sopas: queres ou não queres ires co' a gente ao Amazonas?

— Qual Amazonas?

— És burro! o Amazonas, o rio... o maior do Mundo!

Mas agora se lembrava: o 35 Banzana só conhecia o Quanza. Nas aulas de Geografia só falava do Quanza... E Banzana, no seu elemento, passava uma boa meia hora a citar as terras, aldeias e cubatas que o rio banhava nas duas ribanceiras. O Dr. Policarpo queria saber coisas relativas à árvore da kola e à «latex ruber». E o 35, farto de saber que aquele é o nome que em Coimbra se dá à seringueira, desatava a descrever a árvore da borracha com as respetivas raízes aéreas e folhas peninervadas. Depois passavam aos jacarés, que havia muitos naquelas águas. E o mestre ficava à espera de ouvir o 35 explicar que era no ouvido que se devia meter a bala ou então na bocarra — se o crocodilo a abre por descuido...

Contudo, o 35 não gostava que lhe falassem em flexas e canibais, que se diz andarem ou terem andado por aqueles sertões. De uma vez o Dr. Policarpo contava um «facto curioso» de que lhe falara um amigo africanista, havia uns anos. Era o caso que em certas

I L H A D O I D A

regiões de Angola existia uma seita bebedoura de sangue humano. Era o *Kinzar*. Envolto em pele de leopardo vem o *Kinzar* pela noite adiante sob a floresta. E cai de súbito na cubata, empolgando nas garras postiças de aço o corpo de um pretinho...

O 35 ouviu, ouviu e ficou hirtos sem uma palavra. Foi então que o Dr. Policarpo compreendeu. Mandou-o sentar e, até ao fim da aula, falou da Inquisição...

...

— Queres ou não queres? repetia Adrião. O Amazonas é uma espécie de Quanza só o que é é que não é no sítio do Quanza... Queres ou não queres?

O Trinca-Espinhas para dar confiança revelou que até lá tinha dois Tios, no Rio-de-Janeiro, fora a primalhada...

Banzana resolveu-se a falar:

— E fazer o quê?

Adrião explicou que era para fazer uma Expedição, umas aventuras, porradaria, a travessia de Serções... e lutas, sim lutas... com esses da floresta (não queria falar em pretos)... descobrir alguma coisa... alguma ilha, sítios...

101, impaciente, agarrou o 35 pela ombreira e berrou-lhe ao ouvido:

— Pra trás mija a burra!

— Morra quem se nega! bradou Adrião para animar.

J O A Q U I M F E R R E R

Mas o 35 disse que farto de Expedições estava ele até às orelhas; e que não queria saber de rios nem de florestas, e nem que o Amazona fosse mesmo a cavalo do Quanza ele iria... E concluiu fazendo um gesto forte:

— Prás Expedições!....

Toma.

Adrião não compreendia aquela má vontade contra as Expedições. Nada o entusiasmara: nem as aventuras, nem as Ilhas, nem os selvagens!

O 35 preto era incompreensível, era um chato!

Quanto a 101 ficou furioso e quis obrigá-lo ali mesmo, nem que fosse à lambada. Ferrava-lhe um direto na fuça negra... adormecia... e zás! pra dentro do vapor!

— E ia! afirmou 101. Ai isso ia!

Banzana afastou-se no seu passo gingado e mais uma vez os mirou a todos três do fundo duns olhos turvos.

— O gajo não é bom! disse ainda Adrião incomodado.

QUEM COMEÇOU PRIMEIRO?

— Não sei porque é que aquele negro não quer ir?

— É burro.

— Mas quando foi da palmatória o gajo arriscou-se...

I L H A D O I D A

Realmente ninguém percebia Banzana. Parecia às vezes não ter medo e era mesmo atrevido; outras vezes tremia como um pobre farrapo, desfazia-se em prantos, atirava-se a um canto e ali ficava amarfanhado.

Trinca-Espinhas explicou:

— Ah, o Banzana... disse-me o Kaga-do-óculo: anda danado desde que leu os Texas. É por isso que ele não grama as Expedições: pensa que é aquilo! Eu disse-lhe que um índio é um índio e um gajo da Caconda não tem nada que ver com o Texas Jack.

— Clarósqué: o Texas só matava os peles-vermelhas; é burro!

— Pois foi o que eu lhe disse. Que é que queres, o gajo confunde: pensa que é tudo a mesma coisa... Mas o gajo danou-se e disse-me que os índios só faziam bem em escarpelizar os caras-pálidas. E eu respondi-lhe então que não se admirasse do Texas fazer pontaria nos índios. É assim mesmo!

— Clarósqué! repetiu 101. Com gajada dessa só à bruta! Eu cá, c'um raio: só me queria lá ver!...

Adrião meditava:

— Mas olhem lá: quem é que começou primeiro?

— *Primeiro* o quê?

— Sim... se foram os brancos que deram primeiro os tiros ou os peles-vermelhas que escarpelizaram...?

— É verdade: quem seria? interrogou Trinca-Espinhas, pensativo.

J O A Q U I M F E R R E R

— Ora, pazada. E mesmo que fosse a gente?!... E 101 fez um gesto altivo.

Trinca-Espinhas considerou:

— Talvez algum tiro por acaso... Há espingardas que se disparam... Azares.

— És burro, tornou 101. Sabe-se lá: ora como é que começa a porradaria?... Anda diz-me cá? Começa e pronto. Já não é pouco começar...

PICO-PALMANTE

... E a Expedição foi arrefecendo. Só Adrião a não podia esquecer...

E os dias tristes sucediam-se. Eram todos iguais uns aos outros. Semanas havia em que parecia morrer tudo, tal era a monotonia. Outras vezes, sem se saber como, espalhava-se uma onda e em cada peito nascia uma ânsia de alguma coisa de novo.

Mesmo aqueles mais indiferentes contavam, pelo menos, as semanas e os dias para as férias.

Há dois dias que tinha havido um roubo no Colégio. Um grande roubo. Tinha sido um relógio de prata e uma carteira com duas notas de 50 e uma de 20. Tudo isso tinha desaparecido de um bolso do Professor Muton. Ele tinha deixado o casaco, com o relógio e a carteira, pendurado nas costas de uma cadeira, enquanto se demorara um pouco no reservado. Foi o bastante!

I L H A D O I D A

Pad Lopes foi aos arames. Berrou. Não sabia para onde virar-se. Mas ainda teve a calma de dizer ao professor de Francês:

— Ora você: porque tirou o casaco quando foi *lá dentro?*...

— Um costume: é um costume velho...

— Qual costume: é mania é que é!

E começaram as investigações.

Mas foi a mesma história da palmatória. Os dias passaram e o gatuno não fez caso das palavras que o Prefeito repetia solenemente no começo dos estudos. Pad Lopes, furibundo, subiu aos estudos e vociferou que ou apareciam as *coisas* ou ia haver *uma dos diabos!*...

As coisas, todavia, permaneciam no escuro e então foi mais uma vez o castigo geral.

Parecia que andava coisa má! Eram castigos complicações, encrencas... Todas as forças malditas se compraziam em cair sobre S. Caetano.

Raios! Quem seria o ladrão do relógio e da carteira de Muton? Raios! Quem seria?

— Vai haver um pé de vento estuporado!

Adrião dava alguma coisa só para saber... E os outros também davam. 101, no entanto, foi categórico:

— Olhem, malta fixe, sabem quem foi o fabiano? Pois eu — cortem-mos os dedos, se não foi o Pico-Palmante!

Todos olharam Pico-Palmante que jogava a macaca.

J O A Q U I M F E R R E R

— Mas o gajo seria capaz?

— Qual capaz! Já viste alguma coisa de que ele não fosse capaz?

Pico-Palmante era hábil na macaca. Era na macaca e em tudo mais.

— É safado! concordou Serafim Leitão.

Adrião, no entanto, apesar da fama de Pico-Palmante custava-lhe a crer. Contavam-se histórias completas de Pico-Palmante, é verdade, — mas quem sabia se não eram muitas delas inventadas? Pico-Palmante irradiava uma simpatia, se bem que houvesse nele às vezes qualquer coisa de inquietante. Mas ficava-lhe bem. Adrião, na verdade, não podia aceitar tudo quanto se dizia... E depois, era amigo do Pico.

Em tudo, ou quási, Pico-Palmante era admirável. Na agilidade era espantoso. Tinha costela de gato. Era tremendo Pico-Palmante. E brincava com tudo. Tinha perenemente um sorriso entre os lábios movimentados, muito vermelhos.

Era de prever. Pico-Palmante foi chamado ao Gabinete. Dizia-se que sofrera terríveis interrogatórios. Apanhara não poucas. Mas ele era malhadiço; não lhe saiu dos olhos nem uma única lágrima!

E tudo ficou na mesma.

INVESTIGAÇÃO

Mas aquela dúvida trabalhava-o. Não era lá pelo relógio e carteira do Muton — que isso ainda era pouco. Era só por Pico-Palmante. Adrião tratava-o só por Pico, bem como os outros amigos e simpatizantes de Pico. Não que ele se importasse demasiado que lhe chamassem Pico-Palmante; vinha sempre ao chamado e parece que até achava graça. E não vá pensar-se que era por cobardia. Não. Adrião já tinha visto Pico-Palmante em ação: parecia um gato bravo. Aquele sorriso constante sumia-se e por detrás apareciam-lhe então os dentes que rangiam terríveis. E era belo ver Pico-Palmante à bulha. Talvez não fosse asneira nenhuma levá-lo na Expedição!

Adrião subiu ao seu quarto. Rebuscou alguns Sherlock Holmes e começou lendo naqueles passos de pura investigação científica. Era na verdade espantoso aquele senhor Sherlock Holmes!

Ora primeiro... primeiro era necessário *visitar o local do crime*. Tinha portanto de ir ao vestiário, ver se achava algum *indício*. E o *móbil*?

Verdade, isso era o essencial. Se bem que ali o móbil parecia estar à vista: era evidente que estava. Contudo... Teve uma ideia. Fechou a brochura e meditou sobre a figura do detetive. E Adrião, ao espelho, procurou tomar uma expressão semelhante. Só lhe faltava o cachimbo!

J O A Q U I M F E R R E R

... Seria o roubo o móbil? Parecia. No entanto... É que Muton tinha inimigos... em cada aluno seu tinha um *inimigo*. Sim, que não era um ódio por aí além... Adrião mesmo não seria capaz de o assaltar... mas era muitíssimo competente de lhe passar uma boa rasteira... das que espalham um sujeito no cimento do Recreio!

Ora, por conseguinte, o móbil podia muito bem ser a vingança. E sendo a vingança o culpado tanto podia ser o Palmante como *qualquer outro*!

Adrião sentia-se contente. Já era alguma coisa chegar aquelas conclusões. E isto sem ter visitado ainda o local do crime! Teria ele jeito para detetive? Seria ele um futuro Sherlock Holmes? E vindo até à janela aberta procurou ver melhor a cara enérgica do grande detetive. Teria então de comprar um cachimbo para dar sainete? Clarósqué!

Entretanto, ia já deitar-se a estudar a fundo aquela sua inclinação, que podia muito bem ser o caminho futuro da sua vida. Em todo o caso, tudo era preferível àquela chateza mosquenta de S. Caetano.

PRIMEIRO SORRISO

Tudo era preferível...

E da casa do lado chegavam de novo aqueles sons de um piano invisível. Se ele pudesse ver através da

I L H A D O I D A

parede... Porque não haviam os *homens* de poder ver através das paredes? Seria bem bom ter esse poder...

Pois bem, ele nem precisava mesmo de ver, bastava-lhe ouvir para saber... E a música prosseguia, envolvendo-o. Ele adivinhava a pessoa que tirava aqueles sons, e adivinhava-a linda como aquela música. Era *linda* e portanto não era nem podia ser um homem. Ele, sim, era um homem. Ela era linda — era mulher...

Foi assim que Adrião começou a ganhar uma paixão pela música e por aquela que tocava a música. Ele queria, ele havia de conhecê-la e então dizer-lhe quanto amava a música. E ficaria na *música*. Não teria coragem concerteza para dizer que amava, simplesmente...

Com o sangue tumultuoso saiu à sacada tomar ar. Ficou assim um pouco meditando, enquanto o piano do lado tocava. O piano corria célere, estacava de repente. Começava agora suavemente, arrastadamente. e logo saltitante como água fresca da serra, de pedra em pedra.... Caía quasi um silêncio, e, um abismo silencioso, onde tudo era vazio, mas onde se adivinhava uma vida profunda, numa agitação de mistério. E dali surgia num crescendo angustioso, num grito, uma correria, uma cavalgada onde os cavalos resfolgantes tinham asas... (como no teto do Casino da Figueira).

Defronte abria-se uma janela. E as vidraças refletindo o sol arrancaram-no daquele devaneio. E à janela

J O A Q U I M F E R R E R

entreaberta apareceu a rapariga do costume, sacudindo os cabelos negros ao vento que passava... O seu penteador verde, florido, era o mesmo também do costume. E ela estava linda como todos os dias... O piano emudecera. Os cavalos alados caíram no abismo negro, perderam-se. O arroio de água fresca fora bebido pelos cavalos. Não ficara uma gota. E a janela defronte servia de moldura dourada àquela cabeça de cabeleira ao vento como se fora um quadro. Agora ele, só pelos olhos, vivia...

Ao fundo da rua uma carroça. Vinha rodando penosamente. Um macho puxava, quâsi roçando as ventas fumegantes nas pedras da calçada. O carroceiro de palanque fustigava rudemente o animal. Praguejava. A carroça parou e o macho tombou na calçada resfolgando ruidosamente. Adrião teve pena.

O carroceiro saltou abaixo e tomando a meio o chicote, espetava furiosamente o cabo nas ventas do animal por terra. Adrião ferveu.

... E viu, defronte, a menina do penteador verde, indignada, bater com os punhos no peitoril da janela. Adrião viu que ela olhava a rua de cima abaixo como que procurando auxílio. Mas ele estava ali! Ela não o tinha visto, mas ele estava ali! Mirou de novo a cena para se carregar de fúria. Sentia a sua indignação. Mediu num relance a altura da sua janela à rua. Tinha vontade de a transpor de um pulo e atirar-se ao homem da carroça, bater-se, morrer pela

I L H A D O I D A

defesa de um direito! Porque êle sabia que, indo lá abaixo, se não morresse saltando da janela, morreria concerteza às mãos do brutamontes. Mas que lhe importava se Ela veria da janela o seu sacrificio. E adivinharia concerteza que era tudo por Ela. Talvez não morresse logo e fosse apenas para o Hospital, ferido, e Ela viria naturalmente curar as suas feridas... Seriam ambos ainda felizes... e teriam muitos meninos... Que ideia, essa dos meninos!

Mas era preciso agir. Que havia de fazer? Era sincero na sua raiva e na sua paixão. A janela era alta. A cena continuava. Adrião, tremendo de raiva, agarrou de ambas as mãos as grades da varanda, onde vinham agitar-se alguns ramos cimeiros de uma olaia, e, alteando a cabeça, fazendo voz grossa, berrou para baixo:

— Ó sua besta!

O homem da carroça parou de bater, voltou para cima a cabeçorra feia, cheia de bigodes, procurando o autor daquela voz.

Adrião fez peito. A menina da janela sorriu-lhe. E ele recebeu-lhe o sorriso, corando.

Ficou um instante de mãos fincadas nas grades, olhando a carroça saltando sobre a calçada sumir-se numa esquina. O piano do lado recomeçou vivendo. Tocava uma coisa bonita. Adrião ficou indeciso, ouvindo e olhando. Ficou largo tempo à janela esperando um

J O A Q U I M F E R R E R

novo sorriso. Quási ia jurar que ela abrira um pouco para ele o robe sobre o peito... Ou seria o vento? Hum... não acreditava no vento.

À RODA DA CORDA

Bons tempos em que se passeava de espada à cinta! Oh, tempos! Tudo o que era bom e belo ia caindo aos poucos, para trás, irremediavelmente perdido. Porque seria assim?

Hoje, era triste dizê-lo, ninguém andava já de espada à cinta. Nas ruas da Cidade, por mais que se rebuscasse, não se encontrava já a bota alta em boca de sino, nem tampouco o largo sombreiro de plumas, nem ao menos se via a ponta discreta de uma espada a surgir por debaixo da capa negra... Tudo se fora ao vento.

Adrião também não usava nenhuma dessas coisas, nem mesmo a espada, saindo por debaixo da capa. Também não usava, quando saía, embainhada à cinta, nenhuma simples faca-de-mato. Não, *usava* apenas em volta da cintura, enrolada, uma corda fina e *vigorosa* que tinha sido de amarrar as malas quando iam a banhos para a Figueira. E claro que ele a não trazia simplesmente para Inglês ver, se bem que na Cidade, de mais a mais uma cidade antiga e cheia apenas de gente inofensiva, não houvesse animais bravos nem índios para laçar.

I L H A D O I D A

Mas quê! Ninguém sabe o que pode vir... Ele usava-a *para o que desse e viesse!*...

Era ao menos a previsão do que havia de passar um dia — aquela corda. Porque ele havia de passá-las! ele mais a corda.

Sonhava exercitar-se com lobos da Serra, já que não poderia achar animais mais perigosos neste país pobre de recursos. E lembrar-se do terror que lhe infundia, quando era petiz, um certo carneiro preto alentejano, que parecia o demónio e era o mais marrão que já se tinha visto!

Hoje sonhava só com animais de respeito. Nada mais lhe interessava. Provocava-lhe um sorriso de pena e desdém, quando via passar em Crispim um caçador armado com todo um arsenal e meia dúzia de mastins só para matar um simples coelho!

Uma corda enrolada sugeria-lhe mil visões. Bastava-lhe pôr a sua mão ardente sobre a corda-laço, que trazia enrolada à cintura, para logo ver as coisas como se por Lá andasse...

Como meter-se pela floresta virgem sem uma corda? e puxar? e escalar? (palavra sedutora!) e apanhar um bicho pelos chifres? e um cavalo pelo pescoço?!... Ah!

... Mas, de repente, surgia um animal de peso, feroz, uma goela, uma juba, uns olhões fosforescentes... Pois bem: enquanto o diabo esfrega um olho arroja-se

J O A Q U I M F E R R E R

a corda pelo ar, indo o gancho a zunir (uma boa corda de aventura deve ter sempre um gancho na ponta), a zunir prender-se na copa de uma árvore gigante, num imbondeiro, numa árvore de borracha... Em duas guinadas está um homem a cavalo numa pernada a mais de 30 pés do chão a baloiçar-se: e agora, «— boa noite ó leão!» que retira danado por entre o capim...

A floresta virgem anda cheia de perigos destes. (Não lhe havia de esquecer o gancho).

E quantas ideias tinha ainda sobre a maneira mais prática de atravessar uma floresta inçada! Quantas ideias! Era preciso prever tudo, uma arma encravada, uma falta de munições... Tudo pode acontecer nessas paragens, longe da Pátria e da Europa. Por isso tomava as suas legítimas precauções. Fazia a sua invençãozinha de quando em quando. Trazia agora mais uma entre mãos e que considerava decisiva. Constava de uma rede *fortíssima*, feita por medida, assim a modos que uma cota de malha como no tempo dos Afonsinhos, que se pudesse vestir à vontade por debaixo da camisa e das cuecas, tal qual o D. Nuno no Convento do Carmo... Pois bem: uma vez assim equipado e mais uma competente faca-de-mato por causa dos combates corpo-a-corpo — qual era o gato bravo, tigre ou leão que se encampasse com ele?! Qual era? onde estava?! Havia de rir-se quando o bicho metesse a unha, o dente, a fuça e desse com o fatinho de rede! Ih! ih! ih!... como no tempo dos Afonsinhos...

I L H A D O I D A

Mas ficou sem pinga de sangue ao vir-lhe de repente à ideia a forma sinistra de uma enorme serpente empinando-se no ar, mesmo por cima da sua cabeça. Era de sentir frio no tutano, era. Passou a mão na trunfa a safar a impressão. Mas o bicho lá estava, sem querer saber da cota, sem querer saber de nada. Apertava, comprimia, bufava: e lá se ia a malha, e lá se ia o 31!

Era grave. Ele havia uma maneira: era não ir para sítios onde houvesse animais de tromba ou dos que apertam... Mas quê! Então ele havia de recuar? E os elefantes, e a tromba?!... Novo problema?! Nada: era ainda o caso do apertão... Tinha de resolver essa questão e quanto antes. Pensava muito. Ah, ah! Eureka! Daquela vez nem fora preciso pensar muito. Seria que ele tinha jeito para *inventor*?!

... Era simples: em cada malha da cota mandava soldar um bico, uma espécie de espinho de ferro, uma pua. Era simples: mandava soldar os bicos, as puas bem afiadas no Vaz Latoeiro. Ora até mesmo lâminas de barba.

E agora, heim, agora! qual era o bicho feroz, a tromba, a cobra, ou animal — que — aperta a encampar-se com ele? Qual era? Onde estava? Andem!

Ele remirava-se, até já se via equipado completamente, como um ouriço cacheiro, a caminho das florestas virgens, onde havia de encontrar coisa que lhe enchesse as medidas!

E desta guisa correriam as aventuras lindamente, retardando sempre, pela bravura e pela cota das malhas

J O A Q U I M F E R R E R

com bicos, a sua hora de acabar gloriosamente! E a corda ali estava enrolada à cintura. Palpava-se: lá estava, com efeito.

Nessa mesma tarde, muito discretamente, começou a guardar as lâminas de barba que o papá ia pondo de lado. O papá perguntou para que é que ele as queria? Ah! Mas Adrião fez mistério.

A LUA & O MAR

Pensava muito. No fim do dia saía à sacada e, como a janela defronte estava cerrada, erguia os olhos profundos para o astro da noite. Sonhava. Saltava os olhos de estrela em estrela, de mundo em mundo. Corria os céus. Fixava os astros. Abria enormemente os seus olhos onde se vinham refletir aqueles mundos distantes.

Sentia uma estranha atração pelas coisas do Infinito. Sentia roçar-lhe pela face um grande, um estranho mistério. Estremecia. Sobre a Cidade caíam as sombras da noite, e ele sentia elevar-se nos espaços sem fim deixando para trás os telhados adormecidos... Um astro pálido brilhava sobre a sua cabeça. Deslocava-se ligeiramente sem um ruído, sem um bater de asas. Parecia-lhe ter asas mas se as tinha eram certamente silenciosas, como se fossem de veludo. Fechou os olhos porque a claridade cegava-o. Era tão intensa, que mesmo através das pálpebras cerradas pôde conhe-

I L H A D O I D A

cer que era a Lua, pela carantonha que nela estava. E da lua saltavam fachos de luz, de um azul encandeante. Pareceu-lhe que a carantonha enrugava a testa. «Mau sinal!» pensou. Agora ia jurar que lhe torcia o nariz a carantonha da Lua. Porém, a sua mão achou enrolada em volta da cintura a corda-laço. Palpou e viu que não tinha esquecido o indispensável gancho. E a cota de malha lá estava para o que desse e viesse debaixo da fatiota. Sentiu-se refeito. E perfeitamente calmo avançou para o astro, que crescia a olhos vistos.

A Terra, lá em baixo, era agora um pequeno luzaréu sem importância nenhuma.

Quanto mais perto estava da Lua mais lhe lembrava aquela história acontecida, não sabia em que tempo, quando uns homens tinham viajado dentro de uma bala a caminho do astro. E lhe lembrava também que eles dentro da bala tinham ficado para sempre a girar em torno da Lua. Olhava à direita e à esquerda, tentando descobrir os homens daquela falhada expedição. Olhou, olhou em volta. Ah, seria aquela coisa iluminada só de um lado com o feitio de uma bala, lá ao longe? Seria? lá ao longe?...

Teve um sorriso de maldade. «Aí, seus... Quem lá há de ir primeiro sou eu! Eu é que hei de descobri-la! Nós os portugueses, é que descobrimos as *Terras desconhecidas*». Mas, no fundo, como tinha pena dos desgraçados ali encerrados para sempre...

J O A Q U I M F E R R E R

Eram homens, afinal, e ele tinha pena dos homens, tinha quási tanta piedade dos homens como tinha dos animais...

Uma aragem fresca da rua fez ranger a janela nos gonzos. E regressou à terra. Não tinha acabado a sua viagem; como Miguel, Vaz e Gaspar Côrte Real... Quem saberia jamais que ele estivera lá... Como Miguel, Vaz e Gaspar...

A janela rangeu de novo e uma aragem mais fresca veio ter com ele refrescando-lhe a testa. As suas mãos fechadas esfregaram os olhos...

... Ele chegaria a tempo de encontrar ainda alguma Terra Nova? Sentia uma certa angústia de que Pedro Álvares Cabral já tivesse achado as terras novas dos Brasis, de que o Vasco da Gama sempre lá tivesse chegado, às Índias, e o Fernão Mendes Pinto ao Japão...

Tinha decerto nascido atrasado na História! Quem lhe dera nascer outra vez! Quem lhe dera ter vindo ao mundo, quando o mar era ainda o Tenebroso! o cabo Não, era ainda o Cabo Não! e o da Boa Esperança era ainda o Tormentoso! Mas, como tudo tinha passado, e Adamastor havia morrido!

Tudo tinha morrido; e as Sereias, os Tritões, e as Tágides não vinham já pela Torre de Belém, como dantes, receber em festa e danças os homens que vinham dos mares e das terras mal-desvendadas.

I L H A D O I D A

Agora que mais havia? Que mais havia sobre a Terra descoberta, rasgando o véu que a cobria? Que mais interesse, que outra beleza podia haver no Mundo?

Mas ele recusava-se a crer que as Sereias, os Tritões e as Tágides tivessem morrido de todo. Não estariam antes escondidas, encantadas em alguma misteriosa mansão? Que trabalhos seria necessário empreender para desencantar os Deuses e as Deusas do Mar?

Se ele ao menos o soubesse!...

ENTRUDO

O Papá trouxera-o a passar o Entrudo em Ram-pagodos. Adrião delirava naquela quadra! Besuntava as mãos na fuligem do fumeiro e saltava a Crispim para enfarruscar as cachopas. Está claro, ele não tinha ainda a coragem bastante para esfregar as suas mãos enfarruscadas nas caras das casadoiras. Não tinha. Mas ele gostava, mais o Xico e os outros, de lhes fazer esperas quando elas passavam para encher os cântaros no chafariz.

Entretanto, se passava alguma cachopita mais maneira o Xico e os outros atiravam-se. Mas a Adrião só lhe interessavam as casadoiras. E porque não? A linda Matilde ia passando de cântaro na rodilha. Via-se: ela ia um pouco assustada, olhando à direita

J O A Q U I M F E R R E R

e à esquerda. Temia um assalto. Ela levava ainda a cara lavada e fresca daquela manhã. Tinha uns olhos brincalhões, pestanudos. Saracoteava as ancas e aquecia as duas mãos debaixo do avental.

E porque não? Ela mirou Adrião metido numa esquina. Não fez caso. Foi andando, saracoteando as ancas. Adrião atirou-se. A altura não lhe fazia falta. Tomou-a por detrás. Deitou-lhe ambas as mãos enfaruscadas ao pescoço e passou-lhas ao rosto. Esfregou com força. A Matilde abafou um grito. Soltou bruscamente uma das mãos debaixo do avental e logo Adrião sentiu aquela mão da Matilde estampar-se-lhe no meio da cara!

Perdeu o pio. Quási lhe fugiu a vista. A Matilde saracoteava-se ao fundo da rua. Adrião, de queixo caído, passou a mão no sítio onde sentira os cinco dedos de Matilde. «Pôssa!» rosnou. O Xico e o Manelão ficaram a rir-se. Zoavam-lhe aos ouvidos, ainda, umas palavras longínquas e alegres: «Ora o fedelho, ora ainda de caca e mama e já quer...!»

Era ele o de caca e mama! Mulheres... pff!

No dia seguinte, logo pela manhã, ele mais os da malta foram à porta do Manel Ferrador a buscar aparas de cascos de burro. Trouxeram uma boa porção a que juntaram pedaços de borracha. Puseram tudo num testador de barro que era de tampar o cântaro da cozinha lá em casa. Esperaram pela noitinha e logo que ela chegou trouxeram o testador com os cascos de

I L H A D O I D A

burro e foram pô-lo a fumar na gateira da porta do Camilo recebedor. Fugiram tapando o nariz. O Camilo ia-se ver à rasca, toda a noite. Ia ser um gozo!

Dali foram direitos à porta de entrada da D. Eulália. Prenderam um cordel na maçaneta e foram-se acaçapar atrás do muro da Capela de S. Brás. A D. Eulália devia dormir àquela hora. Ela deitava-se cedo. Eles então puxaram o cordel. Puxaram uma, duas, três, cinco vezes. Não foi preciso mais. Abriu-se logo uma vidraça no escuro e uma voz estremunhada caiu lá de cima: «Quem é?» Eles puxaram outra vez o cordel. A voz esganiçada de D. Eulália perguntou de novo: «Quem está aí?» «Quem está lá? Diacho, a esta hora!» Não se puderam ter: soltaram uma gargalhada. Do escuro a D. Eulália gritou: «Maldita garotada! Esperem aí que eu já vos arranjo!» E a janela fechou-se com estrépito.

QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Aqueles dias de carnaval tinham-se esgotado. Entrava-se na quarta-feira de cinzas. Tudo acalmara como se por encanto. A D. Eulália tinha passado um pouco do serão a contar a D. Aninhas como aquela garotada lhe tinha tirado o sono toda a noite. E não conseguira ver nenhum! Calculem!

— Ai, Aninhas, parece que tinham asas nos pés, os malditos! De cada vez que eu ouvia bater deitava

J O A Q U I M F E R R E R

a cabeça à janela, mas já não os apanhava. Sumiam-se. Constipei-me.

— Um chá de limão..., lembrou a mulher do Dr. Almeida.

D. Eulália tossicou.

— ... Até que eu comecei a deitar a cabeça nos intervalos...

— Nos intervalos?...

— Sim. Como os não apanhava quando êles batiam, tentei então ver se os via quando êles não batiam. Ai, foi horrível...

— Credo!

— ... Esta constipação. Nem um Aninhas! A Mariana também se constipou, coitada, toda a noite a despejar cântaros de água por cima dos garotos... Mas olhem que nem assim: continuaram a bater até quasi de madrugada. Nunca vi! Uma terra de malandragem!

Adrião ouvia toda a conversa de olhos metidos numa frincha do sobrado. Mas parecia-lhe sentir de vez em quando sobre si os olhos agudos da D. Eulália.

A D. Miquinhas do Camilo recebedor já por várias vezes quisera meter a sua. Mas não tinha conseguido fazer parar a D. Eulália. Agora, finalmente, pôde dizer:

— E então que direi eu, se lhes disser que toda a santa noite não pude pregar olho. Nem eu nem o Camilo...

— Mas o que foi? Também lhe batiam à porta?

— Pior, muito pior...

I L H A D O I D A

D. Eulália fixou-a piscando os olhos.

— O quê ? pior?!

— Sim, D. Eulália, faz lá ideia o que é um cheirão toda a noite sem a gente dar com ele? Fazem lá ideia?

— Ah, um «cheirote». E isso compara-se a panca-dinhas à porta toda a noite, um bando de vadios... Digam-me: compara-se? E esta constipação?...

— Um cházito de limão, bem quente, com um dedal de água-ardeente...

— E... e um bando de vadios capazes de nos assaltarem a casa durante a noite... duas mulheres sozinhas!... Apesar de que eu chegava para uns poucos e a Maria também não é pêca. Maldita constipação! Não me deixa. Olhem que me sinto toda tomada. Toda, por aqui abaixo...

Quando as senhoras se foram embora, depois do chá, a mamã, ainda no corredor, mal acabando as «boas-noites», disse para Adrião:

— Hás de me explicar porque chegaste ontem à noite tão tarde a casa! Olha lá, foste tu que bateste à porta da D. Eulália? Ela não tirou os olhos de cima de ti enquanto cá esteve!...

— Eu?... Nem eu tinha mais que fazer do que passar uma noite a bater a uma porta... Eu quando bato é só uma vez!

— Estás a mentir...

— Não preciso mentir!...

J O A Q U I M F E R R E R

— Então quem foram eles?

— Hum... a mamã não os conhece...

— Ah! então sabes?

— Foram uns da Volta da Costa...

— Gente de má fama. Não te quero com tal gente!
E o «cheirote»? Diz a verdade...

— O cheirote... ah! Esse não sei... Ou então foram eles também, os da Volta da Costa... São muito capazes disso. Têm muito má fama!

— Pois têm, têm, e tu estás a mentir! Amanhã o teu pai há de *conversar* contigo. Não tens vergonha? Onde estiveste ontem à noite? Foste tu que puseste o cheirote!?

— Pus um, mas garanto que não foi na porta do Camilo...

— Dobre a língua.

— ... Senhor Camilo.

— Onde foi então?

— Foi... foi... deixe ver... na porta... na porta...

— Bem, bem, não digas mais. Amanhã falaremos. Sempre queria saber o que é que tu andas a fazer num Colégio? Nunca mais cá tornas no Entrudo! Adrião ia já a meio das escadas quando a voz da mamã lhe perguntou ainda:

— E olha lá: disseram-me que tinhas apanhado hoje um bofetão na fonte...

— Quem foi que disse?

I L H A D O I D A

— Pregunto: apanhaste?

— Lá isso não nego. Foi só um, foi a brincar...

— Só se perderam os que caíram no chão.

Adrião subiu a resmungar: «Ora esta. Sabe-se tudo! Sempre são desconfiadas as mulheres, pff!...»

NO SEMINÁRIO

«Que chatice, anh, se ele não voltava mais aos Entrudos...» Maldito Colégio! Já lhe cheirava a esturro. Lá ia ele outra vez. Mais uma vez! O que valeu é que o papá não se tinha zangado muito por causa do cheirote. Sobretudo porque o Dr. Almeida fartou-se de rir, ainda mesmo antes do papá o repreender. E o Dr. Almeida disse que aquilo eram rapaziadas. «E que no tempo dele ainda era pior!»

— Você sabe lá doutor, dizia o Almeida a rir para o papá, faz lá ideia do que a gente fazia às raparigas. Você é mais novo, já não é do seu tempo. Oh, bons tempos! Quem me lá dera outra vez. Ainda havia de ser pior... Olá se havia!... Agora me lembro de uma... Mas reparando em Adrião, atento, cortou: Ah, ah, fica para a outra vez: estão os telhados baixos... Os outros dois piscaram o olho.

E o Dr. Almeida ficara por momentos absorto, sorridente, como se tivesse voltado ao passado e como

J O A Q U I M F E R R E R

se de novo saboreasse algum resíduo deixado em si por algum velho entrudo...

Era a quaresma. Tempo santo. Que seria feito de O-da-Ponte? Não podia deixar de pensar nele. Onde estaria encafudado? Ele, que não era dos pêcos! Nunca pensara que pudesse acontecer-lhe uma coisa daquelas. Como poderia alguém supor que O-da-Ponte havia de ser um dia padre?!

Era incrível!

O comboio apitava entrando numa estação. Adrião deitou a cabeça de fora e viu as horas no relógio. Riu-se: pensou no despertador do Palito Macho. O comboio recomeçou a marcha. E Adrião esqueceu-se das horas.

O-da-Ponte *padre!?* Ainda lhe custava a crer. Que raça de ideia!

Logo que chegara à Crispim, no primeiro dia, o Manelão lhe contara o sucedido. Não, era lá possível?!

— Eu seja padre! jurou o Manelão.

Mas nem assim Adrião poderia acreditar.

Só quando os dias passaram e o Entrudo chegou, Adrião pode então ver a verdade.

Agora era já a Quaresma. Ele pensava n'O-da-Ponte feito abade. Durante aqueles dias malucos de carnaval nem pudera assentar pensamentos. Agora parecia-lhe ver O-da-Ponte enfiado numa sotaina preta, no meio de uma bicha negra, serpenteando nas ruas de Coimbra...

FILÓSOFO

Foi por essa altura que chegou a S. Caetano um alto e magro a quem deram o nome de Filósofo. Realmente ele tinha um ar de doido, mas de raiva mansa. Era assim a modos uma figura como nunca se tinha visto ou imaginado.

Quando chegou ao Recreio, inesperadamente, atraiu logo os olhares. Dentro de poucos segundos soffria a primeira prova. Fizeram-lhe trinta por uma linha. Filósofo — ainda não lhe chamavam Filósofo — contudo, parecia não dar por nada. Mesmo quando Balão Cativo se agachou por detrás dele e 101 lhe deu um toque num ombro, virando-lhe os pés por cima das mãos, mesmo nesse transe ele se não alterou: levantou-se perfeitamente sereno, com aqueles seus olhos aquosos, enormes, contemplando uma paisagem só dele, por cima dos telhados do claustro.

Não tiveram outro remédio senão chamar-lhe Filósofo.

Soube-se mais tarde que ele tinha vindo de um tal Colégio de Vilarinho, de onde tinha sido expulso por causa de uma história de bombas. Segundo parece, Filósofo dedicara-se a estudar uns livros estranhos de onde colhia certas fórmulas. E o que é certo é que ele fabricara uma bomba grande com bombinhas de foguete,

J O A Q U I M F E R R E R

dentro de uma garrafa de Água das Pedras. Foi um estouro dos Diabos. O Diretor saiu danado lá de dentro, e então é que foram elas! Mas Filósofo não se alterou. Em frente dos Professores, reunidos, e do Diretor de Vilarinho, respondeu muito naturalmente que *era para deitar nos alicerces do Colégio!*...

Ia sendo o fim do mundo! O Diretor parece que ficou tomado de pavor e de raiva ao ver Filósofo meter a mão no bolso, descansadamente, onde lhe pareceu ver um grosso chumaço. O Dr. Albino, professor de Física, recuou. O Diretor recuou também. Logo após chegaram vários professores de outras cadeiras que se mantiveram a uma respeitável distância. Todos fixavam o chumaço no bolso de Filósofo. Daí a duas horas, finalmente, quando Filósofo retirou a mão do bolso, o Diretor expulsava-o por boas palavras, tratando-o de «bom rapaz».

— És muito bom rapaz, mas ...

E agora Filósofo ali estava parado no meio do Recreio de S. Caetano, de mão no bolso, contemplando o quadrado de céu aberto por entre os telhados. Os seus olhos eram pálidos e quási transparentes, quási sem cor, e fitavam vagamente por sob umas sobranceiras muito finas e arqueadas, num permanente espanto. Os cabelos descorados, amarelados, caíam-lhe em melenas derreadas sobre um pescoço esgaldado que lhe furava da gola branca. O seu corpo era uma linha bamboleante.

Alguns supunham que ele era parvo; outros davam-no como uma extraordinária inteligência. Ele

I L H A D O I D A

era todavia desconcertante. Parecia viver num permanente sonho, e, quando acordava, parecia vir de um outro mundo.

Fazia aturados cálculos, constantes, intensos; e outras vezes mergulhava no seu poço obscuro de onde emergiam só aqueles seus cabelos tombantes, amarelados, agitados pelo vento cá de cima. Caminhava a direito como seguindo uma pista, ou como seguindo um destino que só os seus olhos descortinavam.

... E, contudo, ele parecia procurar sempre o seu caminho porque nunca saía à rua que não levasse um arsenal de coisas inusitadas e extravagantes. Muitas vezes parava no meio da rua e puxando de uma pequena bússola, que nunca o abandonava, orientava-se. Mais adiante procurava uma réstia de sol e expunha-lhe um relógio de sol contido numa caixinha de madeira. Puxava de algum dos seus numerosos bolsos uma folha de papel quadriculado (nunca usava de outro) e inscrevia-lhe complicadas cifras.

Adrião, contudo, reconhecia-lhe muitos pontos de contacto consigo. Por exemplo, o papel quadriculado era também da sua preferência: servia para tudo — até para jogar às batalhas navais!

E então as bússolas... Como Adrião gostava e achava necessária uma bússola! E um relógio de sol! E tantas coisas mais que só Filósofo sabia e possuía!

Não, Filósofo não era doido: era apenas inteligente demais!

AVENTURA

Sem saber porquê, entristecia. Subia numa corrida as escadas que vão dar ao seu quarto. E atirava-se a rezar, desalentado. Mais outro, mais outro, mais outro Padre-nosso para esquecer. Maldita, maldita vida aquela! Ficava cansado de pensar e cansado de esperar... Tudo lhe corria mal. Até quando poderia suportar aquilo? Cansava de tanta ideia. Esperava que tudo acabasse e então, decerto, alguma coisa nova havia de acontecer... E dentro de si renascia uma esperança. E caminhava para um novo entusiasmo. Erguia-se de olhos iluminados, corria pela escada abaixo e vinha direito a 101 combinar o futuro.

— O que eu quero é porradaria! bradava 101. O que eu quero é largar esta chatice da Cuia!

E 101 garantia que «havia de fazer e acontecer! que havia de estoirar c'uma data de selvagens de um só tiro!»

— Já somos dois! já somos dois! gritava Adrião. E ia ver as horas no relógio de sol do Filósofo.

Adrião embrenhava-se de novo nas leituras da Aventura. *Eles* não queriam que ele as lesse? eles detestavam as aventuras? Pois bem, ele havia de lhes fazer ver!...

E, para começar, porque não escrever ele próprio um livro de aventuras, tal qual fossem passadas com

I L H A D O I D A

ele mesmo? E porque não, se ele sabia, se ele via *tudo* tal qual?!

Calou-se com mais aquele projeto. E nessa mesma tarde começou os seus preparativos. 25 folhas em branco do caderno de apontamentos de Gramática portuguesa deviam chegar para as primeiras impressões... E Adrião sacando da sua borracha cor de tijolo começou a exercitá-la no papel em branco. Depois, cuidadosamente, aguçou muito bem aguçado o seu lápis n.º 2. Depois finalmente calou-se com o seu plano.

Haviam de ser aventuras no mar. Aventuras tremendas, de rachar! Era preciso um mar... Folheou o Atlas:

... O Cáspio? Não, um mar fechado, sem ilhas... O mar d'Azof? O nome era bom. Anh, folheou o Atlas... Pf! bom para dissolver aguarelas... O Mediterrâneo? Nada, nada: muito conhecido; desde os gregos e cartagineses, sem uma única ilha misteriosa. E o Adriático? Ilhas... ilhas — Spitzberg... um nome estranho, um nome cheio. Mas não, agora lhe lembrava a temperatura que, segundo certo Capitão, era por ali de 50 ou 60 abaixo de zero. Não servia. Porque ali era o diabo se havia naufrágio: morria a expedição e acabava-se a aventura!

Ursos brancos, bons para levar tiros e para a luta de aventura. E recordava-lhe aquela ideia que tinha lido num livro qualquer: o chefe de uma expedição que, vendo-se em calças pardas, partiu o termómetro

J O A Q U I M F E R R E R

e com o mercúrio gelado fez uma bala que logo disparou em cima do urso. E foi o que lhes valeu, o mercúrio do termómetro. Mas Adrião tinha outra ideia ainda melhor, porque se os termómetros se acabam, o cuspo não. Muito simplesmente, com a temperatura abaixo de zero, cuspia directamente na cara do urso branco, que caia logo redondo, fulminado com o cuspo cristalizado! Era simples, económico e curioso. E riu-se daquela ideia!

Spitzberg. Nome com algo de estranho, mas ainda assim não era sítio bom para o que ele queria. Um naufrágio ali era perigosíssimo! Com aqueles 50 ou 60 abaixo de zero era o fim, gelavam os personagens e acabava-se a história!

Correu o Atlas. Tinha de vir cá mais para baixo. Punha de lado as regiões dos cristalizados, e vinha até aos sítios quentes onde prospera o leão e a banana. Ação e bananas! Porque banana atrai macaco e macaco atrai leão. E sem leão ou tigre, ou coisa que o valha, não há aventura, nem ação digna desse nome!

Outras vezes pensava *fugir*. Fugir simplesmente.

— Nunca se foge! exclamou 101 bracejando.

— Mas eu não fujo! Eu *fujo* só para avançar!

— Para trás mija a burra!...

— Mas eu fujo é prá frente!

— E aonde é que vais?

— Não sei, mas hei de ir.

— Mas aonde? berrou 101.

I L H A D O I D A

— Não sei! Ao cabo do mundo!

— Não percebo, pá.

— Nem eu.

— Então és burro!

— Pois serei. Mas hei de ir!

LÁ LONGE...

Estudava os mapas. Subia o curso dos grandes rios com a ponta do dedo. Calava-se. Aferrolhava dentro de si os seus planos. «Era preciso amadurecer a coisa», pensava. Sentia mesmo um estranho pudor de se confiar aos outros. Soavam-lhe nos ouvidos certas palavras: «Tolo, és tolo: trata mas é de estudar as *coisas precisas! as coisas precisas!*» «Cábula, cábula, burro! — e o 8 a Francês?! e o 9 a Matemática?! e o 7 a Português?!»

Ah, o 7, o 8 e o 9! E os outros números todos, da numeração?! Anh?

Ninguém compreendia que ele não era feito para aquelas coisas. Ai as *coisas precisas*... Até se ria!

O seu mundo era Lá Longe, onde não havia Francês, Matemática nem Latim... — (o latinório).

Era-lhe preciso correr mundo, aventuras, matar leões, ter rivais, espadeirar, espadeirar, dar tiros, abordar navios no mar das Caraíbas! Ele havia de espadeirar, navegar, encontrar a sua Ilha Desconhecida!...

J O A Q U I M F E R R E R

O papá também, às vezes, saía-se com coisas que só dele mesmo: «Estuda-me bem esse Francês. Deixa-te de aventuras! E esses verbos é que é preciso sabê-los na ponta da unha!»

Como já ia longe a sua amizade pela França de Paris, a primeira capital que aprendera de cor! Foi quando ele supunha ter vindo de Paris dentro de uma condessinha, pendurado no bico do pássaro azul! Como tudo ia longe!

Agora de Paris de França restava-lhe aquela ideia triste dos verbos, da Gramática e das exceções... Coisas que só serviam, afinal, para estragar a vida de um indivíduo!

Escondia bem dentro de si os seus planos, sobretudo quando estava presente o papá, a mamã e o resto dessa «tropa da família». E então fazia de conta que estava muito contente com aquela «coisada toda» de Crispim e de Coimbra, onde afinal o mais que um explorador poderia encontrar seriam carneiros marrões ou burros a espinotear!

Fingia muito habilidosamente que não tinha, nem por sombras, a mínima ideia de sair do País. Aparentava o ar mais inocente deste mundo, sentindo correr-lhe uma volúpia de agitar secretamente aqueles planos. E ria-se por dentro da ingenuidade do papá, da mamã e da tropa toda. Ah! ah! ria-se! Ainda haviam de vê-lo em sítios que eles nem supunham... E então gostaria de ver a cara deles!....

O ACENTO

Animava. Agarrava-se de novo aos mapas. E sobre eles sentia-se viver grandes feitos, *penetrando, embrenhando-se, lutando, arriscando...* E tombava extasiado!

Mas aquela voz paterna:

— «Deixa-te de romances. Já me sabes conjugar na voz passiva? e na perifrástica ativa? e os defetivos? A Gramática sim, é que é o *Romance!*»

Desesperava-se. Apetecia-lhe fugir, correr mundo, nem sabia por onde... Apetecia-lhe deixar tudo, «as coisas necessárias à vida»: declinações, supinos e gerundivos... *Hanibal Amilcaris filius... Cervus et Lupus... Mons Parturiens...* Bolas! Ora bolas!

Exasperava-se. Se o erro era no acento caía lá de cima o vozeirão do Padre Encarnação: «Está mal!» E ele tornava a ler. «Está maal!!» E ele tornava a ler. «Está maaal!!!» Lia de todas as formas e feitios, para trás e para diante, desnortado, às aranhas, sem achar o verdadeiro acento! Até que Padre Encarnação terminava, descarregando-lhe uma a descair pelas orelhas abaixo. E terminava ainda chamando-lhe «Seu isto» e «Seu aquilo»!...

Ah, era demais! Aquele acento maldito, para eles, tinha mais importância do que a Grande-Guerra, do que a Descoberta da Índia, do que as barbas de D. João de Castro! E não podia livrar-se. Tinha que gramar, gramar!

PÁSCOA

Logo pela manhãzinha ele acordou. Eram 7 horas. Mas as pálpebras pesavam. Virou-se para o outro lado, aninhou-se, procurando aproveitar ainda mais alguns minutos no quente. As palmas do Palito Macho não tardariam. Parecia-lhe mais clara aquela manhã. O sol batia-lhe na face. Ficou esperando pelas palmas. Ficou esperando e as palmas não vinham... «Alguma coisa aconteceu», pensou. Sorveu os ares. Cheirava-lhe a linho fresco. O sol batia-lhe na cara: «mas o quarto de S. Caetano dá para o norte...» Aquele silêncio matinal... Aqueles odores da terra lavrada... O chiar de um carro de bois ao longe, as campainhas monótonas dos bois, o grito do boieiro: «Eixe boi!» O chilreio matinal dos pássaros... E, bruscamente, o tremendo có-có-ri-có do galo de Rampagodos! Estava em férias! Em férias!!!

E sentia-se readormecer, num suspiro. Podia dormir, dormir e dormir. A manhã era sua! Sentia-se fresco daquele banho da véspera. Que bom seria guardar para sempre essa leveza e frescura do seu corpo lavado.

Ah, como lhe soubera bem a grande chávena almoçadeira, cheia até ao cimo de cheiroso cacau escaldante, e o papo-sêco tinha sido torrado, naquele dia, por ordem da mamã.

I L H A D O I D A

— Vá lá, ó Maria, torra lá o pão para o menino, por ser hoje...

E ele deliciara-se, carregando com um sádico prazer o papo-seco torrado até ao fundo do cacau. A mamã observava-o naquela faina de trincar, de saborear, de engolir...

— Estás mais magro, Drianinho. Tu lá não comes quanto queres?

Mas ai! quem acreditaria que ele lá não comia tudo quanto queria? Pois se o queriam obrigar a comer ainda mais do que ele queria!...

Saiu pela estrada fora. O sol começava aquecendo e no largo da Feira subia um borborinho. Era dia de feira. Adrião meteu-se pelo meio daquela gentinha e parava diante de cada tenda, como dantes, admirando as mil bugigangas. Debaixo de uma árvore um magote de gente rodeando um homenzinho que, em cima de um palanque, gritava e gesticulava. Um macaquinho preso de uma corrente saltava-lhe de ombro para ombro. Do pescoço do homem, enrolada em duas voltas, pendia uma cobra mosqueada. Ele anunciava os benefícios de uns pozinhos que custavam apenas 15 tostões. Adrião duvidou da cobra.

— Comprem! compreem! tira todas as dores. Experimentado em todo o mundo. Comprem! compreem! Também tira as nódoas de azeite...

Adrião experimentou com a língua se algum dente lhe doía — e não tirava os olhos da cobra. Procurou

J O A Q U I M F E R R E R

recordar-se se alguma dor o apoquentava, Ah, um joe-lho! Passou a mão pela rótula que na verdade lhe doía. Tinha lá uma negra ainda do outro dia, da queda nos Polícias e Ladrões. Meteu a mão no bolso e trouxe dois escudos em moedas contadas. Mas quê, valeria a pena gastar coroa e meia naquela maldita rótula?... Finalmente a cobra mexeu!

Por volta do meio dia vinha pela estrada fora entre o papá e o Camilo da Tesouraria. Vinham ao almoço. Daí a pouco aparecia o Dr. Almeida mais o Nunes da Bica. E não tardou que recomeçasse a eterna discussão sobre os padres, a política e a religião. Adrião já percebia de padres. Só de política e religião é que nada.

Almoçaram.

Era domingo ao outro dia. Adrião sentia-se tão feliz que não rezou e fez mesmo por lhe esquecer a missa. Já sabia que iria ouvir rabecada da avó. Mas ele era feliz e de nada mais cuidava. Não sentia remorsos: era feliz!

Já por mais de uma vez esquecera a missa do domingo. Ia talvez perder a sua alma... Mas naquela manhã sentia-se tão bem, gozando o quente dos lençóis, ouvindo lá fora chilrear a passarada, e tendo a certeza de que as palmas de Palito Macho estava a muitas léguas de distância... Sentia-se tão bem... Era de menos uma missa... Talvez não fosse ainda essa que lhe havia de perder o céu.

I L H A D O I D A

Levantou-se. Espreguiçou-se deliciadamente. Chapinhou a cara na água fresca do lavatório. Espingalhou a parede e esparrinhou água às mãos cheias pela janela fora, molhando os ares tépidos daquela manhã.

A missa?... Sim, mas tinha confiança em Nosso Senhor.

PARAÍSO PERDIDO

As férias da Páscoa tinham acabado e a população de S. Caetano enchia de novo aquele imenso casarão frio e antigo. De novo caía sobre eles o implacável Dever.

Como seria bom viver, existir apenas...

E pensar que nem sempre os Colégios tinham existido!...

Pois não. E tampouco haviam existido o estudo, a disciplina, as más-notas, o castigo... E nem tampouco as palmatórias, os Diretores, os Gabinetes...

... Poderia na verdade chamar-se Diretor a Deus? e Gabinete ao Paraíso?

E tudo afinal se perdera num mau momento. Tudo

Adrião sentia de há muito, latente, dentro de si, uma revolta surda contra os dois bárbaros estúpidos que tinham perdido o Paraíso perdendo-nos a nós...

Como se compreendia tamanho desastre?! Como era possível uma coisa daquelas?! Que maldito instante, malvada serpente, maçã execrada!... Na verdade, uma

J O A Q U I M F E R R E R

simples maçã... Mas quem poderia crer que um inocente fruto pudesse conter tamanho mal? E na verdade o continha, e eles sabiam-no! Sabiam-no e provaram-no!

Havia a obediência de Deus. E porque não observaram eles essa obediência, que afinal se resumia a um miserável fruto, um fruto que não é sequer dos melhores... Ah! eles haviam de ver o que era um Colégio! E foi então que surgiram os Pad Lopes, os Diretores, cuja lei seria incomparavelmente mais dura. Ali estava ele que a sofria; e podia dizer alguma coisa a respeito.

Não podia deixar de pensar naquilo. Era uma coisa horrível!

E ele, então, que tinha quási uma esperança, uma esperança vaga e funda, de haver uma solução, um *furo*... senão mesmo um engano, um mal-entendido entre nós e Nosso Senhor... Haveria meio de remediar tamanho mal?...

Ele pensou... matutou... e quanto mais pensava e matutava mais sentia dentro de si um frémito de esperança... Se viesse um anjo, um Profeta que tentasse reconduzir os homens de novo ao Paraíso? Ah, ele seria o primeiro a seguir esse Anjo ou esse Profeta! E ambos iriam por esse mundo fora, de terra em terra, de povo em povo ganhar gente para o terreal Paraíso.

... E porque não ser ele mesmo a tentar?... Sabia alguém se ele era Profeta? Ele mesmo o não sabia!...

I L H A D O I D A

E lembrou-lhe, muitas vezes afinal lhe lembrara, ir ter com o abade Vouzelas, com o Papa mesmo, e propor-lhes um plano, um arranjo em que, nem nós nem Nosso Senhor ficássemos a perder... Seria assim tão difícil? Não lhe parecia que o fosse. Mas às vezes lhe vinham ideias — talvez prejudiciais...

... Deus... Deus governa o Mundo... Contudo lhe parecia que o Mundo não era bem governado! Não era que ele quisesse falar contra Deus! Não!!! Mas... Algumas vezes surpreendia-se a pensar que, se ele próprio fosse Deus... *Ele próprio* — enfim, parecia-lhe, tinha mesmo a convicção funda e sincera de que o Mundo seria melhor! Isto não era falar contra Deus, era apenas uma opinião!

... Ele só criaria belas e boas coisas... Faria toda a gente linda, a seu gosto... Bordaria as estradas de figueiras de pingo de mel... e faria brotar uvas e medronhos só de um pensamento, só de um lamber de beijos!... Ele faria que todos ao nascer trouxessem já um curso... (E os Colégios, os livros, os problemas findariam por si...)... Só deixaria livros de aventuras, e romances de amor... Espalharia pelo mundo inteiro as cores e as coisas mais belas... e inventaria novos jogos divertidos e adivinhas assaz difíceis (seria a única coisa difícil na terra!)... e deixaria livremente todo o mundo jogar ao eixo, ao pião e à bilharda... Haveria fontes de capilé... e, enfim, daria a cada homem ou mulher que nascesse uma vari-

J O A Q U I M F E R R E R

nha de condão, das autênticas, que tudo pudesse, e que jamais se estragasse!... Adrião ficava assim um instante imenso, de olhos profundos, mergulhando no infinito, que se estendia além da sua janela... Ficava assim, longe de si mesmo... E de repente sentia nas ventas um cheiro a sardinha na brasa e que lhe parecia ter provado já uns tempos antes de nascer... E então por entre aqueles odores terrestres, se ia esbatendo o drama da maçã...

DOUTRINA

O Padre Encarnação dava as suas lições de Doutrina às quintas e sábados. Desde há muitos anos, desde a República era a primeira vez que se iniciava um curso de Doutrina em S. Caetano. Alguns alunos havia que não frequentavam o Curso, uns por sua livre vontade, outros por expressa determinação paternal. Adrião, a princípio, não frequentava as lições, nem sabia bem porquê, mas dentro em breve não eram já muitos os que não assistiam à Doutrina.

Álvaro Maciano era aluno já do 5.º ano. Não era no entanto dos mais velhos, se bem que acompanhasse quasi só como os de mais idade. Não frequentava o Curso do Padre Encarnação e constava que lia certos livros proibidos. Dizia-se mesmo que o Maciano era contra a Doutrina e mesmo contra o Padre Encarnação.

Disto se não admirava Adrião visto que ele próprio era

I L H A D O I D A

também contra o Padre Encarnação. E era também contra Palito Macho, contra o Grande Gajo, contra o Muton e contra muitos outros!

Álvaro Maciano andava sempre com livros debaixo do braço; isolava-se a ler em bancos afastados, nos recantos do Parque. Adrião algumas vezes aproximava-se mas o outro fechava o livro e mandava-o afastar.

— Que estás tu a ler ó Maciano?

Mas o outro fazia cara de poucos amigos e não respondia direito.

E ninguém sabia o que lia o Maciano.

Passado algum tempo, já só restava o Maciano e poucos mais, sem frequentar a Doutrina.

Adrião sentia-se isolado e parecia-lhe que nas aulas de Latim o professor o olhava de mau modo. E aqueles olhos que o professor lhe deitava por debaixo da sobran-celha não era concerteza por causa da velha história da mala do Pina Basófia. Isso já lá ia há quási dois anos, era já uma história velha, e decerto ninguém se lembrava já de tal coisa. Ele mesmo nem soube nunca como se dera aquele desastre em que ia matando o Lapa-roto da Bodiosa. Pensava muitas vezes que talvez nunca mais na sua vida daria um murro tão bem dado. Fora um azar. E não poucas vezes tinha verdadeira pena de ter perdido a receita...

Ficara *bom* desde então, bom demais... Desde então que nunca mais soubera senão apanhar dos outros. E apetecia-lhe mudar de terra para ver se recuperava

J O A Q U I M F E R R E R

a gana de então. Ali dentro parecia que lhe faltava o ar, perdera a confiança em si mesmo e, quantas vezes palpando o seu braço, já não achava músculo digno desse nome!

Rezava sempre à noite. Voltava-se para Deus. E vinha-lhe então à ideia muitas e muitas e obscuras coisas. Temia não ser verdadeira e suficientemente religioso. Receava alguma desgraça oculta e pensava então quási em voz alta que Deus não era, concerteza, assim tão mau... No meio dos seus entusiasmos de aventura, sofria quebras súbitas e parecia-lhe ouvir dentro de si a voz de um outro... Era uma tristeza dentro de si.

Quantas e quantas vezes ajoelhava nas tábuas frias do seu quarto, pedindo a Deus que olhasse por si e pelo papá... Sentia uma angústia. Tinha quási a certeza da perda irreparável de seu pai, se não lhe acudisse com os seus Padre-Nossos e Avé-Marias. E êle rezava-os com toda a sua alma. Pensava então que lá longe em Rampagodos, havia mais alguém que trabalhava para o mesmo fim. Muitas das vezes que a mamã rezava, era concerteza em intenção do papá. Bem sabia como ela ficava aflita se o papá dizia alguma coisa contra os Padres e a Religião. Ele também sabia o que era essa aflição, porque ele mesmo a sentia no seu peito. Quantas vezes lhe apetecera dizer alguma coisa também, tentar enfim encarreirar o papá... Mas nunca se atrever a falar. E depois, seu pai parecia-lhe saber tanto

I L H A D O I D A

que tudo o que dissesse seria bem fraco perante aquela sabedoria!

A Vó de Rampagodos também ajudava à salvação do papá: não era concerteza só para si mesmo que ela rezava tanto. E daí, quem sabe?... Ela era uma velha tão esquisita, tão acumuladora de coisas que nenhuma falta lhe fariam se as desse aos outros!...

E Adrião entrou para a Doutrina.

CONFISSÃO

Toda aquela cerimónia o impressionara fundamente.

A imensa nave do templo cobria um mar de gente. Havia fumo de incenso que subia nos ares. Os lapa-dários, suspensos do teto altíssimo, espalhavam uma claridade religiosa. Os altares dourados, imponentes, estavam enfeitados com dúzias de pesados jarrões, que se abriam em molhos de cravos e rosas. Por sob a nave um murmúrio fundo da multidão. A parca luz do dia espalhava-se em mil cores, trespassando os vitrais. Como se fora um nunca visto, Adrião olhava surpreendido as pessoas, que ao longo do templo, iam tomando as cambiantes da luz dos vitrais.

A seu lado, Balão Cativo estava ajoelhado religiosamente, envolto em cores de azul, verde e amarelo. Fazia na boca uns estranhos movimentos e de quando em vez engolia, com uma pequena vénia, uma pouca

J O A Q U I M F E R R E R

de saliva. Ele disse a Adrião que era treino para engolir a hóstia. E Adrião começou fazendo o mesmo.

Pouco a pouco se iniciou um movimento geral para uma ala da igreja. Passaram sob um grande arco de pedra lavrada e entraram num estreito corredor sombrio. Foram andando em procissão pelo escuro corredor, até que ouviram a voz do Prefeito sussurrando o número de cada um. Iam-se destacando da forma e eram logo conduzidos através de uma porta maciça, onde se abria outra mais pequena, de um só batente.

Adrião estremeceu. Era a sua vez. Caminhou lentamente, como para a prova mais difícil da sua vida. Palito abriu a portinhola e ele entrou. Viu-se no escuro. Na sua frente havia um pesado reposteiro vermelho que lhe impedia a vista. Atrás de si fechou-se a porta e ele ficou por momentos indeciso. Lentamente, o mais lentamente que pôde, estendeu o braço e, na ponta do braço, a sua mão fez um gesto. Na sua frente abria-se uma claridade baça que o surpreendeu. O seu coração pulsava violentamente. Achava-se numa vasta dependência, cercada de cadeirais escuros e pesados, chapados de ferragens amarelas. Nos quatro cantos, como que aninhadas, outras tantas casinhas também pintadas de uma cor escura.

Havia ali uns poucos de rapazes que aguardavam. Olhavam uns para os outros, e alguns passeavam os olhos pelo teto. Adrião seguiu aqueles olhares e come-

I L H A D O I D A

çou contando as cruzes. Atrás, o reposteiro agitou-se pesadamente: era Balão que entrava, ajeitando o laçarote azul da primeira comunhão.

O Dr. Mário Lopes de Matemática acercou-se de Adrião e, apontando-lhe para o braço, perguntou-lhe porque não trazia também um laço azul. Adrião ficou desolado. Gaguejou. Não sabia explicar aquela falta. Enfim, não tinha o laço!

Os olhos do Dr. Mário Lopes arredondaram-se de espanto.

— É extraordinário, é extraordinário, murmurava. E então a tua família? Ora esta, deixarem uma criança sem laço! E pondo-lhe a mão no ombro, disse: Anda daí!

Adrião seguiu o professor e daí a poucos minutos voltava satisfeito, ostentando um laço como os outros.

Lá lhe quisera parecer que um laço tinha a sua importância! Parecia-lhe agora mais seguro o seu espírito. Mas não tardava que o Dr. Mário Lopes estivesse de novo junto de si. Perguntou:

— Olha lá, 31, já tens padrinho?

— Já sim, senhor Dr., era o meu avô, que Deus tem...

— És burro! Deus me perdoe... Pergunto se tens padrinho da crisma?

— Da crisma?... senhor Dr.... da crisma, não!

— Eu logo vi! Bom, bom, serei eu o teu padrinho.

J O A Q U I M F E R R E R

E o Dr. Mário afastou-se resmungando: «Mas que trapalhada! A uma hora destas sem padrinho. Francamente!...»

Daí a pouco Adrião, obedecendo a um gesto do Dr. Mário, dirigiu-se a um dos confessionários. Adrião passou diante de um crucifixo enorme pregado na parede. E os seus joelhos curvaram-se perante a imagem. A sua mão estendida subiu-lhe à testa; mas logo a baixou pensando que talvez não fosse a boa ocasião de se per-signar...

Uma voz do interior do confessionário fê-lo sair dos seus pensamentos. Caiu de joelhos. A voz pedia-lhe a confissão. Ele sentia o coração desordenado, e engoliu muitas vezes antes de poder começar. Enfim começou: «Confissão, eu pecador...» Rezou precipitadamente, atirando as palavras santas... Mas, não tinha acabado ainda, perdeu-se, enganou-se: meteu-lhe um pouco do Padre Nosso. Logo parou, sentindo o erro. O seu coração galopava como doido. Não sabia que fazer. Gaguejava, hesitava...

— Eu sei, eu sei, *senhor doutor*... Aqui se reteve: estava numa igreja! Senhor prior eu sei-a toda! Eu...

Estava quasi a dar a sua palavra de honra! Era imperdoável aquele engano! E, pegando de novo o princípio da oração, levou-a até ao fim, numa torrente de palavras.

Chegado ao fim, aquela voz mansa, de uma boca invisível, pediu-lhe a confissão dos seus pecados...

I L H A D O I D A

Adrião parou um instante, olhando dentro de si. Ele tinha de achar, de *ver* a sua consciência, de que tanto lhe falavam. Tinha de a encontrar!

— Os seus pecados... diga-os todos...

Ele caiu em si. Tinha de os dizer, fosse como fosse. E, desistindo de achar a consciência, disse-os de qualquer maneira. Quási desconhecia a sua voz; parecia-lhe que ela se confundia com a voz soturna que vinha do interior do confessionário. E disse as vezes que tinha rido na igreja com Balão...

— Ah, isso é um grande pecado, rir-se na casa de Deus... Mas diga-me, sussurrou aquela voz: E que é isso de Balão?

— É o Balão Cativo, n.º 47... a gente chama-lhe assim...

Adrião pareceu-lhe que por detrás daquele crivo de buraquinhos alguém se ria baixinho... Ficou indeciso. Teve de atender àquela voz que lhe fazia novas perguntas.

Adrião meditou se devia ou não confessar aquelas brincadeiras passadas na casa de Deus, aquela coisa de prender ao chão as saias das mulheres... Ai, como se arrependia! Nunca mais, nunca mais! E aquela voz não o largava, como se viesse do fundo da terra! Quási lhe vieram as lágrimas aos olhos de imaginar as penas do inferno! Tinha pena de si mesmo àquela ideia tão pavorosa. Alguém falava dentro de si; «Digo? não digo?... Digo? não digo?» Uma palavra — *Purgató-*

J O A Q U I M F E R R E R

rio — estampava-se na sua frente, em letras de fogo. «Digo? não digo?»

E disse tudo. Confessou os pedaços de lápis, e alguns inteiros, que tinha furtado durante a sua vida. E disse as cores de cada lápis, disse as cores e os sítios de onde os tinha tirado... Vieram-lhe ao de cima os maus pensamentos, e as más obras que fizera — e disse-os, disse tudo.

Tudo! Sentia-se esmagado sob um peso enorme, desesperado; abriu-se numa torrente de crimes, de pecados, de faltas... E disse todos os seus furtos das gavetas de Rampagodos... as vezes que tinha roubado os outros, por meio da batota e do logro... as vezes que tinha meditado fazer ainda pior!... Romperam-lhe as lágrimas, e provando as lágrimas na sua boca, foi contando, foi contando como um dia sonhara ou pensara matar alguém!... E como um dia seria capaz de espetar uma navalha de ponta e mola no seu Prefeito! E no seu Diretor! E ainda, ainda em quem ele odiasse!... Mas nunca o fizera... nunca o fizera... Nunca! E disse ainda, que odiava algumas vezes seus pais. Que odiava um tio que uma vez lhe batera e o acusara, sendo ele inocente! E, como não poucas vezes, detestava sua avó! E como tinha às vezes pensamentos horríveis, que lhe faziam desejar a morte dos seus inimigos... mas esses pensamentos, naquelas ocasiões, ele os não achava nunca tão horríveis!...

E disse mais e mais. Rolavam-lhe as lágrimas, quentes, salgadas. Disse tudo.

I L H A D O I D A

E agora, que tudo estava acabado, sentia uma estranha resignação. Sentia-se inundado dentro de si, de uma vaga tristeza, que lhe parecia líquida. Sentia-se abandonado das forças que o mantinham ao de cima, e era como se todo ele se afundasse. Os seus braços pendiam. Não tentava resistir. Mal tivera forças para enxugar as lágrimas no seu lenço. Tudo lhe era indiferente. Sentia-se levado pelos corredores sombrios, encostado ao braço paternal do Dr. Mário Lopes. «Havia de estudar matemática... havia». E ouvia ainda, nos seus ouvidos, a voz do Dr. Mário perguntar: «O que foi? o que tens tu?» E depois, ajoelhando-se de novo, tomara na sua boca a hóstia branca. Bebeu um pouco de água por cima, e sentiu na garganta a hóstia escorregar mansamente.

Não sabia como tudo acontecera. Não sabia como tudo o que andava oculto dentro de si, pudera sair cá fora, aos ouvidos de alguém. Não sabia.

Lembrava-se agora que depois da comunhão alguém, talvez o Dr. Mário Lopes, lhe falara em ser «soldado de Cristo». E ele consentiu, abaixando a sua cabeça perdida. E então lhe haviam posto na testa os sagrados óleos.

Abriu a janela do seu quarto. O Pina cantarolava, agitando as pernas em cima da cama.

Defronte, à janela, ele viu a menina do penteador verde. Viu-a sacudir os cabelos, que um golpe de vento arrebatou.

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião desviou os olhos. Saiu da varanda e fechou a vidraça. Através da parede reboavam sons de um piano.

Adrião, tapando os ouvidos, abalou do seu quarto.

PENITÊNCIA

Passaram algumas semanas. Adrião ganhara um ar trágico. A sua face criara sombras, e os olhos não lhe riam como dantes. Isolava-se. Falava pouco. Tinha os beiços gretados.

Naquele dia, o Cocas deu com ele curvado à beira da cama. Rezava. O outro veio pé ante pé, e com a sua mão tocou-lhe num ombro. Adrião sobressaltou-se.

— Que foi?

— Nada. Vim cá acima. Tu estavas a rezar, era?

— Hum... pois era...

O Cocas estava um pouco hesitante. Depois, levando a mão ao bolso, tirou uma carta amarrotada.

— É uma carta... diz que o meu pai foi para o Brasil. E Cocas, como que falando consigo próprio, murmurou: Já deve ir no vapor...

Adrião continuava absorto, sem escutar o seu companheiro. Ele desdobrava a carta e passava-a da mão esquerda para a direita. E logo, tomando uma decisão, exclamou:

— Lê. Podes ler... Adrião estendeu a mão, enquanto Cocas prosseguia:

— Hum? Lê-a mas não acredites nada do que ela diz.

I L H A D O I D A

— Anh?...

— Eu sei muito bem porque é que o meu pai foi para o Brasil... Eu sei muito bem!

Adrião pegou na carta, sem tentar ler. Só agora regressava do seu sonho, ante a dor que se estampava no rosto do seu amigo.

— Tu não sabes por que ele se foi embora, pois não? Ele e a minha mãe andavam sempre às turras e diziam coisas más um ao outro... Diziam que tudo havia de acabar mal! Ele não gostava da minha mãe, sabes? porque ele gostava de outra!

Adrião escutava agora aquela desgraça, sem compreender completamente. A sua atenção estava toda sobre os lábios de Cocas que, amargamente, descaíam os cantos:

— ... A Outra veio morar para a nossa rua e a minha mãe soube quem ela era... A minha mãezinha fartava-se de chorar todo o dia, mas nunca dizia à gente porque chorava... Eu sabia porque é que ela chorava daquela maneira, porque eu ouvi tudo, de uma vez, atrás da porta, quando eles estavam no quarto... Disseram coisas! coisas! Foi então que o meu pai disse que aquilo havia de acabar! E a minha mãezinha, então, agarrou-se a ele a chorar e só dizia: «Não! Não me deixes!» Mas o meu pai saiu de casa naquela noite, dizendo que a mãezinha lhe fazia a vida negra. Não dormiu em casa nessa noite. Pela manhã, a minha mãe tinha os olhos inchados, e eu agarrei-me a ela a chorar...

J O A Q U I M F E R R E R

E ela disse-me: «O que tens tu?» Ai, Trinta e Um, tinha que ser! tinha que ser! Êles dizem agora que o meu pai foi para o Brasil, mas eu sei bem que ele foi mas é com a tal; fugiu com a Outra!

— Deixa lá, Cocas, ele há de voltar!

— Não volta, não. Fugiu para nunca mais!

— Há de voltar; vais ver.

— Não volta. A Outra — eu vi-a: era *mais bonita* do que a minha mãe! Se tu visses como ela era bonita!

— Oh! como era ela?

— Não sei dizer bem: mas era mais bonita! Olha, tinha a boca muito encarnada — pintava-se. Andava sempre muito bem vestida, casacos de peles, chapéus lindos, e... Olha Trinta e Um, ela quando me via na rua... quando me via, tinha um riso bom para mim... Era muito linda, Trinta e Um!

As lágrimas tinham secado nos olhos de Cocas. Ele parecia ainda vê-la.

— Como se chamava ela?

— Não sei. Eu de uma vez encontrei, numa gaveta da secretária do meu pai, uma carta que devia ser de namoro... devia ser dela. Começava assim: *Meu Querido...* O resto não me lembro: eu também só pude ler uma linha, mas não percebi bem porque ouvi passos no corredor... Também não percebi o nome que estava escrito na assinatura: era muito difícil...

I L H A D O I D A

Cocas tinha-se esquecido da sua dor e quási falava num entusiasmo. Adrião olhava-o sem compreender. Cocas, de súbito, fixou-o muito nos olhos:

— Mas olha lá, ó Trinta e Um: tu andas triste, andas sempre a rezar... Porque é que tu andas assim?

— Hum... eu?

— Sim. Tu andas não sei como...

— Anh, não é nada... Foi a penitência ...

— Quê? a penitência?

— Sim. Quando foi da comunhão, eu não ouvi a penitência que o senhor prior me deu para cumprir... Não sei porquê, mas não decorei...

— Ah! Mas dizem que tu vinhas de lá a chorar... Porque é que tu vinhas de lá a chorar? O que é que ele te fez?

— Nada.

— Ah! O meu, que me calhou, começou a perguntar-me... eu até me deu vontade de rir... a perguntar-me se eu gostava... ó Trinta e Um, vê lá se adivinhas? Anh?

A porta abriu-se bruscamente. Era Balão. Entrou a esfregar as mãos gordas, todo contente.

— Eh, pazada, vocês querem saber? o Gajão está de molho! E logo acrescentou, com os olhinhos piscos: Agora é que vai ser um gozo!

— Mas olha lá, perguntou o Cocas, o gajo morre ou quê?

J O A Q U I M F E R R E R

— É capaz. Não se sabe ainda, mas o Dr. Moreira vinha com cara de caso. Diz que tem a bexiga presa ou lá o que é...

Adrião estremeceu, porque no seu íntimo sentia também uma desesperada alegria. E repetia para si mesmo: «Não. Não quero que ele morra. Não quero!».

— O que é que tu dizes? inquiriu Balão.

— Anh... não é nada.

— Estávamos aqui a falar da confissão..., disse o Cocas.

Balão fez uma careta.

— Ai, pá, nem me fales nisso.

— Não? porquê?

— Ora, pá, já te contei, já contei a uma porradaria de gente...

— A mim não.

— Foi um azar... Figurem-se vocês que me calhou... Sabem quem? Eu primeiro nem queria acreditar... mas conheci logo a voz do pássaro bisnau... Tosquei-o logo por detrás do crivo... Vocês sabem quem? Pois era, nem mais nem menos, do que padre Encarnação. Ora toma! disse eu cá comigo; daqui não levas nada. E é que não levou. Ele bem quis saber, olá que bem quis... mas eu disse-lhe tudo às avessas!

Riram-se os dois. Adrião ficou muito sério.

— «Pois quê! Balão atrevera-se. Balão estava doido, concerteza!».

— Mas... ó Balão, tu acreditas nos santos?

I L H A D O I D A

— Nos santos acredito. É bom acreditar neles. Mas o Padre Encarnação não me leva...

E Balão fez tilintar as medalhas e bentinhos que trazia ao pescoço. Mas nestes acredito! É preciso.

Adrião caiu de novo em si.

Daí a pouco as palmas para o almoço vieram despertá-lo de mais um Padre-Nosso.

Quantos tinha já rezado? Não sabia quantos, mas esperava dentro de um mês ou dois, ou mesmo três, cumprir a sua penitência, à força de rezar Padre-nossos e Avé-Marias, Padre-nossos e Avé-Marias...

E foi jantar sem apetite.

TEATRO

Os meses correram. Adrião cresceu, deu um pulo. Também quis entrar na peça e desde que começaram os ensaios ele andava mais ligeiro. Sentia-se mais alegre e à noite rezava menos. Ele sabia que estava deixando abandonar dentro de si, como um fumo espalhando-se nos céus, como um rio perdendo-se no mar — o seu temor de Deus e dos Infernos.

Mas agora andava a representar e de nada mais cuidava. Era Dinato, era um diabo ajudante de Berzebu.

Ensaiaava-se no Ginásio, todas as tardes, no fim do jantar. Adrião entrava num mundo novo, de fantasia, a fingir, mas onde ele encontrava uma *outra realidade* que o encantava.

J O A Q U I M F E R R E R

Balão Cativo parecia nadar no seu elemento. Fazia de frade na Barca do Inferno e fazia tão bem, como se fosse verdadeiro. Balão terminava a cena suando, limpando a testa à larga manga do burel. E sorria contente da sua habilidade.

— Tens jeito Balão. Foi piramidal!

— Ó Balão, como é que tu aprendeste a jogar a espada? E como é que tu dizes aquilo tudo a sério!?

— Não sei; vem-me da garganta. E punha lá o dedo gordo.

—E a espada, como foi que aprendeste?

— Ah, isso não sei; atiro à doida e aquilo sai!
Assim... assim...

Todos miravam o corpanzil grosso do Balão girando num rodopio, com uma espada imaginária.

—Aí Balão!

— Assim... assim,.. à bruta, à brava!

E ele parava então, esfalfado, enxugando outra vez as bagas de suor que lhe subiam à testa. E todos os dias o entusiasmo crescia; dando vida aos cetins dos pajens, aos tules das damas, aos serrobecos do povo, aos buréis dos frades, às túnicas das almas... Os diabos fervilhavam por toda a parte, cínicos, cornudos, inquietos, metidos nos seus trajos cor de Inferno. Adrião, a primeira vez que se viu dentro daquela infernal pele, sentiu calafrios, que não seriam talvez de medo, como esses que ele sentia ao penetrar nalgum mistério de um livro de aventuras. Ele sentia-se mesmo mais

I L H A D O I D A

ligeiro de língua e de perna, à medida que o seu papel ia correndo... Já talvez fosse capaz de dar uma repostada ao próprio Pad Lopes! Contudo, não desejava achar-se em ocasião de lha dar...

Parecia-lhe ter saído de uma crise, parecia-lhe sobrenadar com vigor desconhecido um pântano estranho. Sentia-se capaz — nem sabia de quê!...

POLÍTICA

A hora dada para o ensaio geral, esperaram em vão pelo Álvaro Maciano. Álvaro Maciano não vinha e o Berzebu do «Todo Mundo» ficava por fazer. O Dr. Policarpo mandou um comparsa procurar o Maciano. Só passado uma boa meia hora é que ambos apareceram, e o Dr. Policarpo desesperava-se. Repreendeu-o, disse-lhe que não era «bonito» encravar a peça. Mas Álvaro Maciano não respondeu palavra, e todos se admiraram, porque o Álvaro tinha a resposta pronta. Ele, de costume tão expedito, mexia-se com dificuldade e deixava-se caracterizar sem qualquer observação, sem um movimento.

— Que diabo, perdeste o nervo! gritou-lhe cá de baixo o Dr. Policarpo.

E Berzebu, não adiantava, como se fosse parálitico. Era um diabo triste.

Trinca Espinhas vestido de Ninguém, atrás da cortina, achegou-se a Dinato e disse-lhe ao ouvido.

J O A Q U I M F E R R E R

— Viste as mãos do Maciano? Tem-as numa lástima.

— O quê, o Pad chegou-lhe?!

— Provável!

E o ensaio decorreu monótono. O Dr. Policarpo suava, enervado. Acabou mais cedo. O Dr. Policarpo cortou a Barca, desiludido, barafustando. Ainda nessa noite correu que o Maciano estava expulso! Não se sabia ao certo porquê, mas sabia-se que o Pad Lopes o mandara chamar à Camarata do Alvarenga e lhe ordenara que fosse ao ensaio. Carochos, que o fora chamar contou que «nunca vira uma cara daquelas no Pad».

— Parecia que tinha visto lobo. Quando eu cheguei atrás do Maciano, Bichão parou de andar e berrou-lhe que se me puseram os cabelos em pé... E os olhos do Maciano... só queria que vocês vissem os olhos do Maciano! E o Pad no corredor até bufava! Foi pior do que o Alvarenga!

— Anh?! Pior do que o Alvarenga?!... tu sabes o que estás a dizer?! E 101 abanou-o dos pés à cabeça: tu sabes o que estás a dizer? ah, pior do que o Alvarenga... deixa-me rir!...

— Mas olha que foi quási!

— Qual *quási*; cala a buzina! Sabes lá o que dizes!

— Sim, mas não garanto...

Todos procuravam saber a causa. O contínuo Amândio Badalo contava que as palmatoadas se ouviam cá fora como se fosse lá dentro! E que a certa altura

I L H A D O I D A

ouvira bufar como um gato assanhado... Não sabia quem tinha bufado. Só sabia que aquilo tinha sido uma coisa de «escachar».

— Mas, ó Amândio, você viu mais alguma coisa? O que é que Você pescou?

— Eu não, só sei que fui à mala do Maciano mandado do senhor Diretor, que até meteu também as mãos na mala — pois fui, e trouxe da mala cá pra baixo uma cabazada de livros...

— Livros?!

— Sim, livros: estão em cima da burra, no Gabinete... E quando eu tirava os livros, o senhor Maciano parecia que me queria comer c'os olhos... Depois fecharam-se os dois lá dentro e então começou a dança...

...

— Admiras-te? disse o Quadrado. O pândego tinha livros... proibidos...

— Eu já sabia, exclamou 101.

— E eu também...

— E eu cá também...

— E vocês já viram os do Kaga-do-óculo?

— Quais? os de Paulo de Kock?

— Nada disso, muito melhor...

— Eu também os vi... Têm coisas formidáveis!... Vocês já viram mulheres nuas? Ah, não! pois peçam pra ver ao Kaga-do-óculo... Tem-as lá de todas as qualidades. E tudo cor de carne, da autêntica!...

— Mas é tal qual?

J O A Q U I M F E R R E R

— Tal qual, tudo...

— Ó c'um raio!...

— Mas os livros do Maciano, não é nada disso...

— Ah, não é de mulheres?...

— Não, não mete mulheres; são de política. Política! Vocês sabem...

Todos se calaram, olhando uns para os outros. Depois recomeçou o diálogo carregado de interesse. Baixaram as vozes, olhando à roda.

— Piem mais baixo que alguém pode ouvir...

— Mas então ele não é monárquico?

— Qual quê!

— Republicano?

— Diz que é mais do que isso...

— Ah!!! E então?...

Ouviram-se as sílabas bem destacadas, misteriosas:

— É avançado!... É contra *Isto!*... E fez um gesto, abarcando o Colégio de S. Caetano.

...

SER MARÇANO...

O magro Trinca Espinhas parecia transtornado. Entrou a porta do quarto, pálido e um pouco esgazeado. Adrião e o Pina estavam de conversa pegada sobre questões de política — se seria mais conveniente a Monarquia ou a República.

I L H A D O I D A

— Que é que tens, pá? perguntou Adrião, dirigindo-se ao Trinca.

— Pareces desenterrado! exclamou o Pina.

Trinca Espinhas acercou-se devagar e quis pronunciar algumas palavras que não saíam.

Adrião assustou-se:

— Viste lobo?

— Não. Antes fosse! Eu... eu... está ali o meu tio em baixo... Vou-me embora!

Quási gritou esta palavra. O Pina pôs a cabeça um pouco de lado para ouvir melhor. E cerrou um tanto as pálpebras. Trinca Espinhas estava sem o bibe aos quadradinhos: vestia o seu fato azul de cerimónia. Os outros viram-lhe o fato e compreenderam ...

— Para onde? inquiriu o Pina.

— Quando voltas? quis saber Adrião.

— Nunca mais!

— O quê?!...

— O meu tio veio cá buscar-me. Diz que eu não posso estudar mais e que tenho de ir ganhar a vida!...

Adrião ficou suspenso. Por um momento ficaram todos três sem uma palavra. Depois, Adrião tornou:

— Ganhar...? Tu vais ganhar! mas isso é bom, pá? Quanto vais tu ganhar? Diz lá quanto?

— Ganhar é *mau*! disse o Pina serenamente.

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião espantou-se. Virou-se ao Pina:

— Porquê? Ter dinheiro é bom para comprar tudo. E bom ganhar!

— É mau! tornou o Pina. *Para ganhar tem de se trabalhar.* E quem é que vai nisso? quem é que é trouxa? Toma lá, prós outros!...

— Ah! fez Adrião. E olhou a cara indecisa de Trinca Espinhas.

Este, todo encolhido, parecia ter medo de alguma coisa.

— Tenho de ir arrumar a mala, disse.

Adrião voltou àquela ideia que o absorvia:

— E tu tens então de ir trabalhar? Aonde? em quê?

O meu tio diz que sim. Que não há mais dinheiro para eu estudar. E riu-se até para mim; disse que doutores há muitos: que é preciso mas é ganhar dinheiro...

— Eu também não me importo se não for doutor, disse Adrião, numa ideia súbita. Tinha percebido o tio do Trinca. Deixa lá, se não fores doutor, hás de ser outra coisa importante!

Quási lhe disse isto em tom de vitória. Quási lhe parecia dizer a verdade do que sentia.

Mas Trinca Espinhas, mais pálido ainda, estendeu-lhes a sua mão tremente. E disse:

— Vou ser empregado numa mercearia, na minha terra...

I L H A D O I D A

Adrião sentiu cair-lhe a alma aos pés. Trinca Espinhas prosseguiu, após um momento de suspensão:

— Vou ser marçano...

E insistindo de mão estendida, despediu-se:

— Adeus 31. Adeus Basófia. Adeus a ambos! E voltando as costas lentamente, como se ainda alguma coisa lhe tivesse esquecido, caminhou para a porta.

Chegando ali, voltou-se, parou um instante e disse anda:

—Eu escrevo.

Ficaram ambos calados, ouvindo os passos lentos de Trinca Espinhas descer cada degrau. O Pina abanou a cabeça, e fez um trejeito à boca.

— Marçano! exclamou o Pina, pesando a palavra.

— O que é que tem, ser marçano?

Na verdade não lhe soava bem aquela palavra que achava inferior e cheia de fatalidade. Era algo de feio e de irremediável. Por que perguntava então? Queria saber o que pensava o Pina. Porque o Pina tinha sempre ideias originais. E tinha visto mundo, tinha viajado, se bem que algumas viagens do Pina fossem pura fantasia.

— Ah, marçano... Eu antes queria matar-me!

— Matares-te?!

— Antes queria... do que *descer*! percebes? Marçano é descer! E nunca mais ser nada! é ser marçano!

J O A Q U I M F E R R E R

— Trabalhar não é desonra, exclamou Adrião, lembrando-lhe ter lido aquela frase na última linha de um conto moral.

— Pois não. Mas eu antes quero não ter de trabalhar. Xiça!... Prós outros!

CARTAS

Poucos dias passados receberam uma carta do Trinca Espinhas, uma carta amarrotada dentro de um sobrescrito de uma cor parda, que parecia ter saído de um cesto de papéis velhos.]

— Vês? disse o Pina, torcendo o nariz à má qualidade do papel: é isto que é ser marçano. Deixa-o escrever muitas vezes assim, que ninguém mais lhe liga; só os outros marçanos...

Abriram a carta. Adrião sentiu-se comovido, apesar de não ter lido nada ainda na carta. Depois leu. Dizia só que estava bem e que afinal não tinha entrado para a mercearia, mas sim para ajudante de farmácia!

Adrião leu aquilo numa corrida. Ah! parecia que lhe haviam tirado um peso de cima. Agora até já lhe parecia normal a má qualidade do papel daquela carta. Perdera todo o seu ar trágico o papel pardo e amarrotado.

— Vês! gritou para o Pina. Vês, não está marçano! Não é marçano!

I L H A D O I D A

Mas o Pina ficou na mesma. Disse devagar:

— É o mesmo! Tem de bater linhaça toda a manhã e toda a tarde...

E receberam mais duas cartas do Trinca Espinhas, agora ajudante de farmácia. Quando se referia ao seu trabalho dizia só que estava ao balcão a aviar os fregueses. Nunca se referia à «linhaça»... E Adrião não tinha coragem de indagar aquele ponto. Dizia também que já conhecia muitos medicamentos e que fazia hóstias de remédio...

— Não bate linhaça, exclamou Adrião mostrando ao Pina a frase sobre as hóstias...

— É o mesmo. Hóstias ou linhaça, vem tudo a dar na mesma ...

— Isso não: é diferente!

— Pois é: vai então fazer hóstias de manhã até à noite e logo vê...

Adrião arrepiou-se. Na verdade, sentia-se privilegiado de não ter que fazer nem uma nem outra coisa de manhã até à noite...

No entanto, sempre disse:

— Eu, ainda assim, acho que fazer hóstias custa menos. Não cansa tanto!

E durante uns dias não pensaram mais em Trinca Espinhas. Adrião tinha receio que seu pai deixasse, de repente, de ser rico. E afinal seria ele tão rico como supunha? O Pina sim! E o Trinta e Nove dos Tou-

J O A Q U I M F E R R E R

ros. Esse dizia-se que era ainda mais rico do que o Pina. O Pina era mais nobre, mas o Trinta e Nove devia ter mais dinheiro. Dizia-se que o pai do Trinta e Nove tinha lezírias a perder de vista, perto de Santarém. E tinha touros em manadas imensas. Quando os mandava a tourear, dizia-se que recebia contos e contos de réis!

Adrião, muitas vezes, suspeitara que o seu pai não era tão rico como supusera em tempos. Não poucas vezes surpreendera certas palavras que lhe levaram a inquietação e mesmo aflição. «Que a vida estava má e que não sabia aonde ir buscar o dinheiro para o necessário...» Isto e outras semelhantes surpreendera ele a seu pai. Sua mãe respondia-lhe:

— Olha, porque não levas tu dinheiro a todos?

— Ó Aninhas, mas tu bem sabes, que a maioria deles mal têm para comer. Muitos nem para isso; passam mal. Eu é que sei, porque entro nas casas deles. É uma miséria!

— Mas os que podem, Francisco. A esses não devias deixar que te devessem...

— Mas o que queres tu? se eles dizem que não podem... que mais tarde...

Ah, o dinheiro! A coisa de que mais se falava na vida! Toda a gente falava naquela maldita palavra. E ele mesmo não podia também deixar de pensar nele, quando lhe agradava alguma coisa que só obteria à custa de dinheiro. Dinheiro! Todos queriam dinheiro. Tudo girava à volta do dinheiro. Parecia que todo

I L H A D O I D A

o mundo, a Terra, tinha alguma mola escondida, que era o dinheiro. «A mola real» como, ouvira muitas vezes chamar-lhe pelo Eleutério da farmácia. Ou «aquilo com que se compram os melões» — como dizia o papá e o Dr. Almeida.

Ele estava, pois, arriscado a ficar pobre, de um momento para o outro. E deixaria de ser doutor... E teria de ir ganhar... de trabalhar... ser marçano... e passar o dia inteiro a pisar linhaça atrás do balcão — como fazia Trinca Espinhas em Mendoeira de Cima...

Mais uma carta do Trinca Espinhas. Era como as outras, amarrotada e pardacenta. O Pina já nem as queria ler. Adrião, agora, mostrava-as a 101 e a Balão Cativo. Foi ter com eles, a carta fechada ainda na mão. Todos três fizeram círculo à volta da carta de papel pardo.

Adrião começou a ler:

«... Eu agora já não estou na farmácia. Saí de lá ontem e a minha mãe não recebeu nada porque eu não cheguei a trabalhar um mês e eles só pagam quando se trabalha um mês inteiro. Mas parece que eu nem que lá estivesse um mês todo, receberia, porque eu ainda não sei o suficiente para ganhar. Tinha que fazer primeiro a prática. Foi o que me disse outro rapaz que também já foi ajudante e que o pai tirou porque andava sempre a precisar dele para isto e para aquilo, para pôr as batatas, para apanhar azeitona, para plantar couves, para estas coisas assim.

J O A Q U I M F E R R E R

Custa muito a gente acostumar-se a fazer coisas que nunca tínhamos feito. Mas o Senhor Mendes, o farmacêutico, não era mau de todo, só o que é berrava muito comigo. Mas só às vezes. No resto dos dias não Dizia até que eu tinha jeito.

Ontem o meu tio, o mesmo que foi aí buscar-me, chegou aqui e falou em particular com o senhor Mendes. Depois fomos os dois a casa da minha mãe e ela abraçou-se a mim a chorar. Eu não sei porquê, mas chorei também. O meu tio disse que não valia a pena chorar por uma coisa sem importância nenhuma. Foi então que eu soube que ia para o Brasil. Daqui a duas semanas há vapor e eu vou mais o meu tio. Tenho lá meus tios e primos, e todas as pessoas daqui dizem que eu não vou mal, e o senhor Matos da mercearia diz que eu ainda hei de ser rico.»

...

Adrião suspendeu um pouco a leitura. Tinha lido até ali de um fôlego. Os outros não tinham dado palavra.

— Então ele vai para o Brasil? disse Balão.

— O que irá ele fazer para lá? inquiriu 101.

Adrião leu o resto da carta. Pouco mais dizia. E nada acrescentava sobre o que ele iria lá fazer.

— Não diz, exclamou Adrião, terminando a leitura. Concerteza vai *trabalhar*...

— Algum tio que tem farmácia lá, lembrou Balão Cativo.

COLÉGIO DA INFANTA

Todos três subiam a Rua da Ramalha. Cláudio, entre seu pai e sua mãe, caminhava apreensivo. A rua era estreita e torta. As casas faziam barrigas e dos muros dos quintais altos pendiam trepadeiras que roçavam as cabeças dos transeuntes. Cláudio, à medida que subiam a ladeira íngreme, sentia o coração pular-lhe mais no peito. Era naquela rua o Colégio: já não havia de estar longe. Cláudio ia olhando aquelas paredes altas das casas com muitas janelas de guilhotina e varandas, onde se enrolavam glicínias. Para os seus lados de Amarante, eram só as videiras que trepavam sobre as árvores e varandas, e as casas de lá não eram tão altas, nem as ruas tão empinadas.

Encoberto pela barriga de um muro surgiu um largo portão verde, onde, num dos batentes, se abria uma portinhola. Seu pai, à frente, empurrou a portinhola e todos três entraram.

Cláudio viu um pátio deserto e, ao lado num jardim mais alto, cresciam tangerineiras e outras árvores de fruto e de sombra. Era então ali que ele ia ficar até ser doutor? Sua mãe quisera-o naquele Colégio de raparigas porque, além de ser um Colégio de muita fama, ela não quisera ver o seu filho, tão sensível e delicado,

J O A Q U I M F E R R E R

num Colégio só de rapazes. E dissera a seu marido, um pacato notário de Amarante:

— João, o nosso filho fica melhor num Colégio de meninas, onde aprenderá as boas maneiras e a ser sossegado.

— Queres então que ele seja ainda mais sossegado? perguntou o pai apreensivo.

— E então? nunca é demais. Além disso, as más companhias, os vícios dos Colégios de rapazes...

E foi assim que Cláudio entrou no Colégio da Infanta, onde estaria até aos 13 anos e meio, que era a idade limite para os alunos do seu sexo.

Depressa Cláudio se desenganou daquele silêncio que o acolhera à entrada. Daí a pouco parecia que tinha rebentado a Barragem Hidroelétrica de ao pé de Amarante! E um torvelinho de saias, de calções, de pernas, de gritos, encheu num instante o pátio do Recreio.

D. Mariana, a Diretora, tinha-o levado pela mão a conhecer dois seus condiscípulos, Armando e José Manel. Cláudio tomou logo como protetor o José Manel que lhe parecia mais capaz, não só na altura como no saber de «todas as coisas». O Armando, pelo contrário, quasi não falava e limitava-se como Cláudio a ouvir o José Manel.

Nos primeiros dias, Cláudio não se sentia à vontade no meio de toda aquela gente desconhecida. O pátio estava dividido por uma vedação de ripas entrecruzadas,

I L H A D O I D A

pintadas de verde. Ainda bem que as raparigas existiam do lado de lá do ripado: doutro modo talvez Cláudio morresse de comoção. Tantas raparigas, tantas! E Cláudio sentia-se mais seguro entre os da sua espécie, apesar da mamã supor o contrário.

Quatro dias depois já Zé Manel lhe tinha revelado uns certos segredos a respeito de «mulheres». Armando aprovava da cabeça, acenando que sim.

— Ali, aquelas duas, e mais a outra, a que se está a rir, vês? já todas têm pego... Elas deitam cartas do muro prá rua. E eles atiram-nas da rua cá pra cima. Se eles e elas se encontram de noite — já sabes... — não tem espinhas!...

— Ah!...

E Cláudio ficava-se de boca aberta, olhando aqueles enigmas de saias agitando-se na sua frente. Abalado por tanta revelação punha os olhos nos buraquinhos do ripado, e ficava de longe em muda observação.

Em três dias aprendera mais do que nos 11 anos inteiros da sua vida passada. Era extraordinário como podia haver tanta coisa sem ele saber! Sentia-se perturbado, amarfanhado.

Aquele ano findara. O Colégio da Infanta ficara deserto na rua da Ramalha, enquanto ele seguira para Amarante. Correram quentes aqueles meses de Férias. Fizeram-se as vindimas nas latadas de Amarante e o mosto fervia nas dornas, quando Cláudio voltou para os estudos.

J O A Q U I M F E R R E R

Mais ano menos ano sairia advogado ou médico ou professor ou outra coisa de importância. Seria Doutor! Um dia, mais tarde, as pessoas de Amarante haviam de parar nas ruas, tirando o seu chapéu e a dizer: «O senhor doutor passou bem?» «Com sua licença, senhor doutor Cláudio...» Ah!

Entretanto um Natal chegou. Cláudio crescera. Em Amarante, sempre que vinha a Férias as senhoras fingiam não mais o conhecer: «O quê! este é que é o nosso Claudinho? Não, é lá possível!» E quási se não convenciam, apesar de ele o garantir, afirmando que sim senhor, era ele o próprio. A D. Assunção chegou mesmo a dizer que o que êle precisava era casar! Disse-lho até mais do que uma vez. Outras senhoras tratavam-no de «homenção», «homenzarrão» e falaram na necessidade de lhe pôr calças compridas...

Contudo, chegou mais uma vez ao Colégio sem calças compridas. Naquele ano esperava-o a maior aventura da sua vida. Mal ele sabia!

Para começar, algumas vezes, os olhos grandes da Milú encontraram os dele. E algumas vezes ele corou de sentir os olhos grandes da Milú pousados nos seus. Depois, muitas vezes aquilo aconteceu, até que um dia ele ouviu a pequena voz suave da Milú murmurar-lhe ao ouvido «Cláudio! Meu Cláudio!» E Cláudio sentia uma ternura de emoção e, sem saber porquê, corou de vergonha.

I L H A D O I D A

Depois os dias foram passando e os olhos deles encontravam-se amiúde. Ninguém sabia. Para todo o mundo era segredo!

Ela tinha já 15 anos, era bonita e ainda há pouco tivera um namorado estudante que lhe atirava cartas por cima do muro. Ela nunca o tinha tido perto de si; via-o só de cima, às fugidas, e não sabia sequer se ele era pequeno ou grande; mas do alto do muro parecia bonito e grande. Porém, não durou muito aquilo: ele muitas vezes lhe pedia para se encontrarem mais perto. Milú, infelizmente, nunca pôde satisfazer aquele desejo, e um dia ele não veio como de costume e não mais apareceu debaixo do muro. Milú esperou dois dias, chorou ao terceiro, e depois esqueceu.

Cláudio, apesar de ser mais novo do que ela dois anos, era já quási da sua altura e pensava seriamente casar com ela. E se não fosse um certo receio, como que uma estranha vergonha, ele já lho teria proposto. Mas esse embaraço inexplicável, esse medo que sempre tivera «de mulheres», impedia-o mesmo de corresponder àquele «meu Cláudio» que ela algumas vezes lhe tinha murmurado, na penumbra dos corredores. Esperava que um dia, a língua se lhe soltasse por milagre, e diria então as coisas «que eu cá sei...»

Ela ia devorando, uns após outros, livros de capa azul. E quási se imaginara que Cláudio seria o seu Príncipe. No fundo, sabia talvez que ele o não era, mas, deixá-lo! era pelo menos «alguém que estava

J O A Q U I M F E R R E R

perto do seu corpo». Ela nunca tinha sentido assim *um homem* a seu lado, num corredor escuro, sozinhos. Murmurava: «Meu Cláudi!...».

E ficava à espera de algum sabor desconhecido... E cerrava os olhos, sonhando... Ele desaparecia num fumo, e ficava só o prazer vago, flutuando, dentro de si. Abria os olhos naquele instante e via então vermelha, corada, a cara do seu Cláudi. Quási o odiava então, e fugia ao longo dos corredores.

CORREDOR ÀS ESCURAS...

Natal! Natal! Era a véspera da partida. Fazia um vento lá fora, o tempo estava frio. Tinha chovido; as árvores do Recreio chiavam, sacudindo no chão milhões de gotas. Era um dia triste; contudo, era alegre, porque aquela noite era a última no Colégio. Amanhã, de manhã cedo, cada um iria para as suas casas gozar os coscoréis e broinhas de nozes com passas do Algarve. Era amanhã que chegaria o papá mais a mamã e todos três seguiriam para Amarante, onde havia chãos de maçãs coradas e, no fumeiro, as boas morcelas, baloiçando ao calor da lareira.

O jantar corria numa grande animação. Havia, naquele dia, plena liberdade de falar, de rir à vontade. À sobremesa, D. Mariana levantou-se, limpando a boca ao guardanapo; desejou a todos boas férias. Que era preciso estudar, no entanto, rever a matéria dada e não

I L H A D O I D A

voltar depois do dia sete. Logo que ela acabou estas palavras, todos se levantaram batendo palmas e erguendo os copos cheios de água branca. José Manel rosnava que era pena, uma grande pena, a água não ser da cor do tinto!

O recreio da noite estava deserto. Todos haviam subido aos seus quartos, arrumando afanosamente as malas. Nem todos iam a férias, mas os que não iam ficavam nos quartos dos amigos, ajudando e assistindo àquela alegria de partir.

Ao fundo do corredor, a porta do passadiço que dá para o pavilhão masculino, batia livremente naquela noite.

José Manel veio encontrar-se no corredor com a bonita Lena. Juraram escrever-se todos os dias.

— Eles namoram-se!? disse Armando.

— Oh! fez Cláudio.

Cláudio empurrou a porta envidraçada e passou do outro lado. «Talvez pudesse ver de longe a Milú». Mas não viu a Milú.

Balí saía do seu quarto. Era bonita. Os cabelos, em cachos, tombavam-lhe sobre a gola branca do Colégio.

Veio ter com ele. Trazia nas mãos não sei quê de roupa fina de cores. Ela parou perto, muito perto dele; perguntou se ele ia amanhã? E era longe Amaranthe?

— É longe, disse.

J O A Q U I M F E R R E R

Ficou por momentos calada, dando voltas à roupa fina de cores.

— É um vestido novo, disse ela sem levantar os olhos.

— É bonito!

— É... gosta ainda da Milú?

Ele sentiu-se corar até as raízes dos cabelos. Ela sabia então? Ele não se atrevia a gostar de mais nenhuma, de ninguém diante dela — a bonita Balí!... Era linda!

— Já não gostas?...

— Já... já não!

Não soube como aquilo foi. Soube só que sentiu um beijo que o fez corar de gosto e de vergonha. Não sabia mais de que terra era...

EXPULSO

No dia seguinte, pela manhã, quando papá chegou, tinha os olhos inchados de chorar. Chorara toda a noite. Ainda mal o papá tivera tempo de perguntar alguma coisa, já D. Mariana, como uma torre do Castelo de Amarante, avançava implacável, indignada, as sobrancelhas espessas, carregadas, as mãos grossas, ameaçadoras. Num instante contou tudo. A sua última palavra foi: «Que estava expulso!» O papá, sem olhar Cláudio, aniquilado, disse apenas: «Pois sim, minha senhora; como queira».

I L H A D O I D A

A mamã tinha andado nas compras, e o papá chamando-a de lado, contou-lhe as coisas um pouco atenuadas. Iam agora todos três no comboio, falando de mil assuntos de nada. Mas Cláudio sabia que todos pensavam na mesma coisa. Não lhe saía da face aquela impressão deixada pela mão morta da Diretora. Sem querer, passava de quando em vez a sua mão naquele sítio fatal, onde o sangue refervia ainda, num calor insuportável. Sentia-se amarfanhado. Se fechava os olhos, via logo a figura espessa da Diretora erguer-se na sua frente, como a torre do Castelo de Amarante, no meio daquela noite... Como tinha sido aquele beijo? Pobre Bali: não soltara um grito: só as lágrimas lhe corriam duas a duas... Nos seus ouvidos zoavam ainda palavras esparsas da Diretora: «indecências... depravação... sem-vergonha...»

Pouco depois chegavam a Amarante.

Agora, em S. Caetano, 101 jurava que se fosse com ele, tinha partido as ventas à Diretora!...

— ... E foi bom o beijo? indagava outro.

— Pois claro! interveio Pina Basófia. Do suco da barbatana!

Adrião seguira apaixonado aquela história verdadeira do Cláudio.

— Mas diz lá ‘tão, perguntou Balão Cativo, anda lá ‘tão, o que é que sentiste quando ela te deu o beijo?

J O A Q U I M F E R R E R

— És uma besta! berrou 101. Sentiu a chispe da Mariana; pois o que é que ele havia de sentir? — no focinho!

— Foi, foi a mão... o chispe da Mariana, confirmou Cláudio atarantado.

— Mas antes, antes da lambada?

— Antes... não sei bem... uma coisa assim... não sei como!... não sei bem... mal tive tempo...

DO AMOR & DO BEIJO

Adrião tomou logo em consideração o Cláudio 82 que, apesar de não saber explicar-se, sabia no entanto o que era isso de um beijo de mulher, um beijo como de romance. Tomara ele saber tanto como o Cláudio 82!

O 82 estava numa carteira não longe, e Adrião podia ver, perfeitamente, o sítio onde Ela o tinha beijado. O que teria o 82 sentido na *boca*, quando ela o beijara?

Adrião sentia que o 82 possuía alguma coisa que lhe faltava a si próprio. E via que ele tinha qualquer coisa de diferente, de especial, como que uma auréola e um traço de tragédia... Pois se ele tinha passado tanto por causa delas!... Ele tinha sofrido muito e podia ver-se, ou pelo menos adivinhar-se na cara de 82, «uma nuvem de sofrimento»...

I L H A D O I D A

Aquilo, no entanto, não o espantava, porque Adrião conhecia bem, por haver lido e ouvido, quanto o amor é tragédia. Ai, como havia histórias tristes de amor! Como havia tiros e punhaladas! E apesar de tudo, como ele desejaria amar! Como ele o desejava, apesar dos dramas, das contusões e dos frascos de vitríolo!

Não podia pensar em amor, sem lhe lembrar logo a «Mísera e Mesquinha, a que depois de morta foi Rainha...». Ai, a Quinta das Lágrimas! a Fonte dos Amores!... E ele já tinha passado cá fora, na estrada, ao longo dos muros altos, que roubavam da vista aqueles sítios de história e de sonho...

... E na sua imaginação misturava-se a História com o presente. Cláudio era o D. Pedro, e Balí era a D. Inês; a Diretora era o D. Afonso IV, com aquela barbicha criminosa, tal qual vinha na História do Fortunato...

E de novo reparava no Cláudio dos tempos presentes. Ele não era decerto semelhante ao D. Pedro — mas quem sabe? Podia vir a ser tão infeliz como o fora o herói antigo. Pobre Balí! para tanto bastaria que a matassem...

Mas logo caía em si e ria-se daquelas imaginações. Não, hoje não era mais possível alguém matar num caso de amor. Aquilo eram coisas da História... e às vezes dos jornais!... Sim, eram dos jornais. Parecia improvável, mas tudo podia acontecer! Como era

estranho o mundo! Como alguém podia matar só por gostar!

Ele tomava das mãos do Pina um jornal, já um tanto amarelecido, e lia:

Crime passional?

A noite passada, seriam 2 horas da madrugada, soaram dois tiros no Bêco dos Navegantes. Estava tudo deserto e só uma vizinha deitou a cabeça ao postigo da sua casa. Ela nada viu, mas a Senhora Maria Canastreira, assim se chama a vizinha, teve a intuição de que uma tragédia se desenrolava algures — e alarmou a vizinhança. Entretanto, alguém chamava o polícia de giro, que logo ajudado por alguns populares, arrombou a porta do n.º 189. Penetraram no ambiente carregado de mistério e de tragédia, e, numa alcova alumiada apenas por bruxuleante lamparina, so-

bre um tapete de retalhos, jaziam dois corpos banhados em sangue, ainda quente. À hora a que escrevemos, ainda não tinha sido encontrada a arma homicida, talvez por não terem sido ainda removidos os corpos. Isto levou algumas pessoas, sobretudo da vizinhança, a aventar a hipótese de crime crapuloso. Nós, que vimos os dois jovens cadáveres abraçados, sendo ela uma linda rapariga, inclinamo-nos para o crime passional. Ele tê-la-ia morto de um tiro e, enlaçado ao corpo dela, teria voltado a arma contra si próprio.

Adrião estremecia. Como era possível uma coisa daquelas!? Lá que se mate nas guerras, nas *abordagens*, ou numa *pendência de honra*, — vá. Êle admitia isso, êle

I L H A D O I D A

achava mesmo normal, porque, afinal, guerras, abordagens ou pendências de honra, são coisas mais fortes do que nós, são *coisas da vida*! Agora um homem matar a sua amante, o seu amor, isso não compreendia. E compreendia ainda menos que logo a seguir um homem se matasse a si próprio! Ele, então, tinha disso bem a certeza — nunca havia de suicidar-se! Dar um tiro sem mais nem menos na própria cabeça, nah! não era com ele.

E, Adrião, ainda arrepiado, entregou o jornal ao Pina, que o fitava com um ar desabusado.

— Anh, dizia o Pina, eu estava em Lisboa na altura deste crime. Vocês não fazem ideia... E isto não é aldrabice. E dando palmadas no jornal o Pina concluiu: Está aqui escrito!

— Ah!

— ... E tenho ainda lá mais crimes. Olhem, por exemplo: vocês ouviram falar no da Rua 20 de Abril? Foi colossal! Ouviam-se os gritos em toda a Avenida!... Ah, mas isto veio tudo a propósito da lambada que o 82 apanhou da Diretora...

— Lambada ?! exclamou Adrião. Diz antes *o beijo*...

— Oh! então isso é que foi um beijo? Vocês sabem lá o que é um beijo? Se agora estivesse aqui a minha Leonor vocês haviam de ver... Vocês sabem lá o que é peixe agulha! E o Pina, voltando-se para Cláudio: E tu, conheces a minha Leonor? Ah, não? és um anjo! Pois ainda hás de conhecê-la, e verás então o que é dar um beijo ali, à brava, na boca! Pois com'ê que é!? com'ê que é!?

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião não podia responder nada. Que sabia ele daquelas coisas? E levou a mão ao pescoço: era como se lá estivesse ainda aquele beijo furioso do Serafim Leitão!...

BALÃO CATIVO

Dias depois conversava com 101. E 101 foi de opinião que era assim mesmo, ali, à bruta, em cheio, na boca! O Pina era aldrabão, mas naquilo dizia a verdade...

— Clarósqué! berrava 101. Eu cá era assim mesmo que fazia! Com mulheres é pra frente é que é Lisboa! Eu cá sou gabiru!

Adrião, ainda assim, tinha umas certas dúvidas sobre o asseio daquela espécie de beijos dados na boca, e para mais na boca de mulheres que a gente nem conhecia bem, nem elas nem a família... E quis chamar Balão Cativo para saber a sua opinião.

— Eh, Balão, eh pá!

— Qual quê, o gajo é gordo, é parvo: não percebe destas coisas. E 101 atirou logo ao Balão, que vinha correndo, todo suado ainda do jogo da macaca: Eh! tu de mulheres não percebes nada. Tu és gordo! tu és cómico!

Na verdade ele era enorme, era gordo. Adrião nunca o tinha visto tão perfeitamente gordo... e

I L H A D O I D A

cômico. E viu, também, como ele ficara calado, suando, ali especado, reboludo, limpando as bagas de suor ao lenço encardido.

Era o Balão Cativo. Mal podia jogar a macaca. E nunca jogara aos polícias e ladrões, porque os ladrões não o queriam para ladrão, e como polícia jamais apanharia um ladrão! Algumas vezes, no Parque, ele quisera jogar, mas os polícias queriam que ele fosse ladrão e os ladrões exigiam que ele fosse polícia! Nos domingos, à tarde, quando o Colégio em peso armava futebol, ele ficava de fora, apanhando as bolas que caíam atrás das balizas. Chamavam-lhe o Alfekeeper.

Era gordo. Era o Balão Cativo. Que podia ele perceber de mulheres? E uma tristeza o tomava, pensando que nunca teria junto de si uma cabeça encara-colada, cheirando a perfumes... E no entanto, gostaria, um dia, casar...

Mas, súbito, Balão passando a mão na testa, endireitou-se nas pernas. Avançou para 101, para Adrião, para os outros — lançou-lhes um desafio. Fez peito. Encarou-os. Sacou do bolso a sua tremenda bola de croque. 101 estava na frente: e Balão mostrou-lha à cara. Desafiava-os a todos! A todos! Eles veriam como é que o Balão era artista no croque! Balão não sabe dar beijos, mas sabe dar coquinadas! Balão sabe estourar a bola dos outros a mais de quatro palmos! Balão pesca de croque!

J O A Q U I M F E R R E R

E sacudindo-se, empinando-se, ria, ria da sua infalível vitória!...

— Andem, venham daí! Andem, seus caras à pai sana! Andem, venham!

PIRATAS

— Senhor 31, ora venha cá.

Adrião dava logo um salto na carteira. Daquilo gostava. Era o Dr. Policarpo que o chamava à lição. Ele voava sem medo.

Era a Geografia com o nome dos rios do mundo e montanhas e mares, os desertos, as zonas de vegetação, desde a tundra à selva, dos líquenes à árvore da borracha, — a que dá os pneus de automóvel e os suspensórios de segurar as calças.

— Ora então vamos lá a saber: os montes mais altos da Europa...?

Adrião cortou logo:

— Os Alpes, senhor doutor, o Monte Branco... neves eternas... (gostava de dizer «neves eternas» sempre que vinha a propósito, atirava com as «neves eternas»). E prosseguiu:

— ... Os Alpes... também há os Alpes Dináricos e os da Escandinávia, sem falar dos Alpes Australianos, é claro...

E ficou por um momento suspenso: «Talvez pegasse» pensou. O Dr. Policarpo. também gostava

I L H A D O I D A

daquelas divagações pelo mundo, e não ia fora disso. Era o seu modo de viajar, e os rapazes conheciam-lhe o gosto. Adrião também se deixava embalar naquelas excursões... E pegou. O mestre ficou à espera.

— ... A Austrália... cuja fauna é caracterizada pelos cangurus — os da bolsa marsupial... e têm os membros posteriores *extraordinariamente* desenvolvidos... correm e saltam *prodigiosamente* através da floresta que, por sua vez, tem como principais características as árvores, tais como as acácias e eucaliptos que tomam proporções *agigantadas*... E é curioso, sr. Doutor: essas florestas são *absolutamente* mudas, sem cantos nem rugidos... porque, as aves da fauna australiana não cantam, e quanto aos rugidos não há leões nem tigres. Estes existem na Índia, na Malásia... (E Adrião entusiasmado pela viagem saltava facilmente da Malásia à Micronésia e daí à Polinésia — a Polinésia das Ilhas de Sedução, Ilhas de Coral, Ilhas de Piratas! Piratas, piratas, navios negros, velozes, veleiros, audazes: e de pluma no sombreiro e de espada entre os dentes — avante! à abordagem! Era assim nos Mares do Sul, onde os corais e lamelibrânquios fazem ilhas de piratas...

Como podia ele ter nascido naquele tristíssimo Crispim, concelho e freguesia de Crispim? Parecia-lhe aquilo um erro da natureza. Ele, que devia ter nascido Lá Longe!

J O A Q U I M F E R R E R

Quando estava a banhos na Figueira, gostava de enveredar para a Ilha da Morraceira, onde lançam ferro os navios bacalhoeiros. Pedia aos marinheiros que o deixassem ir a bordo. E então extasiava-se. Sentia-se no seu elemento. Aqueles marujos eram os seus homens, e manejavam bacalhaus que lhe pareciam espadas, e fumavam cachimbos como se fossem facas de abordagem entre os dentes! Sentia-se nos Mares do Sul a cavalo no seu Veleiro Negro! Ele comandava. Ele avistava ao longe o barco inimigo. À abordagem! à abordagem! Deitava a mão à escada de corda, que sobe pelo mastro acima, e amarinha, trepa como um gato.

—Eh, catraio, qu'ê lá isso?! P'ronde é ida?

Adrião caía em si. Descia, acabrunhado, os quatro degraus de corda e vinha ver a faina dos bacalhaus.

Voltava esquentado, resmoendo ideias. Atravesava a ponte sobre o rio e debruçava-se, considerando a correnteza. E acompanhava aquelas águas em pensamento. Ia com elas até ao mar largo, e passava o Equador, dobrava o Cabo da Boa Esperança, metia aos Mares do Sul. Ali estava de novo. Estava Lá Longe. Sentia subir-lhe a gana de pirata. Sentia uma espada nas unhas. Pirata era ser livre! era comandar! era sorver a própria aventura, à brava! Era comer daqueles frutos, que crescem por cima do lombo listrado dos tigres reais! Era ser livre! Era não ter lições, não saber Latim! Ser pirata era não morrer no fim de cada aventura! Ser pirata era ser pirata!...

O OUTRO SEXO

Aos poucos ia esquecendo a penitência. Não sabia já quantos padre-nossos e avé-Marias rezara, naqueles meses de renúncia. Emergia de novo para o sol e o pecado. Sentia correr-lhe o sangue violento na carne, como se fora cavalo fegoso. Esperava o dia de ser homem. Esperava e puxava esse dia, numa grande exaltação. Debruçava o corpo sobre si mesmo, procurando os indícios do futuro. Achava-os pouco a pouco, e meditava solitário...

Sempre que subia ao seu quarto entrava na sacada e, olhando fixamente a janela em frente, concentrava a vontade para que ela se abrisse. Para tanto cumpria não pestanejar, e ele, num grande esforço estoico, mantinha-se de olhos impávidos, abertos até às lágrimas. Escorriam-lhe, grandes, pela cara abaixo e ele sentia-se feliz da sua *fôrça de vontade*. Alguns dos seus amigos lhe haviam falado de hipnotismo e ele procurava achar dentro de si esse novo poder misterioso. Seria ele um dia capaz de abrir uma janela do outro lado da rua? Tinha essa esperança. Tinha esperança ainda noutras coisas bem mais extraordinárias!

Os dias, e as semanas passavam sem que se abrisse, no entanto, aquela janela, ou então se a janela abria, era como se não abrisse...

J O A Q U I M F E R R E R

Só o piano tocava todos os dias, tão seguro como o nascer do sol. Mas, a parede impenetrável, ali estava sempre, cortando o seu olhar. Já que não tinha o poder de enxergar através dos corpos opacos, apetecia-lhe abrir um buraco nela e devassar o segredo *daquela mulher...* Porque aquela mulher tinha decerto um segredo! Há mulheres que os têm... Haverá alguma que o não tenha?

Parecia-lhe, no entanto, conhecê-la desde sempre, apesar de que, se a encontrasse na rua, a não reconheceria concertiza na multidão. Sentia, porém, a existência do poder divinatório, se bem que ele mesmo a pudesse apenas reconhecer, quando ela estava escondida por trás daquela parede branca.

Ela entrava nos sonhos noturnos. E, então, podia vê-la. Não era, decerto, uma imagem bastante clara, antes fugidia, etérea; mas nem por isso a via menos. E ouvia durante a noite, enquanto adormecido, ouvia músicas estranhas, que se evoluíam das pontas daqueles dedos brancos... Eram como eflúvios de som que lhe tocavam o corpo, como pontas brancas de dedos.

E os sons misturavam-se nas imagens, e tudo compunha uma sinfonia, de cores, de formas, de música...

As formas eram redondas, suaves e brancas. E eram rosadas também. E as cores eram mais belas do que as do arco-íris, quando, no outono, aparece sobre os campos verdes de Rampagodos. Por momentos, as formas

I L H A D O I D A

definiam-se, emergiam do caos paradisíaco, e então surgiam pernas de mulher e seios vivos, cor de carne e palpitações. E via também uns braços macios, um pouco magros, todavia, que eram os da menina da janela. E a cabeleira negra e solta era dela também. O resto ressumbrava música e ele reconhecia a imagem daquela que tangia, correndo os dedos finos e longos sobre teclas de marfim...

FORMA

Ninguém sabia dos seus dois amores.

Por esse tempo ele quis aprender música e fez a vontade ao papá, que era agora a sua também. Há muito já que o papá tinha falado em ele aprender solfejo e depois escolher um instrumento a seu gosto. Adrião, todavia, sempre fugira «a uma chatice daquelas». Agora era outra a música! E o papá admirado ficou ao receber uma carta «do garoto» pedindo para aprender música. A mamã também não se admirou pouco. Só o Eleutério da farmácia, que assistiu à leitura da carta, não mostrou espanto nenhum, dizendo que «sim senhor, daquela massa é que eles se faziam»...

Foi assim que Adrião começou a ter lições de solfejo. Mas não quis ficar só no solfejo, que afinal não era melhor do que os verbos de francês, ou equações a 2 incógnitas.

Quis entrar logo nos segredos de um instrumento. Havia de ser um grande músico! Célebre!

J O A Q U I M F E R R E R

Violinista! Escolheu aquele instrumento, não por simples acaso, mas por várias e fortes razões. Não era só comandar um quarteto ou um sexteto, como os do casino da Figueira, que o seduzia. Não era só um dia poder fazer conjunto com *um certo piano* dos arredores... Era também pegar no seu violino e vir pela noite alta tocar serenatas debaixo de *uma certa janela*, debaixo de *outra certa janela*...

E ele, se preferisse o piano, não poderia vir debaixo das janelas, carregado com o instrumento...

O Professor dizia que ele tinha muito jeito, e ele já sabia tocar duas escalas naturais. Subia ao seu quarto e ali, sozinho, empunhava a rabeca, procurando arrancar em arcadas violentas, ora meigas, a música de que precisava. Mas aí, a rabeca chiava só horríveis lamentos, como se fosse uma bruxa velha!

Algumas semanas passaram e ele já tirava alguns sons, que lhe pareciam o começo da maravilha. Então, corria à vidraça fechada e abria-a de par em par. A sua música podia voar lá fora, ligeira...

Ela e a Outra haviam de amá-lo, quando soubessem que ele era artista! Os cabelos tombavam-lhe sobre os olhos semicerrados e ele sentia-se ainda mais artista!...

E os sonhos corriam no meio daquela desabrida exaltação. Eram sonhos povoados e mais capitosos do que dantes. No seu corpo ia crescendo uma nova seiva. Ele bem na sentia, bem na sentia, como um cavalo doido.

I L H A D O I D A

Outro dia trouxe da Fonte Fria os bolsos carregados de barro vermelho. Tinha-o debaixo da cama, dentro de um sapato velho. Tomara agora uma paixão pelo barro macio, de onde procurava tirar formas e feitios. Amassava-o entre os dedos, como se fora o Criador, e, às vezes, calhavam certas formas arredondadas que ele sentia femininas, um pouco semelhantes às que sonhava durante a noite...

Não eram decerto figuras que se comparassem às que o Cocas fazia de miolo de pão, — eram todavia *as suas figuras*. Ele compreendia-as e admirava-as. Tocava no violino para *elas*. Sentia-se artista.

Pousava-as, acariciava-as. E que volúpia perpassar a mão naqueles redondos corados, como se fossem carne quási...

E então, ele tinha súbitos destemperos e furava com o dedo aquelas redondas formas... Sentia assim uma vaga satisfação. Sentia mesmo um certo, um longínquo desejo de fazer mal à menina do penteador verde, florido... E apetecia-lhe, outras vezes, quebrar uma tecla branca... espatifar um piano...

POESIA

Assim foi correndo aquele ano. Até que um dia Adrião resolveu falar com a menina do penteador verde, florido. Havia de falar-lhe — mas como? Nunca a tinha encontrado na rua. Só a tinha visto ainda em

J O A Q U I M F E R R E R

momentos fugidios, surgindo à janela. Às vezes, passavam semanas que nem mesmo a via. Nem sabia tampouco o nome dela...

Ainda pensou em falar-lhe de janela para janela. Mas logo repeliu tal ideia. Pois se tudo o que ele tinha a dizer-lhe era apenas para ser dito muito pertinho um do outro, muito chegados, ele e ela, numa voz tão baixa que era mais de adivinhar do que de ouvir...

Mas, como falar-lhe, se não sabia como encontrá-la? Só havia um meio: escrever-lhe. Decidiu portanto escrever-lhe... Uma carta... Mas que sabia ele de uma carta de amor? Como poderia escrever uma carta de amor? Uma coisa dessas não podia ser adivinhada! Ah! tinha conhecimento de que em S. Caetano havia alguns da matula que sabiam decerto escrever coisas dessas. Mas, como conseguir uma ajuda sem trair o seu segredo — que era afinal também uma parte do seu amor?! Parecia-lhe que tudo se perderia se o mundo viesse a descobrir!...

Gomo fazer?

Meditava. E, entretanto, ia estudando violino e modelando figurinhas de argila corada.

Entrementes vieram-lhe às mãos alguns livros de amores passados e acontecidos. E leu. E viu como o amor nasce muitas vezes de uns simples versos, uma quadra, um poema. Os poetas amorosos eram felizes: as suas bem-amadas rendiam-se, quando os sentimentos eram postos em redondilha maior.

I L H A D O I D A

Oh! redondilha! Quem lhe dera poder fazê-la. Quem lhe dera poder falar só em rima! Bastava uma quadra...

Ah, havia de ser poeta! Havia de fazer redondilha!

Durante muitos dias não se decidiu a iniciar-se nos segredos da poesia. Temia forçar demasiado a sua nova inclinação. Esperaria o tempo que fosse necessário até que sentisse a inspiração. Ela havia de chegar, a inspiração, e ele esperava-a todos os dias. Olhava os céus, contemplava as flores. Cheirava os perfumes. Relegava os miseráveis *deveres*. Tinha pena dos que não eram poetas. Admirava Camões, Bocage e o Poeta Dinis. A este conhecia-o. A primeira vez que o vira, é certo, sofrera uma desilusão. Mas, quem sabe? talvez aquilo fosse «o grego»!...

Naquele dia decidiu-se. Parecia sentir *qualquer coisa*. Tinham já passado sete dias e sete noites: parecia-lhe suficiente, e depois parecia-lhe também sentir já *qualquer coisa*. Pegou num lápis, macio, bem afiado, e arrancou algumas folhas brancas que dentro em pouco estariam transfiguradas pela poesia.

Levou várias vezes o lápis à testa, em busca de pensamentos. Depois esqueceu-se por largo tempo, naquela atitude absorta, como deve ser a de um poeta. Voltou a si, sentindo o seu próprio dedo no nariz. Pôde então começar:

Os olhos teus, os cabelos e os braços...

J O A Q U I M F E R R E R

E agora, heim?

Parou aqui. Vieram-lhe à ideia *beijos e pernas...* Mas não se atrevia a pôr tais coisas em poesia! Já não era pouco pensá-las! E afundou-as dentro de si.

Traçava rabiscos no papel. Começou aos poucos fazendo uma cara, pôs-lhe uns bigodes e pareceu-lhe a cabeça de Muton!

Afinal, que havia de dizer mais? *Os olhos teus, os cabelos e os braços...* Só se dissesse *tudo*. *Só se entrasse a fundo*. E então escreveu no segundo verso:

Amo-te! Adoro-te!

Releu tudo desde o princípio. Não chegava a ser uma quadra. Era pouco! E insensivelmente escreveu ainda:

Quer namorar comigo? Quer? Quer ou não quer?

Parecia levantar-se uma ponta de fúria. Depois enterneceu-se.

Ai, como era difícil ser-se poeta. Alguns dias passaram e não sabendo o que mais acrescentar à poesia, desistia de ser poeta. Como lhe foi dolorosa essa renúncia. Era como se quebrasse dentro de si uma corda de música. Atirou-se ao violino e ferrunfou desesperadamente. Alguns bonecos de barro, que eram da sua estimação, agarrou-os, arremessou-os contra uma parede do quarto. Ficaram manchas, como se fosse de sangue. E teve pena dos bonecos... Teve pena de si.

Uns dias passados, tornou a ver à janela defronte o rosto seu conhecido e bem-amado.

I L H A D O I D A

E pensou então que, se ele *por enquanto* não podia ser poeta, havia no mundo mais poetas que lhe valessem. Fazia uma fraude. «Muito bem, muito bem!» Cerrava as sobrancelhas, cismava... A primeira vez que topasse o Poeta Dinis, falava-lhe, pedia que lhe fizesse uns versos assim e assim, de amor... Mas os dias correram e o Poeta parecia ter-se afundado pela terra abaixo, ou ter-se perdido nas nuvens ...

Folheou então certos livros de qualidade. Abriu o grande livro dos Lusíadas. Era ali que havia de buscar o que lhe interessava. Tinha de haver amores num livro tão grande e tão famoso. E depois, quando ele tirasse alguns versos daqueles e os escrevesse numa carta cor de rosa, assinando-os com o seu nome — e depois, quem poderia saber que os versos eram de Luís de Camões? Quem, a não ser o Padre Encarnação ou Pad Lopes?

Abriu o livro. Leu a meia voz aquelas primeiras estâncias:

As armas e os barões assinalados...

Não servia. Passe adiante.

Eu sou aquele...

A quem chamaís vós outros Tormentório

...

Nah, pior a emenda...

Folheou. Passou o cabo das Tormentas, o Concílio dos Deuses, o Samorim, Calicut...

... Estavas tu, linda Inês, posta em sossego...

J O A Q U I M F E R R E R

Finalmente, a Ilha dos Amores... Aquilo... ah! era forte! Devorou, numa fome, aqueles versos. Oh! Buh!... Eles a perseguirem e Elas a fugirem, correndo por entre o arvoredor... e caindo sobre a relva e folhas secas e perfumadas.... E nus!... E nuas! Oh!!!

Fechou o livro com um estampido. Passou a mão pelo rosto afogueado.

Finalmente, encontrou num velho alfarrábio, esfarapado e sebento, do Trinta e Nove dos Touros, alguma coisa que lhe convinha. Copiou:

Senhora, se eu não tivera
Por ti já tanta paixão,
Agora o meu coração
De justiça te rendera:
Que tigre hircano, que fera,
Que peito rebelde, e inmoto
Se não vira aberta e roto
Como o meu só de te ver?

Caramba! E aquelas palavras difíceis?! Ela perceberia? Que ideia! Nem ele!

Tornou a ler, a meia voz, fazendo um pouco de gesto. Ai, emocionava-se, enternecia-se. Como era bom ser poeta!

Senhora, se eu não tivera

.....

Mas, ai, como era péssima a sua caligrafia! Era

I L H A D O I D A

preciso recomeçar de novo. E Adrião concentrando-se, arregaçando a manga, mordendo o beijo, recomeçou, deitando de vez em quando o rabo do olho à janela defronte...

DESILUSÃO

A carta andava no seu bolso, já amarrotada pelo tempo. Havia de mandá-la, um dia, quando descobrisse o nome dela...

Mas aí, esse dia ia tardando. Esse dia não chegou nem poderia mais chegar, desde que ele a vira, com os seus olhos — os olhos que não mentiam — quando ele a vira sentada num banco do Parque, muito chegada a outro *homem*. Não podia acreditar numa traição daquelas, depois daquele sorriso... Mas ali estavam os olhos, ali! na cara! que não mentiam.

Cocas fora o primeiro a vê-los. Disse que era a *tipa* defronte. Disse ainda, dias passados, que até os vira dar um beijo! Felizmente que só o afirmara uns dias passados, porque se fora naquele dia — pobre Cocas — rachava-o!

Agora que tudo era passado ele ouvia só o piano do lado...

RESSACA

As mulheres haviam-lhe deixado uma desilusão e uma raiva! Aquele seu embaraço em presença de mulheres... Parecia-lhe ser capaz de tudo, e afinal...

J O A Q U I M F E R R E R

Ficava-se. Escondia, no seu íntimo, o que sentia e o que pensava à vista delas. Mas ele mirava então as bonitas e sobretudo gostava de ver-lhe as pernas, e o mais possível... E logo procurava adivinhar o que não via. E as blusas estremecentes incendiavam-lhe a imaginação. Às vezes, parecia-lhe mesmo conhecer bastante de mulheres. E gostava de dar também a sua opinião. Ele não queria ficar atrás e queria mostrar que também era homem! No entanto, diante de gente de respeito, perante gente da família, fazia por se mostrar distraído, quando, se passava uma mulher, havia entre os homens um olhar de inteligência, um sorriso entendido, um dito, uma opinião. Calava-se. Fazia de conta que nada era com ele.

E então ria-se por dentro. Quando ele um dia conquistasse uma, então, eles haviam de ver como o palerma do Adrião, como o Drianinho sabia fazer das suas... Ah, nesse dia, com uma bem presa pela cintura, bem chegada a si, nesse dia é que ele havia de rir! A avó cairia das nuvens... «O quê! é aquele o meu neto?!» Neto! ah, ah, ah!... Eles veriam o que era ser *neto*!...

E a Dona Eulália abismada! E o abade arrelampado! E a mamã abananada! E Crispim de boca aberta!!!...

— «Nunca tinha dado por nada. Não supunha!» exclamaria a mamã.

— «Ah, Dona Aninhas, quem havia de dizer que o seu filho...!»

I L H A D O I D A

Filho, filho! Ela ficaria mais parva, ainda, se soubesse... eh! eh! se soubesse... E ele sabia o que era peixe agulha!...

Sentia ganas de bater no seu peito, de bater onde sentia bater um coração palpitante de sangue violento. E erguia a cabeça, erguia-a bem no alto do pescoço porque a sentia cheia da ciência da vida.

Ele possuía a chave. Os grandes segredos. E todos supunham que ele era o Inocente!

Mas ele sabia, oh! ele sabia... Ele era o Menino que... eh! eh! eh! um dia...!

Eh! eh! eh!!!!...

AREIA BRANCA

Adrião gostava do mar, gostava da areia. As ondas, a espuma, o sol e o vento, algas e búzios — tudo cheirava a sal e a maresia. Os barcos a abarrotar de peixe, os remos, os braços curtidos dos pescadores. Os barretes de lã, pontiagudos como coadores de café, a tombarem-lhes sobre a orelha; o cachimbo nos dentes, o andar bamboleado dentro das camisas de xadrez e das ceroulas de flanela, apertadas nos artelhos.

E os bois, à tarde, enterrando as patas na areia molhada, puxando das ondas um grosso calabre sem fim, como se fora a ponta enorme de algum novelo do oceano. Adrião sabia o que estava na outra ponta do calabre, mas pensava sempre no imenso novelo do

J O A Q U I M F E R R E R

oceano. E os bois sempre de cá para lá, de lá para cá, até que, enfim, arrancavam do mar um lençol de peixe prateado, bravejando entre as malhas da imensa rede.

Para Adrião era isto o mar.

Era isto e mais as longas correrias sem-fim na brancura das areias, e as velas brancas e alaranjadas das embarcações, e o voo claro das gaivotas, os castelos de areia, o fumo ao longe dos paquetes passando.

... Isto e as cabeleiras verde-mar, que as sereias espalham de noite, sobre a praia enluarada, e os mexilhões dos rochedos, os búzios onde brama o oceano, os mastros emaranhados de cordagem, o apelo roufenho dos vapores.

... E as tardes de temporal, e as vagas rolando pela areia, serras de mar, nuvens de espuma, manadas de golfinhos, o dorso negro-azul, correndo e saltando à tona de água.

Três dias passados e já o seu corpo ganhava sal e a sua pele do rosto afogueava-se em cores do sol-poente. Seus cabelos ao sol refletiam tons de cobre, em laivos esparsos, e nos olhos profundos mergulhava um mar azul.

Férias! Férias! O comboio era longo, a linha sem-fim, uma viagem comprida, cortada de estações, estendendo-se por muitas e variadas paisagens.

Primeiro os túneis furando as serras, as pontes cavalgando ribeiros, barrancos, vales, quebradas, pinhei-

I L H A D O I D A

ros, carvalhais, penedos salpicando os montes. Depois, a largura dos rios espraiaando-se, os verdes-tenros, as campinas, os bois, os cavalos a pastar e os choupais à-beira de água.

Era o momento de ele perguntar em cada estação:

— Ainda será longe? Estou a achar isto comprido como quê!

— É, respondia seu pai, cresceu desde o ano passado!...

Adrião ria-se. A mamã, do outro lado, metia um dedo pelo postigo, apontando a Balau a paisagem daquela banda.

— Mamã, gritou Balau, voltando-se, aquele azul lá ao longe é já o mar? Faz um vento de navio, papá!

De cada banda da linha os outeirinhos de sal branqueando ao sol, e os campos alagadiços, plantados de arrozeiros, e a planície, a planície baixa a perder de vista, espraiaada até ao mar. E o cheiro a maresia.

Era já perto!

Peixeiras de luto, entrando e saindo, palavrando sem descanso, deixando no rasto um cheirão a peixe.

Finalmente, a primeira entrada nas areias quentes e fofas. Era como se uma fúria o tomasse, correndo desaustinadamente e tombava, mergulhando a cara inteira, os braços, as pernas na poalha fina e quente. Era capitosa a areia quente e ele rebojava o corpo seminu em cima daquele tapete voluptuoso. Sentia estremecer, dentro de si, cada fibra desconhecida, cada

J O A Q U I M F E R R E R

músculo escondido. Espreguiçava-se, longamente, e o sangue tumultuava na carne.

Acabado aquele primeiro ímpeto, estendeu cada braço e cada perna, e alargou a vista pela extensão branca da praia. Franziu os olhos, encandeados pela claridade deslumbrante, mas nem uma cara conhecida. Vagueou por entre toldos e barracas, lançando o olho à direita, à esquerda. Ninguém! Só via pernas para ali, espalhadas à toa.

Era um formigueiro de gente. Ouvia-se muito, como dantes, a fala espanhola. Ele procurava descobrir, por entre os toldos, alguma palavra da sua língua...

Desesperava-se contra aqueles intrusos que espanholavam e riam por toda a praia, sem se lembrarem ao menos de Aljubarrota! Raios! Desejava agora um Nuno de repente para ver a cara deles! Apetecia-lhe mandá-los estudar a História. Raça danada! Ignorantes!

Ah! ficara mais aliviado. Pfff! E ele caminhava por entre aquela raça desprevenida, como se levasse uma coroa na testa.

Ia assim, pleno de orgulho, a passos lentos, majestosamente, quando de repente sentiu um tremendo murro sobre o alto da cabeça. Quási lhe vergaram os joelhos.

— Quadrado! berrou. Eu logo vi. Grande besta! Aleijaste-me!

I L H A D O I D A

O outro desatou à gargalhada. Era o próprio, ali na sua frente. Adrião, ainda mal refeito do murro e da surpresa, acrescentou, palitando os ossos da cabeça:

— És um camelo! Ias-me partindo isto. Estás cada vez mais bruto.

Quadrado, a cara toda aberta num sorriso contente, bradou:

— É para ganhares força, Galifão! Raios ma partam se eu te esperava agora aqui! Quando chegaste?

— Ontem. És bruto que nem uma carroça! Ias-me abrindo a cachola!

— Não tem importância. Anda daí. Vou-te levar à malta fixe. Sabes quem eu vi ontem? Não? O Pad Bichão. Tirei-lhe o boné, mas tive vontade de o *apertar*. Perdi coroas! Anda daí, pá!

Dentro em pouco, Quadrado à frente da malta fixe, rompia de escantilhão praia abaixo e, dando um grito à índio, mergulha no mar de salto mortal.

Foi uma admiração!

Adrião já o tinha visto muitas vezes passear como qualquer um, de mãos no chão e pernas ao ar. De uma vez tinha mesmo feito aquilo na rua dos Casinos e parou a circulação. Os meninos e as meninas tinham ficado estarecidos, com uma boca enorme, e até gente grande. Ouvia-se dizer a algumas senhoras sensatas que aquilo virava o bucho.

— Bestial o Mário Bruto!

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião viu que lhe chamavam assim os novos companheiros. Ele começou a nadar e logo todos os companheiros se precipitaram numa grande algazarra.

Adrião, depois de várias tentativas, já lhe parecia ter chegado o momento de dar também o seu saltinho mortal.

— E assim, pá, explicava o Mário Bruto, virando os pés por cima da cabeça. Ganha desprezo pela vida, pá! Assim! E ele tornava a dar o salto.

Adrião, então, ganhando *desprezo pela vida*, arriscou-se pelo ar. Tiveram de o levar em braços. Esteve dois dias de cama, gemendo com dores e falta de ar. O próprio Quadrado, durante dias e dias, não deu mais o salto, lembrando-se da cara de Adrião, estatelado e sem fala sobre a praia.

A PRIMA DA PERNA À VELA

Adrião, nessa tarde, saíra do toldo tão apressado que mal tivera tempo de ver que tal era aquela prima nova de Lisboa. Mas viu, pelo menos, que era bem falante e usava umas saias tão curtas por ali acima, que até fazia impressão! Não lhe saía da cabeça aquele grande naco de perna à mostra!

Ao longe, ouviu-se um guincho à índio. Era o Mário Bruto Quadrado, como lhe chamavam agora; e Adrião correu ao seu encontro, sentindo ainda o beijo quente da prima da perna à vela. Levou a mão àquele

sítio e esfregou para sair a impressão, que apesar de tudo era boa!

E, sem mais aquelas, começou a função. Estava já tudo pronto: foi só espetar no cocuruto três penas de peru e logo rompeu a correria. Era a eterna gambérria dos peles-vermelhas e dos caras-pálidas. Adrião gastara a manhã inteira trabalhando na machadinha, feita de uma tábua do caixote do lixo. A mamã, quando soube, deu por paus e por pedras, mas ele garantiu que era mais importante a machadinha do que um miserável caixote do lixo! E, numa aberta, meteu-se na cozinha, afiando-lhe o gume na brasa, tal qual os índios faziam. Estava agora bem armado; mas, como não tinha licença de uso e porte de arma, trouxe-a debaixo da aba do casaco, por causa da mamã e da polícia, não fossem pensar nalguma revolução...

Mário Bruto Quadrado estava irreconhecível, carregado de plumas, olhos cercados de rolha queimada, boca rasgada a traços de tijolo amassado. Os outros estavam na mesma.

— Vamos a eles! bradou Bruto Quadrado, traçando no ar a machadinha.

Logo se dividiram em dois grupos, uns tantos para cada banda, correndo à desfilada. Fugiam por entre barracas, embatendo nos paus, enfiando por debaixo dos toldos, fazendo uma tremenda algazarra. Do interior das barracas saía, de vez em quando, um gritinho de alguma senhora surpreendida pelos índios buscando

J O A Q U I M F E R R E R

refúgio. Eles galgavam por toda a parte, começando à toa na gente e nos toldos. Os senhores de idade ameaçavam os índios com as sombrinhas das esposas. As meninas pequenas encolhiam-se todas, fingindo que tinham medo, e mesmo até as mais crescidas gostavam de simular o pânico, diante dos namorados, abafando pequenos gritinhos e tapando com as mãos aflitas os seios, pulando nas blusas.

Adrião, numa correria desenfreada, pingava suor, talhando, as narinas frementes, sorvendo os ares. E aquilo excitava-o, brandindo a machadinha, correndo, pulando sobre corpos estendidos ao sol, num estouvado zigue-zague, por entre barracas, pernas e cadeiras, escapando invisíveis inimigos.

Sua cara afogueada, olhos coruscantes, desgrenhado, não era menos impressionante do que o Bruto Quadrado escorrendo cores amassadas, ou do que o Ideias soltando gritos endemoninhados.

De repente soltou um rugido. Alguém lhe tinha passado uma rasteira! Mas não: tropeçara apenas sobre umas pernas estendidas à esquina de uma barraca. Sentiu-se preso. Tentou libertar-se — e deu de caras com a prima nova de Lisboa! Não podia fugir. Ela agarrava-lhe o corpo, todo caído a seu lado. Quasi encostado a ela, do outro lado, estava um desconhecido também de fato de banho, com o peito à mostra, o olhar atento. Riu-se, arqueando um pequeno bigodinho.

I L H A D O I D A

— Então que modos são esses? disse a prima com um certo ar de ralho a fingir. Depois disse ao outro: É meu primo: E voltando-se de novo para Adrião, que sentia subir-lhe às faces um intenso rubor: Seu desastado, podia-me ter morto! E ria. Adrião sentia-se mal, ali encostado ao corpo dela. E se me matasses? tornou ela.

Adrião rosnou:

— Deixe-me!

Mas o braço dela apertava-o. Tratou de erguer-se de um salto. Mas tropeçou de novo e voltou a desabar sobre ela.

Correu. Fugiu. E ela ficou-se tola, a rir, deitada ao lado do outro, quási nus. Ele, enquanto fugia, pensava... Não sabia se tinha sido de propósito, ou não, aquele beijo autêntico quando, ao cair de novo sobre ela, sentira na face a boca húmida de sua prima!

— Tem a mania dos beijos, esta tipa! rosnou ele consigo.

Corria como doido, sentindo dentro de si um calor desaustinado. Topou um magote de inimigos. Caiu-lhes em cima como um furacão. Nunca tinha sentido tanta *força* na sua vida. E enquanto batalhava, traçando à bruta a machadinha, sentia na face a boca quente de sua prima!

Nesse ponto levantou-se uma ventania, disparando areias como zagalotes. Adrião não descansava, ati-

J O A Q U I M F E R R E R

rando à doida cutiladas. Até que foi levado num pé de vento.

Daí a pouco tudo serenava. Adrião caminhou absorto, por entre barracas. Era o fim da tarde. O céu pintava-se de roxo, vermelho e laranja. No mar flutuavam laivos, como tintas derramadas. E o sol afogando-se, como um enorme chapéu de cardeal, estourando de fogo e de cor.

Adrião deu mais alguns passos. Deteve-se brusca-mente. Um toldo listrado. No meio do areal dois corpos lado a lado, coloridos, voltados para o incêndio do horizonte...

Adrião agarrou em si e foi-se daquele sítio, através da praia quasi deserta. Ah, detestava aquele homem *deitado* ao pé de sua prima, e que murmurando-lhe palavrinhas a fazia sacudir o corpo, rindo baixinho...

DANÇA

Ruas inundadas de luz. Um mar de gente. Música, risos, movimento. E um ar cálido, golpeado aqui e além por laivos de brisa fresca, vinda do mar.

No salão nobre do Casino, vasto, luxuoso, deslum-brante, volteavam os pares. O Dr. Resende e a esposa procuraram um lugar, e instalaram-se. Adrião fez um gesto de mão aberta para sua mãe, que o chamava de um aceno — e ficou à porta do salão. Sentia-se um

pouco intimidado, olhando as facilidades que os homens tomavam com as mulheres, arrastando-as pela cintura no turbilhão da música. Quando seria ele capaz de outro tanto? Quando poderia ele encarar de perto um rosto lindo e conversar e rir-se à vontade, mostrando os dentes naturalmente? Não queria mais nada — só isto! Mas quê, ele corava infalivelmente a menos de 10 passos de qualquer mulher bonita, sobretudo se lhe agradava *especialmente*. Fazia até, às vezes, os possíveis por embirrar com tal ou tal mulher — mas, tudo era balado — corava sempre!

Oh! Quem ela era! a prima de Lisboa... Passou a dançar, mesmo à sua beira. Adrião disfarçou. Pareceu-lhe que ela o tinha visto. Possível. Ela desapareceu entre os pares e, apesar de ir presa nos braços do outro, ele sentiu o maldito calor subir-lhe às faces. Nem sabia se naquele momento era vergonha se raiva. Era sua prima: como poderia ele corar? E no entanto, era verdade. Ah, quanto daria ele para ser bem falante, descarado, atrevido mesmo! Mas não, ele não passava de um infeliz.

Logo se consolava um pouco, rilhava os dentes, considerando que tinha mesmo um certo azar às mulheres! Ainda bem que o tinha. E depois, vistas bem as coisas, para que precisava ele de casar? Tinha até mesmo uma certa vontade de lhes mostrar que não precisava de mulheres para nada. Havia de passar muito bem sem elas! Boa noite!

CÁLIDO VALEIRO

Toda aquela gente prosseguia num rodopio infernal. O preto do jazz desengonçava-se todo, matraqueando, bufando, e no meio da cara negra, luziam-lhe os dentes brancos, e os olhos dele reboavam e saltavam! Parecia coisa má!

Entreteve-se um bom bocado, seguindo os movimentos do preto. Até que reparou em si. As mãos... não sabia aonde pô-las. Onde havia ele de pôr as mãos?

Passou-as por todos os bolsos e bolsinhos da sua indumentária e acabou por meter uma entre os calções e a barriga, deixando a outra cair abandonada à ilharga...

De um lado e doutro, reparava na desenvoltura de certos indivíduos. Porque não havia ele também de se dar ares? Ora toma! Cruzou um pouco a perna à banda e deitou um ombro à ombreira da porta. Ah, agora! Parecia-lhe estar mais senhor da situação! E, sobranceiro, lançou a vista ao largo. Ah, agora!

A menos de quatro passos vinha a sua prima, muito colada, foçando.

E ele, num instante, perdeu o equilíbrio. E deixou-se de novo corar, sentindo nos olhos a carne nua de sua prima, nua até quási abaixo da cintura! Por um momento a imaginou descoberta também do outro lado, mas ela voltou-se imediatamente e ele pôde ver, então,

I L H A D O I D A

que no peito ela estava encoberta. Contudo, as pernas, compensando aquela nudez em cima, estavam envolvidas em sedas até ao chão. Ele, porém, que já lhas conhecia da praia, pôde reconstituir, assim, o corpo inteiro e nu da cabeça até aos pés! «Quási!...», pensou.

Mas aquela ideia perturbou-o. Ainda se ele tivesse um cigarro entre os dentes, para chupar e morder...

E o pior... o pior é que ela dera com os olhos nele e atirou-lhe um simpático sorriso! Ele ficou trans-tornado. Fez como se os seus olhos fixassem mais para além e não deu troco. Aproveitando uma aberta, foi-se dali. Recuou dois passos; de repente deu meia volta. Achou-se no vasto corredor. Começou a andar. Calcava com exagero a felpa dos tapetes. A certa altura reconheceu que aquilo já não era bem andar, era quási correr. Refreou. «Ai!» rosnou.

A um dos lados oferecia-se um magnífico sofá, mais vasto do que a sua cama de S. Caetano. Caiu-lhe em cima. Mas as molas, as maravilhosas molas quási o atiravam ao teto! «Ora gaita!» Finalmente achou a posição conveniente, bem a meio do traste, a perna traçada, o ar convencido, olhar largo. Esperou. Mas que esperava ele?

... De súbito uma voz macha. Quási deu um pulo. Não era a polícia, nem mesmo o porteiro! Não era com ele. E deixou-se ficar, aplacando o coração.

Mas durou pouco. Ainda mal refeito, sentia outra voz, mas desta vez conhecida, um fio de voz... Era a

J O A Q U I M F E R R E R

sua prima da perna à vela! Pior talvez do que se fosse a polícia ou o porteiro!

E ele, sem saber como, achou-se preso na sua prima, arrastado para o meio da música! De nada lhe valeram os protestos. Corou, fartou-se de corar. Procurou numa ansiedade alguém conhecido. Procurou o carão reconfortante do Bruto Quadrado. Mas ninguém lhe valeu. E ele sentiu-se colado ao corpo de sua prima, que lhe ia dizendo:

— Sim senhor, estás um homem. E dizias tu que não dançavas. Anda, mexe agora aquele pé...

Adrião sentia por baixo, pontapézinhos que sua prima lhe dava. E ela continuava:

— Cá me parecia. Tens jeito. Nunca me engano: hás de ser um dançarino de marca! E és quási da minha altura, és mesmo da minha altura. Hás de ser elegante. Olá! Então não dizes nada? Que idade tens?

Adrião achou-se pilhado. Tinha de responder.

— Eu?... Eu cá tenho catorze anos.

— Ah, ia dizer que tinhas dezasseis, ou mesmo dezassete. És alto!

Adrião já não podia corar mais. E não corou. Tinha gasto tudo. Mas como fora parvo! podia ter dito que tinha de facto dezasseis ou dezassete. Mas enfim, tinha já exagerado um pouco, porque afinal ainda não tinha os catorze feitos.

Ah! aquilo parecia eterno. A música não acabava mais! De vez em quando, deitava o olho ao preto.

I L H A D O I D A

E o preto parecia desencabrestado, não dava mostras de cansaço, o maldito! Adrião começou a sentir *coisas* naquele aperto. Quantas vezes tinha ele calçado os sapatos de sua prima!... E então esforçava-se por ganhar a leveza da pluma. Mas que sentia ele? Não podia ver o que seria. Sentia só aquela impressão, tenra e quente, à altura do seu peito... Ela arrastava-o guiando-lhe os pés. Ela cerrava-o cada vez mais e ele sentia-se capaz de fugir, por entre aquela gente, ritmando sem destino. Sentia-se capaz, mas por nada o faria, nem poderia fazê-lo.

Aquela estranha sensação era agora mais viva. Era macia, era quente, redonda... Ela não dizia nada. Ele não lhe via os olhos, mas sentia que andavam afastados ao longe, pela sala. E então, descendo o seu olhar inquieto àquela fonte crítica de estranhas sensações, ele viu... viu esse começo redondo e branco, esse começo de um cálido valeiro, que jamais esqueceria...

E afastou os olhos, sentindo crescer na sua carne uma estranha perturbação...

VOAR... VOAR...

Nessa noite sonhou. E sonhou que voava. O seu corpo, mais ligeiro do que uma ave, desprendia-se da terra e pairava... Ele deitava os olhos cá em baixo, vendo a terra afastar-se e correr e correr. Mas ele

J O A Q U I M F E R R E R

sabia que era apenas o seu corpo que corria e que voava. E voou, voou sobre a extensão clara da praia, até ao lugar onde um enorme disco de fogo e de cor se afundava lentamente. Deslizava rapidamente, roçando o mar e, aproximando-se, agarrou aquele imenso chapéu rubro de cardeal — e deixou-se levar a reboque. Até que o chapéu mergulhou nas ondas e ele veio de novo ao de cima, voando e voando ...

A praia doirava sob uma claridade estranha. A verde flor do mar espelhava a estranha claridade, que vinha, como um bafo de mulher, acariciar o seu corpo nu trespassando os ares...

...

Pela vidraça aberta do seu quarto entrava um feixe de sol e veio banhar-lhe o leito, arrebatando-o daquele sonho. O mar bramava lá fora. Gritavam as gentes. Traineiras silvando, roufenhas, saíam para a pesca. Adrião saltou da cama. Correu à janela. Sorveu a brisa fresca daquela manhã. Lentamente lançou os braços, um para cada lado, num infinito espreguiçamento.

Desceu à praia, entrou no mar, engolfou a cabeça esquentada nas águas de uma onda. E furou-a, esbravejou entre a espuma: e admirou-se de o seu corpo ter peso, de não subir e voar, voar como voara toda a noite...

Sua prima ia já entrando no mar, de mãos dadas com o seu inimigo do pequeno bigode. Depois, ela

I L H A D O I D A

desprendeuse e foi correndo, correndo quási nua, o corpo de bronze, as pernas imensas, fazendo crescer das águas uma auréola de espuma e de infinitas gotículas translúcidas. E desapareceu por detrás de uma onda verde.

O outro seguiu-a. Em breve eram dois pontos flutuando, na imensidão...

...

Por muitas noites ainda, sonhou que voava. E pela noite parecia-lhe ter feito, ele só, essa invenção maravilhosa de o seu corpo voar e pairar no espaço sem limites...

E, quando acordava, tinha uma esperança, uma quási convicção de poder ficar voando para sempre, mesmo durante o dia, quando o sol está acima do horizonte...

MANHÃ NA PRAIA

Pela praia fora marchava de braços derrubados, cansados daquela noite. Quási desconfiava que tinha na realidade voado, porque sentia, na verdade, um cansaço de quem tinha voado.

Avançou direito ao toldo da família. Foi deitando o olho à direita e à esquerda. Queria ver bem os malhês das raparigas modelando o busto, ele que agora já percebia qualquer coisa daquelas coisas... Mas, é verdade, temia que os seus perfurantes olhares envol-

J O A Q U I M F E R R E R

vessem algum corpo de mulher casada... Porque ele era contra o adultério!

Passou a mão pelos cabelos, fazendo um pente dos cinco dedos.

Semi-deitada, à beira do seu toldo, estava a prima nova de Lisboa, vestida no seu malhê cor de carne. Adrião tinha a certeza de que ela estava *realmente vestida*, porque, se ela estivesse despida, era o mesmo que ele já ter visto uma mulher nua — ora ele nunca tinha visto nenhuma!... Mesmo assim, aquilo encavacou-o, e Adrião enfiou por entre barracas, noutro sentido.

— «Diabo! Ela tê-lo-ia visto assim *tão vestido?*»

E Adrião compôs o nó da sua gravata chique de pintinhas, que o papá lhe havia emprestado. Fez peito e andou. Não sabia porquê, mas não se sentia à vontade com aquela sua prima nova de Lisboa, que tinha um malhê cor de carne. Talvez por causa daquelas duas aventuras passadas com ela — o beijo e a dança. Adrião olhou à roda: era como se tivesse ainda os braços dela à sua volta...

Das barracas entrava e saía gente para o mar. Ele enfiou também numa; daí a pouco aparecia impante, no seu fato de banho às riscas transversais. Não ousaria nunca aproximar-se dela assim, naquele preparo, porque além de estar nu de mais, ela era muito capaz de desatar a rir, chamando-lhe zebra! Nah! com mulheres não queria nada! Ao longe, entre barracas, aparecendo e

I L H A D O I D A

desaparecendo, corriam o Bruto Quadrado, mais o Ideias e Caguinchas, uns atrás dos outros. «Que andarão eles ali a fazer?»

— Eh! berrou o Bruto Quadrado avistando-o.

E dentro de um minuto saudavam-se, dando a cambalhota do estilo, em frente um dos outros.

— Andamos atrás de um cão, explicou o Bruto Quadrado.

— Foi uma fabiana loira, bonita, que nos pediu... — Uma loira bem boa!...

— Oxigenada, corrigiu o Quadrado, esticando o beijo de baixo.

— E... e agarraram-no?

— Pois, aqui, disse o Quadrado mostrando a maná-pula grossa. Pelo cachaço. Levei-lho pendurado como um chouriço!

— E ela que é que vos deu?

— A gente viu-lhe as pernas..., exclamou o Ideias torcendo um olho. Queres que eu abane uma orelha?

— Para onde costumás ir à noite? perguntou Quadrado.

— Anh, eu?... Eu... olha, ontem estive no Casino, passei lá a noite... com umas pessoas...

— E que tal estava aquilo?

— Oh! aquilo estava bom. Animado. Um preto que é um assombro!

J O A Q U I M F E R R E R

— Bem, sei, o do jazz. Mas de gajas, de gajas?

— Eram bonitas, disse Adrião. Bem lançadas!

Nesse momento deu com os olhos na sua prima nova de Lisboa, que ia caminhando direita ao mar.

— Vês aquela? a bonita?

Quadrado seguiu o dedo esticado do Trinta e Um Galifão.

— Qual? Ah, a lasca? Parece que vai viva!

— Sim, vês? Andei ontem a dançar com ela no Casino... E detendo-se um momento, acrescentou: toda a noite, pá!

Quadrado descarregou-lhe a mão num ombro.

— Palão! exclamou.

— É verdade.

— Palão! berrou o outro.

— Eu seja... eu seja cão, se não é verdade! *Andei a dançar com ela...*

E Adrião destacou bem as sílabas, para que a jura não fosse além daquelas palavras.

— Andaste mesmo? repetiu o outro ainda incrédulo. E quem é ela?

— Não sei. Apresentaram-ma. Só sei que se chama Lola e é de Lisboa, sabes? de Lisboa! Foi ela mesmo que me disse. Conversámos muito...

Quadrado ficou um momento calado, mirando o outro por todos os ângulos, desconfiado, procurando surpreender algum deslize.

— Dás a palavra de honra?

I L H A D O I D A

— *Que ela é de Lisboa?* Dou-te a palavra de honra!
E chama-se Lola.

— Então gozaste pá?

— À bruta! exclamou.

O LENÇOL E O NU...

— Anda daí pá. Vais ver...

— O que é?

— Vais ver, tornou Quadrado. Não te exaltes!

Seguiram os dois pelas ruelas de areia, entre barracas. O Quadrado só dizia:

— Vais ver...

Abaixando as cabeças entraram ambos na barraca do Quadrado. Este agachou-se e começou a cavar com os dedos no chão de areia. De vez em quando voltava para Adrião a sua cabeça vermelhusca e piscava-lhe um olho malicioso. Depois, metia a cabeça de banda no buraco e alargava mais a cova. Quando lhe pareceu o trabalho pronto, Quadrado começou a erguer, com mil precauções a fralda da barraca. E, conforme ia erguendo, metia a cabeça.

Adrião, inquieto, seguia aqueles preparativos originais. O coração pulava-lhe desordenado.

De repente, o Quadrado levantou-se, deixando cair a lona da barraca.

— Ainda não há fita. Vais ver... Espera-se um bocado... Olha! exclamou de súbito. Estás a ouvir? Pchiiiu!...

J O A Q U I M F E R R E R

E logo fez sinal para que Adrião se aninhasse.

— Abaixa, sussurrou.

Adrião hesitava. Mas o Mário Bruto, pesou-lhe com uma das mãos no alto da cabeça e Adrião foi-se abaixo. Estendeu-se ao comprido e meteu a cabeça na buraca.

Na barraca vizinha ouvia-se o ruído peculiar das roupagens. Adrião ainda lançou um olho para cima, mas viu Mário Bruto gesticulando que nem uma aranha por cima do seu corpo estendido. E porque não? Sentia-se dominar por uma irreprimível curiosidade. Começou a erguer suavemente a fralda da barraca. Os seus dedos tremiam. De súbito, recuou, num estremeção. Ao lado ouvira-se uma gargalhada! Mas o Mário acalmou-o com as palmas das mãos abertas.

— Ai, querida, dizia uma voz: pensei que morria debaixo de uma onda!...

— De quem...?! E deu nova gargalhada.

Adrião estava indeciso.

— Não sejas trouxa! rosnou Mário Bruto. O que é que ela disse?

— Não sei, pá; diz que ficou debaixo de uma onda...

— Ah, tá bem. Vá lá depressa, toska lá isso!

E Adrião recomeçou a operação. Ajeitou melhor a sua cabeça no fundo da buraca. «E se ele visse...? Que iria ele ver...?» Sentia-se um pouco transtornado. Sentia subir-lhe um calor... «Não era brincadeira nenhuma, descobrir assim tudo de repente...

I L H A D O I D A

Não era não!» A fralda da barraca tinha-a ali apertada na sua mão. Sentiu, no traseiro, um pé estimulante do Mário Bruto.

Adrião espichou mais o pescoço. De súbito, abriu-se na sua frente uma nesga da casa alheia. Viu primeiro umas pernas nuas e uns pés, metidos dentro de uma celha de água. Lentamente, subiu com os olhos até alcançar uns joelhos, levemente rosados... Dois joelhos calmos, entreabertos...

— «Agora é que são elas!» Sentia por todo o corpo um calor de criar bicho. Elas palravam as duas descuidosamente. Aquilo era de mais para ele. Porto! Se ele visse? Era muito forte! Sim, muito forte!

Fechou os olhos por um instante, antes de iniciar a escalada final. Sentia-se tomar balanço. E sentiu subir-lhe uma onda, uma onda que lhe deu ganas de rasgar a barraca de cima abaixo, de baixo acima — e meter os olhos por ali dentro, como se fosse todo ele uns olhos!

... E, bruscamente, surgiram-lhe à vista dois fantasmas brancos, envoltos em lençóis turcos! Eram duas e esfregavam-se mutuamente. E faziam ahhhh! ahhhh! dentro dos lençóis, rindo muito uma para a outra.

Do peito dele soltou-se um fundo suspiro. As areias secas voaram-lhe à roda do nariz. Uma delas perguntou:

— Que foi? Não ouviste?

...

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião saiu atrás de Mário Bruto.

— Viste? perguntou este, ansioso.

— Vi! suspirou Adrião.

— Tudo?

— Tudo!

— Tiveste sorte, pá. Eu nunca vi mais do que lençóis... Conta lá 'tão como foi...

EL GRAN PACO

El Gran Paco era o mais audaz de todos os espanhóis. Nada temia. Era magro, nervoso, escanifrado. Era danado.

Quando entrava de manhã na praia, a sua cabeleira negra resplandecia, penteada, lustrosa de brilhantina. Mas só um instante e logo a sua cabeça era uma tempestade. Não raro ameaçava as forças da natureza e, outro dia, que uma onda o apanhou vestido, de punho fechado, insultou o Oceano! Ele contava histórias de Espanha, da História e de bruxas... «Yo no creo en las brujas... pero que las hay, hay!»

...

Adrião trazia de longe o seu ódio pela gente das Espanhas. Era da História. Eram os três Filipes... o Conde de Andeiro... e mais longe, o Fernão Peres de Trava. Era a derrota de Toro por termos perdido a Espanha... Era a vitória de Aljubarrota por não termos tomado a Espanha!

I L H A D O I D A

Mas não eram só essas prevenções contra os vizinhos espanhóis, havia também um certo desdém nas suas opiniões... Ele, na verdade, achava hoje a Espanha bem insignificante, sobretudo se olhava para a História e considerava que ela tinha sido o maior Império do Mundo! — fora o nosso, é claro. «No meu Império nunca o sol se põe!» dizia um dos reis de lá. E hoje, afinal, que era mais a Espanha? Hoje já não era *a mais... a maior...*

A Alemanha era ainda *a mais* militar. A Inglaterra *o maior* Império. A Rússia *a mais* vasta. A China *a mais* populosa. A França era *a mais* parisiense. E o Chile era mesmo *o mais* comprido...

E Portugal? Pois Portugal ainda hoje era, pelo menos, *o mais ocidental!* Ainda hoje o era, apesar de ter perdido quási tudo o que Camões cantara. Quantas vezes ele ouvira e lera esta verdade fundamental: *o mais ocidental!* E sentia nisso um certo orgulho.

Não era, porém, só à Espanha que lançava o seu olhar furibundo. Não era. A Inglaterra ocupava um lugar especial no seu ódio. Como esquecer as Índias, Malaca, Ceilão? Como esquecer as Ilhas, os Mares, os Samorins? Como não recordar, cada dia, os reis d'Aquém e d'Além Mar em África, Senhores da Guiné e do Comércio Navegação e Conquista da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia? E o Ultimatum? E o Mapa Côr-de-Rosa? Como esquecer tudo isto e mais ainda

e mais ainda? Pois se Nós podíamos ser hoje os Senhores de Meio-Mundo, e não mais o éramos! Como não sentir um ódio fundo no seu coração?! Ah, que se ele fosse daquele tempo, aquilo não tinha ficado assim!

Que eram mesmo as Invasões, comparadas com aquilo? As Invasões, atenuadas contudo, pela figura *fantástica* de Napoleão! O seu Napoleão, que só tinha rival no grande Capitão Morgan, o Príncipe dos Mares, quási um semi-Deus!...

Ainda lhe recordava, quando há uns anos atrás, vingara as Invasões naquele francês Clóde, que ele conhecera na praia. Agora, que ele mais conhecia e mais admirava Napoleão, l'Empereur, agora talvez não pensasse mais em vinganças, que a grande figura tinha varrido do seu coração.

... Não podia contudo, esquecer o Mapa e ansiava poder refazê-lo um dia, à custa mesmo dos «maiores sacrificios» ... Mas quê! tinha de aguentar Pad Lopes, tinha de abafar em S. Caetano! Tinha de esperar o seu Dia! Tinha de «grammar»!

Não tivera ainda ocasião de vingar nada que o Poeta cantara. Não achara ainda inglês nenhum propício para um desforço. Todos os súbditos de Sua Majestade, que até ali encontrara, eram torres enormes para a sua pequena envergadura. Mas ele tinha a esperança de um dia lá chegar...

A Exposição Britânica da semana passada não lhe enchera as medidas. Aquilo podia apenas considerar-se

I L H A D O I D A

o princípio do princípio. Havia por lá bonitas coisas, na verdade. Mapas, fotos, livros, revistas e o retrato de Suas Majestades a cores. Bons «maples»! E no meio do Hall havia uma mesinha com tampo de vidro e que só por si não teria importância, se não fosse um certo cinzeiro de boa louça, com a bandeira da União Jack pintada no fundo. Ideias é que tivera a ideia, mas Adrião é que quisera que «aquilo fosse por diante, a bem ou a mal!»

Organizaram as coisas, segundo a melhor tática de guerrilhas. «Com os ingleses só assim!» ouvia ele de uma vez, não sabia a quem. Porém, o Mário Bruto queria que aquilo fosse mesmo de caras! Distribuíram as forças. Mário Bruto ficaria à porta, por causa da retirada e para neutralizar o porteiro. Ideias iria postar-se na outra porta do Hall, como guarda avançada, enquanto Caguinchas mais o Serrano e o Zulmiro iriam patrulhar as imediações, no campo dos dois ingleses da Exposição. Adrião encarregou-se da operação principal, que consistia em tomar a bandeira inglesa da Exposição. Dito e feito. Em dois pulos arrebatava a presa.

Correram à praia. Ergueram um enorme morro de areia, enquanto outros cobriam as encostas do morro de gravetos e algas secas. O cinzeiro foi cravado no cimo do monte, e com o vento que fazia parecia-lhes ver a própria bandeira flutuando, aflita pela sorte que a esperava.

J O A Q U I M F E R R E R

Atearam fogo à lenha e todos à uma pularam à roda. Gritaram, cantaram, bramaram!... As chamas subiam pelo morro e lambiam já a louça da bandeira. O cinzeiro enegrecia, e a fogueira no crepúsculo que descia, tomava aspeto sinistro, um aspeto vingador. De repente soou um estouro. A bandeira, a orgulhosa bandeira voara em fumo e cacos! E eles estacaram, emudecidos um instante, considerando aquele fim merecido!

Ao longe, aproximava-se uma força de espanhóis, atraídos pelo incêndio. Vinham cautelosamente, não fosse uma cilada, como as antigas do D. Afonso. Aproximaram-se com El Paco à frente. Adrião saiu a terceiro a recebê-los. Explicou-lhes o caso, falando-lhes ao mesmo tempo da Invencível Armada. El Gran Paco viu os cacos da bandeira e logo soltou um grito selvagem. Nessa tarde portugueses e castelhanos confraternizaram.

Não durava muito aquele acordo, porque lá vinha a História excitá-los e embravecê-los uns contra os outros. El Gran Paco afirmava que Portugal era mais pequeno do que a Espanha! Afirmava que os espanhóis haviam de conquistar isto um dia! E tanto bastava. Sobretudo chamava-nos «isto»...

Atiravam-se com brados históricos: *Santiago! Espanha! Afonso! Portugal!*, além de outras palavras...

I L H A D O I D A

Era a guerra mais uma vez, a guerra sempre. Gritavam-se opiniões. Discutia-se de punho em riste. De dentes cerrados debatia-se Magalhães, Colombo, as Molucas e o arco das Tordesilhas.

Mário Bruto berrava que só ele chegava para uns poucos de castelhanos! «Seis, venham seis!»

Adrião gritava que, se ele tivesse nascido no tempo das descobertas, *aquilo tinha sido de outra maneira...* Ideias barafustava contra «essa malta de espanholagem» e gritava que, se eles quisessem vir às boas, só fazendo a capital em Lisboa!

El Paco ria-se de «essa Capitalória» e afirmava que só as Puertas del Sol valiam por Lisboa inteira! E bradava que a Capital havia de ser em Madrid! E que, se nós quiséssemos ir *per bien*, seríamos uma Regência...

Era a guerra. Toro! Atoleiros! Aljubarrota! Um contra seis! Pegavam-se. Mordiam-se, esmurravam-se. Era a guerra! Era preciso recomeçar todos os dias! Era preciso ver quem venciam... — Caramba!

O FÁCIES

Mais outro ano em S. Caetano. Ah, mas desta vez vinha decidido a fazer coisas! Olá se vinha! E Adrião carregou o sobrolho. Entrava mais uma vez a mal-dita porta do Colégio. Como era de esperar, a Cadela berrou desatinadamente. Ele deu um salto! A mal-

vada lá estava na mesma, espreitando por cima da porta, verde e fedorenta como um cachifede.

O papá, com um embrulho cheio de roupa nova, comprada na Baixa, vinha dois passos atrás, dando conselhos, como era costume. Mas Adrião via-os perfeitamente entrar por um ouvido e sair pelo outro. Em todo o caso, para não embilhar, ia dizendo a tudo que sim. E entretanto, no intervalo de dois conselhos, ia sugerindo, quando passavam nas ruas da Baixa que, enfim, os «rebuçados de coco, que se vendem naquela mercearia, são os melhores de Coimbra!» e que «aquela navalha de três folhas, que está na montra, parece ser de boa marca, para afiar os seus lápis no Colégio», e que «há uns relógios de pulso, luminosos, muito bons para ver as horas... as horas de estudo!...» E o papá ia comprando, exceto quando se falou em relógio de pulso luminoso: nessa altura, infelizmente, papá estava distraído e não ouviu. E nem mesmo quando Adrião repetiu, o papá compreendeu. Nah, estava naquele dia muito desatento, o papá. E andou-se mais um bocado, até que passaram de novo junto de uma relojoaria. Aqui, Adrião estacou:

— O papá já reparou? Há agora uns relógios de pulso, que dão horas luminosas! Olhe, ali está um, papá! Olhe que são *horas luminosas!*

O papá parou e olhou:

— É, parece que sim.

Adrião teve uma esperança.

I L H A D O I D A

—Se o papá quere, nós entramos um instantinho... É só para ver!

— Isso é melhor ficar para outra vez. Agora vamos com pressa.

E não houve maneira do papá compreender, apesar de Adrião ter explicado, que, a qualquer hora da noite, ou do dia, se podem ver as horas, os minutos e os segundos, sobretudo «as horas de estudo...» Mais uma vez o papá ia distraído.

Paciência, a navalhita já não era mau. Até se admirava como o papá tinha assim comido, com tanta facilidade, aquela da navalha ser tão precisa em S. Caetano, para os estudos... Papá às vezes tinha daquelas ingenuidades!

Enfim... tinha que esperar ainda algum tempo para sugerir uma «lâmpada elétrica de bolso». O difícil estava em incluir aquilo na classe dos «objetos de estudo»...

Contudo, a verdade, a única verdade é que estava mais uma vez entre as quatro paredes de S. Caetano! Pad Lopes, é claro, fartou-se de ser amável com o papá e com ele próprio. Enquanto estiveram no Gabinete — e nessa ocasião Adrião sentia-se seguro no Gabinete — pois enquanto lá estiveram, todos três, a dar dois dedos de treta, Pad Lopes nem uma só vez o tratou por Trinta e Um. Era só «meu rapaz pra qui», «o nosso rapaz pr'acolá». Mas Adrião sentia-lhe os dentes por detrás

daquelas ternuras. O papá, coitado, levava aquilo tudo a sério, e também ia dizendo a sua amabilidade a Pad Lopes. Discutiam animadamente problemas de ensino, sebetas, lições, professores. O papá disse também da sua ideia sobre a Reforma do ensino. Pad Lopes concordou em toda a linha. Enfim, Pad Lopes estava irreconhecível!

Entretanto, Adrião ia examinando, mais uma vez, a figura espessa do Diretor. A careca alastrada, lustrosa, limitada por uma sebe de pelos pardos. A queixada possante, que se abria ameaçadoramente para sorrir. O colete, o eterno colete, debruado a fita de seda preta, sob o casaco escuro, carregado de botões inúteis, sempre aberto de par em par. E aquele jeito peculiar de Pad Lopes escondendo o punho direito na mão esquerda. Só de vez em quando, sacava daquela mão escondida para fazer um gesto. E logo a recolhia outra vez, cerrada, endurecida, no covo da outra mão.

Adrião sentia-se estremecer de gozo, contemplando no alto de uma estante, embirrando no teto, a famosa esfera armilar, pesada e metálica, que fora ali para cima desterrada há muitos anos... Foi uma história dos diabos. O Magalhães tinha sido chamado ao Gabinete, não se sabe por que razões: o que é certo é que o Magalhães, um fortalhão taludo, não esteve com meias medidas: enquanto estendia a mão direita à Menina foi deitando a canhota à esfera armilar... Pad Lopes foi aos arames, berrou, barafustou — mas o Magalhães, que era bruto, deixou o outro berrar à vontade e só

I L H A D O I D A

largou a esfera quando Pad Lopes enfiou a Menina outra vez na gaveta. Sabiam-se mesmo as palavras, tal qual o Magalhães as tinha dito, uma vez cá fora. É que o Magalhães saíra do Gabinete muito fresco, o que era contrário a todas as regras, desde que os tempos são tempos. E aquilo fez espécie:

— Anh, não disse uma nem duas: subiram-me os azeites: deitei mão à esfera... Limpinho!...

E foi tudo. Desde então, a pesadíssima esfera armilar permanecia enraizada, cheia de pó, no píncaro da mais alta estante...

Adrião sentiu um consolo ao contemplar a famosa armilar.

— «Tipo teso, o Magalhães! O Magalhães e o Alvarenga!»

Mas Alvarenga era de longe o mais venerado, o mais célebre de quantos haviam passado pelas mãos de Pad Lopes. Alvarenga, Alvarenga — como este nome estava ainda, tantos anos depois, repassado de emoção!

Adrião saiu do Gabinete, apertando no fundo do bolso o seu ofensivo canivete de três folhas e um furador. Ah, raios o partissem; ele havia de fazer coisas! Olá se havia! Estava farto de conselhos, exortações, maçadas, Gramática, verbos, chatices! Estava farto! Tinha que fazer alguma coisa, tinha! Se ele começava a ser *mau* — deixassem-no, ia tudo raso! Era mesmo capaz... — sabia lá de quê!

J O A Q U I M F E R R E R

Nah, estava farto de ser *bom*. Tinha que tomar decisões, tinha que armar algum sarilho que deixasse fama. Agora, já não seria como da outra vez, quando pregara, sem quasi dar por isso, aquele famoso murro no nariz do da Bodiosa. Agora podia confessar a si mesmo, sem relutância, que aquilo foi um *puro acaso!*

Agora, não, os tempos dos acasos estavam passando. Agora era à bruta, a esgalhar! Lembrava-se muito bem de quando a Dona Deolinda tinha dito ao papá e à mamã que o Colégio de S. Caetano era muito bom, era «de educação moral». Lembrava-se muito bem. Educação moral?... Era mas é educação à bruta! Pois *eles* veriam quem é que é bruto. Se aquilo ia à bruta ia à bruta mesmo!

E aquela decisão de ser mau, não admitia mais delongas. Era preciso entrar a fundo. Era preciso começar ainda hoje: e Adrião foi ver-se ao espelho do quarto. Esperou que o da Bodiosa saísse, e então estudou melhor o próprio semblante. Abriu a boca e pôs os dentes de fora. Fechou a boca e apertou os beiços. Apertou-os num ar ameaçador. Depois, passou aos olhos. Embirrava com aquela sua cor parda dos olhos, mas para o caso talvez fosse ainda melhor a sua cor do que outra qualquer. E Adrião abriu-os muito, rebolou-os, e fez os possíveis por deitar «chispas» (como muitas vezes tinha lido em boas obras de ficção). Espremeu-se, fez força nas veias do pescoço, mas as

I L H A D O I D A

chispas não saltavam. Talvez fosse necessário um longo treino. Talvez. Bom, mas agora passaria às sobran-celhas, que nem por isso eram lá muito espessas. Eram mesmo muito pouco façanhudas, mas enfim, era o que se podia arranjar... Tinha de trabalhar com a prata da casa... E Adrião, chegando bem o rosto ao vidro do espelho, procurou uni-las ameaçadoramente. Notou, contente, que os seus olhos pareciam agora mais par-dos, se bem que as famosas chispas ainda não saltas-sem. Mas não havia dúvida, contudo, que o conjunto da sua cara se estava aperfeiçoando notavelmente. Um pouco mais de exercício e tinha a convicção de arran-jar um verdadeiro «fácies». Adrião, largando o espelho, teve uma ideia súbita: abriu a folha grande do seu canivete, balançou a mão, e lançou-o de encontro à porta. E o canivete, como seta envenenada, furou o ar e cravou-se na porta. Aquilo ia! E Adrião esfregou as mãos de contente. E, como as ideias veem como as cere-jas, teve outra ideia. Encarou de novo a sua cara ao espe-lho. Fez cara feroz. E, deitando a mão à sua mecha fulva, puxou-a sobre a testa. E, oh espanto! a sua cara ficou logo mais feroz! Era mais um passo para o «fácies».

A SEITA

Impaciente, Adrião esperava o dia dos seus anos. Já faltavam só cerca de 15 dias. Ao certo, ao certo, 17 dias e uma tarde. Há muito que ansiava pelos seus

J O A Q U I M F E R R E R

14 anos. Parecia-lhe que havia de sentir *qualquer coisa*, nesse dia. E ele esperava ansiosamente, e também receosamente, essa *qualquer coisa*. Supunha algo como um cabo que, uma vez dobrado, deixasse ver para além um caminho desconhecido de paisagens perturbantes. E Adrião pôs-se à espera.

101 veio ter com Adrião. Tomou-o de parte.

Foram pela rua das Acácias, dentro do Parque, e embicaram por uma vereda que ia dar ao túmulo de Mazalipatão. Adrião estava intrigado com aquele mistério, mas 101 não abria boca.

— Espera aí!

E Adrião deteve-se um momento junto de um loureirinho, já da sua altura, que crescia sobre o túmulo de Mazalipatão. Ele aproximou-se, mirou enternecidamente a arvorezinha e, abaixando-se, arrancou-lhe as ervas do pé. Tirou a navalha do bolso e limpou-lhe os ramos fundeiros.

— Assim vai mais alto! disse consigo.

De repente, sentindo um ruído de folhagem, levantou a cabeça. 101 tinha desaparecido!

— «Diabo!» pensou. «Esta agora.» E olhou por todos os lados. E gritou: Eh, 101, eh, pá!

Não de muito longe, como se fosse uma resposta, ouviu um grito estranho, mas que no entanto tinha ouvido já várias vezes por ali. Ficou à espera. O loureirinho lá estava, de folha luzente, direito que nem um

I L H A D O I D A

fuso. «Havia de ser uma bela árvore». «Hum... só era pena não dar fruta... Pois era.»

— Eh, 101, eh 101! «Se fosse agora tinha antes plantado uma tangerineira, ou nespereira...»

Outra vez o grito estranho. Era como se fosse de algum pássaro selvagem, exótico, daqueles que aparecem muito nas aventuras. Escutou ainda, mas só o silêncio reinava, tal qual a seguir aos pássaros, nos livros de aventuras. E então começou a aborrecer-se. Decidiu ir-se embora. Ao longe, ouvia-se agora uma correria. Era a maltósia aos Polícias e Ladrões.

Adrião abaixou-se, dentro daquele túnel de verdura, por onde tinha de passar. Mas, de repente, ouviu de um lado e de outro um grande estardalhaço, e três ou quatro pedras, certamente lançadas por fisga, vieram cruzar-lhe o caminho. Alguma brincadeira de 101.

— Eh, vê lá se me acertas!

Adrião continuou, abaixado, atravessando o silveirão. Mas teve de parar de novo. Pedras choviam de todos os lados, lançadas a toda a força! Adrião berrou de novo.

— Olha lá, se me acertas racho-te a «pinha»! Escusas de estar que não tenho medo!

E avançou alguns passos. Bruscamente, veio silvando pelo ar alguma coisa que, embatendo numa árvore, ficou a vibrar. Adrião espichou-se na ponta dos pés: no tronco da árvore, cravada, uma flexa de vareta de guarda-chuva, e furado na vareta um papal

branco. Adrião retirou o papel, e examinou-o. Tinha escrito em letras desordenadas: *Volta para trás! Se dás mais 3 passos em frente, serás varado pela flexa fatal.* E aquelas palavras estranhas estavam assinadas por uma mão ao natural, estampada em tinta vermelha. Tinha duas tíbias traçadas por baixo. Adrião riu-se. «Ora!» E deu um passo em frente. Mas logo estacou, sentindo zunir outra flexa. Também trazia um papel escrito assim: *2.º aviso da flexa fatal.* Olhou para todos os lados e, como não visse nada, arriscou o segundo passo. E desta vez outra vareta veio cravar-se a dois palmos do seu nariz. Nah, começava a inquietar-se. Ainda levantou um pé, ensaiando um passo. Mas aquele era o *terceiro passo!* Quem seria o homem das flexas? E decidiu voltar para trás. Foi andando, curvado por entre o silveirão e achou-se de novo na pequena clareira, onde era o túmulo de Mazalipatão. Mas, bruscamente, sem um ai, sentiu-se agarrado por detrás. Debateu-se, procurou escapar-se. Mas em breve estava por terra, estendido ao comprido, a mão de alguém tapando-lhe os olhos e a boca.

Teve realmente medo naquela ocasião. Sentia o nariz comprimido e não podia soltar um grito, nem ver ao menos a cara dos seus assaltantes. E num momento lhe passou pela cabeça, que o mesmo teria acontecido a 101 sem ele dar por isso. Não era de espantar. Tinha lido coisas semelhantes. Sentia ruídos de passos à sua volta. Era de esperar, mais dia menos

I L H A D O I D A

dia, uma coisa daquelas. Na vida de uma pessoa tem de acontecer «alguma coisa». Agora era aguentar.

Inesperadamente descobriram-lhe os olhos. E ouviu uma voz rouquejando: «Não grites, senão!...» Por um momento longo ele não pôde ver bem o que se passava. Levantaram-no do chão, mãos atadas com um lenço vermelho. E Adrião viu então, num espanto, uns tantos matulões do seu tamanho, mais ou menos. Não conheceu nenhum: todos encobriam parte do rosto com lenços vermelhos que, deixando os olhos a descoberto, caíam abaixo do queixo, como se fosse uma longa barba infernal. Na cabeça traziam gorras vascas puxadas à frente, sombreando os olhos. Ali estava o que lhe tinha acontecido!

Adrião correu a vista em redor. Não se sentia à vontade. «Quem seriam aqueles diabos de cara tapada?» Ele não sabia o que dizer. Procurou adivinhar os olhos de cada um. Parecia-lhe já ter visto alguns daqueles; ou teria lido nalgum romance? Ficou-se calado e, no entanto, desejava ter dito alguma coisa. Engoliu em seco. Sentia não sabia o quê pela goela abaixo, mas não era decerto o medo. Que era isso de medo? Ele não *podia* ter medo! Tinha decidido ser *mau* e havia de sê-lo! Era uma boa ocasião para fazer o «fácies». Começou por cerrar as sobranceiras, para dar a necessária expressão feroz aos olhos pardos. Logo fez força nas veias do pescoço para deitar chispas. «Se *elas* saíssem estava salvo!» Depois fez das tripas cora-

J O A Q U I M F E R R E R

ção e admirou-se de ter podido berrar com aquela força de ânimo:

— Quem são vocês? Se querem alguma coisa saltem pra qui, um por um! Mas primeiro tirem-me «as algemas»... E Adrião sentiu-se ganhar uma pouca de coragem ao dizer algemas. Aquela palavra fez-lhe crescer inesperadamente uma gana desesperada. Ele sabia que naquele instante arriscava a sua *vida*, mas paciência... Ele quisera aventuras. Pois ali as tinha! Nem havia precisado ir aos Sertões, ou às Pradarias, ou às desoladas Tundras. Não. Pois se as quisera ali as tinha! E, apesar de uns certos arrepios na espinha, tinha a forte convicção de *escapar daquela*...

— ‘Tão tiram ou não tiram cá isto dos pulsos!

E dizendo isto, rilhou os dentes, tentando libertar-se. Um dos mascarados aproximou-se e desamarrou-lhe as mãos. E ficou de guarda atrás dele. Mesmo na sua frente estava um altarrão e magro, que parecia o chefe, porque estava mesmo ao centro e fazia de quando em vez sinais aos outros. O altarrão falou numa voz rouca:

— Responde a todas as perguntas que te forem feitas... Lembra-te que estás nas mãos da Mão Fatal! Adrião estremeceu. O outro continuou martelando as palavras: Queres ou não queres entrar para a nossa Sociedade? Tu não mostraste medo e por isso te perguntamos: Queres ou não queres entrar para a Sociedade Tenebrosa da Mão Fatal? Responde!

I L H A D O I D A

Adrião sentia-se inquieto. Aquilo era um caso sério. Mas ainda bem que eles pensavam que ele não tivera medo. Por isso quis mais uma vez mostrar, que por ali não havia receio, nem medo nem nada que se parecesse! E respondeu, com a voz um pouco alterada:

— Quero! Mas logo se reprimiu, objetando: Mas pra que é que serve a Sociedade da Mão Fatal?

Do lado interveio uma voz fanhosa:

— ... Tenebrosa!

Adrião emendou:

— ... Tenebrosa da Mão Fatal.

Altarrão rouquejou:

— ... Serve para castigar os inimigos! Serve também para fazermos explorações, onde quer que seja preciso. E o nosso lema é: *Pra trás mija a burra!*

Adrião deu um salto. Mas aquele dito era de 101. Pois era, com toda a certeza! E Adrião relanceou mais uma vez aqueles seis mascarados. Ah, raios o partissem se aqueles olhos sombrios, atrevidos, não eram de 101. Raios o partissem!

Então 101 pertencia a uma coisa daquelas e nunca lhe tinha dito!? E então, completamente refeito e contente do seu golpe de vista, deu um passo em frente, exclamando alto e bom som:

— Quero, já disse!

A voz rouca do Altarrão fez-se ouvir de novo:

— Tu o disseste. Aproxima-te!

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião deu mais um passo em frente. Bruscamente, sentiu que lhe punham no rosto o lenço vermelho que lhe atara as mãos. Ainda esboçou um gesto de defesa, mas os seus olhos viam; e o lenço, como nos outros, pendia-lhe como se fora uma barba rubra. E Adrião esperou.

— Terás de fazer um juramento, que nenhum dos da Mão Fatal poderá quebrar. Aquele que o fizesse, ficaria sujeito às mais terríveis penas! Nunca te esqueças disto. Agora diz comigo, e põe a tua mão esquerda no tronco desta árvore sagrada: *Juro que, desde esta hora, pertença de corpo e alma à Mão Fatal! Juro sobre a Árvore Sagrada que nunca por nunca trairrei os Irmãos da Mão Fatal! Juro obedecer a ti, Grão Sectário!*

Adrião, cheio de emoção e solenidade, ia repetindo as palavras fatais, que o ligavam para a vida e para a morte àquela Seita. Ao mesmo tempo sentia vir-lhe do mais fundo do seu ser, uma emoção, uma satisfação, por poder enfim fazer *alguma coisa*. Era na sua vida a primeira oportunidade para mostrar, a ele mesmo e aos outros, quanto valia.

Altarrão fazia uns sinais cabalísticos por sobre a cabeça do iniciado. Depois, chegava lentamente as palmas das mãos abertas à Arvore Sagrada, e contornava o tronco, sem lhe tocar, como numa carícia. Logo trazia as mãos para Adrião, e o mesmo lhe fazia sobre a cabeça e sobre o rosto.

I L H A D O I D A

Disse por fim:

— Ainda não pertences completamente aos Irmãos da Mão Fatal. Vais agora sofrer as últimas provas.

Palavras não eram ditas, logo dois Irmãos alentados o agarraram violentamente. Encostaram-no ao tronco da Arvore.

— Prepara-te para sofrer em silêncio!

Logo Adrião sentiu picadas atrás, nas nádegas. Furtou-se do corpo àquela desagradável surpresa, mas dos seus lábios não saiu um grito.

— Pronto! gritou a voz. Agora a prova do fogo!

Adrião estremeceu. Sentiu perfeitamente os músculos das pernas prepararem-se para a fuga. E uma voz interior segredava-lhe ao ouvido: «Foge, foge que eles queimam-te!». Os seus olhos miraram à roda, mas só encontraram cinco olhares implacáveis, fixados nos seus. E atrás de si, estava ainda o carrasco das picadas. Agora, Adrião o viu na sua frente, ainda de alfinete na mão. Pregou-o na banda do casaco e sacou da algibeira uma caixa de fósforos. Acendeu um e chegou-lho ao nariz. Adrião espirrou. Sentia crescer um pânico dentro de si. Mas os seus pés não se descolaram daquele sítio. Estava ainda encostado à Arvore Sagrada, sentia o tronco nas suas costas, e sentiu que aquela árvore, por detrás de si, lhe dava ânimo para continuar a esperar. E esperou. Era *a prova de fogo!* O Irmão do fósforo aceso foi aproximando a mão fatídica do seu nariz, a pontos de ele já lhe sentir o calor. Adrião

J O A Q U I M F E R R E R

pestanejou, aflito. Mas não arredou pé. Sentia a Árvore Sagrada atrás de si!

Bruscamente, o Irmão do fósforo aceso, de um sopro inesperado, apagou o lume.

Adrião soltou um suspiro, aliviado. Estava salvo! Ensaiou mesmo um sorriso. Morreu-lhe nos lábios...

E que o Irmão do fósforo, abria de novo a caixinha, acendendo outro. Adrião sentia-se verdadeiramente aflito. Porém, um dos Irmãos juntava um montinho de gravetos e folheto seco. O do fósforo agachou-se e largou fogo.

— A Pira Sagrada! rosnou o Chefe com voz soturna.

Adrião soltou segundo suspiro de alívio. Não era consigo; era só a Pira Sagrada!

Mas, ai dele, o Irmão fortalhaço destacou-se da roda e veio direito a si. Agarrou-lhe a perna e rouquejou numa voz profunda:

— Alça!

Adrião levantou a perna. Afinal, a voz era parecida em todos eles! Aquilo era impressionante. Adrião supusera, a princípio, que a voz do Altarrão fosse mesmo aquela, rouca e cheia de ralas. Agora via que não, não era nenhum defeito de garganta do chefe. Era apenas mistério!

Mas, com estas divagações, perdera já quasi, durante dois segundos, a noção do perigo. Havia realmente perigo. E que o seu pé direito estava nu e a Pira estava perto. Fizeram-nos dar dois pulos ao solipé.

I L H A D O I D A

— Passa e repassa três vezes o teu pé impuro nas flamas da Pira Sagrada. Elas te purificarão!

A maneira como aquelas palavras eram ditas não admitia dúvidas. Adrião via as chamas altearem-se, rubras, temíveis. Se os Irmãos pudessem ter visto, nesse instante, a boca dele babando saliva por debaixo do lenço, decerto o teriam excluído da Tenebrosa. Mas não podiam ver, e Adrião aproveitou-se disso para ganhar «azeites». E ganhou. Passou o pé descalço, três vezes, para cá e para lá, entre as chamas da fogueira.

Ah, finalmente! E pela terceira vez suspirou.

— Calça a bota! mandou o Irmão fortalhaço.

Adrião calçou.

— Agora descalça a outra! ordenou a voz do Chefe.

Adrião empalideceu. A fogueira continuava a arder, numa fúria purificadora!

— Agora, põe o teu pé esquerdo no chão e jura comigo: *Pelo pé esquerdo purificado na terra e pelo pé direito purificado no fogo, juro até à consumação dos séculos. Juro! E pronuncio o grito, que para todo o sempre afugenta o inimigo: Pra trás mija a Burra! E prá frente é que é Lisboa!*

— ... Pra trás mija a burra! ouviu-se, como num eco, as vozes profundas dos Irmãos. E logo todos, num grito: E prá frente é que é Lisboa!

E então viu 101 destapar a cara. E viu, num espanto, Quadrado das Forças tirar o lenço encarnado.

Não conhecia mais nenhum.

O SUBTERRÂNEO

A Tenebrosa estava em marcha. Balão Cativo tinha sofrido menos mal as provas da Seita e ganhara o seu lugar entre os Irmãos. Só na prova do Fogo ele teria vacilado, se Adrião previamente o não tivesse exortado à dor e ao sangue-frio:

— Tens medo do fogo, Balão?

— Que me pelo!

— Então não podes entrar para a Tal Coisa. Tens que ficar de fora, Balão!

— Não me deixes de fora, Trinta e Um Galifão!

— Tens medo do fogo...

— Tenho.

— Ficas de fora!

— Mas eu... Olha, diz-me primeiro o que é a Tal Coisa?

— Não posso. Primeiro tens de passar na prova do Fogo.

— Pois sim, Trinta e Um. Mas não me queimem... Tu sabes, que eu, tirando o lume, sou um tipo danado! Sabes, Trinta e Um?

...

Dia a dia a Tenebrosa ganhava em força. Não só pelos elementos novos com que contava mas, sobretudo, com o treino aturado a que todos os seus membros estavam sujeitos diariamente.

I L H A D O I D A

Agora aquilo ia doutra maneira. Já não passavam as horas a descobrir e a olhar, a pensar no que haviam de fazer. 101 berrava, a cada passo: «Prá frente é que é Lisboa!» Mas não se passava disto. Balão Cativo era de opinião que se devia subir às árvores para treino.

— Mas pra quê Balão?

— Pra quê, ainda o perguntas? Pra toscar o inimigo ao longe!

E começou o treino de subir às árvores. Balão encostava-se ao tronco das árvores e fazia estribo das mãos terçadas. E por ali acima, daí a pouco, os Irmãos da Seita pareciam gatos.

Mas era preciso mais alguma coisa. E Adrião preocupava-se com essa «mais alguma coisa» que faltava. Era no entanto evidente que os Irmãos não se podiam limitar a «ver o inimigo ao longe». Evidente! E quando o inimigo estivesse perto?

— Porrada! gritava 101, mostrando o músculo.

— E quando o inimigo é forte, é de arromba?

Um dos mascarados exclamou:

— Foge-se!

Foi só o tempo de ver quem era o Irmão. Arrancaram-lhe o lenço da cara. Grão Sectário aproximou-se, num passo grave, e disse:

— Desde esta hora deixas de pertencer, para todo o sempre, aos Irmãos da Mão Fatal. Sai!

E puxando de repelão o lenço vermelho do Irmão Indigno, rasgou-lho na cara. E, enquanto ele se ia cabis-

baixo, o Irmão Quadrado fez a Pira Sagrada. O Irmão Trinta e Um lançou-lhe o fogo e Grão Sectário atirou às chamas a máscara do condenado. Depois cuspiram todos no fogo.

Sentaram-se à volta da Pira, que agitava línguas rubras, de onde se desprendia um cheiro de chamusco. Os olhos dos Irmãos, luzindo entre a gorra vasca e o lenço vermelho, fixavam-se no Fogo Sagrado. Meditavam uns minutos na sorte do Irmão Indigno. (Era assim, de Indigno, que tratavam todo o Irmão que merecera ser expulso). Finalmente, Grão Sectário levantou-se e fez sinal para quebrar o silêncio.

Irmão Trinta e Um propôs que «era número» o jogo da faca.

— Porque... os Irmãos compreendem, é preciso a gente defender a Mão Fatal dos *perigos* que a ameaçam.

Irmão 101, acrescentou:

— Prós perigos e prós que se meterem co'a gente. E sacando uma navalha do bolso, abriu-a com um estalido.

— Não, disse Trinta e Um. Eu acho que só prós perigos! pelo menos aqui...

— Aqui, aonde? perguntou o Grão Sectário.

— Sim, queria eu dizer... que só se deve atirar a faca *lá fora*...

— Lá fora, aonde?

— Nas Expedições! Na África, na floresta virgem, no Sertão, nos selvagens...

I L H A D O I D A

E ficou então assente, que o jogo da faca só seria empregado Lá Fora, ou então Cá Dentro contra os Perigos.

Daí a pouco estavam reunidos em volta da Grande Palmeira. Começaram imediatamente o treino do «jogo da faca», lançando as navalhas abertas ao tronco carcomido da enorme tamareira. E, enquanto isso, outros Irmãos trepavam, como onça, pelos troncos das árvores. E daí foi chamado aos Irmãos, especializados no «amarinhanço», os Irmãos Onças, enquanto aos outros da faca, os Irmãos do Punhal. O Grão Sectário criou para Balão Cativo uma nova categoria — a dos Irmãos Couraçados, de que ele era o único dignitário.

Trinta e Um ingressou nos Irmãos do Punhal porque tinha resolvido ser mau. E aquela era a melhor maneira de cumprir a sua decisão. Jogava a navalha e, entretanto, ia-se exercitando no «fácies». Mas ele não desdenhava do treino dos Irmãos Onças. Gostava de ver o inimigo aproximar-se, e então subia às árvores.

As navalhas, jogadas com raiva, ficavam-se a vibrar, espetadas na palmeira. Quando passavam as raparigas bonitas (e elas o eram quási todas!) eles lançavam as navalhas com mais gana. E elas, sacudindo a cabeleira, passavam ligeiras. Por assim dizer, nunca ficavam espantadas!

Um dos Irmãos, entendido naquelas coisas, afirmava então que as mulheres são assim: «veem sem olhar!» E definia numa frase:

— É que o amor é secreto!

J O A Q U I M F E R R E R

Trinta e Um, então, aperfeiçoava-se cada dia no jogo da faca. Ele sabia que «as mulheres veem sem olhar»...

Com as últimas chuvas afundara-se um pedaço de terreno, numa rua desviada, dentro do Parque. E ficara uma bocarra negra, onde se engolfava o vento. Grão Sectário reuniu os Irmãos e expôs-lhes os perigos do empreendimento. Irmão Trinta e Um defendeu calorosamente aquela ideia da Expedição Subterrânea. 101 ofereceu-se, ele mesmo, ir à frente, de mangas arregaçadas para o que desse e viesse. Que não se importava: se morresse, morria! Grão Sectário, à frente dos seus, acercou-se da boca do túnel e gritou numa voz rouca:

— Pra trás mija a Burra!

E logo os Irmãos todos berraram:

— Pra trás mija a Burra!

Desceram todos. Só o Irmão Couraçado não coube no buraco. E triste, ficou à entrada.

— Ficas de guarda, disse Grão Sectário. Se notares alguma coisa suspeita dás o grito à onça.

Lá em baixo, fazia um escuro dos infernos. Grão Sectário, à frente, levava na mão uma vela acesa, que mal quebrava as trevas. O ar pesado e húmido era tumular.

— Parece um cemitério!... exclamou um dos Irmãos, num sopro.

I L H A D O I D A

— Um cemitério não é tão estreito, falou Grão Sectário.

— É verdade. Mas se fosse mais largo, olha que era!

Emudeceram. Caminhavam uns atrás dos outros, e, de quando em vez, voltavam os olhos para trás, num suspiro, vendo sumir-se ao longe a última réstia de luz do dia. Só se ouviam, agora, os passos ressoando estranhamente, sob as abóbadas de cantaria.

Era uma galeria estreita, mas onde cabia perfeitamente um homem de pé. Do lado esquerdo, em baixo, abria-se uma caleira de pedra, onde corria um veio de água. Quadrado meteu-lhe a mão e viu que era água pura, gelada. Trinta e Um rasgava papelinhos brancos, que ia deixando pelo caminho. Já iam bem metidos, por ali dentro quando, à direita, toparam uma abertura em ogiva. Pararam todos atrás do Grão Sectário que, de pirilampo na mão erguida, examinava aquele golfão escuro.

Grão Sectário falou:

— Se a gente vai sempre a direito deixamos este ramal para trás — o que é perigoso! Se a gente mete pelo ramal, deixamos o resto do túnel — o que também não é menos perigoso. Temos que decidir!

Um dos Irmãos ergueu a mão devagar e coçou a nuca.

— Hum! fez outro Irmão preocupado.

— Eu cá não volto para trás! exclamou 101, passando a mão pelo tabaqueiro vermelho a fazer de barba.

J O A Q U I M F E R R E R

— E quem disse isso! tornou Grão Sectário, quasi exaltado.

Trinta e Um meteu um dedo por debaixo da máscara e expos a sua ideia:

— Lembrei-me de uma. Parte-se o perigo ao meio. Somos seis: três pra cada lado!

E assim foi. Despediram-se dando o grito de guerra e foram três para cada lado. Trinta e Um comandava os do ramal, enquanto Grão Sectário lá ia à frente dos outros. Tinham dividido a vela ao meio mas, como não havia mais papel transparente, Irmão Trinta e Um seguiu, pondo a mão à frente da chama vacilante. Felizmente que no ramal não havia corrente de ar forte como no túnel principal. Marchavam com redobradas precauções porque a mão de Trinta e Um a fazer de quebra-vento, impediu a luz de bem alumiar à frente. Andaram uns bons cinquenta passos, sem dar palavra. O Irmão Albino, que vinha na retaguarda, exclamou:

— Vocês não acham que faz aqui um silêncio danado?

— É, respondeu Trinta e Um.

— E a gente quando é que pára? perguntou Quadrado.

— É verdade, meteu Albino, quando é que a gente volta pra *trás*?

Trinta e Um disse:

— Não te preocupes. Vai rasgando os papéis e cala o bico.

I L H A D O I D A

E todos se calaram. A certa altura depararam com um banco de pedra, colocado numa reentrância.

— Um banco!

— Eu cá sento-me! exclamou Albino acomodando-se. Ó c'um raio, está langonhento, exclamou, erguendo-se de um salto. Parece lombo de enguia. Pôssa!

Trinta e Um aproximou a luz e viram então que o encosto do banco estava forrado de azulejos azuis e amarelos, representando cenas de caça.

— Que bicho esquisito! exclamou Trinta e Um.

Irmão Albino deu um pincho.

— Aonde, gritou, aonde?!

— Aqui, fez Trinta e Um, apontando uma espécie de cão, agarrado aos quartos traseiros de um veado.

— Rai's partam o azulejo! exclamou o Albino ainda com a voz alterada.

E recommçaram a marcha. Mas aqui havia um veio de ar gelado, que sacudia perigosamente a chama. Tiveram de fazer um invólucro com um pedaço do papel dos sinais.

Albino exclamou:

— Quando é que a gente volta?

— Temos tempo! respondeu Trinta e Um.

E deram mais uns passos.

Subitamente, ouviu-se um rumor estranho, como que o marulhar das vagas. E logo tudo caiu em silêncio.

— Paremos aqui. Eu já não posso mais! Vocês ouviram? E Albino estacou.

J O A Q U I M F E R R E R

— Estás mas é a ouvir a tua cabeça...

— Não sei, não me sinto bem... do estômago, cá por dentro...

— Podes ficar, disse Trinta e Um. Eu e o Quadrado vamos em frente.

Quadrado levou a mão ao lenço, que lhe pendia do queixo.

— Mas... se o Albino está mal... do estômago... xixa! eu fico também com ele, pá. E olha que isto não é cagaço!

— Quem é aqui o chefe!? gritou Trinta e Um. Vamos e vamos todos! Pra trás mija a burra!

Mas os dois Irmãos não corresponderam ao grito de guerra. Trinta e Um, irritado, deu uns passos em frente, a vela bem ao alto, para enxergar o caminho. De novo, se ouvia o ruído de há pouco, ao longe. Parecia vir das profundas da terra. E um vento mais frio soprou. A chama da vela saltou dentro do papel.

Trinta e Um, olhando para trás, viu apenas duas sombras humanas carregando mais ainda a escuridão. Ele sentia o seu coração pulsar. Puxou um pouco a máscara, a fim de ver melhor. Por cima da sua cabeça correu uma sombra, agitando o ar gelado. Ele abaixou-se alvoroçado... O seu pé pisou alguma coisa mole que sentiu debater-se. Subiu-lhe um arrepio, desequilibrou-se e foi com as mãos à frente que deslizaram ao longo da parede viscosa. Caiu desamparado, metendo as mãos num lodo pegajoso. Soltou um grito abafado,

enquanto a luz se perdia na escuridão espessa. Os outros dois não reprimiram um grito de aflição e tudo caiu nas trevas profundas.

Adrião levantou-se, sentindo correr um frio na espinha. Recuou dois, três passos e pareceu-lhe ouvir, ali perto, uma respiração ofegante. Estacou. Atirou as mãos à frente protegendo o corpo. A sua garganta cerrou-se, abafando um grito. Rouquejou dentro de si: «Pra trás mija a Burra»... E aquelas palavras saíram-lhe entrecortadas cá fora. Teve medo de se ouvir a si mesmo. E, bruscamente, embateu em dois corpos cerrados um contra o outro, a tremer. Aquele espetáculo da fraqueza alheia deu-lhe um pouco de ânimo e conduzindo os dois companheiros, foram-se arrastando, às cegas, parando, estremecendo a cada passo.

Até que lhes soprou nas caras o ar corrente do grande túnel, e, ao longe, avistaram um feixe de luz do dia. Correram aos tropeções. Cá fora, estavam os outros Irmãos aguardando, ansiosos. Albino caiu redondo, à boca do subterrâneo. Arrancaram-lhe o lenço vermelho. O seu rosto tinha a palidez da morte.

Balão aproximou-se e, apontando com o dedo, interrogou em voz soturna:

— Esticou?

Todos se entreolharam. Quadrado disse:

— Não tinha razão para isso...

— Qual quê! exclamou 101. Nisto de aventuras não me espanta... Estica-se e pronto!

J O A Q U I M F E R R E R

— Clarósqué! fez Quadrado. Alguma seta envenenada... pelas traseiras...

Adrião abanava a cabeça, sem saber o que pensar.

Mas, nesse instante, Irmão Albino mexeu de um olho e logo depois do outro. Disse numa voz fraca, olhando à roda:

— Mas... mas onde estou eu?

— Não te chateies, pá. Estás aqui ao pé da gente.

— Mas olha lá, disse Balão apreensivo, tu sentes bater o coração? Vê lá bem!? ...

AO GABINETE

— Senhor 47, o senhor Diretor manda-o chamar ao Gabinete.

Balão Cativo perdeu a cor. Ficou pregado no lugar, incapaz de se mover. Fazia só uns lentos gestos indecisos com os seus braços gordos, e não tirava uns olhos arregalados de cima do Prefeito Libânio.

— Então, senhor 47, parece que não ouviu, parece imbecil.

— Sim, senhor Prefeito... já... já vou...

E Balão Cativo ergueu-se pesadamente. A sua passagem ia abalando bancos e carteiras. Vozes diziam-lhe de um lado e de outro:

— Estás lixado Balão! Mas o que é que tu fizeste?

I L H A D O I D A

— Eu... eu... nada! Macacos me mordam... me mordam... grunhia Balão, com a voz entarame-lada.

Lá de cima do seu palanque o Prefeito gritou:

— Senhor 47, que palavra é que proferiu?

— Nada, senhor Prefeito.

— Mente! Eu ouvi distintamente.

— *Nada*, senhor Prefeito. Disse que não tinha feito nada. Nada mal, senhor Prefeito...

— Mente! O senhor falou em macacos?!

Balão no meio da sala extática, gaguejou:

— Foi... foi... sem querer, senhor Prefeito. Eu... eu... mas foi contra mim...

— Senhor 47, por ter feito comentários descabidos, durante a hora de estudo, ficará de joelhos à volta do Gabinete... e logo também, no estudo da noite.

— Sim... sim senhor Prefeito... eu... eu fico tudo...

E saiu.

Foi marchando pelo corredor fora. Desceu as escadas. Atravessou o Recreio e foi meditando naquilo que o esperava. Estaria Pad Lopes detrás da porta? Possível. E logo lhe deitaria a gadanha. Sentia-se desgraçado, perdido. Que teria ele feito para o chamarem ao Gabinete? Examinava a sua consciência mas nada achava de suspeito. Só se... só se... Afinal, a consciência é coisa muito mais vasta do que se pode imaginar. Não era, concerteza, descendo as esca-

J O A Q U I M F E R R E R

das, atravessando o Recreio, entrando no Gabinete, que se poderia, eficazmente, remexer todos os mil covis secretos da consciência...

Deixá-lo. Abandonava-se à sua sorte. E, deixando tombar ambos os braços, entrou, como um sonâmbulo gordo, no Gabinete...

Cá em cima, no Estudo, todos olhavam uns para os outros, interrogativamente. É claro, não havia dúvidas! Balão Cativo nunca recebia visitas da família, portanto, só a *última alternativa* era de prever. Mas o tempo do estudo passou e Balão Cativo não voltava. A cada ruído se erguiam as cabeças, fixando-se na porta, esperando ver surgir Balão Cativo cambaleante.

Começou a hora do recreio e só já quasi no fim apareceu Balão com um ar aniquilado. Um grupo rodeou-o.

— Quantas, Balão?

— Nenhuma.

— Quê?!

— Desta vez não... não houve porrada. A voz de Balão estava entristecida. Fazia mal ouvi-la. Ele disse ainda: não me perguntem mais nada. Foi... foi... o meu padrinho que esteve cá...

— Chegou-te?

— Não me perguntem mais nada. Não me tocou, nada não. O meu pai perdeu dinheiro num negócio...

I L H A D O I D A

E agora vou sair do quarto: vou mudar hoje para a Camarata...

Balão estava sucumbido. Ia descer do seu quarto à Camarata. Havia muitos que lá estavam, nas Camaratas, mas esses nunca tinham estado num quarto, sobretudo num quarto bom, dos caros, como era o de Balão Cativo...

Todos se afastaram e Balão ficou sozinho, encostado ao muro, a meditar.

MULHERES E DINHEIRO

Adrião tinha subido ao quarto de Cocas. Começavam a falar no que tinha sucedido a Balão, quando entrou porta dentro, o Pina Basófia. Vinha comendo qualquer coisa que de quando em vez levava à boca. Nem os olhou. Atirou-se sobre uma cama. Disse, sem levantar os olhos do que comia:

— Estes tipos são burros, e depois queixam-se...

— Quem, ó Basófia?

— Ora quem... Estes tipos, que se metem em negócios, e depois vão parar ao cagarão...

— O quê?! O pai... o pai do Balão está preso?

— Se não está, não tarda...

E o Pina fazia render o peixe, falando sem dar atenção aos seus dois ouvintes. Depois, aos poucos, foi aquecendo o interesse dos outros dois. Engoliu o

J O A Q U I M F E R R E R

último bocado e, então, semicerrando os olhos, tomando um ar superior, prosseguiu:

— O caso foi que os jornais até já trazem o retrato do fabiano...

— O retrato?! Mas como sabes? Tu viste?

— Mesmo que visse, não conhecia... Foi o Badalo que. ouviu tudo e contou-me. Sabes que ele conta-me sempre tudo. Ele tem consideração por mim. Desfaz-se em salamaleques quando cá vem o meu pai; e o Pad também. Eles sabem quem eu sou!

— Conta lá mas é o principal.

— Ah, o Balão... O Badalo diz que ouviu o padrinho estar a dizer ao Pad, que o Balão tinha de passar para uma Camarata, e que teria de cortar nas despesas, porque o pai dele estava mal de finanças, depois de um negócio infeliz. Vocês estão a ver — ó Virosclas!... Isto de negócio infeliz... não pega, porque o Pad, que é de Olhão, atirou-lhe logo que estava muito bem, que tinha até *visto nos jornais*... E o padrinho, vai então, disse-lhe logo que não acreditasse nos jornais, que são uns mentirosos, que só lhes interessa difamar criaturas honestas para aumentar as vendas, e etecetera por aqui adiante. Vocês estão a toscar a coisa... heim? O fabiano disse tudo isto dos jornais, é porque os jornais as cantavam bonitas!

— Coitado!...

— Coitado de quem?

— Do Balão. Não tem culpa nenhuma.

I L H A D O I D A

Adrião disse aquilo, verdadeiramente comovido. Que poderia ele para salvar o seu amigo?

O Pina tirou do bolso mais uns tantos amendoins e foi-os tasquinhando. E, enquanto trincava, foi dizendo:

— São burros, estes gajos. Eu cá nunca metia dinheiro em negócios. Qual negócios!

— Em que é que o metias então?

— Em quê? Em papéis de crédito...

— Que é isso? quis saber Adrião.

O Pina pigarreou, afinando a garganta, como sempre fazia, quando queria dar importância às suas explicações.

— Papéis?... São papéis que valem tanto ou mais do que dinheiro. Valem mais porque, de vez em quando, sobem e lá vem uma cabazada de carcanhóis. É assim. Eu cá, só em papéis, ou então joguinho na Bolsa, joguinho chinês...

— Bolsa... Mas que é isso de bolsa?

— É como faz o meu irmão, que anda em Lisboa, em Direito: já joga lindamente! A Bolsa também é uma espécie de papéis: compram-se quando estão por baixo e depois vendem-se quando eles sobem. É limpinho!

— Tu nunca jogaste?

— Por enquanto, não. Mas tenho jogado na lotaria...

— E já te saiu a taluda?

J O A Q U I M F E R R E R

— Nem por isso... por enquanto...

— E se te saísse? Pra que querias tu esse dinheirame bruto?...

— Pra quê? Pró gozo! É preciso gozar a vidiinha. Mulheres e automóveis, é cá a minha ideia. Vocês são uns anjos!

— E a tua Leonor... casas com ela?

— Eu?! Essa não é pra casar: é só pró gozo. Hei de casar, mas ainda não sei com quem. Lá a famelga quer que eu dê o nó com uma prima, mas eu acho que ela é picada das bexigas... — ó bexigas! Mas caso com uma e arranjo outra por fora, pró gozo... Assim é que é. Estes gajos não percebem nada!... Pois com'ê que é!? com'ê que é!?...

DÚVIDAS

Aquele Pina era, na verdade, assombroso. Tinha ideias fantásticas.

— Não, não, eu já ouvi dizer que ó bom ter mais do que uma mulher...

— Ao mesmo tempo? perguntou Adrião, duvidoso.

— Clarósqué! respondeu o Pico. Olha, lembras-te do pai do Trinca Espinhas, que tinha duas?

— Ah! Mas ainda assim ele acabou por deixar a primeira e ficou só com a outra. Não percebo pra que

I L H A D O I D A

é que são precisas duas ao mesmo tempo... Palavra d'honra!

— Pois há muitos que as têm. E no Japão e na Arábia os homens casam com umas poucas...

— É verdade! Nem me lembrava. Ah! mas espera: esses são polígamos e nós não...

— Pois sim, diz que não. Se calhar a gente também o é!...

Na verdade, a vida era complicada. Que tanta coisa misteriosa! Que tanta coisa escondida! Adrião quasi desesperava de algum dia saber a verdade toda. Que ele já sabia muito, era facto, mas quanto lhe faltaria ainda para saber *tudo*?

Seríamos, realmente, também polígamos? Estava em crer que não, pelo menos nunca de tal duvidara até há poucos momentos. Mas agora... sabia-se lá...

Contudo, ele... ele seria polígamo? Era de quebrar a cabeça! Durante toda a sua vida, sempre ouvira dizer que não senhor, não era, nem podia ser: porque era contra a lei, contra a religião. Como podia duvidar de que o não fosse? A não ser...

... Seria ele polígamo? Não há dúvida: muitas vezes, já tinha gostado de mais do que uma, ao mesmo tempo... Era verdade! Mas não, aquilo não era ainda casamento. Pois não, isso não era. Mas se lhe dessem a escolher, qual teria ele escolhido? Qual? Nenhuma das duas concerteza. Escolheria ambas a um tempo!

J O A Q U I M F E R R E R

Contudo, ainda não era casar! «— Pois não, mas não era por culpa dele...» Mas casaria com as duas, contra a religião, contra a lei? «— Não podia responder a uma coisa dessas. Talvez, talvez casasse... se não houvesse cadeias, nem inferno!»... Talvez casasse... talvez...

FOLHAS SECAS...

Seu Tio Mariano tinha-lhe dito:

— Toma este envelope: tem o que precisas para chegares ao teu destino: compra bilhete de 3.^a em Lisboa, e segue.

E seu Tio não teve nem mais uma palavra de adeus. O navio apitou três vezes e levantaram a prancha. Havia milhares de lenços acenando. Se não eram milhares, parecia. Só a figura de seu Tio Mariano permanecia ali especada e tesa como um pau, sem um gesto. Josefo Mendo Mariano ainda levantou um braço da amurada do navio. Mas deixou-o cair, desconsoado. Depois, o navio foi apressando a marcha e já se não via mais do que lenços, como asas brancas, agitando-se ao longe. Em breve, a sua Ilha era um ponto marcando a negro o círculo azul do horizonte. Custava-lhe acreditar que a sua Ilha fosse aquilo!

Era a altura de mirar o navio. Era como todos que tinha já visto, acostados ao cais. Homens e

I L H A D O I D A

mulheres, todos vestidos de branco. O barco vinha dos distantes e atraentes países da América do Sul. Mas, Josefo só pensava na *sua* Europa. O sonho exótico das suas noites era a Europa!

E o dia findou, quando as gaivotas de voo claro começaram alargando para o horizonte.

À noite deram-lhe uma cama de rede, pendurada sobre uma outra, onde estava sentado um homem. Era um homem enfiado num fato branco, muito amarrotado e encardido, que lhe tombava no corpo, como a pele esmaecida nas faces. Quando Josefo entrou no beliche, o homem ergueu uns olhos sombrios e profundos, que pareciam arder em febres. Josefo estremeceu. Deu um passo atrás, pensando ter-se enganado no beliche. Mas o homem não fez caso, baixou de novo a cabeça entre as mãos, e ficou por largo tempo a meditar. Josefo entrou e deitou-se. De quando em quando espi-chava a cabeça fora da sua cama. O homem lá estava, sem um movimento, em baixo, sentado na beira da cama, de mãos nas fronteiras.

— «Tem um tio, concerteza!» pensou Josefo, E deixou-se dormir.

...

... Ao longe, parecia que a terra caminhava para o barco, e que se abria para o receber. Abria-se em margens formosas, onde dançavam mulheres seminuas, que faziam gestos ondulantes e se curvavam à passagem do navio. Parecia-lhe ver, entre as bailadeiras, um

J O A Q U I M F E R R E R

corpo conhecido, contorcendo-se em danças. Depois, olhando-lhe o rosto, viu que era Rosa Maria. «...Vem meu branco!»

... Era no fim da tarde, quente e luminosa, quando a noite cai de repente. Era no fim de Agosto, quando as longas calmarias se prolongam sem esperança. Os coqueiros, esguios e balouçantes, há muito que vegetavam hirtos, sem um meneio de aragem. Suas palmas tombadas, sem forças, sofriam em silêncio. O chão, cor de ocre, exalava no ar vibrações sufocantes. Vegetações morriam, tisonadas pelo fogo dos sóis...

... Bois amarelos, grandes, arrastavam a pele bamba sobre os ossos. Era Cabo Verde, e há muitos meses que no céu, nem uma nuvem. A fome subia aos montes, matava os gados, descia aos vales, secava as fontes. Pela beira dos caminhos caíam corpos queimados da fome e do sol. E no céu, implacável, não surgia uma nuvem!

Pela encosta do Monte baixava um mar humano. As cintilações escaldantes envolviam os corpos quásinus. Vinham baixando. Bocas num desespero arrancavam a casca das árvores do caminho. E alguns tombavam aos pés das árvores, as bocas em sangue, esgotados daquele derradeiro arranco.

A cidade, ao longe, era uma esperança. Homens, mulheres e crianças viviam para aquela esperança.

Abaixo das Pedras Nuas o horizonte abria-se numa largueza imensa. A multidão especou. Ao fundo, mos-

I L H A D O I D A

trava-se o mar, o mar vivo e marulhante. E a multidão, cheia de sede, extasiou o espírito naquelas águas. Depois, foi quási numa corrida que alcançaram as portas da Cidade. Foi um suspiro imenso de mil peitos!

Três dias e três noites ali ficaram em contemplação, esperando a certeza de viver. E, à noite, miravam as luzes da Cidade, por entre as cintilações de uma sebe de baionetas...

Grandes tonéis de água saíam da Cidade para o acampamento. Homens desvairados caíam sobre as enormes pipas de água e batiam desesperadamente com os punhos nas aduelas. Mulheres e crianças tombavam de joelhos e, não mais podendo esperar, colavam as bocas encortiçadas na umidade das pipas. E sugavam a madeira até cair de inanição.

Depois, ao terceiro dia, viram-se correr das bandas da Brava uns farrapos alaranjados. E foram crescendo, correndo, inchando, cobrindo a Ilha de um manto cor de chumbo. Um vento fresco agita os palmeirais, que parecem reviver, esbracejando e gemendo. No céu rola uma nuvem enorme, prenhe, arrastando no bojo a abundância. Na terra ergue-se um clamor. Cânticos roufenhos vão levados ao vento, entram na Cidade, arrastam curiosos. Josefo Mendo Mariano mais o Carmino correm atrás de um carro de água para o acampamento. Ladainhas cristãs reboam sob os palmeirais. Velhas negras estendem os braços sem carne, clamando pelas águas do céu. Mulatos famintos, que há mais de

J O A Q U I M F E R R E R

duas gerações aportaram do Continente, revivem agora antigos rituais, danças de feitiço, que jaziam no sangue, adormecidas. O velho Malaquias, de carapinha branca, pôs um rabo de palmeira e do barro amassado no cuspido de sete mulheres, vinca as faces de vermelhos laivos. Sai ao terreiro e, no meio de cem cristãos de batismo, rompe a dança de feiticeiro, que seu pai trouxera dos Mafulos.

Logo à sua volta, rompe um rodopio de corpos desnudados, linhas coleantes, seios estremecentes...

Josefo Mendo fica-se espantado a contemplar de sob um cajueiro, aquele velho negro, possuído de um demónio kibanda. Rosa Maria é neta mulata de Malaquias, e o seu corpo jovem passa e perpassa num rodopio. Vem ofegante encostar-se ao cajueiro. Os seus dentes claros brilham, num sorriso. E Josefo viu aquele sorriso, a boca húmida, os seios rompendo, meio nus. Ele tirou do bolso paus de chocolate e duas nozes de kola. Ela tomou-lhas, sorrindo...

No terreiro, a dança esmoreceu. Já o rabo de palma tombou, e pela face velha de Malaquias vai escorrendo o barro da pintura.

A fresca aragem de bom agoiro cresce do mar e os braços da multidão frenética erguem-se, esconjuram os espíritos, para que venham as águas do céu. E os sons cavos do batuque se desprendem da própria noite, embriagando os corpos desnudos...

I L H A D O I D A

Rosa Maria entra no palmeiral de olhos baixos.

— «Não, não meu branco...»

E nunca Josefo Mendo se sentiu tão branco, como naquela noite fresca, em que Rosa Maria lhe ensinou a amar, num leito de folhas secas...

EUROPA!

O dia era claro, o ar salino. Ele olhava em frente, direção à Europa, onde devia abrir-se a terra em duas margens verdes e formosas. Sentia-se feliz porque ia pisar a terra dos seus maiores. Sentia-se feliz porque essa terra era longe de seu Tio Mariano. E sentia-se feliz porque era branco! «Não, meu branco, não...»

O país de Dom Mendo! A Europa! O Tejo!

Aquele barco enorme era já uma pequena Europa. Ali era tudo Civilização! Os criados, passageiros, tripulantes — eram, como ele, todos brancos. Aquilo era já a Europa! E Josefo olhava as outras duas classes. Acolá, na 2.^a e 1.^a classes, era ainda mais Europa: o pessoal era ainda mais branco. E ele não mais se sentiu bem naquela 3.^a classe, imprópria da sua cor e do seu sangue, do mais nobre sangue dos navegantes!

... Outrora, há muitos séculos, outrora uma nau de velas pandas abordara às praias da sua Ilha, e deixara desterrado o Senhor Dom Mendo Mendes, e, com o Senhor Dom Mendo ficara também o seu escudeiro fiel, Pero Pais. Desde então, por muitos anos e muitos

J O A Q U I M F E R R E R

séculos, foi correndo nas veias das gerações aquele sangue nobre do Fidalgo Dom Mendo Mendes e do sangue, também nobre, do seu escudeiro Pero Pais. Foi assim que tudo acontecera e assim mesmo as pessoas antigas o contavam, naquela Ilha, aos homens desde meninos...

Era pela noite quando o navio chegou. Josefo sentiu o navio parar. Correu à vigia redonda e viu no escuro da noite tantas estrelas como jamais vira em sua vida. As luzes da Europa estavam ali, cintilando na sua frente.

Sentiu um desejo, uma ânsia de saltar do barco e entrar nas ruas da Cidade, nas ruas da Cidade grande que o esperavam. E ficou, por largo tempo, contemplando o sonho da sua adolescência. E assim adormeceu, até que se fez manhã.

Lisboa era imensa! Nas suas ruas e avenidas formigava mais gente do que existia, concerteza, em toda a sua Ilha! Ninguém reparava nele, que seguia aturdido no meio daquele mar humano. Segundo as recomendações de seu Tio, dirigiu-se a um homem fardado, que fazia sinais com um pau branco. Este lhe indicou um outro que o conduziu por entre a multidão a um buraco redondo, num imenso casarão, onde lhe deram, em troca de muito dinheiro, um bilhete de 3.^a classe para Coimbra.

E agora ali estava, encostado a um canto, num pátio quadrado, acimentado, sobre o qual havia um

I L H A D O I D A

quadrado maior de céu azul. A grande tamareira, espedada no meio do Recreio, fez-lhe lembrar a sua terra, o seu Tio Mariano e Rosa Maria...

Estava finalmente na Europa. Mas como era triste a sua Europa, delimitada por aqueles muros altos, como de uma prisão! Onde estaria o País de Dom Mendo?

Ele viu um grupo que o contemplava. E Josefo ouviu numa linguagem dura:

— Quem é aquele tipo?

— Quem, o *escarumba*?

— Eh, vamos a ele!

E Josefo, enquanto ia sofrendo as tropelias da praxe, dava tratos à imaginação para interpretar aquelas palavras. «Que queria dizer *escarumba*?»...

Então a Europa era *aquilo*? Tratavam-no como um selvagem! Sentia refterver no fundo do bolso a sua navalha de ponta e mola. Seu Tio enganara-o, metendo-o naquela prisão de loucos! E o seu ódio cresceu mais ainda contra o homem que estava lá longe, numa Ilha onde o sol queima.

14 ANOS

Afinal chegaram os 14 anos — e nada. Nem nada se passara!

E ele não podia negar que sofrera uma certa decepção. Tinha estado todo o santo dia à espera do

J O A Q U I M F E R R E R

dia seguinte. Acreditava, ainda que só fosse uma crença vaga, que naquele dia se daria *qualquer coisa* nele.

Amanheceu. Ouviu as palmas do Prefeito e saltou da cama. Não se lembrou logo que era esse o dia! Foi só quando ia já descendo a escada debaixo de forma. Parou um pouco, perturbando a forma. Mas foi só o tempo de parar um pouco. E lá foi indo ao mata-bicho.

Foi-se uma parte do dia e ele esquecera-se de que esperava alguma coisa de notável. Depois lembrou-se outra vez, já perto da noite. «Ainda podia acontecer»... Porque ele, afinal, não sabia ao certo a que horas do dia ou da noite tinha nascido.

Chegou a hora de ir à deita. Tinha comprado, lá fora, uns 15 tostões de rebuçados de coco para celebrar. Há já uma boa meia hora que estava deitado e ainda nada tinha acontecido. Então foi tirando rebuçados debaixo da travesseira. Ia-os chupando um por um. «A não ser, a não ser... que a *coisa* já tivesse acontecido, durante o dia, sem ele dar por isso»... Tudo era possível nestas coisas de mistérios! Sim porque, afinal, que esperava ele senão um mistério?

E quando ia aí pelo meio-dia, fazendo a revisão do dia, pesaram-lhe as pálpebras e adormeceu!

No dia seguinte acordou ao som das palmas. E pensou: «Só se é nos 15 anos!»

Um tanto desapontado resolveu esperar mais um ano.

Dias depois dava-se, de facto, um acontecimento que se tivesse acontecido dois dias antes, é porque

seria talvez o mistério! Mas deu-se o caso de acontecer dois dias depois...

Adrião tinha vindo ao corredor espairecer, muito longe de supor coisa assim.

Ela era lindíssima. Adrião estacou, pregado no meio do corredor. Ela entrou da rua e logo a seguir, trazendo uma maleta de mão, nada mais nada menos do que Pad Lopes! Seria a filha de Pad Lopes? Depois, ainda nesse mesmo dia, se soube que era a filha do sr. Diretor, mas ninguém ousara supor que ela tivesse uma cara *diferente* do senhor Diretor. E ela tinha, na verdade, uma cara diferente! Adrião viu bem que ela era diferente. Tão diferente que ele ficou ali. especado, no meio do corredor!

— Anda, entra minha filha. Por aqui, filha...

Pad Lopes nem parecia o mesmo. Estava, na verdade, transfigurado. Sorriu-se mesmo para Adrião, e talvez nem mesmo pensasse que ele era apenas o Trinta e Um. Adrião viu-os entrar para a sala de visitas.

Desembocou no Recreio e foi meditar para debaixo da tamareira. Balão veio convidá-lo para «uma coquinada», mas ele nem lhe deu resposta. Depois veio 101 chamá-lo para a macaca. Em seguida apareceu Filósofo: vinha só para lhe mostrar uns cálculos sobre os satélites do Marte. Tinham que adiar a viagem, enquanto não estudasse bem os satélites...

J O A Q U I M F E R R E R

Mas Adrião pediu a todos que lhe «desamparassem a loja».

— Que mosca te mordeu? perguntou 101.

— Não foi mosca.

— Ah, não?

— Não!

Balão Cativo também queria saber porque é que ele estava *assim*...

— Como é que eu estou? Não estou nada! Nem assim, nem assado!

Filósofo, com o papel dos cálculos na mão e o chumaço da bússola a ver-se por fora da algibeira, perguntou desoladamente:

— Então tu já não queres ir?

— Ir aonde?

— Lá cima... ao Marte ... Já sei a distância...

— Este gajo, exclamou 101 olhando-o desconfiado — este gajo é doido!

Filósofo desandou, abanando a cabeça. Balão abanou também a sua; depois falou:

— Diz lá ‘tão!...

— Hum... vocês não a conhecem...

— Quem, que é que a gente não conhece?

— Alguma gaja? fez 101.

— Anh, *não*... É a filha... oh! vocês nunca a viram!...

— A filha de quem? A filha de quem, pá? Desembucha!

I L H A D O I D A

— A filha de Pad Lopes!...

— O quê, a filha dele?

Foi um assombro. 101 chamou-lhe vários nomes feios e disse que ela «tinha de ser um estupor com as ventas tal qual do Pai».

— Aí te enganas tu! É a mais linda... a mais linda...

— De duas uma, berrou 101: ou ela é um estupor e é filha do Pad, ou ela é bonita e não é filha do gajo!

Balão Cativo sugeriu que «talvez no tempo em que ele a arranjou... talvez o Pad ainda não fosse um grandessíssimo filho da mãe!»...

— E tu gostas dela? tornou Balão. Olha lá, como é ela?

Mas Adrião só sabia dizer que ela era a mais linda que ele tinha visto!

— Mas gostas dela? insistiu Balão.

101 estava muito sério, com as suas melenas negras tombadas sobre os olhos. Adrião, palpitante, respondeu:

— Não sei...

— Nem podes gostar! exclamou 101, descarregando-lhe o punho num ombro. Ela é a filha do Grande Gajo!

Adrião estava, na verdade, inquieto com aquela má vontade. E disse então:

— Não, se calhar ela não é filha do Tipo... Ela é bonita demais!...

— Bem me queria parecer, disse Balão seriamente.

A CARTA

Durante alguns dias Adrião tornou a vê-la de fugida. A hora do recreio isolava-se nalgum recanto e engolfava-se em imaginações. Revia aquela figura gentil, no despontar da adolescência. Vivia nele uma saborosa melancolia, que o afastava dos outros. Não sabia como era o nome dela, mas pareceu-lhe ter ouvido alguma coisa como Lilás ou Lilá. De resto o nome, que importância tinha? — se ele sabia a cor dos cabelos, dos olhos, do rosto, do vestido, das meias, dos sapatos... Às vezes, tateava na sua própria mão: e parecia-lhe achar os cabelos dela, sedosos, macios como espuma... não sabia talvez a cor dos olhos dela, mas parecia-lhe ter visto uma luz verde, como se fora o brilho de uma esmeralda, como a de um anel que sua mãe lhe punha no dedo, outrora, em dias de festa.

Sob todos os pretextos conseguia autorização do Prefeito vigilante para ir um pouco ao corredor. Algumas vezes deitara a cabeça pela porta da sala entreaberta. Nunca a vira sorrir, mas parecia-lhe que ela já o olhara «de uma forma especial»... Tinha forçosamente de haver uma maneira de olhar especial, que, *naqueles casos*, era concerteza diferente dos outros. E ele tinha alegrias súbitas, e crises de mudo desespero. Se olhava as suas pernas nuas, sentia-se diminuído, insignificante, miserável quási, dentro dos seus calções.

Ah, desesperava-se. Havia de conquistar as suas calças compridas! Como poderia ela aceitá-lo para namorado, ele, de joelhos nus, de peúga presa com umas ligas de elástico branco, feitas em casa! Ele queria — e havia de tê-las! — umas ligas de gente estreme, das boas, à homem, das compradas!

Ouvira dizer que ela voltaria, em breve, para um Colégio, onde estava interna. Ele procurou saber onde era esse Colégio, mas nada conseguiu. Tinha de se contentar em vê-la de quando em quando; e, sem nada poder fazer, tinha de esperar que ela, mais dia menos dia, partisse de vez. Sabia-se que Pad Lopes era divorciado e, portanto, era provável que ela viesse raras vezes. E Adrião insurgiu-se contra o divórcio!

Entretanto escrevera para Rampagodos reclamando mais uma vez umas calças compridas. E não só umas calças à homem, mas também uma camisa de colarinho onde pudesse meter uma gravata a sério. Havia de ser uma gravata às pintinhas, ou então às riscas verdes, encarnadas e amarelas, como uma que tinha Serafim Leitão.

Já sabia mais ou menos como se escrevia uma carta de amor. Mas queria uma coisa perfeita. E lembrou-se então que o Pina Basófia tinha um livro onde vinha todo o preciso nessas circunstâncias. Era chamado «As cem mais lindas Cartas de Amor» e trazia na capa dois corações floridos, e não muito longe uma espécie de Menino Jesus, absolutamente nu, que sorridente e

J O A Q U I M F E R R E R

armado de arco e flexa se entretinha no tiro ao alvo. Adrião não sabia bem o que aquilo fosse, mas sabia que o amor, segundo bons autores, era uma espécie de flexa cravada no coração de cada um. Mas era uma flexa de ferro ideal e assim não lhe custava a acreditar que também tinha uma flexa no seu coração. O que não havia dúvida nenhuma é que ele parecia bêbado, se por acaso a encontrava no corredor. Sentia um pouco tudo à roda e ficava com as pernas de algodão. E então, desde que pensara dirigir-se a ela e confessar-lhe que a amava — desde então era como se fosse um criminoso com o seu plano, ao passar em frente de polícia fardado.

Certa ocasião em que Lilá se encontrava sozinha na sala, sentada ao pé do piano, Adrião viu-a por entre a porta entreaberta e quis-lhe sorrir, mas só lhe saiu um esgar. Logo depois, quando ia outra vez no corredor, passou perto dela, a menos de dois passos. Dois passos que ele lhe apetecera caminhar para ali dizer-lhe tudo. Mas calou-se e seguiu. Depois, olhou para trás e viu-a ali parada folheando uma revista. Mas não havia dúvida de que ela estava como que enleada, esperando...

Porém, ele, sentindo os joelhos nus, não se atreveu. E nem sequer tinha gravata ao pescoço, de pintas ou às riscas, como a do Serafim Leitão...

E também de que lhe valia se tivesse tudo isso? Por acaso seria ele capaz de falar? Sabia bem que não. Da sua garganta convulsa não sairia um único

I L H A D O I D A

som, quanto mais um som de amor! Sim, porque o amor também tem a sua linguagem. E ela devia sabê-lo...

Adrião foi-se dali, miserável, acabrunhado, revoltado contra a desgraça latente que sentia existir dentro de si. Subiu ao seu quarto e meteu-se aninhado entre a cama e a parede. Puxou de um papel e fez o rascunho, apurando o mais possível a sua desajeitada caligrafia. Ah, agora é que ele via a falta, a desgraçada falta que fazia não ter uma letra como a do caixeiro da Loja Nova de Crispim. Mas paciência, não tinha, não tinha!

E depois de muito procurar achou a carta que lhe convinha. Copiou:

Minha Senhora.

Desde o momento em que os meus olhos a viram, o meu coração ficou preso de ternura. E sempre que a via o meu coração pulsava com mais e mais ansiedade. Assim foram passando os dias e os meses... (Não, tinha de tirar os «meses»; porque a verdade é que só há poucos dias a encontrara).

... Assim foram passando os dias, sem que eu ousasse escrever ao ente dos meus pensamentos mais puros. E eu deixava passar os dias, porque queria que esta afeição fosse já só puro amor. Esse dia chegou, minha senhora, e agora deponho em suas mãos esta missiva onde confesso o meu grande amor.

Adrião leu e releu este pedaço. Achou que era da mais pura expressão amorosa. E afinal aquilo era tudo

J O A Q U I M F E R R E R

verdade! Mas não seria ainda suficiente. Folheou umas páginas para encontrar mais um pouco de prosa. Afinal ele mesmo teve uma ideia. E escreveu:

... *Não faça desesperar este coração que só palpita por si!*

Depois, procurou criar uma assinatura original, que fosse tão clara que pudesse perceber o seu nome completo, mas ao mesmo tempo tão esquisita que ninguém a pudesse imitar: — «por causa das fraudes» pensou.

Nessa tarde pediu a um externo que lhe comprasse uma carta «das bonitas».

— Das bonitas?

— Sim, pá. E Adrião, baixando a voz, murmurou-lhe ao ouvido: Uma carta para declaração...

— Ah! fez o outro, piscando o olho. Quem é a fabiana?

— Não *posso* dizer! Compras ou não compras?

ITE MISSA EST

— Ite Missa est!

Os fiéis erguiam-se lentamente, persignando-se. O Sacristão no altar-mor, arrumava o volumoso missal. Balão Cativo, cá ao fundo da Igreja, ao pé do maciço guarda-vento, erguia todo o seu peso num longo ah! de satisfação. E passando a mão pelos joelhos nus, desenfiava do enorme portal barroco, sorvendo ruidosa-

I L H A D O I D A

mente o ar fresco da manhã. Logo atrás desembestava pelo escadório abaixo, a figura magra e nervosa de 101, até embater no bojo rebolante de Balão Cativo.

Balão ampliava o seu volume considerável, enchendo-se de ar, arfando, aflito ainda daquele cheiro a incenso e do ar morno, abafadiço, da Igreja.

— Ora porque há de a religião abafar a gente! Ih! que calor!

Adrião, tomado de uma ânsia de horizontes, voava do crepúsculo da nave para o sol claro do largo. Depois, o resto da população de S. Caetano. Depois ainda, a turba escura do povo, baixando recolhidamente à praça pública.

Todos três pararam a contar as aventuras daquela missa. 101 contou que tinha gasto as ataxas todas nas saias das beatas...

— Eu não, disse Adrião.

— Porquê? ainda andas com essa mania da penitência?!

— Oh, isso já lá vai! Não foi nada por causa da penitência: foi porque eu vi a cara da que estava ajoelhada à minha frente...

— Que é que tinha? Uma beata de mantilha preta à cabeça...

— Pois sim, mas eu vi-lhe a cara...

— Mas o que é que tinha a cara?

—Ai pá, era linda!... E tinha um ar triste... Não lhe preguei o vestido...

J O A Q U I M F E R R E R

— És trouxe: Eu cá não vou nesses futebóis!... Foram andando a caminho do almoço. No domingo próximo tinham de comungar. Padre Encarnação procedia aos últimos preparativos, durante a semana que entrava. Muitos iam comungar pela primeira vez.

101 disse bruscamente:

— Sabem, isto de santos não dá nada. E 101 fez tilintar a medalha do Padre Santo António que sua mãe lhe tinha posto ao pescoço, por causa da furunculose e das más tentações. Vocês ouvem-na? qual-quer dia vai fora!

— Eh, não faças isso! exclamou Balão. Isso serve no fim do ano.

— Qual quê, e o ano passado um chumbo ao Padre Encarnação!... E este ano um 7 a Matemática e um 9 a Química, sem falar no 4 a Desenho... Ora pevide! Já não vou mais no vigário!

— É porque tu não a trazias ao pescoço, lembrou Balão.

— Cebo! já disse. Trazia-a!

OS LOBAS

Anginho reunia todos os rapazes. Depois, com dois dedos entre os beiços, lançou um estridente assobio. O Prefeito Anginho usava sempre daquele assobio para reunir os rapazes. Usava-o desde quando guardara cabras na sua aldeia da Serra. E agora, pouco a

I L H A D O I D A

pouco, fazia estudos por sua conta. Queria ser astrónomo. Foi também desde os seus tempos de pastor que lhe ficara aquele gosto pelo céu e pelos astros, que ele contemplava do cimo da serra.

Ao domingo iam mais depressa por causa da fome criada na missa. Ao almoço havia bife com dois ovos e batatas fritas. O famoso bife, sobre cuja dureza se tinham forjado mil anedotas. Só Pad Lopes as teria mais numerosas.

Adrião, nos primeiros tempos do Colégio, nem podia vê-los. Enojava-o aquela carne, vinda não se sabia de onde. E todos os começos de ano era o mesmo: levavam-se os novatos a ver o recheio do Teatro Anatómico. E, perante aquela visão, afirmava-se que os bifes provinham dali mesmo. As janelas da Morgue eram enormes e tinham no alto uns respiradores, onde cabia à vontade a cabeça de um vivo. Era ali que os *revelhos*, cobiçosos do bife, atraíam os *lorpas* chegados da «Pasmalândia». E eles viam então estendidos sobre as mesas frias de mármore, os cadáveres esquartejados e roxos, pálidos, enegrecidos, vertendo líquidos nauseabundos para os baldes em volta das mesas.

Adrião recordava-se bem daquelas visões horríveis, que lhe fizeram vomitar qualquer espécie de carne durante semanas. Aquele cheiro horrendo da podridão e desinfetantes ficara-lhe para sempre gravado nas ventas. «Como era feia a morte! Como era feia a morte!»

J O A Q U I M F E R R E R

Costumavam ser no fim da missa aquelas visitas à Morgue. Logo a seguir era o almoço do domingo: e os *lôbas* esperavam a hora de comer os pedaços de carne dura e córnea que os enjoados abandonavam. Quadrado das Forças era dos maiores Lôbas de S. Caetano!

O mundo perdera muito da sua beleza, desde o dia em que pela primeira vez enfiara a cabeça num respiradouro da Morgue. Aqueles baldes enormes de folha-zincada, aparando líquidos pestíferos; apareciam-lhe sempre associados à ideia da morte. Ganhara horror pelos baldes e não tocava em nenhum, que não lavasse depois as mãos em três ou quatro águas, e as raspasse com um pedaço de tijolo, à falta de melhor. Mas, afinal, o tijolo era o melhor, porque o tijolo transmitia às suas mãos pálidas a cor da vida, a cor do sol, do fogo, da polpa dos frutos maduros! E ele tinha uma ternura antiga pela cor e forma de um tijolo, quando rola e rebola nas águas do Rio de Rampagodos...

Hoje, mais uma vez, não comeria o bife da ordem, não já por causa dos mortos, mas porque os seus dentes não entravam naquela rijeza de couro. E desse modo matava dois coelhos de uma cajadada: não comia o bife indigesto e «comprava» umas tantas bolachas de sobremesa. Mas era preciso olho vivo e mão lesta para aquela operação de escamotear o bife, nas barbas de Palito Macho. Ai se ele percebesse! Mas não, Adrião já tinha a prática e a mão ligeira. Quadrado,

I L H A D O I D A

do fundo da mesa, piscava-lhe o olho. Era o recordar do *contrato*.

Algumas vezes, em férias, a mamã lembrava-se de perguntar:

— Então que tal te dás tu no Colégio? Eu sempre disse que era um Colégio muito bom... Mas tu estás magro!... Não comes, porquê? Não tens vontade?

Contudo Adrião não se atrevia a contar como, vezes sem conto, aquelas três enormes colheradas obrigatórias que Palito Macho, implacavelmente, lhe entornava no prato, iam intactas para dentro do seu lenço de assoar. Aquilo ia já num movimento natural. Sacava do lenço, puxava ruidosamente do nariz e pronto: cuspiu dentro do lenço uma enorme bocada daquele arroz emassarocado, ou desse macarrão crónico, viscoso. E não raras vezes, quando um só lenço não chegava, iam mesmo dois ou três. Depois, à noite, tinha de os lavar com água e sabão no seu lavatório do quarto. A princípio isso o enojara, a ponto de lhe causar engulhos. Agora, porém, já o fazia quasi alegremente. Quem por mais de uma vez avistara os mortos da Morgue, também se habitua a lavar lenços, mesmo quando o macarrão viscoso é pior do que ranho!

E a muitas outras coisas ele se fora habituando. Tão desajeitado se supunha e, no entanto, fora capaz de pregar botões, remendar as peúgas, engraxar as botas. Quantas e quantas vezes, que não tinha graxa, ou quando a tinha e não estava para abrir a caixa

J O A Q U I M F E R R E R

perra, — cuspiu fortemente na escova, e era o bastante: ficavam as botas reluzentes, como saídas da melhor engraxadoria! Adrião supunha que aquele fenómeno, de engraxar sem graxa, era devido à tinta perene que as escovas já trazem, quando se compram. Pirisca era da mesma opinião.

SEXO FRACO

Adrião palpou no fundo do bolso dos calções a carta, a famosa carta do seu amor, puída e amarrotada. Ele nunca achara coragem, perto *dela*, e só longe dela se sentia corajoso. Resmungava então contra os seus calções, como sendo os grandes culpados da sua indecisão.

Mas, não podia esquecê-la! Aparecia-lhe em sonhos e mesmo de uma vez, num desses sonhos, ela aproximara os seus lábios dos dele e beijara-o. Ele sentiu então uma extraordinária emoção, sentindo todo o seu corpo vibrar. Acordou, sobressaltado, e tateou exaltado no seu leito, procurando outro corpo. Mas o seu leito estava vazio e isso tranquilizou-o, calmando um pouco o bater doido do seu coração. Era, na verdade, ali, no coração, a fonte de todo o amor. Sonhava ainda, acordado... Sentia-se agora mergulhar numa quebreira, uma calma exaltada que ele já conhecia... E, involuntariamente, as suas mãos inquietas sentiram um frio molhado no lençol...

I L H A D O I D A

Outras noites via entreabrirem-se os lábios dela, cor de cereja e húmidos, e eles encontravam a sua boca esfomeada. E Adrião enfraquecido, a cabeça esvaída, ansiava ter para si, só para si aquela *mulher* cuja recordação o incendiava. E combinava no seu espirito mil maneiras de a obter, mesmo pela força, mesmo raptando-a noite adiante e fugindo com ela desmaiada nos seus braços...

Lia, lia, devorava livro após livro, e exaltava-se nos lances de ternura ou de violência. Sentia a leitura de tal modo que as lágrimas ou a cólera o empolgavam arrebatando-o do mundo que o cercava. O sangue fervia-lhe no amor ou na aventura e não poucas vezes pensava quebrar de vez as grades da sua prisão.

Foi por esse tempo que principiaram as suas grandes aventuras interiores, as suas audácias que o arrasavam a «dar cabo de alguma coisa».

Agora eram já mais raras as lutas entre monárquicos e republicanos: essas batalhas em que se dividiam por ódios e combates as duas facções de S. Caetano. Na sua cabeça havia algumas cicatrizes a que chamavam «políticas». Adrião coçou uma dessas, que lhe traçava a testa obliquamente. Eram já mais raras aquelas lutas, desde que os mais fogosos cabecilhas haviam entrado para a Mão Fatal. Era ali agora que queimavam os ardores do sangue quente, perse-

J O A Q U I M F E R R E R

guindo um inimigo invisível, correndo perigos de Imaginação. Mas era tudo aquilo tão real, o Inimigo e os perigos, que isso bastava para desencadear terríveis tempestades nos seus nervos vibrantes. Eles tomavam redutos sombrios e conquistavam alguns olhares de raparigas, que passavam, quando eles jogavam a faca, de olhos incendiados. Adrião tinha proposto que a Seita defendesse os Fracos e Oprimidos, onde quer que estivessem, em qualquer parte do Mundo! E a Seita incluiu esse dever no seu código. 101 quis que se tomasse a defesa das Mulheres. E Adrião corroborou logo essa ideia, dizendo:

— Elas são o sexo fraco!

E a Seita tomou esta sentença entre as suas máximas. Apesar disso, Adrião sentia que na verdade elas eram mais *fortes* do que ele mesmo, porque ele sofria por elas e porque todo ele tremia perante elas.

Porém, isso não bastava mais. As suas revoltas iam tomando vulto fora e dentro deles. Já não era só contra Pad Lopes, era também mais alto que visavam as suas audácias. Pad Lopes era já pequeno demais para sozinho aterrorizar. Eles sabiam que mesmo antes do Magalhães, houvera outros de bigode que tinham feito «ver» a Pad Lopes. E agora sentiam por debaixo do nariz um buço, quasi um bigode a despontar. Adrião comprazia-se em passar-lhe o dedo, tantas vezes ao dia, quantas achava necessárias para seu governo. Só lamentava que *ele* não

I L H A D O I D A

fosse duro e áspero, mesmo agressivo, em lugar de ser macio e brando como a penugem dos braços de Lilá...

À ESPERA...

Mais um domingo e mais missa.

— Sabes que isto de religião já me chala! E 101, arrancando a medalha do pescoço, largou-a no fundo do bolso.

— Não a tires! bradou Balão, aflito.

— O quê, pensas que eu cá tenho medo?!

— Podes-te lixar!

Balão Cativo rebolava os olhinhos pequenos, fora d'órbitas, como se houvesse perigo iminente.

— Eu, disse Adrião, eu também já tirei os santos daqui! E virando a banda do casaco, mostrou-a vazia de medalhas.

— O quê, também tu! exclamou Balão num espanto. E apontando para o céu: Lá de cima podem dar cabo de ti! Ele pode deixar-te cair em cima algum perigo!...

101 continuou sem o atender:

— Eu quero cá saber: o Padre Encarnação ferrou-me outro oito a Latim. E o santo? e o santo? — anh? valeu-me de alguma coisa?... Anda, diz lá tu, valeu-me?!... Tirei-o! E hoje na missa só preguei saias. Quero lá saber de rezas, quero lá saber de nada!

J O A Q U I M F E R R E R

E 101 gritava assim mesmo, de braços no ar, no meio da rua. Balão, menos vermelho que de costume, pediu-lhe só que falasse, ao menos, mais baixo. E pensava que aquela voz exaltada pudesse irritar a Deus.

Adrião parou um instante e puxou-lhe pela banda do casaco. 101 parou também, contendo aquela exaltação. Adrião disse, quási cochichando:

— Eu também... Eu cá já não rezo há umas poucas de missas... nem à noite, ao deitar...

— Tu?!

— Porque só pensas na Lilás, disse 101 já acalorado.

— Tu?! repetiu Balão, alarmado. E porque é que só hoje o disseste?

— Sim, acrescentou 101. Porque é que não disseste há mais tempo? Podias ter dito, xiça! Anda prá'qui um gajo sem saber de nada!...

— Não disse... não disse... porque estava à espera... E Adrião baixou mais ainda a voz: É porque dizem que Deus castiga... e eu estou à espera: sempre quero ver se é verdade ou não... Foi por isso que não vos disse. Agora sempre quero ver... Estou à espera...

E ele estremeceu a estas suas palavras. Nunca dissera as coisas tão claramente, quando as dizia na intimidade da sua consciência. Eram sempre palavras silenciosas, clandestinas. Agora não: dissera tudo da sua própria voz. Ouvira-se ele mesmo falar, dizer

I L H A D O I D A

coisas tremendas! Ele estava à espera... Mas sentia-se estremecer naquela expectativa. Que iria Deus fazer?...

Olhava para o alto, procurando surpreender «alguma coisa», por entre as nuvens impassíveis...

Estava à espera... Sacrificava-se por aquela experiência. Sempre queria ver...

DESAPARECIDO

Mais umas férias da Páscoa tinham corrido. Começavam a chegar ao Colégio os retardatários. Já tinham chegado mesmo o Trinta e Nove dos Touros e o Pina Basófia que eram sempre os últimos.

Adrião deu uma sonora palmada no largo costado do Balão Cativo que agachado, andava a jogar o croque.

— Eh! seu bruto!

— Estás gordo, Balão.

— Uma gaita! Deixa-me cá acabar isto... O que é que queres? Um croque? é pra já!...

— Não, olha lá...

Entretanto Balão dava uma tremenda coquinada na bola de Kaga-do-óculo. Adrião pôs um pé a tapar um buraco do croque. E prosseguiu:

— Espera aí Balão: olha lá, porque é que o 101 ainda não veio?

— E eu sei cá?

J O A Q U I M F E R R E R

— Tu és lá da terra dele...

— Perto. No comboio não no vi. Não sei!

O Kaga-do-óculo resmungou:

— Ora pá, não se perde nada. Se o gajo não voltasse eu deitava três foguetes...

Kaga-do-óculo não podia esquecer que devia a alcunha a um muquenco de 101. Adrião lembrou-lho. Kaga-do-óculo escarrou no chão e calçou.

— Isto fazia-lhe eu! rosnou. E tu, não me estejas cá a chamar Kaga-do-óculo, anh!?

Três dias passaram sem que houvesse novas de 101.

— É boa!

De repelão entraram quarto adentro o Quadrado das Forças mais o Balão Cativo. Quadrado trazia na mão um pedaço de jornal. Pô-lo em cima da cama, onde o Pina lia um Sherlock Holmes, de barriga para baixo.

— Eh, vejam aqui!

Adrião deu um pulo sobre o jornal. Entretanto entrava cansado o Carochinho.

— Fui eu que o vi primeiro, estava na retrete e conheci-o logo...

Todos a um tempo se debruçaram sobre o pedaço de papel. E logo reconheceram o retrato de 101.

— Matou alguém? perguntou o Pina franzindo o beijo.

I L H A D O I D A

Leram o título: *Desaparecido*. Adrião tomou o papel e foi lendo pausadamente, numa voz um tanto alterada:

Há sete dias que desapareceu de uma carruagem do comboio de Pinhel para Coimbra, onde seguia, o menor Joaquim Alberto Saa. Só ontem a família soube do sucedido porque não tendo recebido carta nenhuma do menor Joaquim Alberto recebeu então comunicação do Diretor de um Colégio na Cidade de Coimbra, onde o referido menor já devia ter chegado. A família desconhece o paradeiro de Joaquim Alberto e pede a todas as pessoas que lho indiquem, se por acaso ele for reconhecido. O menor Joaquim A. de Saa

tem os seguintes sinais: Uma pequena cicatriz na fonte esquerda, bem como outra que lhe corta o lábio inferior; tem olhos e cabelos escuros levemente ondulados e tem uma voz áspera e um tanto sacudida. Veste casaco cor de pinhão e calções da mesma cor; usa sapatos amarelos com sola de borracha virgem e levava peúgas de azul forte. Tem 14 anos feitos e é alto e bastante magro. A família aflita pede a todas as pessoas que em qualquer parte o reconheçam deem imediato conhecimento à polícia onde já foi dada participação.

Olharam uns para os outros. 101. Era 101. Que teria sido feito de 101? Era um número que lhes não saía da cabeça. E aquela palavra *Polícia*? Andava a polícia metida no caso! A polícia!

O Pina deu um estalo com a língua...

— E agora? disse Balão.

J O A Q U I M F E R R E R

O Pina deu um estalo entre os dedos.

— Hum... eu cá me queria parecer...

Todos fixaram o Pina, como se ele só lhes pudesse dizer alguma coisa. E o Pina deu outro estalo com a língua.

— ... Pois é. Não há dúvida nenhuma: aquela insistência nas cicatrizes... Hum! E não sei se vocês toscaram aquela maneira de falar em Polícia?... É *duplamente* suspeito...

Adrião levantou a cabeça:

— Não sejas burro! Ora lê aqui: A família *aflita*... Só depois é que fala em Polícia...

— Pois é, eu é que sou burro, mas eu é que tenho razão... Isso de *família aflita* é para disfarçar. O verdadeiro *móbil* está por detrás disto!

E o Pina bateu com o dedo na frase.

— Mas então o que foi? perguntou Balão, depois de muito pensar.

— Deixem falar o Pina, mandou Carochó.

— Ora bem: isto o que é preciso é fazer uma *interpretação* e depois uma *dedução*... Eu inclino-me para um *caso sinistro*!...

— *Sinistro*, sim! sussurrou Carochó em voz cava.

— Nada mais simples: eu ainda não posso *pronunciar-me em definitivo* sobre este caso. Primeiro, preciso estudar os elementos que houver, e só depois darei a minha última palavra...

I L H A D O I D A

Quadrado das Forças descarregou um dos seus habituais murros no alto da cabeça do Pina, exclamando:

— Ora vai-te catar co'as investigações. O gajo caiu aí nalgum túnel, e pronto. Ora aí está!

O Pina, meio grogue, berrou:

— Eu já disse: não te admito que me toques num cabelo!

— Num cabelo, não; eu quando toco é de escacha!

— Essa coisa de murros há de acabar mal! Tu ainda não sabes quem eu sou!...

— És um Pina da linhaça do rei Wamba!

— Sou com muita honra! E o Pina deu uma palmada no peito.

No fim de uma aula estavam de novo reunidos, num canto do Recreio. Já o Colégio em peso sabia do sucedido. Alguns eram da opinião do Pina: que sim senhor, ali havia crime... ou praticado por 101 ou contra o 101. O Pina tinha querido ouvir da própria boca de Carochinho em que circunstâncias tinha ele achado o pedaço de jornal. E Carochinho explicou, carregando as cores. É que Carochinho era de opinião que havia crime, fosse lá de que maneira fosse!

— Isso não interessa. O que houve é crime, e isso é o principal! O Pina já está a *deduzir*: levou o jornal para *pesquisar*...

Quadrado das Forças tornou a repetir que aquilo tinha sido nalgum túnel...

J O A Q U I M F E R R E R

— Vjjjt! — e caiu à linha.

— Eu acho que foi isso mesmo, concordou Balão Cativo. O que ele está é quási morto no túnel... De repente deu um grito: Eh! e se a gente fosse pedir ao Diretor: íamos todos pela linha fora até darmos com *ele*?...

— Com o *corpo*... insistiu o Pina em voz surda.

MARAVILHA

Adrião não sabia o que pensar. Isso de ir pela linha fora agradava-lhe. Mas não podia conformar-se com a ideia de ir em busca de *um corpo*. Não, ele havia de procurar, mas sim o próprio 101. Ele dava tudo para *ver* como num conto das mil e uma noites...

Mas não podia acreditar que o seu grande amigo 101, fosse apenas um *corpo*... Ou que fosse tampouco um foragido à polícia. 101, se matasse, era apenas índios, selvagens, nalguma expedição...

Ah, era mais fácil admitir que o 101 estava, àquela hora, no centro da Austrália, ou no deserto de Gobi, do que ser apenas um *corpo*, aí nalgum túnel da linha da Beira Alta. Com efeito, 101 não é menino que morra na Beira Alta!

... Ahhh! Adrião pôs a mão pálida na testa. Descontraiu pouco a pouco as linhas do rosto, que ele trazia preocupadas, desde aquela manhã.

Ah! porque lhe não viera aquela ideia há mais tempo? Era tão claro: 101 fugira, sim, mas não à

I L H A D O I D A

Polícia. Não havia ali crime nenhum! 101 fora apenas em cata de aventuras!...

Adrião chamou os outros. Reuniram-se à sua volta. Mas não, ele não podia revelar a todos o velho plano de expedição ao rio Amazonas e muitos outros rios. 101 fora-se. Onde estaria ele agora, a sete dias de distância?... Quem sabe se teria já embarcado nalgum navio em Lisboa, ou no Porto? Ou mesmo, quem sabe? nalgum barco à vela, na Figueira, aqueles grandes navios brancos, que vão para a Gronelândia e aos bancos da Terra Nova...

Sete Dias!

Podia ir já no alto mar! Podia já ter chegado à Ásia, África, América e Oceânia, se tivesse ido a bordo de algum avião. Podia já ter chegado a alguma Ilha desconhecida! Em que maravilha tinha virado 101?! Em que maravilha?...

O BISPO NEGRO

Nunca pudera habituar-se àquela gente. Detestava o seu Tio, mas não detestava menos aqueles muros onde vivia amarrado. Nunca pudera olhar a direito Pad Lopes. Odiava-o talvez mais do que a seu Tio, porque ao menos na sua terra andava à solta, corria, fugia, nadava nas águas perigosas da Baía. Na sua terra havia palmeiras de onde pendiam grossos cachos de fruta, e ele trepava aos troncos das palmeiras colhendo

J O A Q U I M F E R R E R

a fruta dos cachos. E na sua terra estava Rosa Maria que o levara aos palmeirais, naquela noite morna. Detestava menos seu Tio do que a Pad Lopes!

Ali, tratavam-no como um selvagem! Ali, não tinha ninguém por ele! Todos o perseguiram. Todos tinham culpa. Todos lhe armavam esparrelas desconhecidas na sua terra, onde caía miseravelmente. Até mesmo Banzana lhe lançava uns olhos onde se podia sentir a ironia. Banzana, o negro Banzana! Banzana, que ele odiava às vezes ainda mais do que ao próprio Diretor! Fervia-lhe o sangue de ver aquele negro mandinga tratá-lo por tu, como se tivessem nascido ambos na mesma tabanca. Ele odiava todos, todos, os brancos e os negros, Tios, e Diretores, Colégios e Europas!... Havia de se vingar!

Metia-se consigo mesmo, isolava-se pelos cantos, apertando no fundo do bolso a sua navalha de ponta e mola. Outro dia, por pouco, não abria a barriga ao Quadrado das Forças. Aquele Quadrado que se divertia descarregando-lhe murros no alto da cabeça, ou, pegando-lhe no pulso, dava-lhe um tremendo esticão no braço, um esticão horrível que parecia uma descarga elétrica. E o seu corpo todo, encolhia-se a gemer, estremecendo em convulsões. Odiava-o! Era natural que mais dia, menos dia, o liquidasse.

Os outros mal lhe falavam. Mas ele sabia porque eles lhe não davam fala. Ele tinha dito a todos quem era Dom Mendo. E todos lhe tinham cuspidado uma

I L H A D O I D A

gargalhada na face. Todos o tratavam de «escarumba», como se ele, Josefo Mendo, fosse qualquer Banzana selvagem.

Mas, ai! pouco a pouco foi-se mergulhando naquela ideia que eles tinham feito surgir na sua cabeça. Sentia os seus lábios grossos, grossos como se fossem inchados. Quando se isolava no seu canto, e à noite na cama, ao escuro, ou durante as aulas, ou enquanto estudava, ou quando passeava na forma, todo o dia, a todas as horas, passava a sua mão fina, escura, na sua cabeça. Então, sentia horrorizado que o seu cabelo não era liso como o de *toda a gente*. Sentia que na sua cabeça havia uma carapinha!

Tinha 15 anos e não sabia como, em tantos anos, jamais dera por isso! Foi preciso a Europa revelar-lho. Incluía no seu ódio a Europa! E Josefo, o Bispo Negro, como lhe chamavam, não podia avistar a cabeça de Banzana.

De longe, reparava em Filósofo, que, sem olhar, ninguém, andava também pelos cantos, isolando-se da multidão, olhando para o céu vazio. Raras vezes o via falar com alguém. Parecia triste e parecia conversar só com os seus papéis, cheios de uma linguagem misteriosa. Josefo tentou, algumas vezes, aproximar-se de Filósofo. Mas quando lhe via a cor azul dos olhos, ou a cabeleira quási branca, manchada de amarelo, macia como a seda, ele recuava para o seu canto e dali via ressaltar ainda melhor a cor alvíssima da sua pele. Ah

J O A Q U I M F E R R E R

quanto daria por ter assim uma pele, e uns olhos e uns cabelos: ao menos não poderia ninguém confundi-lo!

Afinal, desejaria ele a pele, os cabelos, os olhos de Filósofo?

Mas ele odiava-os também! Não sabia mesmo o que queria. Não sabia, não. Apenas sabia que tinha de sair daquela prisão, que tinha de se afastar de uma vez para sempre. Quem poderia valer-lhe? Ele não sabia de ninguém que lhe desse a mão. Ele, só no mundo, podia contar apenas consigo mesmo.

Não, talvez amaranhasse, por aquela vez, o seu ódio antigo ao Tio Mariano...

E Josefo escreveu-lhe. Escreveu-lhe contando, secamente, toda a raiva que lhe ia no coração, contra todos, contra o Colégio, e sobretudo contra Pad Lopes. Ele sabia as palavras que o Tio Mariano empregava em tais ocasiões. Pois na sua carta iam escritas todas as palavras, as mais ásperas, as mais odiosas que sabia.

No dia seguinte já todos sabiam por que estava o Bispo Negro de cama, na enfermaria. Viram passar todo o dia o Dr. Moreira, para a Enfermaria. E foram injeções, compressas, toalhas de água fria, que Badalo transportava para aquele quarto branco.

Soubera-se, então, como tudo se passara. Pad Lopes caçara a carta, a terrível carta de acusação. Recebera-a das mãos de Palito Macho que lha entregara, murmurando apenas:

— Veja senhor Diretor...

I L H A D O I D A

Pad Lopes abriu-a devagar, desdobrou-a, correu-lhe a vista em cima. Logo parou, sacudido. E recomeçou desde a primeira linha até a última, inchando-lhe logo as cordas do pescoço, alastrando-lhe as manchas vermelhas nos olhos. Só disse:

— Tragam-mo!

O Prefeito esperava só aquela ordem. Saiu. Voltou em poucos minutos, trazendo pegado pela gola do casaco Josefo Mendo Mariano.

Pad Lopes num instante empolgou-o. Deitou-lhe uma garra à ombreira do casaco e sacudiu-o violentamente. Chapou-lhe a carta no nariz.

— Diga, diga, ande, diga — quem escreveu isto?! Quem foi? diga! diga!! diga!!!

Nunca se tinha visto Pad Lopes numa tamanha cólera. Palito Macho nunca supusera ver uma violência tamanha nos olhos injetados do Diretor.

— Saia! saia! Deixem-me só!

Pad Lopes gritava, atirando as palavras, desvaierado. O Prefeito saiu de cabeça baixa, como se fora ele o culpado. Lá dentro ficaram só o Diretor e o aluno.

No corredor ouviram-se, de repente, violentas exclamações, berros, barulho, cadeiras tombadas. Subitamente, um estrondo surdo e logo um soar aflitivo da campainha no corredor. O Prefeito deu um salto e precipitou-se, abrindo a porta de repelão. Entrou. Mas a campainha continuou retinindo e o contínuo dessembesta do cubículo em direção ao Gabinete.

J O A Q U I M F E R R E R

Foi então um rebuliço medonho, adentro daquelas portas almofadadas. Parecia ter chegado o fim do mundo. Mas aquilo não demorou. Abriu-se a porta fatídica e Bispo Negro saiu em braços. Badalo à cabeça, e o Prefeito, desgrenhado, pegando-lhe pelos pés. Levaram-no logo direito à Enfermaria. E toda a tarde Pad Lopes, num cerrado mutismo, passeou da cá pra lá, de lá pra cá, mãos atrás das costas, no corredor escuro.

— Anda a lavar!... rosnavam cá fora os rapazes.

Durante quatro dias o Bispo Negro ficou de cama na Enfermaria, em maus lençóis.

Só depois se soube, ao certo, como aquilo se tinha passado, dentro do Gabinete. Mas só se sabia exatamente desde que lá entrara o contínuo Badalo. Antes dele lá entrar cada qual imaginava a luta que ali se travara entre Pad Lopes e o Bispo Negro. E na tarde daquele domingo, pouco depois do drama Badalo tinha carregado com duas cadeiras escavacadas, em pedaços, que, por ordem do senhor João Lopes, foram atiradas na fornalha do fogão.

Foi um alvoroço em S. Caetano. Alguns achavam aquilo ainda pior do que aquando do Alvarenga.

Durante esses quatro dias, todos tentaram ver o herói Bispo Negro, que avançara contra Pad Lopes. Quando passavam ao fundo do corredor, entreabriam a porta da Enfermaria e atiravam lá para dentro bolachas da sobremesa, chocolates, rebuçados, cigarros.

I L H A D O I D A

E sorriam-lhe da porta, em sinal de amizade. Logo fugiam. Porque aí se os topassem naquela admiração proibida!

Passados poucos dias, Adrião, 101, Quadrado e Balão conduziram o Bispo Negro junto ao túmulo de Mazalipatão. Ali, perante o Grão Sectário e os Irmãos todos reunidos, ficou sendo, sem mais provas, o Irmão Bispo Negro.

O ALVARENGA

Durante o recreio da tarde, reuniram-se sob a rama da enorme palmeira, filtrando uns fracos feixes de sol, que por cima dos telhados se afundava.

Revivia-se a história do Alvarenga...

... Estava de um silêncio que só pela noite larga, sobre trinta corpos adormecidos. Havia um bafo compassado como de coisa funda que era, e esse esvoaçante sussurro que, se por um lado quebrava o silêncio, por outro parecia carregá-lo ainda mais. Era a Camarata do Alvarenga. Ficou célebre o Alvarenga. Por isso ele foi o único a deixar o seu nome para sempre ligado ao vasto dormitório de camas verdes de ferro, a que oficialmente chamavam Camarata n.º 3. Como sempre, havia ainda agora três Camaratas, n.º 1, n.º 2 e n.º 3. Mas aquele número 3 perdera-se desde então, e dera o seu lugar ao nome do Alvarenga.

Alta noite. Os Prefeitos, os alunos, os criados: todos dormiam, e Pad Lopes dormia também e tinha

menos algumas brancas na cabeça. O sossego era grande. Um escuro mal quebrado pelos candeeiros da rua. Aquele grupo de camas junto aos janelões, onde ecoava alguma pouca de claridade, eram como sebes de um campo adormecido. Por momentos, quebrou o pesado silêncio o matraquear das patas dos cavalos da ronda, sobre a calçada. Depois sumiram-se, ao longe, entre a noite e os candeeiros das ruas.

O quarto do Prefeito Demétrio Fino era mesmo à saída da porta da Camarata, e a porta ficava aberta sempre, toda a noite. Ele tinha licença do Diretor para estudar de noite, pois pretendia fazer o Liceu em dois pulos.

Nessa noite, a luz do Prefeito ficou até mais tarde, escoando-se um pouco da bandeira da porta, onde, para evitar uma demasiada claridade, o Fino colara dois jornais sobrepostos. Depois, subitamente, o débil claridão apagou-se, e a noite caiu mais densa.

Tudo parecia dormir quando, sobre a transparência do reposteiro, se gravou uma figura esguia. O reposteiro abriu-se mansamente e em largas passadas, como um espectro, deslizou uma bizarra silhueta, iluminando-se de um candeeiro na mão. Correu em largas passadas de feltro, por entre duas fileiras de camas silenciosas. Subitamente uns pés de encontro a qualquer coisa, e um estrondo metálico tombou no silêncio. Sobre uma cama, um corpo semi-ergue-se, olhos espantados afloram numas órbitas: um grito pavoroso de terror...

Um rebuliço de roupas, uma embrulhada, gritos abafados. Uma agitação por toda a Camarata n.º 3. Demétrio Fino precipita-se. De um gesto arranca os lençóis, A roupa toda saltou, suspensa do seu punho nervoso. Alvarenga de um pulo, terrorizado, ficou sobre a cama oscilante. Um «Ah!» surdo, incoerente saiu-lhe da boca. A sua longa camisa de dormir, como um saco branco, cobria-o até ao artelho, dando-lhe um aspeto fantasmagórico.

Seus cabelos desgrenhados, olhos apavorados, boca meia-aberta num espanto, corpo cambaleante, retraído a uma agressão, erguia-se como um espectro irreal.

— O outro? gritou-lhe Demétrio. O outro, que é dele?

Alvarenga, meio estremunhado, abria uns grandes olhos redondos de interrogação. Mal via na sua frente, meio palmo abaixo do seu plano, o corpo nodoso e comprido, um braço em estremeções de cólera, segurando o candeeiro de petróleo, a outra mão lançando por terra, brutalmente, o punhado das suas roupas. A luz baça do petróleo, iluminando por debaixo, lançava sombras estranhas na cara obscurecida do Prefeito, cavando-lhe cada ruga da testa mais funda, cada promontório do rosto mais áspero, endurecendo-lhe as feições, estorcendo-lhe a boca.

Hoje, que toda aquela cena ia longe no tempo, revivia-se, no entanto, com uma emoção sempre a mesma. Naquele grupo, sob a grande palmeira cortando os últimos raios do sol tombante, fazia-se uma

evocação interdita, repassada de sangue, lenda e verdade. Era como se na sua frente se projetasse, num vasto plano movente, tudo o que então se desenrolara. Erguidos de cada leito, um par de olhos esperava o drama. Aqueles dois corpos, um branco, uma camisa branca até aos pés, outro negro, ameaçante, acusador...

— O outro? Quem era?! tornou. E a voz, entrecortada, nervosa, num zelo e num desprezo: ... Nesta cama... estava outro! E Demétrio Fino lançou os olhos pelas meias sombras da Camarata, buscando o outro culpado.

— Quem seria? Que foi? murmuravam bocas no escuro.

Depois, tudo se precipitou num ápice. A longa mão do Prefeito caiu como garra de animal bravo, assassino, sobre a sua vítima. Alvarenga, como uma estátua, branca, desfizera-se num repente, clamando, gritando a sua inocência, erguendo os braços numa invocação de justiça mais alta. Mas aquela mão caiu implacável sobre o ombro desprotegido. Então, Alvarenga levantando um pé, plantou-o a toda a força em pleno peito do Prefeito... Um som cavo ecoou no ambiente. Demétrio oscilou; do candeeiro na sua mão soltou-se bruscamente um rolo de fumo espesso, o seu corpo longo foi cambaleando às arrecuas, num movimento a um tempo grotesco e trágico, até embater na barra de uma cama. A chaminé do candeeiro caiu por terra, num estralejar de mil cacos. Demétrio ficara em desequilíbrio, quasi rente ao chão; abaixou, tremendo,

I L H A D O I D A

o candeeiro, que ficou no soalho, dando uma luz enevoadada envolta em fumo negro. O corpo ossudo e longo do Prefeito ergueu-se lentamente, como animal preparando o bote, e a luz debaixo, fumarenta e acre, estampava no teto de madeira antiga uma agigantada sombra movente, como aranha desconforme. Os pés alargaram-se em passos que fizeram saltar gritos estridentes dos estilhaços da chaminé. No teto, os braços enormes da aranha correram, quebraram-se no canto do teto e descaíram subitamente sobre o corpo branco de Alvarenga, estático sobre a cama.

Alvarenga estava com os olhos fora de si, como se fosse um reflexo de Demétrio. Foi rápido: abaixou-se e da barra da cama lançou as suas roupas ao rosto do Prefeito. Demétrio estacou, desembaraçando-se. Avançou num ímpeto. Caiu sobre Alvarenga. Empolgou-o sobre a cama. Tropeçando, rolaram os dois corpos colados pelo sobrado. Sobre as camas todos se levantaram, assistindo numa estupefação, à cena terrível. De repente ergue-se o braço de Alvarenga e cai a prumo sobre o ventre do Demétrio. Um grito. Reboou sobre as camas, e foi ecoando pela escuridão dos corredores.

Do corpo do Prefeito solta-se Alvarenga, e nisto, o corpo tombado, rola ainda e vai reduzir alguns cacos da chaminé.

...

Num alvoroço despertou S. Caetano. Pad Lopes, envolto num pesado balandrau escuro, atravessou a

porta ao fundo. Atrás da sua figura agigantada, seguiam Prefeitos, criados e Professores, de luzes na mão. Nas três portas largas da Camarata desenhavam-se caras amontoadas naquele crepúsculo, numa ansiedade e curiosidade insofridas.

Pelas janelas entravam uns primeiros tons da madrugada. Os cavalos da ronda, lá fora, martelavam compassadamente as pedras da calçada. Uma vidraça abriu-se inesperadamente, um ar fresco penetrou, e, por um momento, as atenções voltaram-se para aquele facto...

Um corpo jazia inerte. A cabeça, a meio palmo do candeeiro soluçando uma luz enferma, permanecia num palor exangue. Pad Lopes apontou aquele corpo e logo um bando de acólitos se debruçou lentamente, furtando-o das vistas. E do meio daquele grupo ouviu-se, débilmente, pedir «água». O corpo saiu em braços, e de novo um apelo mais forte: «— Água! Água!»

Pad Lopes não precisou de indagar nada. Dirigiui-se majestosamente, implacavelmente, para aquela figura branca e pálida do Alvarenga.

Parou a um passo:

— O que fizeste?! Bandido!

Alvarenga ficou hirto e mudo. As palavras acusadoras tombaram de novo, calcando cada sílaba:

— És um assassino! E bruscamente aquela voz: A navalha?

Alvarenga deixou cair, numa voz velada:

— Na barriga... deixei-a lá...

I L H A D O I D A

O Diretor alçou as espessas sobrancelhas, e todos fizeram um oh! de espanto.

Depois, aqui, surgem as diferentes variantes. Tudo se passara há tanto tempo!

...

Sob a copa da grande palmeira do Recreio, sobrevinha o crepúsculo, e cada um daqueles rapazes ali postado era uma emoção palpitando, latejando. As caras estavam tanto mais graves, quanto evocar aquele passado era crime. Apesar disso, e talvez por isso, aquele drama nebuloso — e tão nítido quanto o podia ser! — era repetido, e repetido, tomando um vulto extraordinário com o andar dos anos. Nada podia soterrar, de uma vez, aquela evocação. Pad Lopes, inexorável, impunha a sua interdição. Mas nada, nenhuma força humana seriam capazes de banir *aquilo* para sempre. Era uma cadeia ininterrupta, que nascera daquela noite estranha, e correndo de boca em boca, prolongava-se intensamente...

E como tu ao se passara há tanto tempo!

Que teria acontecido naquela noite? Ninguém o sabia ao certo! Dizia-se que Pad Lopes tomara Alvarenga nas suas imensas manápuas e o arrastara, aos gritos, pela sombra daqueles corredores em abóbada, aos gritos. Aquilo, diz-se, ouvia-se por todos os recônditos de S. Caetano. Os brados quebravam-se naqueles mil recantos lóbregos e propagavam-se em rajadas de desespero. Depois, tudo se foi sumindo, enfraquecendo

J O A Q U I M F E R R E R

a voz aflitiva de Alvarenga — um apelo que naufragava, e a manhã surgiu, como sempre, insensível, alheia a todo o drama...

... Ninguém sabia o que sucedera naqueles corredores. Só Pad Lopes assistira, impenetrável, àquele final do drama... Dizia-se que Alvarenga não chegara a entrar no malafamado Gabinete. Que, desesperado, dizia-se, furtara-se às mãos do Diretor, e corraera desatinado, precipitando-se do alto de uma janela. Dizia-se, porque nessa manhã houve quem visse, no cimento do Recreio, uma vasta mancha de sangue coalhado.

Mas quem sabia?

... Dizia-se ainda que ele não morrera: saltara à rua, e sumira-se para nunca mais, entre as sombras da cidade.

Ninguém sabia da família do Alvarenga. Ele nascera e viera de África com alguém que voltara para nunca mais. Por isso nunca da família viera alguém ao Colégio saber de Alvarenga.

... Mas dizia-se também que um tribunal o julgara, e que o Alvarenga, como um fantasma, regressara à sua terra, mas num porão de navio onde vão os condenados. Talvez agora, lá longe, numas plagas inóspitas, um areal escaldante, guardas de chicote, espingardas, poternas, fossem a visão de cada dia desse legendário Alvarenga. Porque ele era um verdadeiro herói, mais comovente, mais emocionante do que todos os da História! Ele perdera-se. Mas salvara assim a sua memória

I L H A D O I D A

através dos tempos. Aquele que se sacrificara não só por si, mas pela sua Camarata. Ele não acusara ninguém! Ele defendera todos, os culpados e os inocentes! Aquela voz que isto contava calara-se subitamente. Mas logo depois recomeçou. E naquele escurecer, e sob a copa da velha palmeira a evocação prosseguiu...

... O seu nome foi banido em S. Caetano. Por isso ele perdurava na memória daquelas gerações que se sucediam. Por isso o n.º 3 desaparecera para sempre daquela Camarata, onde ainda hoje se mostrava o sítio do drama. E, no lugar daquele número vão, surge um nome vivo, repassado de emoção.

O seu próprio número — o 93, fora riscado das pautas e registos: nunca mais fora dado a ninguém.

SONHO

Adrião soprou o candeeiro.

Mergulhou o seu quarto na escuridão mal quebrada apenas por um débil clarão mortiço, que vinha de um candeeiro público. Uma brisa da noite, lá fora, agitava a folhagem duma olaia que fazia estremecer a mancha de luz. Aquela silenciosa agitação na parede branca do seu quarto, parecia a tarantela frenética dos alfaiates de água.

Tudo o mais, no quarto, era o grande silêncio marulhante dos adormecidos. Só agora soavam nas pedras da calçada os cascos dos cavalos da ronda, num

J O A Q U I M F E R R E R

matraquear monótono, que se ia perdendo rua acima. Uma borboleta negra, noturna, marrou três vezes no vidro sonoro da bandeira e entrou janela adentro. Correu num voo tonto, direita aos alfaíates de água, brincando na parede. Os olhos dele, rasgados na escuridão, esperaram o resultado daquele embate. Os alfaíates continuaram dançando na parede e a borboleta negra, escabeceando, roçou-lhe as asas do nariz. Arrepiou-se apenas: felizmente que não acreditava já em borboletas negras!

Só ele velava de olhos abertos. Só ele trabalhava ideias na sua cabeça exaltada. Mas cansava. A onda cadenciada das respirações adormecidas envolveram-no em sua teia e, de mansamente, abateram-lhe as cansadas pálpebras.

Contudo, uma pequena luz ficou; e dentro da sua cabeça não se quebrou o fio da trama. Abriu-se uma paisagem noturna...

... Pôs o ouvido à escuta. Soergueu-se de lado, sobre o cotovelo, e mais ainda aguçou o ouvido.

Tudo estava no grande silêncio da noite. Como enguia, deixou-se escorregar de entre os lençóis da cama. De pé, no sobrado, espanejou-se um pouco, como pássaro de água. Num instante enfiou o colete, o casaco e os calções por cima da camisa de noite.

Abaixou-se. Espichou um braço nervoso debaixo da cama, e tirou de lá uma trouxa de jornais. Ele apalpou, contente de saber, que o recheio inteiro eram

as suas «coisinhas». Pôs o embrulho às costas, preso aos suspensórios, abriu cautelosamente a porta do quarto e entrou no corredor escuro, tateando a parede. Sentiu um riso apertado entre os dentes, ao escorregar a mão na porta do Palito. Sentiu ganas de meter um pé àquela porta e, do outro calçado na bota espremer o pescoço do indivíduo até deitar meio palmo de língua de fora. Mas não, não valia a pena fazer chinfrim daquela vez. E seguiu. Dobrou um cotovelo do corredor e pôs finalmente a mão na maçaneta de uma porta. Cuidado! Mas qual! não havia azar: era ali mesmo. Era a Galeria de Ciências Naturais. Nunca tinha ali entrado àquela hora, e por isso ele já contava com «alguma coisa». À cautela pôs à frente o pé direito e deu um passo, mas um passo miúdo. Ainda não tinha pousado o outro pé quando deu de caras com um molho de ossos, terrivelmente brancos, ali, especados na sua frente. Aquela hora, naquele sítio, não lhe passou logo pela cabeça que fosse o velho esqueleto inofensivo, a quem ele algumas vezes por bravata fizera cócegas debaixo do queixo, ou atrás da hipotética orelha. Sorriu-se para a caveira sua conhecida. Respirou fundo, quási completamente refeito. Mas — ó espanto! a caveira tinha uma orelha de uma banda só! Adrião não pôde reter o seu dedo, que avançava perigosamente naquele jeito de fazer cócegas. Ele teve um sobressalto e um escrúpulo de, àquela hora, brincar com um esqueleto, que tinha uma orelha de carne! Não

J O A Q U I M F E R R E R

havia meio de deter aquele seu dedo irresponsável, quando, bruscamente, sentiu um cheiro a trapo queimado, mas um cheiro infernal, temperado com o seu quê de enxofre em pó. Foi o que valeu! Um espirro puxou-lhe a mão ao nariz, onde ele coçou então, à sua plena vontade...

Pé ante pé dirigiu-se para a larga parede envidraçada, banhada por um baço reflexo de luar. Esfregou com a manga do casaco um vidro encardido e espreitou as sombras, lá fora, donde emergiam ao luar os lombos dos muros, como se fossem de cavalos marinhos adormecidos à tona de água. Não tardava que ele os fosse saltar ao eixo!

Sentia na espinha, correndo, umas ligeiras tremuras sem importância. Sobressaltou-se. Tinha-se esquecido do esqueleto e voltara-lhe as costas! Mas não, era apenas uma sombra delgada que, sorrateiramente, abria a porta. Adrião precipitou-se: era 101!

— Pouco barulho! rosnou. Adrião não se cansava de mirar 101.

— Tu então não morreste, 101?

Trazia na mão uma coisa branca que, pousando no chão, desenrolou. Não era caveira, era apenas um lençol.

— Vamos a isto. E 101 chegando-se ao ouvido de Adrião, murmurou-lhe: Eu cá nunca morro!

— Oh!!!

101 pegou numa ponta do lençol e deu-lhe um nó duplo à marinheiro, apertando-o bem na perna duma

I L H A D O I D A

mesa fixa, no vão da janela. Adrião atirou a outra ponta no escuro.

Logo depois chegou Bispo Negro, deslizando como um leopardo à caça de negro. Trazia nas garras um lençol que desdobrou, com uma presteza incrível numa Galeria de Bichos Mortos. Num instante ligaram aquele ao outro lençol, que foi, lá em baixo, varrer o cimento. Adrião foi o primeiro a deixar-se escorregar por ali abaixo. Ainda mal não tinha posto os pés no Recreio já 101 magricela estava sobre ele. Em seguida, como cana chamuscada de foguete, caiu Bispo Negro. Todos três ali. O dedo fura-bolos de Adrião adiantou-se e foi tocar na orelha de 101...

— Em frente! comandou sabe-se lá quem...

— Anh, quem foi?

— Eu não.

— Eu cá também não!

— Eu cá é que não!!

Olharam uns para os outros, estarrecidos.

Mas Adrião, e logo todos três, voltaram a cabeça com um mau pressentimento. E viram, então, o corpo redondo de Balão Cativo oscilar no parapeito da janela. Taparam a boca num grito abafado. Balão agarrou com ambas as mãos os lençóis e deixou-se escorregar como um comboio... Mas, ainda Balão não vinha a meio caminho, quando se ouviu um estrondo surdo e Balão fica estatelado no cimento do Recreio. Todos três correm para o corpo. Abaixaram-se todos

J O A Q U I M F E R R E R

três para o levantar do cimento, mas o corpo de Balão já lá não estava! Olharam-se todos três. Adrião suava.

De um salto cavalgaram o lombo escuro do primeiro cavalo marinho. Parecia que os muros mexiam! Saltaram todos três no quintal, onde Pad Lopes tinha as couves tronchudas. Cortaram a direito. Bispo Negro atrás, decepava do canivete os talos tenros das tronchudas. E os dois, à frente, ouviam atrás suspiros de satisfação. E todos três faziam uma pista como se fosse bicho feroz no capim.

Outro muro. Montaram-lhe em cima, e caíram do outro lado. Adrião sentiu chiar de baixo do pé uma lesma. Subiu-lhe à boca um enjoo. Mas logo se lembrou que uma lesma não chia. E os cabelos da espinha se lhe puseram em pé. Que bicho seria então?! Ui!

Tomou a dianteira aos outros, num vislumbre de pânico, mas logo se lembrou que era da Mão Fatal, e refreou o passo. Felizmente que os outros nada tinham visto dentro dele.

Depois, o resto foi uma brincadeira indigna dos Irmãos. Sem custo nem risco acharam-se no meio da rua, debaixo de umas árvores de penacho.

Bruscamente, ouvem-se umas patas de cavalos! A ronda! E em menos tempo do que leva a imaginar-se, todos três sentiram-se levados no ar, presos pelas golas dos três casacos. E deram de caras com os bigodes horrendos da Guarda Republicana!

I L H A D O I D A

Três gritos se ouviram. E três corpos desmaiarão, tombando como pombas brancas nos braços noturnos dos três Guardas de bigodes horrendos.

...

Deu um salto. Esfregou os olhos cegos com os punhos fechados. Rasgou ambas as pálpebras num esforço, para compreender a situação. «Se já estavam entregues a Pad Lopes, bem podiam perder as esperanças!»

Mas não, lá fora os primeiros alvares da madrugada tangiam harpas e trombetas. Sobre as olaias da rua os pássaros acompanhavam.

Esperou de olhos abertos que soassem as palmas do Prefeito Palito Macho...

A FUGA

Estava tudo tal qual na véspera. Quadrado das Forças, de joelho em terra, apertava com gana uma ponta do lençol à perna da mesa fixa.

— Já está! grunhiu, esfregando as mãos.

— Sabes, disse Adrião em voz baixa: tenho o plano de tudo aqui na cachola: foi um sonho que eu tive... ontem à noite...

— Não acredito em sonhos...

— Nem eu, mas este é verdadeiro. Autêntico! Vais ver...

J O A Q U I M F E R R E R

— Ah! Olha lá, porque será que o Bispo ainda não veio?

— Não sei. Ele há de vir. Olha, trouxeste a vela?

Quadrado apalpou-se aflito.

— Pois não, e agora?

— Cebo! Eu não te disse prá trazeres? É precisa para ver a estrada, para ver o caminho... Tens de ir buscá-la.

— Mas... e se o Palito pesca? Tem a orelha fina...

— Tens de ir buscá-la, vai de gatas... Já viste alguém fugir sem levar uma luz à frente? já viste, pá?

— Não vi!

— Nem eu!

...

Adrião ficou sozinho, no meio dos animais empalhados, que enchiam toda a Galeria. Sentia-se inquieto no meio daquela estranha assembleia. Mal punha a vista em cada um, logo afastava os olhos. Bichos azarentos! *Bichos de má morte!*...

Adrião sentia discretos arrepios.

— Raça! Então eu hei de ter miúça desta cambada sem tripas?!

Parecia-lhe um pouco mais aliviado. Respirou fundo. Mas não deixava de vigiar, de um olho só, a bicharada sinistra. Não era bem a bicharada...

I L H A D O I D A

A noite ia adiantada. Lá fora bateram horas na torre da Universidade. Ele começou a contá-las mas não soube como, enganou-se. Seriam 3, 4, 5? Em todo o caso já tinha passado a meia-noite, que era a hora perigosa. Eles, todos três, tinham combinado ouvir dar a meia-noite cada um na sua cama.

A porta da Galeria chiou mansamente. E uma sombra penetrou. Adrião ficou sem pinga de sangue. Era na verdade uma *sombra*! Mal pousava os pés no chão, e caminhava serenamente como se não fora deste mundo. Adrião não ousava mexer um dedo. Era então do outro mundo? Teria então de rever as suas crenças e acreditar em almas penadas? Seria então que havia fantasmas? Na sua espinha corriam frios estremeções.

Nesse mesmo instante entraram pela porta entreaberta dois vultos. Eram simplesmente Quadrado das Forças e Bispo Negro. Adrião pôde então mexer-se. Agitou um braço no ar, apontando o fantasma alva-cente, que deslizava ao longo das estantes carregadas de bichos. Os outros dois estacaram, surpreendidos.

— Que é aquilo? murmurou Quadrado.

Bispo Negro não tirava os olhos da figura branca. Fez uma figa e traçou no ar uma cruz. Sussurrou sem despregar os olhos do fantasma:

— *Aquilo...* aparece às vezes... Não é bom olhar *aquilo...*

J O A Q U I M F E R R E R

— Eu... eu olho, disse Adrião, para saber se hei de fugir, ou não...

O Fantasma fazia um ruído estranho como um rinchar de dentes à meia-noite.

— Felizmente que não é meia-noite, murmurou Bispo Negro, olhando o teto.

Afinal, a figura branca parou e na sua mão acendeu-se uma luz pálida.

— Olhem lá, disse o Quadrado, vocês sabem o que é um fogo-fátuo!

— Mas... mas se é um fogo-fátuo, se é um fogo-fátuo não é fantasma!... exclamou Adrião, alterado.

A mão do fogo-fátuo alongou-se e tirou um grande morcego de cima da estante. Depois voltou-se e veio colocá-lo sobre a mesa do centro.

Eles viram então a cara dele: Filósofo!

A chama da vela acesa, vacilante, espalhava entre os cadáveres empalhados, um triste clarão. Não se podia ver bem as feições de Filósofo, que quasi se confundiam na alvura da camisa de noite, que lhe caía até aos pés. Era Filósofo!

Bispo Negro custava-lhe ainda a crer. Seria na verdade Filósofo?

Seria tão estranho, se fosse *apenas* Filósofo. Seria mais natural que fosse antes uma alma penada, aparecida na figura de Filósofo...

— É uma incarnação... murmurou Bispo, traçando no ar o signo-saimão.

I L H A D O I D A

— «Seria a hora?» pensou. «Pois claro. Quem é que tem medo de bichos, demais a mais embalsamados?»

Filósofo acariciava o morcego e dizia-lhe palavras incompreensíveis. Depois foi buscar acima da estante o bufo, a coruja e o mocho e pô-los todos três, em frente do morcego. Baixou a cabeça entre eles e falou a todos. E ria baixinho, sacudindo a cabeleira que lhe tombava sobre os olhos.

Agora ouviam-se algumas palavras:

— Bichinhos... Animaizinhos da noite... vão, vão... vão voar... ao longe... o escuro... Fugam! fugam!... De noite... A torre... No poço...

E ele de braços abertos fazia gestos desatinados. Olhava o teto, agitando os braços, sacudindo-os como um profeta louco. A chama pálida subitamente desprendeu-se do pavio. A outra mão de Filósofo estendeu-se, como para apanhar a chama perdida. Tudo caiu no escuro, silenciosamente.

Pelas vidraças largas entrava a fria claridade da lua, surgindo de entre um véu negro.

— Está doido, sussurrou Adrião.

— Não é ele, é *um espírito*, soprou Bispo Negro.

— Vamos mas é pra baixo. Possinha, possinha!...

Filósofo perdeu-se num ângulo da Galeria, apertando na mão o coto da vela morta.

J O A Q U I M F E R R E R

A lua escondeu-se de novo atrás de um muro de sombras. Adrião saltou sobre o parapeito da janela.

— Eu vou à frente, que eu sei o plano.

Olhou para baixo. Hesitou um momento. Parecia-lhe ir cair num poço desconhecido. Como daquela vez no meio do nevoeiro... Quadrado impacientou-se:

— Então, vais ou não vais? Anda, tu é que sabes o plano...

Estavam todos três num feixe de nervos.

Adrião, fazendo das tripas coração, deixou-se escorregar ao longo dos lençóis.

Os outros, debruçados, seguiram o corpo do Trinta e Um até mergulhar na escuridão. Logo se ouviu um baque surdo. Assustaram-se, procurando penetrar o fundo das trevas. Que teria acontecido? E nem um pio! Ah, não havia azar: sentiram cá em cima três vigorosos puxões nos lençóis. Era o sinal. O Trinta e Um estava ainda vivo!

— Toca a andar! rosnou Quadrado.

E daí a pouco estavam todos três no pátio do Recreio. Adrião em duas palavras pô-los ao corrente:

— Anh, não; perdi o pé... não sei como, e achei-me com o Recreio em cima do lombo!

— Partiste algum osso?

— Não sei. Amanhã se vê. Vamos a isto.

Saltaram o primeiro muro. Atravessaram, as couves de Pad Lopes.

I L H A D O I D A

— Eh, disse Adrião, voltando-se para o Bispo, não cortas a hortalixa?

— Porquê? Qual hortalixa?

— Esta aqui. Sonhei que as cortavas todas, a noite passada, no plano...

— Ah, espera aí — é do plano? E rosnou, atacando a primeira couve: Vai disto!

— Abaixo a hortalixa! rugiu Quadrado, já mais refeito.

E aos pontapés quebrava a torto e a direito.

Encavalgados no segundo muro, quiseram contemplar, pela última vez, a massa escura do Colégio.

— Oh, ele é outra vez o Filósofo!

Através das vidraças via-se uma silhueta branca de vela na mão, correndo a Galeria.

— Outra vez! Ele ainda pega fogo naquilo.

— A mim, disse-me ele mais do que uma vez que ainda havia de deitar fogo ao Colégio!

— À Cuia, emendou Quadrado.

O Bispo Negro estava de novo com os olhos fixos sobre a figura alva de Filósofo: Disse em voz surda:

— Eu esqueci-me... Ainda lá volto pra deitar o fogo àquilo. Quem o deita sou eu!.... É um instântinho: tenho aqui uma caixa de fósforos... E sacudiu a caixa no escuro.

Tiveram de o puxar para baixo.

J O A Q U I M F E R R E R

— És doido. Deixa lá ser o Filósofo a lançar o fogo...

— Não é Filósofo: é uma incarnação: não pode lançar fogo nenhum... Eu é que posso!...

Arrastaram-no. Correram ao terceiro muro. Do outro lado era a rua. A rua! Calcavam a rua, livres, na amplidão da noite!...

Bruscamente...

— Abaixem-se! rouquejou Adrião.

Como um só homem, todos três se afundaram na sombra do muro. Olharam-se todos três:

— O que foi?

Adrião, de olhos esbugalhados, mirava a rua de cima ao fundo. Disse, de coração aos pulos:

— ... *Umas patas de cavalos*... — Vocês não ouviram... os da ronda?...

— Porquê?... Não oiço nada, responderam ao mesmo tempo.

...

O CLARÃO

Caminharam na sombra das casas. A lua emergia das trevas do céu, num grande mistério. Seguiam pelas ruas estreitas caminhando uns atrás dos outros.

— Pshiu! faziam, quando algum passo ressoava mais forte.

I L H A D O I D A

Ao longe, por cima dos telhados, surgia o grande mostrador iluminado da Torre da Universidade. Eles olhavam-no com um grande respeito. A Universidade! Todos sonhavam um dia sair de lá, e batina esfarrapada, as calças sem botões, às tiras, caindo aos bocados pela rua Larga. Ah, eles haviam sair de lá um dia, quási nus, cheios de ciência, de importância, e haviam de atravessar a cidade embrulhados só na capa remendada. Belo dia esse!

Iam silenciosos. Todos três se tinham prometido não deixar Pad Lopes inteiro. Afinal Pad Lopes lá ficara a dormir — e inteiro!

— Há umas bombas de relógio... rosnou Quadrado.

— Quê? fez Adrião.

— Bombas de relógio. A gente dá-lhe corda e põe o despertador... tal qual. Às tantas aquilo, em vez de tocar a campainha, dá um estoiro! Pena, caramba! Estás a ver — um *relógio* daqueles, dentro do penico do Bichão!...

— E onde é que se compra disso? quis saber Adrião.

— Não sei. Não as tenho visto à venda...

...

Mas deixá-lo. Tinham de contentar-se imaginar a cara de Bichão, pela manhã, ao dar com o lençol caído parede abaixo. Seria um caso falado!

— Já viste a cara que ele há de fazer?

J O A Q U I M F E R R E R

— Ai pá, nem me fales!

— Cai-lhe o queixo!

Riram-se. Só Bispo Negro continuava sombrio.

— Não te ris, Bispo?

— Eu só me hei de rir no dia em que lhe espetar esta nas tripas! E Bispo fez saltar na mão a sua navalha de ponta e mola.

— Não sejas mau, pá.

— Sou assim! Quem m'as faz, paga-as!

...

O céu, por cima dos telhados, tingia-se de um clarão rubro.

Oh! que é aquilo? É dos lados de S. Caetano!

— Parece!

Pararam todos três, olhando o céu avermelhado.

— Só se é o sol a nascer...

— Tu já o viste nascer alguma vez?

— Eu não. Mas tenho visto em postais... É assim mesmo.

— Não pode ser! gritou de repente Quadrado. Olhem! Apontava o clarão que subia no céu. Cheira-me a chamusco! E de repente num grito: Fogo!

— Pouco barulho! fez Adrião, sacudindo-lhe um braço.

— Rai's me partam, se não é coisa do Filósofo!

I L H A D O I D A

De cabeça para trás todos três foram descendo aos poucos, aquelas ruas íngremes da cidade alta.

— Isto escorrega como burro!

Quadrado esfregou um pé na calçada húmida:

— Parece que andaram a molhá-las... Rai's me partam se não foi o Filósofo!...

— Quê?

— A deitar fogo àquela porcaria toda...

Só Bispo Negro ia calado.

Pararam de novo olhando o céu tinto.

— É que eu nunca andei de noite... a esta hora, pá, disse Adrião, pensativo.

— E depois? disse Quadrado.

— Não sei... faltará muito para ser de dia?

— Quero cá saber! E Quadrado apontando para o céu: Olha pá, rai's me partam se aquilo não é fogo...

Bispo Negro cuspiu no chão:

— Oxalá. E que seja na Cuia! Só tenho pena de o meu tio também lá não estar...

— Quem?!

— O meu tio!

— Ah, o gajo é mau?

Adrião, pensativo, de olhos postos no céu rubro, murmurou:

— Só é pena, se no fim morrem os bons e ficam os maus...

— Os maus escapam sempre! exclamou Quadrado. É da lei. Eu cá antes quero ser dos maus!

J O A Q U I M F E R R E R

Adrião meditou um pouco. E disse, numa inspiração:

— Pois sim, mas algum dia há de ser o contrário. Se fosse eu que mandasse — e ele olhou o céu — havia de ser já hoje!

Quadrado descarregou-lhe a manápula no ombro:

— Ora pá, vamos mas é embora, se não ainda dizem que foi a gente que deitou fogo àquilo!

E o braço de ferro do Quadrado apontou o horizonte, sobre os telhados mudos e adormecidos

FIM

Miranda do Corvo — Coimbra, 1943



